



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

A influência da mediatização das igrejas evangélicas
brasileiras na contemporaneidade: estudo de caso da
Igreja Universal do Reino de Deus

Emanuel Alírio de Araújo

Doutoramento em Ciências da Comunicação

Orientador:

Doutor Gustavo Alberto Guerreiro Seabra Leitão Cardoso,
Professor Catedrático, Departamento de Sociologia do
ISCTE - IUL

Dezembro, 2023

Departamento de Sociologia

A influência da mediatização das igrejas evangélicas
brasileiras na contemporaneidade: estudo de caso da
Igreja Universal do Reino de Deus

Emanuel Alírio de Araújo

Doutoramento em Ciências da Comunicação

Orientador:

Doutor Gustavo Alberto Guerreiro Seabra Leitão Cardoso,
Professor Catedrático, Departamento de Sociologia do
ISCTE - IUL

Dezembro, 2023

Departamento de Sociologia

A influência da mediatização das igrejas evangélicas
brasileiras na contemporaneidade: estudo de caso da
Igreja Universal do Reino de Deus

Emanuel Alírio de Araújo

Doutoramento em Ciências da Comunicação

Júri:

Doutor Vania Baldi, Professor Investigador Integrado,
Centro de Investigação e Estudos de Sociologia - ISCTE

Doutora Viviane Borelli, Professora associada IV,
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Doutor Paulo Mendes Pinto, Coordenador da área de
Ciência das Religiões, Universidade Lusófona

Doutor Ruben Neves, Professor Adjunto, Escola Superior
de Comunicação Social

Doutora Joana Fonseca França Azevedo, Professora
Associada, Departamento de Sociologia - ISCTE

Doutor Gustavo Alberto G. S. L. Cardoso, Professor
Catedrático, Departamento de Sociologia do ISCTE - IUL

Dezembro, 2023

*Porque dele, e por meio dele,
e para ele são todas as coisas.
A ele, pois, a glória eternamente.*

Amém!

Romanos 11:36

*O meu profundo obrigado,
Ao Dr. Gustavo Cardoso,
e à Dr.^a. Joana Azevedo
pelo apoio.*

AGRADECIMENTO

Construir uma tese é um trabalho solitário, resiliente, que exige dedicação, renúncia e principalmente, paciência por parte dos que nos amam.

Quantas vezes, à medida que a exigência subia, vinha a vontade de desistir e quase, mas nunca, superava a determinação. Quando o desânimo começava a avançar, lembrávamo-nos dos que acreditaram e investiram neste projeto. A todos, muito obrigado.

O Instituto Betel do Brasil (IBB), organização educacional brasileira que nunca nos abandonou, esteve sempre connosco nesta caminhada e foi um pilar neste empreendimento educacional.

Todo o planeamento para a execução de doutoramento estava pronto, bibliografia separada, metodologia definida, cronograma definido e mais, mas quase se esvai por uma pandemia que se abateu sobre o mundo. Tirando de todos o prazer de estarmos juntos e debatermos assuntos em aula. Mas resilientes, nós e os professores, sempre preparados para esclarecer e debater dúvidas, fizemo-lo através de ecrãs em locais distintos. Aos mestres, a todos eles, muito obrigado.

Destacamos o Professor Doutor Gustavo Alberto Guerreiro Seabra Leitão Cardoso, um exemplo de competência, ética e humildade, e a Professora Doutora Joana Fonseca França Azevedo, por acreditarem, apoiarem e nos orientarem nesta tese, muito obrigado.

Aos muitos companheiros desta caminhada, que não foi fácil, mas que conseguiram finalizar, parabéns. Para os demais, muita força, é possível.

À minha família, à “Dona Teresinha” mãe, à “Dona Teresinha sogra, e a todos os seus. Maria Alice, o avô ama-te, Marcela, Caio, João Vítor e João Gabriel, o pai ama-vos. Kátia, amo-te.

Nada, absolutamente nada, é possível sem a permissão de Deus, a Ele toda a honra e glória.

RESUMO

A comunicação e a religião estão conectadas desde o seu nascedouro e por essa razão é impossível a transmissão dos dogmas religiosos sem o instrumento comunicacional.

Esta investigação procura entender o fenómeno das novas lideranças através da tríade que levou à Reforma Protestante: política, economia e teologia.

O processo de mediatização passou por três momentos na história, segundo alguns autores, a invenção da rotativa (1450) foi a primeira, a informatização (1970) a segunda e a mediatização sóciotecnológica (atualmente) a terceira. A quarta onda do evangelho, para alguns é o fenómeno dos ‘desigrejados’, para outros, as microigrejas.

Nunca a sociedade esteve tão conectada, nunca foi tão adaptável, nunca se mostrou tanto ao outro, nem esteve tanto tempo só, o que faz as pessoas ‘deixarem-se levar’ pelas pregações dos pastores. Sodré, (Sodré, 2002), fala do “*ethos* midiático”, a espetacularização do eu e do outro, já para Barbero, (Barbero, 1995, p.7) as novas tecnologias são o reencantamento descoberto pelos “protestantes”, dois conceitos absolutamente fulcrais para a afirmação da mediatização aqui abordada.

Um aparato mediático de dimensão que veremos necessita de um enorme aporte financeiro. Algo que o uso das novas tecnologias vem potenciar e que fez as congregações começarem a raciocinar como o mercado, incentivando uma cultura de consumo e provocando uma menor legitimidade da instituição.

Assim, foi utilizada a Análise em Componentes Principais (ACP) que demonstrou como se posiciona cada ator neste cenário dinâmico e passivo de constantes alterações. A ‘Quarta Onda do Evangelho’, aqui apresentada como o ‘pós-pentecostalismo’, retrata a Igreja Universal do Reino de Deus como a principal referência deste tema. Tema esse que iremos problematizar com maior incidência no espaço geográfico brasileiro mas também no português, ainda que se perceba que tenha tido uma menor expressão mediática.

Palavra chaves: Mediatização; Evangelho; Igreja Universal; Política; Empreendimento.

ABSTRACT

Communication and religion are linked since their birthplace. It is impossible to convey religious dogmas without the communicational vehicle. This mediatization went through three moments in history. According to Soster (Soster, 2013, pp. 1-2) we live the third discontinuity of editorial relevance. The first one was the invention of the rotary (1850); the second was the informatization (1970), and the third was the sociotechnological mediatization.

Society has never been so connected, has never been so adaptable, has never shown itself so much to the other, has never been alone for so long. Sodré (Sodré, 2002) talks about the “media ethos”, the spectacularization of the self and the other. Barbero (Barbero, 1995, p. 7) thinks that new technologies are the re-enchantment discovered by the “Protestants”. Casanova (Casanova, 1994, p. 6) talks about the “deprivatization of religion”.

All this media apparatus needs a financial contribution, and new Technologies help raising funds. Denominations begin to reason like the market, encouraging a consumer culture and undermining the legitimacy of the establishment.

For some people, the fourth wave of the gospel is the phenomenon of the “unchurched people”; for others are the microchurches (Martins & Nascimento, 2018).

The research seeks to understand the phenomenon of new leaderships through the triad that led to the Protestant Reformation: politics, economy and theology.

In this situation it was used the Principal Component Analysis (PCA), which showed how each actor is positioned in this dynamic and passive setting of constant alternations. The “Fourth Wave of the Gospel”, here presented as “post-Pentecostalism”, portrays the Universal Church of the Kingdom of God [UCKG] as a reference in the matter. Concerning Portugal, a cut will be taken from the studies of this thesis.

Keywords: Mediatization; Gospel; Universal Church; Politics; Enterprise.

ÍNDICE

1	INTRODUÇÃO	14
2	ENQUADRAMENTO TEÓRICO	25
3	ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO	26
4	A COMUNICAÇÃO MEDIATIZADA.....	35
4.1	Inflexões metodológicas para a teoria da mediatização.....	35
4.2	Organizações e mediatização – uma perspectiva comunicacional	45
4.3	Mediatização, cultura e sociedade contemporânea.....	52
4.4	Semântica e a semiose na mediatização.....	60
4.5	Dependências das média sociais	66
5	A RELIGIÃO MEDIATIZADA	75
5.1	Mediatização, espiritualidade e internet	78
5.2	A religião adequa-se à mediatização?.....	86
5.3	Religião mediada, práticas religiosas e cultura.....	93
5.4	A política do corpo, aparência e estética na religião mediada	101
5.5	Mediatização pós-protestantismo	110
6	ANÁLISE AVALIATIVA.....	119
6.1	População.....	120
6.2	Religião	121
6.3	Templos	122
6.4	Líderes religiosos	124
6.5	Emissoras de televisão	125
6.6	Emissoras de rádio	127
6.7	Impresso.....	128
6.8	Internet	128
6.9	Telemóvel	130
6.10	Média Sociais.....	131
6.11	Denominações.....	138
7	UMA HISTÓRIA.....	140
7.1	A quarta onda.....	142
7.2	Um homem universal I	161
7.3	Um homem universal II	167

7.4	Subversão à matriz evangélica.....	187
7.5	IURD, a sua integração na sociedade	196
8	A INFLUÊNCIA	206
8.1	A complexa teia empresarial.....	209
8.2	Marketing e o discurso religioso.....	217
8.3	O posicionamento da IURD na eclesía	226
8.4	O empreendedorismo religioso	232
8.5	Para além do religioso: a igreja e a política	241
9	PORTUGAL UNIVERSAL	251
10	CONCLUSÃO.....	261
11	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	271

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Alguns tipos de pesquisas, (Cesário, 2020)	27
Quadro 2 – Triângulo Semântico de Saussure	61
Quadro 3 – Tríade de Pierce	63
Quadro 4 – As Três Ondas (Freston, 1993)	149
Quadro 5 – Outros autores que caracterizam o movimento	149
Quadro 6 – As sete principais bancadas informais no Congresso Nacional.....	242

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – População do Brasil.....	120
Figura 2 – População de Portugal	120
Figura 3 – Religião no Brasil/2021.....	122
Figura 4 – Religião em Portugal/2021	122
Figura 5 – Templos no Brasil	123
Figura 6 – Locais de culto em Portugal	124
Figura 7 – Líderes religiosos no Brasil.....	125
Figura 8 – Líderes religiosos em Portugal	125
Figura 9 – Canais de televisão aberta no Brasil.....	126
Figura 10 – Canais cristãos na televisão em Portugal	126
Figura 11 – Rádios no Brasil	127
Figura 12 – Rádios em Portugal	128
Figura 13 – Internet no Brasil.....	129
Figura 14 – Internet em Portugal	129
Figura 15 – Telemóveis no Brasil.....	130
Figura 16 – Telemóveis em Portugal.....	130
Figura 17 – As dez média sociais mais usadas no mundo em 2023.....	131
Figura 18 – As 10 pessoas mais influentes no mundo em 2022.....	132
Figura 19 – Média sociais no Brasil/Milhões - 2023.....	132
Figura 20 – Média sociais em Portugal/Milhões – 2023	133
Figura 21 – Os dez brasileiros mais seguidos no Instagram (Milhões).....	133
Figura 22 – Os dez religiosos mais seguidos no Instagram/milhões (Brasil)...	134
Figura 23 – Os religiosos mais seguidos em Portugal no Instagram (Milhões)	135
Figura 24 – As dez organizações cristãs mais seguidas no instagram (Milhares)	135
Figura 25 – Os dez maiores canais de Youtube do Brasil/23 (Milhões)	136
Figura 26 – Os dez maiores canais de religiosos do Youtube do Brasil/2023 (Milhões)	137
Figura 27 – Os dez canais do Youtube em Portugal/23 (Milhões).....	137
Figura 28 – Os dez maiores canais religiosos do Youtube em Portugal/2023 (Milhares)	138

Figura 29 – As dez maiores denominações cristãs do Brasil (Milhões).....	139
Figura 30 – As denominações cristãs em Portugal	139
Figura 31 - Histórico da bancada evangélica.....	243

1 INTRODUÇÃO

Os resultados demonstram a necessidade de continuar a busca por respostas ainda não encontradas, a pesquisa empírica apresenta uma troca estrutural de uma organização religiosa por um empreendimento religioso. Tema extremamente pertinente e atual.

O debate acadêmico, por vezes, é influenciado por ideias já formatadas a partir de uma cosmovisão particular. Nesta dissertação procurámos encontrar uma distância prudente para entender como pessoas e organizações, a partir do uso retórico das Sagradas Escrituras, podem influenciar decisões e envolverem-nas em projetos pessoais, sem compromisso do que pregou Jesus, o Deus encarnado, que veio ao mundo com uma mensagem simples, “Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus” (Bíblia, 1993, Mateus 3:2). Discussões sobre o princípio da administração, seja pessoal ou empresarial, têm assumido lugar importante nos púlpitos onde a mensagem do Evangelho, para muitos, se afigura ultrapassada.

A pesquisa envolveu várias áreas das Ciências da Comunicação a partir do entendimento do assunto a ser abordado, através de um profundo estudo do Estado da Arte do tema em questão, “a comunicação da igreja”, que foi dividido em seis tópicos: Discussão histórica da igreja cristã na comunicação em várias vertentes de pensamento; A igreja e a sua relação com a comunicação de massas; A relação das igrejas com a comunicação em rede nos últimos 20 anos; A sociologia da religião na vertente da comunicação; Ciências da Comunicação com objecto nas igrejas; O que se estuda sobre as igrejas.

As pesquisas bibliográficas realizadas não se limitaram apenas a publicações físicas, estendendo-se em especial a sítios especializados que contribuíram para a produção final desta dissertação.

A delimitação geográfica foi o país de origem da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)¹, ou seja, o Brasil, em particular os estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Entretanto, é apresentado no final desta tese, um recorte da IURD em Portugal e os seus desdobramentos.

A pesquisa está dividida em partes, de maneira a que o leitor a possa entender desde o início. Primeiro é abordada a mediatização de forma mais teórica, já a segunda fase da pesquisa procura ser mais prática, entre ambos é apresentado o posicionamento dos

¹ Nesta tese, será tratada como Igreja Universal do Reino de Deus e/ou IURD.

líderes e organizações religiosas nos média² de massas e mídias sociais, num paralelo entre Brasil e Portugal.

No final, são apresentados detalhadamente os quase quarenta anos de presença da Igreja Universal do Reino de Deus em terras lusitanas.

A primeira parte da pesquisa aborda uma parte mais teórica da mediatização no contexto social, enquanto a segunda aborda a mediatização teórica no contexto religioso.

Numa primeira observação verificamos que a mediatização não é algo novo nas relações comunicacionais, remonta já a vários séculos. Entretanto, há pouco mais de cem anos, uma atenção diferenciada surge em relação a este fenómeno, e é no presente tempo com o advento da infocomunicação que se assiste a uma total inversão de influência, saindo o controlo da informação da indústria da comunicação e cultura para os e-leitores, que através de um telemóvel têm revolucionado as relações e criado um novo advento: a cibercultura.

Essa informação e a sua influência viram-se descontinuadas em três fases: a invenção da rotativa (1450), a informatização (1970) e a mediatização sóciotecnológica.

Nas primeiras abordagens da pesquisa, a que podemos chamar teórica e genérica, temas como: “A comunicação mediatizada” foi dividida em cinco micro-temas. Inicia-se com “Inflexões metodológicas para a teoria da mediatização” onde procuramos definir a palavra mediatização numa hercúlea tarefa procurando conceitos de alguns autores, num esforço de alicerçar a estrutura semântica do compêndio. A indústria da comunicação é tratada de forma retilínea para, assim, entendermos essa inflexão metodológica. O empoderamento do indivíduo como influenciador, assim como o conceito do bios mediático (Sodré, 2002), a cultura de massas, a cibercultura, o ciberespaço e os e-leitores. De seguida, em “Organizações e mediatização – uma perspectiva comunicacional” é debatida uma sociedade com capacidade cognitiva em declínio e a perda do protagonismo das organizações. Essa ‘antropologização’ comunicativa, bem como os dispositivos sóciotecnológicos e a microsociologia como fenómeno, e a influência das organizações no comportamento em manada, num novo eticismo (Sodré, 2002, p.34). Sem esquecer os nómadas digitais, e sua ‘desterritorialização’ e ‘reterritorialização’. O terceiro tema é a “Mediatização, cultura e

² O leitor irá observar que haverá duas formas de tratamento para a mesma palavra: ‘mídia’ utilizada no Português de Portugal e ‘mídia’ utilizada no Português do Brasil. Prefiro usar mídia, sem nenhum prejuízo na polissemia, penso está mais próxima do seu real significado. Entretanto, quando a frase original exigir, a palavra será mantida, ‘mídia’.

sociedade contemporânea” sem, contudo, relevar a historicidade da comunicação. A perda do *status quo* da indústria cultural também é abordada a partir da personificação dos média sociais. O presentismo como fenómeno digital é assinalado, assim como a cultura de publicitação e autopromoção do comportamento de Narciso numa cultura líquida, maleável e mutante. O *ethos* mediático, a mundanidade transcultural e uma nova cibersociedade, bem com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), complementam-se entre si. A “Semântica e a semiose na mediatização” e a sua compreensão teórica numa perspectiva da mediatização é um dos temas basilares desta investigação. A última parte desta primeira fase é as “Dependências dos média sociais”, procurando entender os seus efeitos secundários. O número de usuários não para de crescer, são neste momento mais de cinco mil milhões de utilizadores (Casagrande, 2022), o que equivale a mais de 60% da população mundial (Worldometers, 2022). São muitos os efeitos colaterais deste fenómeno.

A segunda fase termina no quinto capítulo, “A religião mediatizada”, que aborda a igreja como instrumento mediador entre o Transcendente e o Imanente. Um ponto de convergência entre a maioria dos teóricos religiosos. A história, em particular a do cristianismo, apresenta uma grande interação entre a eclesía e os seus seguidores, por vezes, questionável. A tecnologia, a seu tempo, aparentou inicialmente ser uma possível ameaça à igreja, quer pelas transcrições manuais, pela impressão da Bíblia ou até pela rádio, televisão e internet. Entretanto, a partir do momento em que a igreja passou a ter o domínio do conhecimento do uso destas tecnologias, estas começaram a ser utilizadas para promover os seus valores, doutrinas e dogmas, desenvolvendo uma cultura própria.

Neste sentido observamos que três momentos da história revolucionaram a comunicação da igreja; a imprensa de Gutemberg, o advento da rádio e da televisão e a internet. Portanto, a comunicação está intrinsecamente conectada à religião desde o seu nascimento e ambas interagem permanentemente.

Mas foi com o surgimento dos telemóveis, particularmente os *smartphones*, cada vez mais tecnológicos, que se deu outro salto nas comunicações da igreja. Agora existem os ‘ciberfiéis’, ou seja, fiés que fragmentam um grupo por consequência de uma relação individual e solitária com o conteúdo mediatizado a partir das aplicações dos *smartphones*.

O uso da tecnologia com fins religiosos não é exclusivo do cristianismo, o islamismo também usa esse meio para passar sua mensagem (Eisenlohr, 2017, p. 875;

apud Rudnycky, 2010). O judaísmo aproveitou as tecnologias digitais para propagar e popularizar a leitura dos seus ensinamentos (Blondheim & Katz, 2015). Até os conservadores monges budistas se renderam à tecnologia da informação (MENDES, 2012). Novos processos comunicacionais passaram por uma “reviravolta” (Sbardelotto, 2016, p. 409), através de uma ruptura e descontextualização a partir da digitalização dos meios.

Esse empoderamento de líderes religiosos aumentou o desejo de ocupar mais espaços e influências na fronteira entre religião e política, que já esteve mais fortificada; vê-se ruir através do acelerado desenvolvimento na indústria dos média.

Assim, o uso dos ecrãs tem alterado significativamente as relações religiosas, e vem de modo paulatino substituir a leitura de textos, como a Bíblia Sagrada, valorizando vídeos e/ou *podcasts* que ilustram a religião numa perspectiva, por vezes, distorcida daquela que vem nas Escrituras.

Esse aparato mediático precisa de um aporte financeiro generoso, e a espetacularização da fé através da mediatização das Escrituras, e uma boa campanha de *marketing* aliada às novas tecnologias, potenciam a arrecadação de receitas, levando muitas instituições religiosas, gradualmente, a raciocinar como o mercado. Algumas, inclusivamente, já se apresentam à sociedade como mais convém ao ‘cliente’, oferecendo um conjunto de serviços, como se fosse fast food.

Essa “mercantilização da religião não é algo novo. Há histórias longas e profundas de culturas materiais religiosas e espirituais na maior parte das tradições religiosas” (Hoover, 2014, p. 52).

O papel dos média no desenvolvimento deste novo momento religioso não pode ser desprezado; a “mediatização e a prática da religião em um ambiente mediatizado vai muito além das fronteiras da própria religião institucionalizada, como igrejas e denominações” (MARTINO, 2016, p. 15-16).

Este novo momento da igreja remete inevitavelmente para as razões que levaram à Reforma Protestante que estava alicerçada na tríade: política, economia e teologia.

Um movimento gestado durante séculos, a partir das pregações de Pedro Valdo, em França, no século XII, passando pelo inglês, John Wycliff, e o boémio, Jan Huss, século XIV, chegando ao alemão, Martinho Lutero, ao francês, João Calvino e ao inglês Henrique VIII, século XVI.

Todos desafiaram a autoridade papal. Mas afinal, onde reside a autoridade da igreja? Esta mudou ao longo da história, primeiro estava em Deus, ‘por procuração’ em Moisés e no Antigo Testamento, em Jesus, na Bíblia, na Igreja Católica Apostólica Romana, de volta à Bíblia, nas experiências individuais, nos sinais, nos líderes, e hoje, na audiência.

A tese propõe uma quarta visão do evangelho, ou pós-protestantismo, que para alguns é o fenómeno dos ‘desigrejados’, para outros o fracionamento da ecclésia a partir das microigrejas, ou ‘igrejas de garagem’, como sugerem Martins e Nascimento (Martins & Nascimento, 2018). No entanto esta pesquisa vai um pouco mais além e procurou entender o fenómeno das novas lideranças e a busca pela tríade do poder eclesiástico, económico e político.

Os tempos atuais assemelham-se aos tempos dos reformadores e até se agravam. Uma degradação espiritual, onde a individualização e a personificação da religião é latente, onde o Eu se sobrepõe ao outro e a realização pessoal, através de bens materiais, principia a razão da busca por uma denominação, que lhe garanta tais conquistas. O primeiro assunto abordado é a “Mediatização, espiritualidade e internet” onde se discutem temas como a impressão tipográfica de Gutenberg, a chegada do evangelho pelas ondas de rádio, a chamada ‘igreja eletrónica’, que alcançou milhões de seguidores e abriu a porta a centenas de líderes por todo o mundo Ocidental. Mas foi a tecnologia da informação, com a chegada dos média sociais, que fez a igreja eclodir. A chegada dos telemóveis trouxe um novo modelo de religiosidade, o ‘ciberfiel’. Com a mediatização a interferir na maneira como algumas dessas igrejas definem as suas liturgias, doutrinas e por vezes dogmas. Este cruzamento entre fé e comunicação rompeu os relacionamentos individuais, por vezes até em comunidades, desconstruindo o sentimento ‘templocêntrico’. O tema seguinte é “A religião adequa-se à mediatização?” e o seu reencantamento do mundo numa contra-secularização dos meios religiosos, através do ativismo digital. Para alguns o processo de mediatização da igreja é uma oportunidade, outros vêem-no com ressalvas. Uma miríade de séries, filmes e telenovelas têm substituído a mensagem, antes exclusiva da Bíblia, levando a igreja a um neoconservadorismo (Sociedade, 2017), através de líderes com grande poder mediático e indiscutível retórica. Todo este aparato mediático necessita de dinheiro e a espetacularização da fé potencia a arrecadação de receitas. Tudo isto acaba por ser fruto do terceiro tema, “Religião mediada, práticas religiosas e cultural”, através da influência

das chamadas “igrejas de alta mediação” (MARTINO, 2016), que se focam particularmente na intenção de atender os ‘clientes’, a partir da utilização dos média. Esse neo-evangelicalismo tem por vezes enfraquecido não apenas os líderes, mas também as suas instituições e doutrinas, o comportamento de consumo e ostentação baseados na ‘bênção de Deus’ e a espetacularização da fé, sem esquecer o espaço que o tema religião tem ocupado nas grandes discussões, por vezes, de forma negativa. Essa espetacularização originou “A política do corpo, aparência e estética na religião mediada”, penúltimo tema desta fase da pesquisa, onde valores são majorados à estética dentro das organizações religiosas a partir da mediação simbólica e semântica da interpretação bíblica, com correntes de pensamento sobre o belo sem nenhum juízo de valor, apenas como pano de fundo da perseguição por um padrão de beleza de ordens prático, em torno da sexualidade e do comportamento. Essa “Mediatização pós-protestantismo”, último tema desta fase, tem promovido constantes alterações nas autoridades da igreja ao longo da história e o surgimento de um quarto movimento, denominado pós-protestantismo, a partir da inversão dos valores cristãos e de uma cultura mediática através do ‘*kitsch* religioso’, que encerra esta fase da pesquisa.

Uma análise multivariada é apresentada no sexto capítulo, além de impressões sobre temas relevantes presentes nesta tese, por especialistas arguidos através de pesquisa descritiva. O objetivo é compreender a evolução da igreja e dos seus líderes na comunicação de massas e no advento dos média sociais. O levantamento apresentado mostra como se posiciona cada ator nesse cenário dinâmico e passivo de constantes alternâncias.

Diferente da primeira fase da pesquisa que é pautada por elementos teóricos, a segunda fase da pesquisa procura apresentar de forma mais prática o entendimento da mediatização do evangelho. “Uma história” abre essa fase, que procura entender a chegada do cristianismo ao Brasil através das naus portuguesas, a chegada insipiente dos protestantes, com o francês Nicolas Durand de Villegagnon em 1554, passando pelo neerlandês João Maurício de Nassau-Siegen em 1637, ambos denominados como ‘Período do Evangelho de Invasão’. Quatros séculos depois, com a chegada dos primeiros luteranos, em 1824, período denominado de ‘Evangelho de Imigração’, até aos primeiros missionários, a partir de 1859, com o presbiteriano Ashbell Green Simonton, período chamado ‘Evangelho de Missão’.

O protestantismo terá uma nova fase, o pentecostalismo, com a chegada dos primeiros representantes do movimento pentecostal, a partir de 1910 com Louis Francescon, e em 1911 com Adolph Gunnar Vingren e Gustaf Daniel Högberg (BARBOSA, 2012).

O pentecostalismo e as suas três ondas (Freston, 1993), é abordado nesta pesquisa, e avança para uma quarta fase, a quarta onda, ou pós-protestantismo, que tem como precursor o neo-pentecostalismo (Mariano, 2020), ou a terceira onda (Freston, 1993).

Fruto de um estudo de caso, a Igreja Universal do Reino de Deus esteve durante anos ligada à figura do seu líder, o bispo Edir Bezerra Macedo (1945).

A sua vida e toda a trajetória que levou a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) a ser o que é hoje, é narrada nesta fase da tese; de personalidade tímida e forte influência do bispo Walter Robert McAlister (1931 – 1993), ao homem poderoso que controla uma igreja, um partido político e um grupo de comunicação.

Se a tríade do poder que levou à eclosão da Reforma Protestante no século XVI formada pelos poderes eclesiástico, político e económico, à época dominado pela Igreja Católica Apóstolica Romana na Europa, é perfeitamente perceptível no caminho percorrido pelo bispo Macedo, a transformação da IURD na perfeita representante do que se pode chamar de pós-protestantismo.

Até ao início da década de 2010 a igreja colecionava enormes polémicas, sem nunca parar de crescer no Brasil e no mundo. Entretanto a publicação dos Censos brasileiros de 2010, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), acendeu a luz amarela da cúria iurdiana, a igreja perdeu “quase 230 mil fiéis em dez anos, passando de 2.101 milhões para 1.873 milhões. Uma queda de mais de 10%” (Leal & Thomé, 2012).

Obras sociais, a construção do Templo de Salomão e a bem-sucedida campanha publicitária “Eu sou a Universal” mudaram o panorama iurdiano. “Uma história” abre o sétimo capítulo e começa com aquilo a que se pode chamar ‘a tese da tese’, “A quarta onda”. Argumentos com fortes bases na tese doutoral de (Freston, 1993), que defende a ideia das três ondas do evangelho. Nesta pesquisa foram abordados os três momentos do evangelho no Brasil: Invasão, Imigração e Missão. De seguida, as três ondas de (Freston, 1993) são apresentadas em detalhe. Um corte histórico-institucional é feito para finalmente ser apresentada a proposta da ‘quarta onda’, com o protagonismo da Igreja Universal do Reino de Deus, a sua origem e as suas derivações. O pós-pentecostalismo tem no seu cerne a teologia da Prosperidade e o distanciamento do

pentecostalismo Clássico a partir do rompimento dos princípios da Reforma Protestante. O histórico do fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, Edir Bezerra Macedo é dividido em duas partes, a primeira é “Um homem universal I”, que conta a história de um jovem menino que sofreu *bullying* por causa da sua deficiência nas mãos e que tinha tudo para dar errado, mas contrariou todos os prognósticos. Podemos questionar os seus métodos, mas jamais se pode negar a sua determinação, capacidade de superação e resiliência. Católico e frequentador da Umbanda até os 18 anos, quando se converte.

Um tema pesquisado e que pouco se tem observado na academia é a “Subversão à matriz evangélica”, assunto tratado nesta tese, que observa parte da história e da fase da implantação da IURD em “Um homem universal II” e a sua ascensão meteórica, acompanhada de muitas polêmicas, com grandes concentrações em estádios de futebol, a compra da primeira emissora de rádio e da TV Record, além da sua prisão em meados dos anos 90. O episódio que ficou conhecido como o “Chute na Santa” e alguns vídeos polêmicos, além da inauguração do Templo de Salomão, serão também tratados. Uma nova doutrina surge a partir da Universal, fora do arrabalde da Reforma Protestante e do pentecostalismo, e coloca em evidência as quatro principais matrizes religiosas brasileiras, porém, a pesquisa focou-se sempre no cristianismo e em como o movimento pentecostal conseguiu subverter uma matriz religiosa de quase dois mil anos em poucas décadas. O sincretismo judaico-cristão e o esforço do sincretismo avesso à matriz de religiões africanas na IURD é o pilar basilar dessa abordagem. Com tantas polêmicas colecionadas, é natural o surgimento de uma rejeição espontânea, e a “IURD, [assim como a] sua integração na sociedade” trás uma nova luz a esta estratégia de marketing, sem precedentes na religiosidade brasileira. Antecedendo a inauguração do Templo de Salomão, a igreja surge com a campanha publicitária “Eu Sou a Universal”, para meses depois figurar entre as cinco organizações mais respeitadas do Brasil, segundo o Datafolha.

O oitavo capítulo, “A Influência”, mostra como não apenas a Igreja Universal do Reino de Deus tem um império económico, mas muitas outras organizações também. Isto não significa a institucionalização do método, apenas mostra que é uma prática corriqueira nas hostes de muitas denominadas instituições religiosas.

A Universal é, sem dúvida, uma igreja que divide opiniões na história recente do cristianismo brasileiro e mundial. Nascida no Brasil, pode considerar-se uma das maiores multinacionais do país. A sua presença está em quase todos os países do

mundo, quer por meio do Grupo Record, através de empreendimentos, ou pelo erguir de ‘mega templos’.

A sua história é construída e pautada por controvérsias, das mais simples até às mais polémicas. Desde denúncias de desvio de recursos, lavagem de dinheiro, tráfico de pessoas e exploração laboral. Mas existe um facto inquestionável: não passa incólume em nenhum local.

A pesquisa tentou entender como são as escolhas dos líderes, nas igrejas e no seu complexo empresarial, e como se avança na hierarquia desta complexa teia de empreendimentos.

Uma coisa é facilmente constatada, a Universal é uma igreja totalmente sintonizada com as demandas sociais de sua época, e possui uma capacidade de adaptação a velocidade impressionante. A chamada forma “macediana de gerenciar uma organização hierocrática engloba formas modernas de gerenciamento, que podem ser aplicadas com sucesso em quaisquer outras organizações” (CAMPOS, 2006, p.115).

A igreja, em nome dos seus liderados, possui um património impossível de calcular, uma vez que este, de tempos a tempos, muda de proprietário. Mais de uma centena de canais de televisão, outras centenas de emissoras de rádio, jornais impressos, a comunicação da IURD é a sua base de sustentação e o contacto direto com os seus seguidores.

Ao contrário da igreja católica, por exemplo, que não aprova, mas não condena o sincretismo com religiões de matriz africana, a igreja de Macedo pratica o sincretismo avesso em relação as essas religiões, enquanto os católicos fazem um compartivo entre as entidades afriacanas e seus santos, a IURD trata-as como inimigos de Deus.

A Igreja, através dos seus média, não vende nada, não pede dinheiro, apenas convida os que assitem, ouvem ou lêem, a visitar o templo mais próximo. O próprio Macedo explica: “sou contra a Igreja Eletrónica, do tipo das existentes nos Estados Unidos em que o pastor fica no vídeo e as pessoas o assistem em casa, distraíndo-se com a campainha da porta que toca ou o gato que mia. Na minha igreja preferimos o contacto direto com o povo” (Behs, 2009, p.70).

Uma particularidade pode ser vista nas emissoras do Grupo Record, oficialmente pertencendo ao bispo Macedo, é que a ideia é fomentar ideias, contudo, sem utilizar os mesmos expedientes prosélitos dos demais veículos de comunicação da igreja.

Fruto de estudo dos mais diversos níveis académicos, as suas posições acabam, ainda que muitos o neguem, por ser mimetizadas por outras organizações. A participação de forma clara da igreja em segmentos sociais, aliada ao uso competente dos média, pode ser considerada uma das explicações para a sua inserção na sociedade e ser vista, não como uma seita, mas como uma organização religiosa comprometida com o aspecto social e os menos favorecidos. Mas a campanha publicitária “Eu Sou a Universal” é um caso estudado por quase todas as faculdades de comunicação do Brasil.

A pesquisa procurou entender também questões de ordem ética e doutrinária, assuntos frequentemente debatidos, seja pelo posicionamento da Universal ou por outra denominação religiosa. Apesar de ter uma pegada mais contemporânea, alguns assuntos ainda são tabu na Universal, como o divórcio, as drogas, as bebidas alcoólicas ou a homossexualidade. Entretanto, outros temas já têm a simpatia da igreja como o uso de preservativo e o aborto.

As críticas que a Igreja recebe no que respeita à angariação e utilização dos recursos, não passou despercebida, no entanto, essa não é uma prerrogativa apenas sua. As mais diversas instituições fazem uso desse expediente, o que nos alertou foi que essas mesmas organizações não se expõem como a Universal. E a resposta encontrada é que nenhuma delas, à exceção da igreja Católica, possui um complexo de comunicação tão grande e eficiente.

Outra particularidade iurdiana é que esta é a única instituição religiosa que possui um partido político no Brasil, com representatividade em todos os poderes. Tem milhares de vereadores, centenas de deputados estaduais, quase cinquenta deputados federais, seis senadores e assento no ministério do atual Governo Federal. A questão do uso político não se restringe apenas ao Brasil, em 1995 a IURD tentou, sem sucesso, criar um partido político em Portugal. Esse facto é apresentado no texto “A complexa teia empresarial”, onde a investigação procura entender, na medida das informações disponíveis, o complexo empresarial que envolve a IURD e o seu fundador. Tido por muitos como um homem que superou as dificuldades, Macedo é um herói para alguns e um aproveitador da fé ingénua das pessoas, para outros. São mais de uma centena de empresas no Brasil e no exterior, que movimentam bilhões de dólares. Toda esta estrutura é mantida através do “Marketing e o discurso religioso”, assunto desta parte da tese. O uso dos média como instrumento de propagação de doutrinas e dogmas religiosos, embora não seja uma ideia originalmente iurdiana, fez cair uma série de

paradigmas através desta igreja. Da imprensa física à alta tecnologia, a IURD assumiu um papel de vanguarda na comunicação religiosa. Presente em quase todos os países do mundo, a igreja esforça-se para ter um veículo local para divulgar os seus pensamentos e chamar o público para seus auditórios. A padronização do discurso e do comportamento gestual é uma característica, e técnica, de comunicação moderna digna de grandes corporações.

O tema “O posicionamento da IURD na eclesia” é abordado, levantando diversas questões acerca da Igreja Universal. Aparecem críticas de todas as partes, são feitos estudos acadêmicos e a sua maioria também criticados. Mas o fenómeno IURD não para de crescer no mundo, esta é admirada, por vezes de forma velada, por uma parte significativa do segmento evangélico. A capilaridade no Brasil legitimou-a a falar de política sem pudor, fazendo uso da liberdade constitucional. O carisma do seu líder é um dos grandes desafios de perpetuação da IURD.

Sem dúvida, “O empreendedorismo religioso” é algo que faz parte do ADN da igreja evangélica/protestante, não sendo apenas uma característica iurdiana. A investigação não faz qualquer juízo de valor acerca de se a forma é ortodoxa ou heterodoxa, mas observamos que há uma utilização de uma linguagem espiritual, aliada a uma capacidade de empreender. Para uns é um dom, para outros é um talento ou até uma dádiva divina.

Assim, “Para além do religioso: a igreja e a política” é uma súmula formada por bancadas de deputados e senadores, dos mais diversos segmentos, e a igreja evangélica não é diferente. Uma pesquisa do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar, aponta-a como a quinta maior do congresso brasileiro. São números que crescem a cada eleição. Alguns registos dão conta de deputados participantes da constituinte de 1933/34.

A primeira participação da IURD numa eleição partidária dá-se em 1988 e surge com um *slogan* totalitariamente inovador “Crente vota em crente”.

2 ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O enquadramento teórico pretende sistematizar o intuito desta pesquisa, de forma articulada, através de ferramentas bibliograficamente disponíveis e julgadas relevantes, que proporcionaram respostas científicas para a questão de partida.

Não se pretende com este trabalho compreender a mediatização da religião nem os média como um todo. Seria uma pretensão descabida para um assunto e fenómeno desta dimensão.

O objetivo é contribuir com este esforço para as Ciências da Comunicação, assim, procuramos apresentar um cenário de resposta, tendo o cuidado de não ser influenciados pelos autores e as suas obras, mas tê-los como referência na construção desta tese.

O ponto de partida foi: a fenomenologia da mediatização e a sua influência na igreja cristã; onde a pergunta que se impõe é: “Este fenómeno permite o surgimento da tríade de grandes conglomerados eclesiais?”, neste caso, eclesial, económico e político.

Após inúmeras leituras, sugeridas por professores de diferentes disciplinas, seminários ou colóquios, em diálogo com o orientador e outros mestres, notamos a enormidade do acervo existente sobre o assunto.

A organização da pesquisa foi estruturada bibliograficamente, após diversas indagações de campo, a partir de análises qualitativas.

Após pesquisa e sistematização do Estado da Arte, a indagação chegou a quatro publicações que foram tidas como referência: “Mediação & Midiatização”, (Mattos, Maria Ângela; Janotti Júnior, Jeder; Jacks, Nilda, publicado pela editora UFBA, em língua portuguesa (2012)); “The Mediatization of ReligionWhen”, (Faith Rocks, Luís Mauro Sá Martino, publicado pela editora Routledge, em língua inglesa (2013)); “O reino: A história de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal”, (Gilberto Nascimento, publicado pela editora Companhia das Letras, em língua portuguesa (2019)); “Bispo S/A – a Igreja Universal do Reino de Deus e o Exercício do Poder”, (Odêmio Antônio Ferrari, publicado pela editora Ave Maria, em língua portuguesa, (2007)).

Os capítulos foram estruturados de forma articulada e completam-se através de divisões com assuntos contemporâneos e muitas vezes em fase evolutiva.

3 ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

O objetivo desta tese é estabelecer o entendimento a partir do enunciado da mediatização e a sua influência nas igrejas evangélicas brasileiras na contemporaneidade, através do estudo de caso de Igreja Universal do Reino de Deus, com enfoque na mesma em solo português.

A pesquisa que visa a solução de problemas, concretiza-se através da indagação, da investigação e da inquirição da realidade e é uma atividade que permite, quando utilizada no âmbito da ciência, construir um conhecimento, ou um conjunto de conhecimentos, que nos auxilia na compreensão de uma determinada realidade e orienta as nossas ações. (Moital, 2012, p. 94, apud Padua, 2007, p. 31).

Inicialmente foi realizado o Estado da Arte, onde foi mapeada a comunicação histórica da igreja cristã nas suas várias vertentes de pensamento, particularmente a sua relação com a comunicação de massas, e como esta se deu nos últimos 20 anos. O lado sociológico no aspecto comunicacional e o que as Ciências da Comunicação têm estudado sobre as igrejas. Esse mapeamento, foi o principal norteador da produção desta tese, permitindo utilizar o que já foi publicado sobre o tema e não encaminhado assim a pesquisa para assuntos já debatidos.

Foi estudado o discurso dos chamados “mídia de massas”, (rádio, televisão e imprensa escrita), mas também dos recentes mídia digitais. Além de que “ao longo do trabalho, é fundamental apresentar uma expressão própria, pessoal e reflexiva sobre os conteúdos abordados. O mesmo pode-se dizer em relação ao posicionamento metodológico” (Souza, 2014, 178).

Algumas alternativas de pesquisas surgiram como opção, por exemplo:

Tipo de pesquisa segundo:			
<i>A Abordagem</i>	<i>A Natureza</i>	<i>Os Procedimentos</i>	<i>Os Objetivos</i>
Quantitativa	Básica	Experimental	Exploratória
Qualitativas	Aplicada	Bibliográfica	Descritiva
		Documental	Explicativa
		De Campo	
		Ex-Post-Facto	
		De Levantamento	
		Com Survey	
		Estudo De Caso	
		Participante	
		Pesquisa Ação	
		Etnográfica	
		Etnometodológica	

Quadro 1 – Alguns tipos de pesquisas. (Cesário, 2020)

Entretanto, como sugere Cesário (Cesário, 2020) ao evidenciar suas diferenças, o investigador terá que enfrentar as limitações de cada técnica de pesquisa. Além do estudo de caso, optamos preferencialmente pelos métodos: qualitativo, bibliográfico, descritivo, e empírico, quando necessário.

Esta definição do campo de análise entre outros, baseou-se em Discini na ideia de que “o *ethos* está vinculado a recursos de mobilização, onde a construção discursiva da verdade é admitida como componentes da categoria da verificação (Discini, 2021, p.26).

Esse *ethos* também é apresentado nesta pesquisa numa perspectiva mercadológica (Sodré, 2002) onde o ter e, a sua ostentação, é prova de bênçãos divinas e prosperidade.

Percebe-se que o *ethos* é na verdade uma realidade a partir da cosmovisão do indivíduo, neste caso formado pelos valores: moral, comportamental e cultural (Rangel, S.d.).

Esta parte do discurso analisada, a qual parte do pressuposto de uma unidade, tem como base as palavras de Discini, naquilo que viria a chamar de “atitudes que as

culturas adotam em relação a eles, são as suas interpretações metassemióticas conotativas” (Discini, 2021),.

A tese na sua composição caminhou até ao estudo teórico e prático do que é a mediatização e sua posição enquanto análise do facto pelo interlocutor, a mediatização da religião, não apenas cristã, mas com enfoque nesta, para entender o ponto de partida, e a questão chave para, após uma análise qualitativa, utilizando como ponto de partida o método de Análise em Componentes Principais (ACP). Este permitiu resumir e condensar as informações diversas e intercorrelacionadas de um conjunto menor de variáveis não correlacionadas (Fernando, 2014, p.4, apud Lavado, 2004; Maroco, 2011; Rodrigues, 2007). O procedimento de recolha e sondagem de qualquer que seja a natureza fez-se necessário para o estudo estatístico e a sua amostra e com isso chegar ao objetivo de estudo (Martins, 2013, p.1).

Em determinado momento a dinâmica da pesquisa obrigou a novas adendas ou até supressões, sem no entanto comprometer o foco principal e fugir ao enunciado apresentado ao júri deste Instituto Universitário. Ora, uma pesquisa é, “mais do que um conjunto de etapas a seguir ao longo de um determinado processo, a metodologia é a explicação minuciosa, precisa e rigorosa do caminho a desenvolver em qualquer trabalho de pesquisa” (Moital, 2012, p.94).

Para Jung e Dörr, em (Jung & Dörr, 2023, p.401), as mudanças por vezes são necessárias para uma melhor compreensão das questões relativas ao tema proposto, desde que as metodologias aplicadas obedeçam à diretriz original.

A semântica não podia ser ignorada, nem a sua perspectiva individualista no entedimento da mensagem.

O que observámos na pesquisa foi que ao contrário da grande maioria das igrejas que utilizaram as emissoras de rádio e as cadeias televisivas, onde o apelo à doação e entrega de dízimos é um facto, a Igreja Universal do Reino de Deus trabalha de forma diferente, apelando a que as pessoas vão aos templos.

Se comparada às igrejas cristãs, a IURD é um ‘bebé’. São pouco mais de cinquenta anos de história, em comparação a uma tradição de milénios. Entretanto, e seguindo a tese de Freston, (Freston, 1993), nas suas três ondas, ou a de Mariano, (Mariano, 2004), das três fazes de pentecostalismo, a IURD está na fase mais recente, porém suplantou igrejas centenárias, tanto no Brasil como fora dele.

A mensagem iurdiana é passada ao estilo pastor/*coach*, onde a ideia de ser próspero é uma decisão pessoal e estar na igreja é uma condição essencial para a conquista.

O objetivo desta tese é contribuir, ainda que num pequeno esforço, para as Ciências da Comunicação, apresentando um cenário plural e tendo todos os cuidados para não ser influenciada nas suas conclusões por autores e entrevistados, tomando-os apenas como referências.

Muitas obras foram sugeridas por professores dos mais diversos campos de pesquisa, ou ainda através de participação de seminários e colóquios, além claro de muitos diálogos com o orientador.

[O método descritivo é] “a descrição das características de determinada população ou fenómeno, bem como o estabelecimento de relações entre variáveis e fatos” [Enquanto o método bibliográfico trata do] “estudo para conhecer as contribuições científicas sobre determinado assunto” (Martins, 2000, p.28).

Este investigador visitou vários templos da IURD, ao longo dos últimos anos, no Brasil, em cidades como Recife e Petrolina, em Pernambuco, no Rio de Janeiro e em São Paulo, nesta última, no chamado Templo de Salomão. É importante registar que a observação, neste processo de mediatização, se iniciou antes da apresentação do projeto de tese, já a partir da formação numa pós-graduação em Ciências da Religião, pela Faculdade de Teologia Integrada (FATIN), em Igarassu, Pernambuco, Brasil, onde se fizeram os primeiros contactos com a comunicação institucional da IURD.

Em Portugal foi visitado o Templo Maior, na Rua Dr. José Espírito Santo, em Lisboa, assim como a Catedral em Vila Nova de Gaia e o Centro de Ajuda na cidade de Leira. Em todas as visitas houve conversas informais, no entanto nem os seguidores, nem os seus líderes autorizaram uma conversa formal ou registos de entrevistas, assim sendo foi utilizado o método de análise e de senso crítico.

Para Proença, “este método representa um excelente recurso para uma inserção mais densa com práticas a partir de representações vivenciadas pelos líderes e fiéis das expressões religiosas, permitindo uma análise mais delimitada e específica. Esse comportamento compensa a falta de parâmetros e critérios metodológicos teoricamente mais consistentes e poderia dificultar ainda mais essa análise do caso”, a que vai chamar “método de observação participante” (Proença, 2007, p.1.).

São três os aspetos destacados por Proença: Em primeiro lugar, este método está ancorado nos aspectos de tempo, lugar e circunstâncias. Em segundo lugar, este método

permite a observação das imagens e a estética dos rituais desenvolvidos nos cultos. Em terceiro lugar, este método de pesquisa possibilita maior proximidade do *habitus* de grupo, que orienta o comportamento de líderes e fiéis na maneira como vêem o mundo e organizam as suas ações em sociedade, (Proença, 2007, p.10).

Os locais visitados não foram escolhidos de forma aleatória, a IURD nasce no Rio de Janeiro e algum tempo depois transfere a sua sede para São Paulo. Na cidade de Recife encontra-se um dos maiores templos iurdianos do país. Petrolina é a cidade onde residi o investigador. Já em Portugal, Vila Nova de Gaia testemunhou umas das grandes polémicas da IURD no país, aquando da tentativa de comprar o Coliseu no Porto. Lisboa recebe a sede da IURD no país e na Europa e Leiria é a cidade em que resido no momento em que escrevo esta tese. “Muitos dos dados foram extraídos, não de conversas entre os participantes e eu, mas de ouvir a conversa entre membros do grupo e da observação atenta da interação social dentro do grupo” (Bryman, 2012, p.444).

Ao longo desta tese foi utilizado aquilo a que se chama “estudo das variáveis aleatórias e distribuições” (Reis, Melo, Andrade, & Calapez, 2016, p.24), partindo sempre de determinadas informações e modelos probabilísticos para chegar a um resultado, até chegar à conclusão.

Foram livros, materiais em jornais e revistas, artigos científicos, teses e dissertações, vídeos, programas de televisão, *podcast's*, tudo o que pudesse trazer alguma luz sobre os assuntos: mediatização e Igreja Universal do Reino de Deus. Foram utilizadas também entrevistas e visitas.

As visitas aos templos mostraram-se uma surpresa, pelo número de jovens a frequentar os seus encontros. Muitos deles sem os pais como referência de fé, sendo uma decisão individual estar nesses encontros. Alguns chegaram a afirmar indiferença dos pais em relação às suas decisões.

Como citado acima, foram abordados de maneira informal assuntos como sexo, sendo a maioria a favor da castidade antes do casamento, de que o aborto é uma decisão individual, indo contra outras denominações religiosas. A homossexualidade é aceite, desde que haja a abstinência ao sexo. A palavra do pastor é inspiradora, não havendo espaço ao questionamento.

Fazer as articulações de saberes e as bricolagens metodológicas é fundamental nas pesquisas pós-críticas que realizamos. Procedemos nas nossas metodologias de modo a cavar/produzir/fabricar a articulação de saberes e a bricolagem de metodologias porque não temos uma única teoria a subsidiar nossos trabalhos e porque não temos um método a adotar. (Bueno, 2017, apud Paraíso, 2012, p. 33).

O investigador inglês Alan Bryman (1947 – 2017), especialista em métodos de pesquisa, no seu livro “Social Research Methods”, da editora Oxford, questiona, “A maior parte da gama de opiniões deriva de apenas uma ou duas pessoas ou da maioria das pessoas no grupo?” (Bryman, 2012, p. 504). Tratando-se da Igreja Universal do Reino de Deus a resposta é simples: do Bispo Edir Bezerra Macedo.

Foram observados rituais como o uso do copo de água diariamente sobre o aparelho de rádio, sempre às 18:00³h, devendo ser bebido tão logo o pastor termine a oração; ou algo mais radial, onde o fiel entrega todas as suas economias num ‘propósito’ chamado Fogueira Santa de Israel. Questionados, muitos por não terem recebido a esperada bênção, justificavam-no com pouca fé da sua parte e assim repetem o ritual ano seguinte “depositando ainda mais fé e recursos”.

Esse serviço religioso que utiliza as mais variadas formas de envolver o fiel e fazer manifestar o ‘sobrenatural’ não pode ser considerado uma exclusividade iurdiana, muitas outras igrejas por mimetismo, ou não, têm tais práticas, levando o fiel a desfrutar de tais serviços em muitos casos como locais de encontros sociais ou como substituição, respeitando as devidas proporções, dos jogos de sorte.

Analisando estes componentes principais e cruzando-os com outras denominações religiosas, observou-se que o comportamento não se diferencia na sua essência.

O grande desafio dessas denominações é a manutenção do auditório e a geração seguinte, seja dos líderes, seja dos fiéis.

Procurámos ter uma base de entrevistas com investigadores do tema, jornalistas e líderes no campo religioso.

Quatro concordaram em conversar sobre o assunto, porém apenas um permitiu que a conversa fosse gravada, foi Gilberto Nascimento, jornalista, especialista sobre a Igreja Universal do Reino de Deus, autor de dezenas de artigos sobre o tema e autor do livro “O Reino: A história de Edir Macedo”, editado pela Companhia das Letras, uma radiografia da Igreja Universal. Este livro foi utilizado como uma das bases para

³ Numa alusão a Igreja Apostólica Romana que vai chamar esse horário de a Hora do Angelus, sempre a 6:00, 12:00 e 18:00, lembrando o momento da Anunciação em que Maria, na tradição cristã, concebe pelo Espírito Santo, Jesus, o Filho de Deus.

fundamentar a parte da pesquisa que fala sobre a IURD. Nascimento argumenta que há uma tendência de diminuição no público da IURD, a sua tese está baseada nas três grandes divisões que houve na IURD nos últimos 20 anos, resultando na Igreja Mundial do Poder de Deus, com o ex-bispo Valdemiro Santiago, Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus, com o ex-bispo Agenor Duque e recentemente com a Igreja Unida Deus Proverá, com o ex-bispo Luciano Neves, além da Igreja Internacional da Graça de Deus, do Missionário R. R. Soares, ex-sócio de Edir Macedo na IURD, nos seus primórdios.

Quanto à questão da mediatização foram ouvidos dois especialistas em conversas informais, o Professor Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Jorge Luiz Cunha Cardoso Filho, professor do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), autor do artigo “Inflexões metodológicas para a teoria do uso social dos meios e processos de mediatização”, publicado no compêndio “Media & Midiatização”, publicado pela editora da Universidade Federal da Bahia (UFBA), livro utilizado como uma das referências na primeira fase desta tese, e o professor dinamarquês Stig Hjarvard, membro do Departamento de Mídia, Cognição e Comunicação da Universidade de Copenhague, Dinamarca, com livros publicados, e dezenas de trabalhos científicos nas mais variadas revistas acadêmicas do mundo.

A Igreja Evangélica Baptista de Leiria, membro da Convenção Baptista Portuguesa (CBP), antagoniza a doutrina iurdiana, “o material bíblico/judaico fornece uma boa base para comparação com tradições religiosas relacionadas” (Engler, 2011, p.367). Ouvida através do seu líder, o pastor Antônio Joaquim Ramos Gonçalves, depois de muitos esclarecimentos, terminou por sugerir vários livros utilizados nesta tese, dos quais um merece destaque, “Igreja Universal do Reino de Deus – Tentáculos de um Polvo Monstruoso para a Tomada do Poder”, dos autores Gustavo Rosa e José Martins, da editora Hugin, que serviu para a parte da tese que trata da presença da IURD em solo Português.

A compilação dos dados recolhidos deu-se ao longo da caminhada na elaboração da tese, não houve um momento definido para a compilação, que aconteceu à medida a que as informações foram surgindo e se tornaram suficientemente claras para serem inseridas no compêndio.

A certo momento foi necessário não apenas procurar informações a partir dos pais da igreja cristã, mas também na filosofia, para entender a igreja nos seus primórdios e o

quanto se transformou na contemporaneidade, onde a questão da beleza e a sua manifestação é uma discussão milenar sem aparentemente nenhuma conclusão definitiva.

Destaca-se a competência comunicacional e a presença que a IURD tem no Brasil, com os seus meios, a sua penetração na sociedade e sua influência. Seja através das empresas que possui, organizações sociais, seja através da política partidária, com o seu ‘exército’ de mandatários, seja por sua expressiva rede de comunicação. A igreja consegue estar em todos os lugares ao mesmo tempo e essa capilaridade permite uma presença institucional comparada em termos religiosos apenas à Igreja Católica Apostólica Romana.

A forma como são apresentados os ‘resultados’ obtidos na IURD é muito bem estudada, no entanto há uma área de comunicação à qual o investigador não teve acesso direto. É a área que trabalha as pessoas que irão dar os seus ‘testemunhos’, seja pela rádio, seja pela televisão ou na imprensa escrita. Foi criada uma nova forma de apresentação, onde além de estar bem maquilhada, no caso das fotos para a imprensa escrita ou o vídeo, as pessoas são doutrinadas sobre o que devem dizer e como falar, sempre com um tom de voz assemelhado, como foi observado em vídeos e jornais, assim como nas audições de programas radiofônicos. “Isto é, o foco de uma abordagem hermenêutica e fenomenológica orientada, metodológica, etnográfica, é um caminho como as pessoas contam suas histórias, e não a precisão do que falam” (Engler, 2011, p. 225, apud Ezzy, 2004).

Torna-se evidente que muitas das observações e conclusões se deram de forma empírica, ainda que existam documentos, e que esses tenham sido basilares para a pesquisa, as observações no terreno foram esclarecedoras, esse ‘garimpo’ de informações levou a poços profundos, aos quais deu alicerce para construir este documento. “A ciência não se faz entre quatro paredes, mas circulando pela cidade”, segundo Winkin, (Winkin, 1998, p.131, apud Robert Park). Assim, foi possível uma maior recolha de dados.

Pensar a mediatização da religião a partir das mediações não é examinar o uso dos meios de comunicação por alguma igreja, mas verificar como isso altera tanto as práticas religiosas quanto o âmbito interno das igrejas e dos fiéis (Mattos, Junior, & Jacks, 2012).

Essa metodologia empírica, segundo Monteiro, 2012, facilita a descrição da excelência seguindo uma lógica de desenvolvimento, por vezes alterando a “narrativa”

dos dados, seguindo uma lógica mais individual, baseada em factos pessoais e da personalidade dos participantes.

Observa-se que a interface dos média e a religião sempre despertaram interesse nas academias, não somente na área da comunicação, mas nos mais diversos campos de investigação. Entretanto urge reiterar que esta pesquisa é sobre o processo de mediatização e não um tratado teológico. Ainda que se ande sobre uma linha, por vezes subtil, os assuntos avançados restringem-se à comunicação.

Ainda que se tenha utilizado vocábulos estranhos aos arraiais académicos, e essa língua vernácula ‘evangéliques’ possa fugir ao erudito da língua etimológica, a pesquisa fez uso destes por uma questão de compreensão da intenção, seja do autor citado, seja na compreensão do contexto abordado.

O que se pode afirmar é que através das abordagens, análises e sistematizações de dados recolhidos, é possível destacar um conjunto de impressões relacionadas com a organização de um estudo de caso a partir do processo de mediatização num contexto metodológico baseado a partir das pesquisas citadas acima. “A metodologia [é o] que diferencia o académico da história popular [...] No entanto, frequentemente as diferenças permanecem pequenas. Isto precisa de explicação e tem consequências (Engler, 2011, p.286).

4 A COMUNICAÇÃO MEDIATIZADA

4.1 Inflexões metodológicas para a teoria da mediatização

A palavra ‘mediatização’ é derivada da palavra ‘mídia’, que por sua vez vem de ‘comunicação’, surge na língua inglesa no século XV, enquanto ‘nome de acção’, derivada do latim *communicare*, ‘tornar comum a muitos’. No final do mesmo século passa a designar também o objecto que é tornado comum, “uma comunicação”. A palavra estende o seu campo semântico aos meios e vias de comunicação como estradas, canais e caminhos-de-ferro, entre outros, confundindo-se assim a comunicação de informações e ideias, com o transporte de mercadorias e pessoas. A partir dos anos vinte do passado século, nos Estados Unidos da América, a palavra comunicação passa a designar predominantemente os média como a imprensa ou a rádio, distinguindo-se assim, de forma clara, entre a indústria da comunicação propriamente dita e a indústria de transportes (Serra, s.d. p.1).

Entretanto, é apenas a partir dos anos 2000 que se encontram as primeiras tentativas de desenvolver o conceito de forma sistemática. Para Figueiras, (Figueiras, 2017, p.107), a discussão em torno do conceito de mediatização iniciou-se, primeiramente, entre investigadores da área dos média e comunicação do Norte da Europa, nomeadamente da Alemanha e da Escandinávia. Mais perto do final da década, o debate teórico foi enriquecido com os contributos de autores ingleses que procuraram ultrapassar o impasse em torno dos conceitos de mediação e mediatização.

Segundo Sodré, “mediatização é uma ordem de mediações socialmente realizadas no sentido da comunicação entendida como processo informacional, a reboque de organizações empresariais” (Sodré, 2002, p. 11).

Apesar da contribuição de Serra, (s.d.), e Sodré, (2002), a questão da mediatização continua em aberto no campo dos estudos, essa transição para uma sociedade mediatizada tem levado esse estado social a um novo conserto comunicacional. A compreensão desse alargamento relacional que tem promovido e instalado um novo conceito de sociedade e práticas sociais através das mudanças comunicativas, é uma busca dos cientistas sociais e comunicacionais.

Sobre o termo ‘mídia’, Gomes explique que “é um neologismo, pois, na sua origem, é apenas o plural de ‘*medium*’ termo latino que significa meio. Nesse caso, o plural é ‘mídia’” (Gomes, 2016, p. 3).

A palavra ‘mídia’ nos Estados Unidos da América tornou-se sinônimo de meio, em particular mídia impressa, mídia televisionada, mídia eletrônica, por consequência, esse termo deu origem ao conceito de mediatização (Gomes, 2016).

Já a história da palavra no Vocabulário Portuguez e Latino (Bluteau, 1712-1728), cujos 16 volumes foram publicados originalmente na primeira metade do século XVIII, registou o termo “mediação” como a “intervenção daquelle que anda negociando algum concerto entre partes definidas”. (Mattos, Junior, & Jacks, 2012, p. 54, apud Bluteau, 1712-1728, p.384).

O Dicionario da Lingua Portuguesa de António de Moraes Silva (1789-1813), primeiro compêndio gramatical editado por um brasileiro, registou os vocábulos “médio” como “algo que media entre outras” (Mattos, Junior, & Jacks, 2012, p.54, apud Silva, 1789-1813, p.281).

Assim, a percepção da palavra leva ao entendimento que a partir da perspectiva da realidade da inserção social, cultural e de experiências educacionais, se pode dizer que a chamada mediatização é uma derivação contínua da palavra ‘mídia’.

Diante desse arrazoado e aprofundado exame em questão, observa-se que um fenómeno que aparece com a consolidação do conceito no quotidiano social é a indústria da comunicação, que acabou por ser uma exigência da sociedade moderna, que passou a publicitar “em série para atingir um grande número de indivíduos, a sociedade de massas”. (Barreto, 2010). A praxiologia tem revelado que as ações cognitivas da sociedade têm revisto essas informações de acordo com o meio em que está inserido o decodificador da mensagem; o semiólogo, antropólogo e filósofo colombiano, nascido em Espanha, Jesús Martín-Barbero (1937 – 2021), sugere que essa nova forma de perceber as informações passou “de uma proposição sobre ‘mediações culturais da Comunicação’, para uma ênfase nas ‘mediações comunicativas da cultura’” (Mattos, Junior, & Jacks, 2012, p. 51).

O sociólogo, inglês, Nick Couldry, professor de Mídia, Comunicações e Teoria Social da London School of Economics, “compreende a importância de diálogo entre a ideia de mediações culturais e mediatização, apontando aproximações entre as ideias de mediações de Martín-Barbero” (Trindade & Rodrigues, 2019, p. 9).

Tese corroborada pelo alemão, chefe do Centro de Pesquisa em Mídia, Comunicação e Informação da Universidade de Bremen, Andreas Hepp, que define a mediatização “como o conceito usado para analisar a inter-relação (de longo prazo) entre a mudança da mídia e da comunicação, por um lado, e a mudança da cultura e da sociedade, por outro, de uma maneira crítica” (Hepp, 2014, p. 51), indo mais além, propondo que tal orientação, tanto sugere aspectos quantitativos como qualitativos.

Em ambas as abordagens, a cultura é o fator influenciador na comunicação, e pese embora a academia tenha frequentemente colocado as palavras mediação e mediatização no mesmo plano, (Hjarvard, 2014, p. 126), esforça-se para fazer uma distinção entre ambas, assim, por mediação habitualmente entendemos o uso de um meio para comunicação e interação. Por sua vez, o estudo da mediatização considera as transformações estruturais de longo prazo no papel da mídia na sociedade e cultura contemporâneas. A distinção entre mediação e mediatização é teoricamente e analiticamente importante, mas os próprios processos de mediação e mediatização não são empiricamente distintos, uma vez que o efeito acumulado das práticas de trocas mediadas pode representar uma instância da mediatização.

A comunicabilidade clássica promovida pela mediação através dos mais diversos meios, fomenta no decodificador a reestruturação da mensagem e a sua respectiva releitura de acordo com a sua percepção estética a partir de interação, em particular a eletrónica, mediatizando o conteúdo que deixa de ser linear para se transformar num mosaico arranjado de acordo com a mediatização do indivíduo.

Ora, a sociedade em processo de mediatização é maior e mais abrangente do que a dinâmica da comunicação até agora levada a cabo na chamada sociedade dos meios. Não é somente a comunicação que é potencializada, isto é, não são apenas as possibilidades de comunicação, por meios tecnológicos extremamente sofisticados, que caracterizam o contexto atual, mas a sofisticação tecnológica, amplamente utilizada pelas pessoas desde a mais tenra idade, cria um novo ambiente matriz que acaba por determinar o modo de ser, pensar e agir em sociedade. Esse ambiente matriz é designado “sociedade em mediatização” (Gomes, 2016, p. 18).

Esta sociedade de meios, não apenas incorporou os meios no seu quotidiano, mas também passou a fazer parte de forma acelerada dos modos operacionais de propagação e reinterpretação dos conteúdos produzidos, que se viriam a chamar “não-midiáticos”, (Mattos, Junior, & Jacks, 2012, p. 36).

A subversão da sociedade em relação aos meios pode ser exemplificada pela criação do rádio, que foi tecnologicamente desenvolvido para viabilizar comunicações ponto a ponto, como por exemplo entre navios, que não podiam utilizar a tecnologia do telégrafo (com fios). Até hoje, em França, o rádio é chamado de “t.s.f” (telégrafo sem fios) – sendo usado, evidentemente, para ações interacionais muito diferentes a partir de invenções sociais (Mattos, Junior, & Jacks, 2012, p. 36-37).

No mundo contemporâneo podemos observar fenómenos como o Twitter (agora X), criado em 2006, que tinha um propósito definido, responder a uma pergunta simples “o que você está fazendo?”, com no máximo, 140 caracteres. Contudo, “também se desviou do seu uso original, tornando-se uma das plataformas mais populares [do mundo]”, (Sá & Holzbach, 2010, p. 154). Já o YouTube, criado em 2005, tinha como propósito a veiculação de vídeos domésticos.

Entretanto, a facilidade e poder de interação proporcionados pelas suas ferramentas foram tão intensos que, em pouco tempo, os usuários começaram a postar vídeos de instituições como produtoras de cinema e redes de televisão, fazendo eclodir uma série de discussões sobre direitos autorais e *copyright* no ambiente virtual (Sá & Holzbach, 2010, p. 153).

A clássica fidelização a um ou mais meios foi interrompida por essa mediatização, onde o receptor passeia com os seus contactos através do meio que lhe é conveniente fomentando a sua formação de conceito mediático.

Os consumidores destes bens estão a converter-se em produtores independentes, que desenvolvem a sua atividade de acordo com uma pauta que força as corporações a com eles negociar, ampliando a diversidade cultural e a influência das massas (Lopes & Kunsch, 2015, p. 34).

Essa gama de variedades de conteúdo permite a elaboração de novos textos e contextos que podem ser publicados nas mais diversas plataformas eletrónicas ou simplesmente desaguar numa roda de conversa.

Essa abordagem empírica que se observa no quotidiano da sociedade de massas, na sua formulação e reformulação de conteúdo, através de metaprocessos, tirou dos grandes conglomerados de comunicação o poder de mediar, agora atribuído ao indivíduo comum, empoderando-o e transformando-o em influenciador. O metaprocesso é um “processo meta da mediatização”, (Figueiras, 2017, pp. 118-119

apud Krotz F. 2014b, p. 74), assim, a mediatização como um metaprocesso é uma analogia com outros metaprocessos.

A ordem das imagens ou dos simulacros, onde importa mais a conexão do que o sentido, é de facto uma forma tecnológica de nominalismo⁴. Toda uma metafísica do conceito vê-se abalada pelos atos concretos da fala, transformada pela mediatização da vida social, pelo esgotamento de determinados modos clássicos de representação da realidade e pela potencialização dos efeitos perlocucionários cristalizáveis nos contextos (Sodré, 2002, p. 192).

A mediatização é concebida com ajustes históricos, assim, pode dizer-se que os cientistas sociais têm procurado acompanhar a velocidade das transformações sociotecnológicas, nesse intenso processo de mediação e conectividade global, como conceito nas suas interpretações e descobertas desse novo paradigma. Estes cientistas vêm-se num problema com reinício a cada nova plataforma de média social.

Assim, posicionamos as afirmações sobre a mediatização como a abertura de uma estrutura de pesquisa habilitadora e flexível, começando com suposições necessariamente não testadas, como a base da pesquisa, à qual pode ser anexada uma série de diferentes teorias com compromissos empíricos variados. (Peter Lunt e Livingstone, Sonia, 2016, p.8).

Não é simples separar o início e o fim de um pensamento, falamos do “contrafluxo”, uma necessidade de previsão da audição possível na composição da “fala” a ser posta em circulação: “no contrafluxo, passamos a produzir a partir das respostas que pretendemos, esperamos ou receamos”, (Mattos, Junior, & Jacks, 2012, p. 40 apud Braga, 2011, p.7).

Assim, o processo tecnologicamente iniciado, já não pertencem aos grandes meios, tal como a escrita não é exclusividade das redações ou editoras. Aquilo a que Soster, em Soster, 2013, pp. 1-2, vai chamar “terceira descontinuidade do jornalismo”.

Considerando que a invenção da rotativa, (1450), e a informatização, (1970), representam as duas descontinuidades anteriores. [...] O fenómeno da midiatização, ainda com fronteiras pouco delimitadas, representa a instituição de novas ambientações a partir de uma imersão sóciotecnológica profunda da sociedade.

⁴ Sistema filosófico segundo o qual as espécies, os géneros e as entidades só existem de nome (<https://dicionario.priberam.org/>).

Evidentemente, essa cultura mediatizada não surge de um dia para o outro, é um processo evolutivo em formação, neste caso, em avançado modo de aceleração.

É o que se observa na teoria de um quarto bios de Sodré (2002, p.11), baseada em Arist teles⁵, que apresenta um elemento mercadológico pronto a satisfazer as necessidades do investidor, em alguns casos comprometendo a qualidade do serviço oferecido. Onde a "ciberocracia", se rege pela mediatização, pela tendência   "virtualização" ou 'telerrealiza  o' das relações humanas.

Para Sodré (2002, p. 14) a "vida de negócios", a que o filósofo faz uma breve referência no mesmo texto, não constitui nenhum bios específico, por ser motivada por "alguma coisa mais" (entenda-se: mais do que o bem e a felicidade), apontada como "algo violento". Partindo-se da classificação aristotélica, a mediatização deve ser pensada como tecnologia de sociabilidade ou um novo bios, uma espécie de quarto âmbito existencial, onde predomina (muito pouco aristotelicamente) a esfera dos negócios, com uma qualificação cultural própria (a "tecnocultura").

Denominada como quarto bios, a teoria, ou bios mediático, de Sodré (2002, p.16) não é uma nova tese meramente acad mica, esta já se acha inscrita no imaginário contemporâneo sob forma de ficção escrita e cinematográfica. Ainda segundo Sodré (2002, p.186) essa teoria é o resultado da evolução dos meios e da sua progressiva interseção com formas de vida tradicionais.

O campo da m dia - linear (tradicional) e reticular (atual) incide sobre um outro modo de sistematização social, que é a realidade simulada, ou virtual.

O território dos m dia é o de um quarto bios existencial, o bios midiático, que tende a autonomizar-se das relações sociais imediatas por meio da abstração simulativa, assim como no passado recente e no presente esporádico, os líderes autoritários e os ditadores conseguem autonomizar-se frente às massas que os fizeram ascender ao poder, (Sodré, 2002, p. 182).

Logo, a reinvidicação da credibilidade não está no facto, mas na interpretação de quem a mediatiza, diluindo e decentralizando o campo gerador da comunicação direta, que está em profundo processo de modificação.

⁵ Aristóteles distingue, a exemplo do que já fizera Platão no Filebo, tr s g neros de existência (bios) na Polis: bios theoretikos (vida contemplativa), bios politikos (vida política) e bios apolaustikos (vida prazerosa, vida do corpo). Cada bios é, assim, um g nero qualificativo, um âmbito onde se desenrola a existência humana, determinado por Aristóteles a partir do Bem (to agathori) e da felicidade (eudaimonia) aspirados pela comunidade.

Este fenómeno não pode ser desprezado e a necessidade de compreender esta nova sociedade mediatizada urge, sem, contudo, contrapor meios digitais com os chamados média de massas, TV, rádio e imprensa escrita.

Isso corresponde a dizer que, numa sociedade em mediatização, não são “os meios”, ou “as tecnologias”, ou “as indústrias culturais” que produzem os processos – mas sim todos os participantes sociais, grupos *ad-hoc*, sujeitos e instituições que acionam tais processos e a forma como os acionam, (Mattos, Junior, & Jacks, 2012, p.50).

As experiências culturais das massas são a chave para quem se propõe a estudar esse fenómeno, estas precisam de ser levadas em consideração, onde a sociedade em mediatização constitui, nessa perspectiva, o caminho cultural onde os diversos processos sociais acontecem. Ela é uma ambiência, um novo modo de ser no mundo, como dissemos, que caracteriza a sociedade atual. As inter-relações recebem uma carga semântica que as coloca numa dimensão radicalmente nova, qualitativamente distinta em relação ao modo de estar na sociedade até então, (Gomes, 2016, p. 18).

Alguns autores defendem que “a cultura não é apenas uma prática ou a soma de costumes, mas um padrão de organização” (Correia, Vanzuita, Pereira, Peixe, & Pinheiro, 2017, p.10), assim “[...] significa tanto inventar quanto preservar; descontinuidade e prosseguimento; novidade e tradição; rotina e quebra de padrões; seguir as normas e transcendê-las” (Correia, Vanzuita, Pereira, Peixe, & Pinheiro, 2017, apud Bauman, 2012, p.18).

Essa cultura de massas que tem início, ainda tímido, entre os últimos anos do século XIX e o início da Primeira Grande Guerra Mundial, através, por exemplo, do aumento do número de pessoas alfabetizadas, melhorando assim as condições sociais e permitindo o acesso a novas tecnologias, fez surgir um novo pensamento social, em especial através dos meios de comunicação de massas, assim, revolucionando culturas.

Onde a cultura de massas teria impacto na sociedade ao produzir uma homogeneização dos indivíduos, esse comportamento ocorreria, pois, ao conseguirem atingir um número de pessoas muito maior, os meios de comunicação fazem a difusão de modelos planificados de cultura reproduzindo padrões homogêneos e não levando em consideração as diferentes possibilidades de configuração de gostos e identidades. O “público consumidor” é visto assim, como uma “massa” homogênea, (Poubel, S.d.).

A massificação da cultura elevou o senso crítico das pessoas em todos os seus extratos sociais, a indústria de massas tornou acessíveis esses conteúdos, promovendo

um desenvolvimento do conhecimento e ampliando o acesso a bens culturais, (Poubel, S.d. apud Walter Benjamin).

Também chamada de cultura pop, a cultura de massas que reúne um conjunto de ideologias, atitudes e informalidades, transformou a perspectiva do mundo, em particular o ocidente, a partir dos média sociais reavaliando o consumo, a religiosidade e os valores sociais, a partir da chamada cultura dos média.

Esse marco neologístico é a interconexão entre a cultura de massas e os meios de comunicação, em particular os contemporâneos. “O termo cultura das mídias assinala tanto as formas de produção da indústria cultural quanto seu modo de distribuição, ou seja, as tecnologias”, (Lima, 2009, p. 2, apud Kellner, 2001).

Um novo fenómeno surge a partir dos chamados média sociais, ou média de massas: a cibercultura, fruto da simbiose da comunicação de massas e os seus média.

Esse poder mediatizador é resultado de uma sociedade contemporânea, permeada por uma lógica cultural que não pode ser separada do seu processo evolutivo, (Alencar & Souza, 2021). Portanto, tais processos mostram uma dualidade na qual os vários formatos de média se tornam integrados nas práticas quotidianas de outras instituições sociais e esferas culturais, e ao mesmo tempo adquirem o *status* de uma instituição semi-independente em si mesma, (Hjarvard, 2014, p. 53).

Esse estágio avançado da indústria cultural “também tem a ver com o fetichismo tecnológico que, impulsionado pelo capital em sua mais recente fase de desenvolvimento, mais e mais se apodera da coletividade na era da cibercultura”, (Lopes & Kunsch, 2015, p. 46).

De modo que, não se pode deixar de registar que a cibercultura não substitui a cultura de massas, uma não sucede a outra, apenas se trespassam e se sobrepõem, constituindo tecidos culturais híbridos, ainda que se deva pontuar as diferenças para que se possa discutir e problematizar as suas implicações sociais e culturais, (Lima, 2009).

Essa polifonia insere o consumidor num novo patamar de interpelação com a produção de conteúdo, este novo nicho comunicacional criou os cibercidadãos, onde os e-leitores passam a ser também editores de conteúdo, num processo de total transformação da indústria cultural e de comunicação de massas. “Eis um exemplo de mediação comercialmente forte e uma mediação socialmente ainda em desvantagem”, (Mattos, Junior, & Jacks, 2012, p. 152).

As redes sociocolaborativas têm promovido uma revolução estridente em toda a sociedade, alterado panoramas governamentais e influenciando fortemente eleições pelo mundo, “a chamada ‘despolitização’ midiática ou tecnológica resulta, por sua vez, do enfraquecimento ético-político das antigas mediações e do fortalecimento da mediatização”, (Sodré, 2002, p. 21).

Esse alcance perpassa por diversos ensaios como o *e-mail*, o webjornalismo, o sistema financeiro informatizado, o comércio *on-line*, a medicina computadorizada, o voto digital, o GPS, as enciclopédias, dicionários e bibliotecas virtuais, teleconferências e programas de ensino mediados pela tecnologia. A participação ativa do *homo mediaticus*, do presencial ao virtual (e vice-versa), interliga-o sensorialmente através da tecnologia dos ambientes gerados por meios digitais como os ‘chat’s’, os blogues, o MSN, o Facebook, o Twitter e o YouTube, (Mattos, Junior, & Jacks, 2012).

Entretanto, essa miríade de conteúdo que transita no ciberespaço tem a sua convergência quando o indivíduo atribui valor ao verificado e define a sua adoção, publicitação e alargamento da sua dimensão. A complexidade das múltiplas escolhas a que é submetido constrói, involuntariamente, nesse indivíduo a consciência pública das suas obrigações e dos seus direitos.

Muitos desses indivíduos são definidos como “back channels uns dos outros”, (Figueiras, 2017, p. 106), causando uma queda nos níveis de concentração, à medida que a desinformação cresce, por exemplo, fruto de aparelhos televisivos ligados ao mesmo tempo em que os utilizadores estão a navegar na internet, a *twittar*, no Facebook, a enviar *e-mails* ou a jogar no *tablet*.

Esse conjunto de mudanças sociais é uma mistura complexa de factores económicos, legais, tecnológicos, políticos e culturais, que, todavia sendo esse um processo conduzido por indivíduos que diante de não poucas opções de informação, vê muitas vezes o seu comportamento social transformar-se numa autopromoção e ensimesmar-se, numa percepção de mundo subjetiva, que muitas vezes se sobressai a questões públicas e de exercício da cidadania.

Esse processo de mediatização recria novas formas de sociabilidade, possibilitando uma nova forma de pensar e de se posicionar numa sociedade em transformação, marcada pela liquidez das informações e das relações.

A mediatização está essencialmente ligada às novas tecnologias e às inovações promovidas por estas.

Hoje, a humanidade vive uma mudança de época, com a criação de um bios midiático que incide profundamente no tecido social. Surge uma nova ecologia comunicacional: um bios virtual. Mais do que uma tecno-interação, está surgindo, conforme já dito, um novo modo de ser no mundo, representado pela mediatização da sociedade, (Santos & Santos, 2019, p. 4, apud Gomes, 2017, p. 66).

As observações sobre mediatização são verificadas nas mudanças sociais e culturais, em particular no ocidente, contudo não é possível ignorar que outras partes do globo tenham testado este novo paradigma comunicacional com dinâmicas distintas, contudo com consequências semelhantes.

Esse processo desencadeia um dinamismo às vezes solitário, mas por vezes, coletivo de unidade de consciência, portanto, a contemporaneidade da mediatização é uma realidade desvelada e mais ampla do que a chamada comunicação industrial.

A mediatização abrange dois movimentos simultâneos e dialéticos. Por um lado, é fruto e consequência das relações, inter-relações, conexões e interconexões da utilização pela sociedade dos meios e instrumentos comunicacionais, potencializados pela tecnologia digital. Por outro, significa um novo ambiente social que incide profundamente nessas mesmas relações, inter-relações, conexões e interconexões que constroem a sociedade contemporânea, a sociedade em mediatização, o ser humano em mediatização. Isto, hoje, sublinhe-se, configura um novo modo de estar no mundo, (Gomes, 2016, p.18).

A mediatização é relevante para várias vertentes de estudos sociais e de comunicação, conectando-se a outros processos de pesquisa, revelando a sua importância para o entendimento do comportamento a partir de uma sociedade digital e cibercultural diversificada.

4.2 Organizações e mediatização – uma perspectiva comunicacional

O processo comunicacional é o instrumento que permite o enlace entre a organização e a mediatização. Assim, a comunicação em sociedade surge com a própria condição racional do ser humano, a necessidade de construir um raciocínio lógico com princípios basilares na interpretação dos factos, promovendo o que a academia vai chamar de mediatização. “O princípio da comunicação já estava dado antes dela pelo fato de o homem perceber outro homem no mundo, como parte do espetáculo”, (Ferreira, et al., 2018, p.297 apud Merleau-Ponty, 2007, p.85).

Este método, assim como a capacidade cognitiva humana, evoluiu e passou não mais a ser uma necessidade apenas relacional, mas também comercial, de entretenimento, religiosa e informacional. Essa integração estabelece uma nova cultura comunicacional, alcançando um número cada vez maior de pessoas, seja pelas primitivas pinturas rupestres, passando pela imprensa escrita até à tecnologia de massas através dos média sociais.

A partir do século XX, os média apresentam uma relevância crescente na própria organização da sociedade, quando percebemos incidências mútuas entre as instituições mediáticas e questões políticas, económicas, sociais, culturais e educacionais, (Ferreira, et al., 2018, p. 293).

Essa relevância vem ao longo das últimas décadas perdendo o seu protagonismo, seja pela dinâmica comunicacional dos novos média, seja pela oferta por vezes exageradas de determinadas notícias sem relevância, “o fim dessa sublime repetição temática produzida pela novelização noticiosa, só surja quando as audiências começam a diminuir numa tendência temporal consistente”, (Cardoso, 2022, p.129).

O processo comunicacional não pode e nem deve resumir-se num diálogo ou numa simples frase assentada numa parede no corredor de uma avenida. A sua complexidade entrelaça-se com signos interpretáveis segundo a cultura do receptor/descodificador da mensagem.

Um signo, ou representamen⁶, é aquilo que representa algo para alguém, em algum aspecto ou sentido. Dirige-se a alguém, quer dizer, cria na mente de uma pessoa um signo equivalente ou, talvez, um signo mais desenvolvido. Ao signo que é criado chamo interpretante do primeiro signo. O signo representa algo, seu objeto. Representa o objeto, não em todos os sentidos, mas em referência a um tipo de ideia, que em alguns casos havia chamado terreno (ground) da representação. (Ferreira, et al., 2018, p.167, apud PEIRCE, 1931-1966, p.228).

Este elemento comum a todos os indivíduos permite uma dinâmica de sociabilidade que estimula as atribuições comunicacionais, assim possibilitando um protagonismo da sua própria mediatização dos factos.

Essa convergência tecnológica da informação e facilidade ao acesso de dispositivos comunicacionais descomplexificaram a prática da geração de conteúdo, passando a ser um exercício particularizado, retirando o indivíduo da situação de passividade, e dando-lhe o protagonismo da geração de conteúdo num cenário antes improvável.

As novas tecnologias vêm pautando este novo cenário com opções diversas, relativizando o poder influenciador dos meios de massas, restringindo o seu destaque ascendente sobre o indivíduo.

Um conjunto de competências surgiu ao longo do tempo, caracterizando uma convergência de conhecimento, habilidades, atitudes, diversificando contactos, significando e resignificando valores e conceitos, (Borges & Oliveira, 2011, p. 321).

Estas competências são dinâmicas e diversas, permitindo particularidades características de cada indivíduo onde o mesmo ato comunicacional possa ter um efeito por vezes coletivo, distinto ou singular.

Assim, é preciso reconhecer que nenhuma lista de componentes de competências infocomunicacionais está completa, nem é possível reduzi-la a um número finito de estágios lineares, porque nenhum modelo específico será apropriado para todas as pessoas, ou para a mesma pessoa em momentos diferentes da sua vida, (Borges & Oliveira, 2011, p. 307, apud Bawden, 2008).

O conceito infocomunicacional⁷, seja individual ou de grupos/organizações, surge para definir o comportamento contemporâneo da sociedade nas articulações das práticas

⁶ Segundo Peirce, "um signo, ou representamen, é algo que, sob certo aspecto ou de algum modo, representa alguma coisa para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente ou talvez um signo melhor desenvolvido". (S.a., 2021).

⁷ Sobre a origem do termo Comportamento Infocomunicacional, mesmo encontrando na literatura científica internacional expressões, por exemplo, em língua inglesa como *infocommunication* ou *info-communication*, *digital social behavior*, *information behavior*, ou em língua francesa como *médiations info-communicationnelles*, *pratiques info-communicationnelles*, *activités info-communicationnelles*,

comunicacionais, seja nas relações, socialização, lideranças, poder ou metaprocessos de aprendizagem, motivação ou tomada de decisões, (Costa & Ramalho, 2019, p. 134).

Todo o conhecimento aferido implica e promove novas relações, dinamizando hábitos e criando profundas alterações no comportamento comunicacional, propondo novas formas de se comunicar numa postura multirreferencial.

Essa competência comunicacional proporciona ao sujeito, em relação aos chamados ‘mídia de massas’ a não ser apenas um “mero objeto da ação empreendida pelas instâncias emissoras”, (CALONEGO, 2018, p. 32, apud BARROS, 2012, p. 87), mas produtor do seu próprio conteúdo através do acesso aos média.

Mas não se pode ignorar que a comunicacionabilidade do indivíduo não se resume às novas tecnologias, um modo silencioso pode ser observado a partir da leitura de um jornal, um artigo, ou um livro. Essa não externalidade de comportamento está diretamente associada aos contextos culturais e cognitivos.

Assim, os sujeitos integrantes do processo comunicacional, como alguns propõem, disputam e internalizam sentidos; como forças ativas, reativas, organizadoras, desorganizadoras, complementares e/ou antagónicas, tensionam-se e exercem-se para direcionar a significação que objetivam (consciente ou inconscientemente), ver internalizada pela outra força relacionada, (Calonego, 2018, p.65, apud Baldissera, 2008, p.167).

O processo comunicacional pode, por exemplo, ser observado pela antropologização⁸ comunicativa, que se revela numa simbiose interessante, enquanto a antropologia procura uma identidade circunscrita, a comunicação procura uma autonomia exclusiva. Os meios de comunicação de massas são fontes permanentes de interpretação desse fenómeno de pesquisa e reflexão. A partir da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), podemos constatar que ambos se encontram e se completam na captura, por parte da primeira, do “objeto” constituído da segunda; e na captura, por parte da segunda, dos métodos tradicionais da primeira. Estes cruzamentos aparentemente têm-se realizado sem, no entanto, originar discussões sobre as suas condições de operacionalização e reflexões sobre a natureza de um possível diálogo – às

atribuímos a origem e a difusão da nomenclatura de comportamento infocomunicacional, em língua portuguesa às pesquisas e às publicações lusitanas, de modo particular, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro, através da investigação, do desenvolvimento e da inovação do Programa Interinstitucional de Doutoramento em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais (ICPD) sob a responsabilidade das duas instituições. (Costa & Ramalho, 2019, p. 139).

⁸ (Ferreira, et al., 2018, p. 74).

vezes, resumindo-se a uma apropriação de um sobre os “domínios” do outro, (JÚNIOR, 2003, p.1409).

A expansão da chamada TIC trouxe consigo a exigência de um esforço comunicacional, seja singular ou coletivo. Esse dispositivo sóciotecnológico interage comigo, consigo, conosco, alterando por vezes a microsociologia, promovendo uma nova linguagem e um novo comportamento cultural, numa espécie de roda sem travões.

Os média interativos permitem que o indivíduo se comunique e aja além do espaço social imediato e das suas obrigações, mas os média também criam novas formas de dependência devido ao aumento de integração e da presença de exigências institucionalizadas do local de trabalho, do mercado e do Estado, (Necchi, 2016, apud Stig Hajvard).

Esse novo espaço social tem sido ocupado pelas mais diversas organizações que procuram interagir com determinados grupos alvo, numa perspectiva de discurso homogêneo, atingindo assim o maior número de pessoas numa sociedade, mediatizando o conteúdo produzido e garantindo um alinhamento de valores da sua marca.

Todo esse esforço tem o propósito de influenciar o comportamento social, designado como “*ethos* mediatizado”, (Sodré, 2002, p.39). Onde, uma nova ordem a partir dos anos de 1990 se apresenta dinamizando intervenções no dia-a-dia da sociedade. A comunicação digital tem contribuído de maneira decisiva e acelerada tornando-se um divisor de águas no modo de pensar, falar, e agir desses protagonistas sociais.

Portanto, o mundo académico denominou como cibercultura esse comportamento digital que tem levado ao agenciamento comunicacional, seja de organização pública ou privada, expressando assim, um conjunto de ofertas cognitivas, exortando o indivíduo a promover, voluntário ou não, uma troca de informações de interesse dúbio. Assim, na modernidade, cria-se uma tecnocultura como um fenómeno técnico expandindo-se para todos os domínios da vida social, cuja preocupação principal é “procurar em todas as coisas o método absolutamente mais eficiente” (Mattos, Junior, & Jacks, 2012, p.153 apud Lemos, 2004, p.50).

Esse fenómeno comunicacional tem ocupado espaços cada vez mais relevantes no seio social, reconfigurando práticas de comportamento comercial, relacional, religioso e pessoal.

Os média de massas mais tradicionais foram os que mais perderam relevância diante desse novo momento interativo, o que facilitou a apropriação de conteúdo por parte do que no passado era apenas um sujeito passivo diante da informação gerada.

Entretanto, nem todos os pensadores da comunicação seguem o raciocínio de que o protagonismo da geração de conteúdo está nas mãos do indivíduo, (Lemos, 2004), traz uma provocação sobre o assunto:

Vemos aqui o caráter ideológico e economicista da cibercultura. [...] Isto pode nos levar a algumas conclusões importantes: 1. a disseminação de instrumentos de informação não necessariamente melhoram a performance comunicativa; 2. não há determinismo técnico nesse sentido, e o controlo sobre o quotidiano, tendo o telemóvel como um controlo remoto da vida, não garante a construção de uma sociedade de comunicação aberta, melhor ou em direção ao entendimento; 3. O determinismo tecnológico deve ser aqui rechaçado e as máscaras da ideologia reveladas. A era da conexão não é necessariamente uma era da “comunicação”.

O determinismo tecnológico rechaçado por Lemos, (Lemos, 2004), encontra-se amparado por Simões, “é certo que a tecnologia determina o caminho, cabe depois aos actores criarem os mecanismos institucionais adequados às novas tecnologias”, (Simões, 1996, p. 2).

O enriquecimento do processo comunicacional observado no quotidiano é por Lemos, (2004) denominado como “era da conexão”, caracterizada pela cultura da mobilidade e não necessariamente da comunicação propositiva, é tão somente uma aproximação do que foi a “forma social dos primeiros agrupamentos humanos. [...] O que é uma radicalização do processo de globalização que se inicia com as grandes navegações do século XVI”.

A percepção é corroborada por Ferreira, em Ferreira, et al., 2018, p.249, apud Spadaro, na medida em que os média sociais não são um conjunto de expressões de atitudes individuais; onde para ele, todas as plataformas de redes sociais são uma ajuda em potencial às relações, mas também uma ameaça. A problemática consiste no facto de que a conexão e a partilha na rede não se identificam com o “encontro”, que é uma experiência muito desafiadora a nível de relacionamento⁹.

⁹ Antônio Spadaro, jesuíta, diretor da Revista Civiltà Cattolica, de Roma, em palestra no Seminário sobre Mídia e Religião, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, em 2012. Os resultados foram publicados em ve-book: VV. AA. Mídias e religiões: a comunicação e a fé em sociedades em midiatização. São Leopoldo: Casa Leiria, 2013.

O envolvimento do indivíduo pelos média sociais é uma realidade incontestável, onde muitas vezes, os média capitaneados por grandes empresas têm gerado um número expressivo de consumidores ou comportamentos em manada, também conhecido por Efeito Adesão¹⁰, ou ainda Efeito de Bandwagon¹¹, levando-o a comprar ou portar-se de acordo com a informação sugerida, ignorando muitas vezes os seus valores e credo.

Ainda que o indivíduo possa mediatizar o conteúdo proposto, este termina por ceder essa prerrogativa por uma questão de petença a um grupo.

Os média tecnológicos influenciam e mudam comportamentos, seja essa influência patrocinada por grandes corporações ou por anónimos que postam um conteúdo sem grandes pretensões e vêm-se expostos para fora da sua bolha e rotina de forma repentina e inesperada. Na modernidade, criou-se uma tecnocultura como um fenómeno que se expande para todos os domínios da vida social, cuja preocupação principal é “procurar em todas as coisas o método absolutamente mais eficiente”, (Mattos, Junior, & Jacks, 2012, p.153, apud Lemos, 2004, p.50).

A mediatização da sociedade moderna apresenta um novo eticismo, trazendo consigo uma nova ordem que por sua vez lança luzes nessa requalificação cultural. Essa nova sociedade não é homogênea, ainda que aparente um padrão próximo da uniformidade, é totalmente divergente em si com modelo de comportamento que individualiza o indivíduo.

A multiplicidade dessa sociedade moderna e o seu processo de produção e propagação cultural através de uma indústria variante traz uma perspectiva do campo comunicacional onde o “eu” procura ser o centro das atenções.

Essa multiplicidade traz consigo uma provocação, a qual, por vezes implícita, que questiona o sentido da existência pessoal e a sua sociabilidade. Num olhar mais apurado a essas novas experiências tecnológicas percebe-se um vazio numa grande quantidade de informação.

Desta forma “o estudo da mediação deve, assim, ser encarado como um produto da interpretação sociológica, mas fazendo recurso de métodos e conceitos da antropologia social, da história, da psicologia social e da semiótica social, numa perspectiva de

¹⁰ É um fenómeno psicológico que consiste na tendência de fazer ou crer em algo porque um grande número de pessoas o faz. Esse viés pode nos fazer tomar decisões irrefletidas, com base no comportamento da maioria. É sinónimo de “comportamento de manada”. (Melo, 2017)

¹¹ O Efeito *Bandwagon* é a tendência de conformidade que os indivíduos têm, para se alinhar com a maioria ou de aceitar a influência de seus pares. (Pesquisa, 2018)

abordagem da mediação como comunicação total”, (Cardoso, 2022, p.10, apud Oliveira, 2017; Eco, 2018d; Van Leeuwen, 2005; Silverstone, 2005).

Essa antropologia social a que se referem os autores citados promoveu uma revolução comunicacional provada pela velocidade da tecnologia, que não apenas deu ao indivíduo o poder de escolher o que quer ler, ver, ouvir ou publicitar, mas também o sobrecarregou de informação. Essa asfixia provocada pela fragmentação foi estudada por especialistas da Universidade de Berna, na Suíça, que participaram na Mostra da Comunicação de Berna, em 2012. Segundo o estudo, um ser humano tem a capacidade máxima de ler 350 páginas por dia. Já a média de informações que se recebe todos dias por meios tecnológicos é equivalente a bilhões de livros (Monteiro, 2018).

A tecnologia da informação é uma biblioteca de pedacinhos de fragmentos sem algo que os una e os transforme em sabedoria e conhecimento. Isto destrói certas capacidades psicológicas, como a atenção, concentração, consistência e o chamado pensamento linear, quando estudamos um assunto de forma consistente até que este se esgote, (Monteiro, 2018, apud Zygmunt Bauman).

Essa realidade tecnológica fez surgir uma nova forma de migração, os nômadas digitais¹², uma migração tanto física como virtual. Essa “desterritorialização”, (Guattari, 2004), virtual leva o indivíduo a reterritorializar-se noutro serviço digital, num ciclo sem fim.

O grande número de informação, gerado por organizações ou não, transforma o consumidor desses conteúdos em pequenos editores que geram as suas próprias informações alimentando a sua ‘bolha’ de relacionamento num processo comunicacional mediatizado.

¹² São retratados como jovens profissionais que trabalham exclusivamente em um ambiente *on-line*, enquanto levam um estilo de vida independente de local e muitas vezes dependente de viagens, onde as fronteiras entre trabalho, lazer e viagens parecem borradas. [...] visam criar um estilo de vida holístico caracterizado pela liberdade abrangente, onde ambas as áreas da vida são consideradas igualmente agradáveis e o fazem através da liberdade profissional, espacial e pessoal. [...] percebem o trabalho não como uma obrigação imposta, mas o consideram – assim como suas atividades de lazer – como intrinsecamente motivados e gratificantes, (Reichenberger, 2017).

4.3 Mediatização, cultura e sociedade contemporânea

Como já foi visto, a mediatização não é um fenómeno novo, esta estabelece-se de maneira definitiva e contundente com o advento tecnológico, onde o diálogo a partir de uma plataforma digital, passa a ser fonte constante na troca de informações subversiva ao *status quo* das chamadas indústrias culturais e de informação. “A apropriação tecnológica, como os sentidos decorrentes dessa apropriação, constitui novas fontes de conhecimento para a construção da realidade, a qual passa a reconfigurar as identidades culturais, as relações locais, como o próprio modo de reivindicar dos sujeitos e coletivos sociais”, (Mattos, Junior, & Jacks, 2012, p. 199).

Krotz¹³ considera a midiatização como um processo civilizacional que não se restringe à fase moderna, mas que se inicia com a ascensão da mídia relacionada à escrita em civilizações mais antigas. Krotz não especifica uma definição mais precisa de midiatização já que “midiatização, por sua própria definição, está sempre relacionada ao tempo e ao contexto cultural”, (Hjarvard, 2014, p.31, apud Krotz, 2007b: 39).

Essa sociedade da informação, personificada pelo advento dos média sociais, “não é um fenómeno recente; haja vista que ela existe desde pelo menos o surgimento da imprensa e a produção em massa de material escrito”, (Soster, 2013, p. 4). No entanto é com o surgimento da linguagem digital que esta se transforma em média. Assim fundamentam-se em relações interdependentes – e ecológicas – entre tecnologias, as novas formas de conhecimento científico, os saberes tradicionais da cultura, as formações imaginárias da vida e a apropriação e reconstrução subjetiva que realizam os indivíduos e as comunidades nas suas práticas quotidianas, (Mattos, Junior, & Jacks, 2012, p. 199, apud Vizer, 2008, p. 33).

Isto tem promovido um novo movimento de influência na cultura contemporânea, seja no consumo, nos valores morais ou nos relacionamentos. Esta mediatização sociabilizada tem modulado comportamentos a partir de um diálogo por vezes fastidioso.

O esforço social para antecipar os factos futuros foi definindo como presentismo, “este regime surge quando o futuro ‘começou’ a dar terreno ao presente, que cada vez mais levaria seu lugar, até pouco depois parece ocupar tudo por completo. Assim

¹³ Dr. Friedrich Krotz, (1950, professor pesquisador com foco em comunicação social e pesquisa em midiatização na Universidade de Bremen, Alemanha. (Bremen, 2022).

começou um tempo em que prevaleceria o ponto de vista do presente: precisamente o do presentismo¹⁴”.¹⁵(Ferreira, et al., 2018, p.109, apud François Hartog, 2007, p.135).

Essa “apologia do instante” (Saar, 2019), surge de forma incisiva com o novo momento tecnológico, trazendo a reboque um novo regime de mediatização, provando um novo momento nas causas sociais e culturais e causando esse presenteísmo através da dinâmica de produção e publicitação de conteúdo.

Esta produção e publicitação geram de facto um sentimento de onipresença, em que o sujeito tem a percepção de estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Essa onipresença virtual também é capaz de criar uma sensação de pertença a nível global, que associada à capacidade de adaptação da cultura digital, impulsiona os sujeitos a conhecer mais e mais sobre a rede e também, sobre as formas de permanecer conectado à mesma, (Dias, Gomes, & Coelho, 2018, p. 147).

Todo o processo desta nova aculturação sobrepõe-se aos pilares basilares de uma sociedade estabilizada, onde a informação gerada estava sempre do outro lado da transmissão e o indivíduo nada mais era do que um propagador de um facto gerado, às vezes com dias de diferença entre a geração e a sua recepção e reverberação.

Ao expor algo, uma quase necessidade do ser humano moderno, onde o passado é fugaz e o futuro é o agora, patrocinado pelos media sociais, acaba por obrigar uma parcela significativa da sociedade a ver-se por uma lente padronizada e produzida pela indústria cultural, mediada por processos informativos e de entretenimento, com propósitos definidos.

Jesús Martín-Barbero vem assinalar, nos anos 1980, uma mediação fundamental entre a sociedade e as proposições dos média de massas: a inserção cultural do receptor. Sua formulação, hoje antológica, aciona um deslocamento do foco de atenção, no estudo das comunicações massivas: “dos meios às mediações”. (Mattos, Junior, & Jacks, 2012, p. 32-33).

O surgimento desse meio social, em formato de indústria de entretenimento, trouxe um estranhamento sociocultural, onde o processo de informação se tornou alheio a essa indústria que assistiu, quase que em estado de torpor, ao início do fim do seu monopólio

¹⁴ [...] este régimen aparece cuando el futuro “empezó a ceder terreno al presente, que tomaría cada vez más su lugar, hasta poco después parecer ocuparlo todo por completo. Daba inicio así a un tiempo en el que prevalecería el punto de vista del presente: justamente el del presentismo.” (<https://translate.google.com/>).

¹⁵ Prática que consiste em estar presente no local de trabalho, por vezes, mais horas do que o necessário ou do que o que está contratualizado, mas sem produtividade correspondente. = Presentismo. (<https://dicionario.priberam.org/>).

comunicacional e ao mesmo tempo, se viu pautada por um novo modelo comunicacional.

Este novo modelo comunicacional, refere-se a um sistema de média onde a interactividade forma o seu modelo organizacional, que oferece dois nós, o primeiro centrado na televisão, onde o receptor tem um papel praticamente passivo, o outro é a Internet, onde a interatividade é uma realidade exigida dos média sociais. Assim “a acção de qualquer forma de tecnologia, como os média, não pode ser considerada fora da cultura e por isso interage com a cultura, que a recebe e a modifica desde o seu nascimento”, (Cardoso, 2009, p.14, apud Fornas, 2007).

A esse movimento transitório de inovações tecnológicas e transformações socioculturais, Santaella¹⁶ vai chamar “cultura dos média”, uma cultura intermediária entre a chamada cultura de massas e a cibercultura.

Contudo, é importante ressaltar que uma não sucede a outra, mas sim trespassam-se e sobrepõem-se, constituindo tecidos culturais híbridos, ainda que se deva pontuar diferenças para que se possa discutir e problematizar as suas implicações sociais e culturais (Lima, 2009, p. 2).

Essa transição referida acima consegue uma interconexão entre cultura e meios de comunicação, sejam eles estáticos ou interativos, a ponto de influenciar comportamentos e padrões característicos de uma sociedade.

Esta alteração de padrões tem levado a cultura de publicização, desenvolvendo uma cultura narcisista¹⁷ de visibilidade total.

Embalada por mais de cinco mil milhões de usuários de telemóveis¹⁸, esta marca narcisista pós-moderna diminui a ideia de sociedade a ‘like’ de imagens publicadas. “A partir das novas tecnologias digitais, as redes sociais adquiriram destaque no quotidiano contemporâneo, influenciando a cultura atual”, (Betina Lejdermana, 2020, p. 58). Nunca

¹⁶ Lucia Santaella, (1944), é professora titular na pós-graduação em comunicação e semiótica e coordenadora da pós-graduação em tecnologias da inteligência e *design* digital da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. (RACHID, 2021)

¹⁷ Narciso, da Mitologia Grega, era um jovem de incrível beleza. Porém, por muitas que fossem as mulheres a se apaixonarem por ele, ele rapidamente se dizia incapaz de amar qualquer uma delas. Até que um dia, farta de todas essas rejeições contínuas, uma dada jovem - ou seria ela, na verdade, uma ninfa? - lhe desejou que este se viesse a apaixonar por si próprio. E, por intervenção divina, assim veio mesmo a acontecer - um dado dia, enquanto bebia água de um pequeno ribeiro, este herói olhou para a sua imagem refletida nas águas, estacou por um breve momento, e... vendo esse seu próprio reflexo, apaixonou-se pela figura de si próprio. Completamente apaixonado, este herói foi então incapaz de afastar o olhar dessa imagem por um só segundo que fosse, deixou-se ficar nesse local durante horas, dias, semanas... até falecer de fome e de cansaço, mas num "júbilo" constante de se amar a si próprio. (<https://www.mitologia.pt/>, 2020).

¹⁸ <https://www.internetworldstats.com/stats.htm>

a sociedade esteve tão conectada, nunca a sociedade foi tão adaptável, nunca a sociedade se mostrou tanto ao outro, nunca a sociedade esteve tanto tempo só.

A atualidade, também denominada de pós-modernidade, revela o predomínio de características narcisistas, em que sobressai a diluição das diferenças culturais, de género e de gerações, um incentivo ao consumismo e ao culto ao corpo. Há também o predomínio do uso da imagem e da ação ao invés da reflexão para lidar com ansiedades e incertezas da vida real, (Betina Lejdermana, 2020, p.57).

Essa solidão proporcionada pelo excesso de exposição mediatizada em si, tem levado os entes sociais a interpretar conteúdos gerados através das centenas de aplicações móveis, segundo os seus padrões de percepção e valores, e não como de facto são noticiados. Essa frágil linha divide a vida contemporânea da narcisista.

A mediatização promovida de maneira individual ou coletiva, termina por mascarar um comportamento descartável, agravando o narcisismo.

A indiferença com o outro tem levado o ensimesmamento quase generalizado, transformando-se numa sociedade ansiosa por recompensas instantâneas e sem limites, ignorando a informação produzida, para viver o seu próprio conteúdo numa busca de aceitação coletiva. Um dos ambientes mais propícios para mascarar esse transtorno são os média sociais, que contém diversas manifestações de ego inflado e redução de outras pessoas para aumentar sua superioridade, (Abreu, 2022).

Observa-se uma sociedade mediatizada, que valoriza a cultural digital muito mais do que lutas económicas e industriais, onde o indivíduo procura a igualdade publicizando conteúdo egocentrista e em que o parecer é mais do que o ser.

A ideia de uma sociedade líquida defendida por Bauman, (Bauman, 2001)¹⁹, ajuda a entender essa fluidez de conteúdo e interactividade focada nos processos comunicacionais presentes, em especial na internet.

Esse indivíduo pós-moderno que celebra a mobilidade comunicacional numa inter-relação com representantes de vários sistemas culturais, acaba por se identificar com todos sem, contudo, fazer parte de nenhum. Essa miscelânea de significados e significação social produz uma cultura líquida, maleável e mutante.

¹⁹ O conceito de modernidade líquida foi desenvolvido pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman e diz respeito a uma nova época em que as relações sociais, económicas e de produção são frágeis, fugazes e maleáveis, como os líquidos. O conceito opõe-se, na obra de Bauman, ao conceito de modernidade sólida, quando as relações eram solidamente estabelecidas, tendendo a serem mais fortes e duradouras. (Porfírio, S.d.).

Ao considerar a questão da construção da identidade contemporânea, Martín-Barbero discorre sobre a “multiplicação dos referentes” que, de acordo com o autor, “surge na esteira das transformações mediáticas e tecnológicas”, (Stasiak & Barichello, 2007, p.114), e continua, “o processo de multiplicação de referentes levaria à fragmentação dos sistemas e do próprio indivíduo, que viveria uma integração parcial e incerta das diversas dimensões que o conformam como a escola, a família, a igreja, etc”.

Este novo modo de comunicar proporcionado por essa revolução tecnológica social, desenvolveu uma nova identidade baseada na mediatização do ‘euxclusivo’ e este tem a capacidade de influenciar, transformar e inovar culturas a partir de um posicionamento nos média sociais.

O redesenhar das subjetividades, das identidades e da cultura, pode ser percebido sobretudo nos modos de comunicação. As programações presentes nos média refletem uma sociedade que revalida alguns paradigmas, ao mesmo tempo em que se desfaz de outros, (Stasiak & Barichello, 2007, p.116).

Essas múltiplas culturas dentro de uma temporalidade procuram correspondências e identidades entre emissão e recepção, às vezes difusas, mas diante de uma estrutura e uma lógica mediática que dá sustentação à consciência e à construção de identidades do indivíduo e de grupos. A mediatização vai além dos média na sua dimensão técnica. Ela espalha-se e entranha-se na estrutura social e na constituição de uma sociedade contemporânea.

É o que se pode observar no “*ethos* midiático”, “uma outra modalidade de representação, que supõe um outro espaço-tempo social (imaterialmente ancorado na velocidade do fluxo eletrônico), um novo modo de auto-representação social e, por certo, um novo regime de visibilidade pública”. (Sodré, 2002, p. 8).

Esse *Ethos* ou quarto bios da existência humana, (Calazans, 2016, p.3), “é a consciência atuante e objetivada de um grupo social - onde se manifesta a compreensão histórica do sentido da existência, onde têm lugar as interpretações simbólicas do mundo - e, portanto, a instância de regulação das identidades individuais e coletivas”. (Sodré, 2002, p. 30).

Essa consciência coletiva da sociedade contemporânea estriba-se numa lógica mediatizada que constrói ou destrói a identidade do indivíduo ou de grupos com a sua estrutura cultural mediática. A nossa ideia de um quarto bios ou uma nova forma de vida não é meramente acadêmica, uma vez que já se encontra inscrita no imaginário

contemporâneo sob forma de ficções escritas e cinematográficas. Tal é, por exemplo, a base narrativa do filme norte-americano “O Show de Truman”²⁰, em que a personagem principal vive numa comunidade, (Sodré, 2002, p. 14).

Esse complexo fenómeno de espetacularização do “eu”, e do outro, que por muito tempo foi um privilégio dos grandes centros urbanos, detentores de bens culturais e tecnológicos numa troca subjetiva de conteúdo, interiorizou-se com o advento da socialização e universalização de internet. Hoje a necessidade de validação aplica-se em todo o território terrestre, desde uma megalópole até uma pequena vila de meia dúzia de pessoas num canto do Brasil.

Essa velocidade na exposição mediática faz com que a intimidade deixe de ter valores pessoais para se tornar um produto público, deslegitimando uma identidade personificada para tornar-se uma identidade coletiva sem domínio do próprio eu, por um claro objetivo mediático.

A professora da universidade prudentina Nove de Julho, no Brasil, especializada em marketing, comunicação, cultura e meios de comunicação, Cíntia Dal Bello em análise ao livro ‘O show do eu. A intimidade como espetáculo’, da ensaísta e pesquisadora argentina Paula Sibilia, titular da Universidade Federal Fluminense em Niterói-RJ, Brasil, argumenta que “a novelização da vida real e o desnudamento da intimidade na proliferação de imagens do eu (em *blogs*, *fotologs*, *videologs* e perfis em comunidades virtuais de relacionamento) reverberam a crise das categorias de verdade e ficção: o que há de encenação no eu que confessa ser ele mesmo? Sibilia não perde de vista o caráter ficcional, multifacetado e intersubjetivo”, (Bello, 2008, p.171).

A mediatização, atravessa a mídia e espalha-se na sociedade numa cultura de *feed* mediático. Essas realidades criadas têm ocupado cada vez mais uma hegemonia, constituindo um novo comportamento social.

Essas mediações culturais e transculturais ocorrem numa rotina contemporânea, estruturando e reestruturando esse conjunto de conhecimento adquirido através de um processo de mediatização.

²⁰ Filme dirigido pelo norte-americano Peter Weir, que mostra o alto grau de espetacularização da sociedade contemporânea. (Mattos, Junior, & Jacks, 2012, p. 274). Truman Burbank (Jim Carrey) é um pacato vendedor de seguros que leva uma vida simples com sua esposa Meryl Burbank (Laura Linney). Porém algumas coisas ao seu redor fazem com que ele passe a estranhar sua cidade, seus supostos amigos e até sua mulher. Após conhecer a misteriosa Lauren (Natascha McElhone), ele fica intrigado e acaba descobrindo que toda sua vida foi monitorada por câmeras e transmitida em rede nacional. <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-18671/>

Assim, o complexo de enigmas e contrapontos que constituem a ocidentalização do mundo, tanto quanto a orientalização, a africanização e a indigenização. É esse complexo enigma que desenvolve e multiplica os processos socioculturais, económicos e políticos que conformam a transculturação manifesta em todas as partes do mundo. Esse é o complexo de enigmas e contrapontos que desenvolve as identidades e alteridades, assim como as diversidades e desigualdades que configuram a pluralidade, (Mattos, Junior, & Jacks, 2012, p.84 paud IANNI, 2000b, p.105).

Essa mundanidade transcultural exige cada vez mais uma compreensão dos diferentes papéis que a sociedade contemporânea vive e o seu desenvolvimento cultural a partir do etnocentrismo individual como conceito de cultura personalizada, “precisamos começar a dar mais atenção ao trabalho que está sendo feito com referência ao "conceito de cultura" em diferentes contextos”²¹, (Martin, 2018).

É evidente que o conceito de cultura não pode ser limitado à dicotomia *software* e *hardware* dos média sociais. O ciberduvidas.iscte-iul.pt assim define cultura:

“Sistema de valores, conhecimentos, técnicas e artefactos, de padrões de comportamentos e atitudes que caracteriza uma determinada sociedade. [...] Conjunto de costumes, práticas, comportamentos que são adquiridos e transmitidos socialmente de geração em geração: ‘cultura asteca’, ‘cultura inca’, ‘cultura greco-latina’, ‘cultura latino-americana’, ‘cultura ocidental’. [...] Património literário, artístico e científico de um grupo social, de um povo”, (Marta, 2010).

Assim como o conceito de sociedade é definido pelo ciberduvidas.iscte-iul.pt como um:

“Conjunto dos cidadãos, unidos pela consciência dos seus direitos e deveres cívicos. [...] como [um] conjunto de associações e interações entre os cidadãos organizados segundo valores ou ideias ou interesses, relativos aos vários aspectos da vida social (económicos, políticos, religiosos, de trabalho etc.) e p. opos. à ação universalista do Estado”, (Marinheiro, 2012).

Entretanto, não se pode ignorar que se vive hoje numa cibersociedade, (Lahis Pasquali Kurtz, 2016, p. 133). Em Portugal mais de 80% dos domicílios são atendidos por sinal de internet²², enquanto no Brasil o número é superior a 90%²³, essas

²¹ Nous devons commencer à faire plus attention au travail qui est fait en référence au “concept de culture” dans différents contextes. (<https://translate.google.com/>).

²²[https://www.pordata.pt/municipios/agregados+domesticos+privados+com+computador++com+ligacao+a+internet+e+com+ligacao+a+internet+atraves+de+banda+larga+\(percentagem\)-797-5553](https://www.pordata.pt/municipios/agregados+domesticos+privados+com+computador++com+ligacao+a+internet+e+com+ligacao+a+internet+atraves+de+banda+larga+(percentagem)-797-5553)

informações levam a uma conclusão incontestável, que a Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), exerce uma enorme influência interacional na sociedade, mudando comportamentos, valores e cultura.

Atraiu a nossa atenção o que foi dito sobre uma tendência à maior participação das pessoas, que passam a poder criar conteúdo informativo, rumo a uma organização mais democrática, em alguma medida, dos espaços públicos, (Lahis Pasquali Kurtz, 2016, p. 133-134, apud LEMOS, 2008, p. 83). Se o povo já não é visto como um bloco único, passível de expressar uma vontade geral, como concebido no modelo de gestão da modernidade, nessa nova cultura, (a cibercultura), a sociedade é vista como um processo em que um conjunto de elementos age em sinergia. Esse modelo reconhece que a sociedade não é uma massa que pode ser enformada em determinado projeto político e que a partir do uso de tecnologias toma consciência da falta de uma unidade, mas ao mesmo tempo percebe-se dentro de uma unicidade, de uma cultura que influencia.

A adaptação da cultura a essa realidade do fenômeno digital através da TIC, com uma intensa comunicabilidade interacional a partir da percepção do universal, trazendo para o pessoal e influenciando o geral, num contexto que se renova, numa característica multifacetada propiciando as condições ideais para a cultura digital, ou tecnocultural.

Essa efervescência multicultural influencia e é influenciada pelo comportamento social num percurso de mão dupla e mutabilidade numa ‘sinergia tecnossocial’, (Dias, Gomes, & Coelho, 2018, p.146, apud Lemos 2013). Sendo essa capacidade reoterizada pelos chamados nativos digitais, (Dias, Gomes, & Coelho, 2018, p. 146, apud COELHO, 2012), numa relação em simbiose entre esses e as ferramentas em constante transformação.

Essa nova forma de relação social potencializa essa mediatização social, “a mídia pode, certamente, não ter sempre a principal influência nessas situações de sobreposição, mas o ponto-chave é que a mistura de lógicas institucionais oferece solo fértil para a mudança social e cultural”, (Hjarvard, 2014, p. 37).

Todas essas possíveis mudanças não significam necessariamente uma rutura ou até mesmo uma transição para um outro regime, mas a manutenção do enquadramento presente numa capacidade adaptativa ao processo comunicacional, a partir de uma linguagem digital e através da força da socialização mediada pela tecnologia.

4.4 Semântica e a semiose na mediatização

Esta tese não tem a pretensão de esgotar o assunto, até porque o tema é complexo e tem ocupado especial atenção nas diversas disciplinas das mais variadas tendências intelectuais. A sua composição multidisciplinar envolve fundamentos e contribuições de outras ciências, (TEMER & NERY, 2014, p.6).

A intenção é apresentar um panorama com alguns teóricos que ajudaram a construir o que a academia conhece hoje por semântica e semiótica.

No que concerne à teoria da comunicação, o principal efeito secundário da comunicação com o mundo é que ela parece deslocar o problema da estranheza e da incomunicação para a comunicação com outrem.

Assim, as elocuções que proferimos quando comunicamos são uma ação intencional com um conteúdo semântico. É a compreensão que, enquanto comunicantes, temos desse conteúdo que deve ser explicada pela semântica, sob a rubrica: “teoria geral do significado”. Isto articula pragmática e semântica e torna a segunda, não a teoria da comunicação verbal que desejamos vir a ter, mas uma componente essencial dessa teoria, (Santos & Correia, 2004, p. 113).

Ao longo do último século, a comunicação passou por vários entendimentos teóricos, a exemplo da já obsoleta teoria hipodérmica, ou teoria da agulha hipodérmica, também chamada de teoria da bala mágica, defendida no período entre as duas grandes guerras mundiais, “a sua hipótese era a de que a propaganda, em analogia a uma agulha médica, ‘inocula’ estímulos em receptores passivos e produz efeitos observáveis e mensuráveis”, (Baptista, 2017, p.193, apud WOLF, 2010, p.13).

Essa teoria foi nomeada pelo estadunidense, sociólogo, cientista político e teórico da comunicação, Harold Dwight Laswell, (1902-1978), que argumentou a sua tese no fundamento das teorias behaviorista²⁴, “a ação humana como resposta a um estímulo externo”, (Baptista, 2017, p.193, apud ARAÚJO, 2001, p.125). Entretanto foi a partir do

²⁴ O nome Behaviorismo tem origem no termo em inglês *Behavior*, que significa comportamento. O Behaviorismo, também chamado de Comportamentismo ou Comportamentalismo, tem como objeto de estudo o comportamento. Essa teoria psicológica defende que a psicologia humana ou animal pode ser objetivamente estudada por meio de observação de suas ações, ou seja, observando o comportamento. Os Behavioristas acreditam que todos os comportamentos são resultados de experiência e condicionamentos. As figuras influentes do Behaviorismo incluem os psicólogos John B. Watson e B. F. Skinner, que estão associados ao condicionamento clássico e ao condicionamento operante, respectivamente. (Pimenta, 2019).

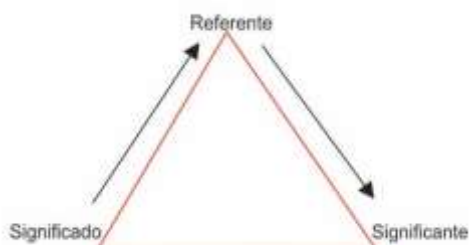
pouco conhecido e debatido livro “Essai de Sémantique”²⁵, (1897), do filósofo francês Michel Bréal, (1832-1915), “considerado o pai da semântica, porque foi ele que a fundou na França nomeando esta disciplina no final do séc. XIX”, (Gomes, 2015), é que o olhar para expressões a partir dos significados, significantes, símbolos e sinais passa a ser objeto de estudos mais atenciosos.

Para Bréal, o ponto de partida do estudo da significação e do sentido das palavras é o estudo de como os nomes são dados às coisas. Essa investigação baseia-se numa teorização acerca do processo significativo e num conceito particular do signo e inicia-se por um panorama histórico de como essas questões foram tratadas (Dall'Cortivo-Lebler, 2017).

Se Michel Bréal é considerado o pai da semântica o linguista e filósofo suíço, Ferdinand de Saussure, (1857-1913), é considerado o pai da Linguística Moderna, (Gomes L., 2012), que tem a sua tese, apresentada à academia com os seus fundamentos teóricos, numa obra póstuma, compilada pelas aulas e palestras ministradas na Universidade de Genebra, entre 1906 e 1911, (Brandão, 2017), no livro, Curso de Linguística Geral, publicado originalmente em 1916, (Saussure, 2006).

Neste compêndio, Saussure desenvolve o raciocínio que, para alcançar o significado, de forma teórica, da mensagem, tem de se entender que cada signo linguístico se desdobra em significado e significante. As noções de signo, significado e significante levaram o suíço a ser reconhecido como um dos fundadores da semiologia, a ciência que estuda, precisamente, os signos, os símbolos e as noções inerentes a estes nos contextos em que atuam, (Brandão, 2017).

O gráfico abaixo, chamado Triângulo Semântico de Saussure, explica o processo de compressão da realidade segundo a sua teoria:



Quadro 2 – Triângulo Semântico de Saussure

²⁵ Ciência dos Significados

Esse processo de significação no seu vasto campo, é um instrumento estratégico e descomplicador para o entendimento da comunicação, “a semântica tem o objectivo de explicar o significado, e o significado é essencial para explicar a comunicação”, (Santos & Correia, 2004, p. 253).

Saussure, foi buscar noções e concepções do conhecimento aristotélico e neoplatónico, assim como da teoria do pensamento humano de Agostinho de Hipona, (Brandão, 2017). O filósofo e teólogo, Agostinho de Hipona, faz uma distinção entre a linguagem imediata (falada) e a mediata (escrita) levando em consideração que a segunda constitui um sistema de sinais para a primeira. Nesse sentido, a palavra entendida no sentido sonoro, ou seja, a falada, é classificada como *verbum*. Já o conteúdo conceitual daquilo que se fala é denominado *dicibile* (dizível); e por fim, o *dictio*, onde ocorre a junção entre o valor sonoro de uma palavra e o seu significado, (Souza, 2014).

Grafado no final de 386, o livro “Diálogo Sobre a Ordem”, de Aurélio Agostinho, (354-430), traz um debate sobre o uso exagerado de metáforas. O teólogo e filósofo, também critica o uso excessivo dessas figuras de linguagem, “mas certamente estarei mentindo se eu lhe disser que você chegará com facilidade conseguir aquele discurso livre de todo erro de locução e linguagem”, (Agostinho, 2000, p. 39).

O argelino, que foi bispo católico na cidade de Hipona, actual Annaba, Argélia, defendia a ideia de que o aprendizado não se dava pelos “sinais que chamamos palavras”, (Agostinho, 1980, p. 393), mas sim através do som que está escondido no seu significado. “[Se] não é sinal não pode ser palavra, não sei também como possa ser palavra aquilo que ouvi pronunciado como palavra enquanto não lhe conhecer o significado”, (Agostinho, 1980, p. 394).

Séculos depois, já na Idade Moderna, no século XX, outros pensadores, através de publicações, também contribuíram para o entendimento da semântica contemporânea, por exemplo, O Significado de Significado, (1923), dos ingleses, Charles Kay Ogden, (1889-1957), e Ivor Armstrong Richards, (1893-1979); Semântica: Uma Introdução à Ciência do Significado, (1962), do inglês Stephen Ullmann, (1914-1976); Teoria Semântica: Hacia uma Semática Moderna²⁶, (1970), do inglês Kurt Baldinger, (1919-2007).

Entretanto, é preciso conceituar semântica e semiótica (semiose):

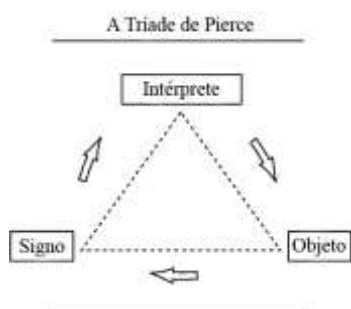
²⁶ Teoria Semântica: Rumo a uma Semântica Moderna.

Para a semiótica, [semiose], tomando o sentido como critério, a unidade mínima é o signo, sempre idêntico a si mesmo, cujo valor (ou seja, o sentido) é dado pela relação puramente diferencial entretida com os outros signos no interior do sistema da língua. “Quem diz ‘semiótico’ diz ‘intralingüístico’. Cada signo tem de próprio o que o distingue dos outros signos. Ser distintivo e ser significativo é a mesma coisa”, (Soares, 2014, p.104, apud Benveniste, 1989a: 227-228).

Com o semântico entramos no modo específico de significado que é engendrado pelo Discurso. Os problemas que aqui se colocam são função da língua como produtora de mensagens. (...) o semântico toma necessariamente a seu encargo o conjunto dos referentes, enquanto o semiótico é, por princípio, separado e independente de toda referência, (Soares, 2014, p.104, apud Benveniste, 1989b: 65-66; grifos meus).

Portanto, se a semântica estuda o significado para expressar uma linguagem através de palavras, é a semiótica que procura entender esses signos que representam o significado, compreendendo as linguagens verbais e não-verbais.

Foi o inglês Charles Sanders Peirce (1839-1914), filósofo, cientista e matemático, que passou a refletir sobre aquilo que viria ser a máxima pragmática - um princípio regulador de lógica, ou uma ferramenta de definição de conceitos. Foi ainda a partir desse lastro como pesquisador das ciências e da epistemologia do conhecimento que reflete, especialmente, sobre a relação com o Signo – cuja teoria geral de ação é a chamada Semiose. Peirce é tido como fundador da Semiótica americana, a partir da tríade “objeto, interpretante e representamen”, (Costa, 2014).



Quadro 3 – Tríada de Peirce

Essa tríade trouxe pragmatismo, ou pragmaticismo, como Peirce o rebatizou, ao significado, patrocinando uma maior afinidade à imaginação humana, permitindo possibilidades alternativas, de compreender o mundo e a nós mesmos nele. A semiótica ‘peirceana’ nada tem de antropocêntrica, “a semiótica peirceana não é antropocêntrica,

ao contrário. Ela parte de um realismo extremo que coloca a semiose como fonte central, e a antropolsemiose como uma de suas vertentes”, (Romanini, 2014, p.53).

Esse processo consciente que promove a antropolsemiose segue através de percepção do entorno, numa espécie de sentimento de decisão ou resolução, isso conduz a uma ação manifesta numa *Self*²⁷ Semiótica, característica do signo, que são continuamente interpretados e reinterpretados em novos signos.

A *Self*, um processo reflexivo, (Garra, 2006), possui características específicas e inter-relacionadas como autoconsciência, autocrítica e autocontrole. “A originalidade da proposta peirceana é justamente a lógica da relação, onde o signo se coloca como um meio entre o objeto do conhecimento e as consequências da aceitação de uma crença”, (Romanini, 2014, p.54).

Assim, a partir desse entendimento teórico da interpretação comunicacional, é possível a construção transversal da compreensão do processo de mediatização nas relações entre o gerador do facto e o indivíduo. Porque, os “fenómenos midiáticos são claramente processos não-lineares, tipicamente distantes de equilíbrio”, (Verón, 2014, p.16, apud Prigogine e Stengers, 1984; Kauffman, 2000).

Essa característica oblíqua entre mediatização e semiose são características universais na sociedade “desde um primeiro estágio de semiose humana, iniciado a cerca de dois e meio milhões de anos atrás, com a produção de ferramentas de pedra”, (Verón, 2014, p. 13), e continua a defender a ideia de que essa capacidade foi progressivamente ativada, por diversas razões, numa variedade de contextos históricos e tem, portanto, tomado diferentes formas. Entretanto, algumas das consequências estiveram presentes na nossa história evolucionária desde o início e afetaram profundamente a organização das sociedades ocidentais muito antes da modernidade (Verón, 2014, p.14).

No que toca a universalização da mediatização, é de destacar que, ela parte do princípio das características humana e a sua condição semiótica, onde lentamente evolui através de circunstâncias históricas, atingindo profundamente a organização da sociedade.

Se há regra, há instituição, e há a sociedade indaga, (Eco, 1991, p. 166) para responder que, há um mecanismo de alguma maneira construível e desconstruível. Falar de código significou ver a cultura como facto de interacção regulada, a arte, a língua, os

²⁷ *Self*, a palavra foi mantida em língua vernácula, diante da dificuldade em traduzi-la para o português.

manufacturados, a própria percepção como fenómenos de interacção colectiva regidos por leis explícitáveis.

Os fenómenos midiáticos, (Verón, 2014, p. 14), protagonizados por quem exterioriza os seus pensamentos é um exercício constante e inconstante sobre a linguagem, num processo semiótico implícito que se explicita de forma sequenciada num processo qualitativo de autonomia entre emissor e receptor.

Por outro lado, existe um movimento revisional constante na estrutura comunicacional, lembrando que o processo semiótico é mutante culturalmente, nessa perspectiva, a evolução do modelo semiótico não é acumulativa e a sua codificação e descodificação são variáveis nesse processo comunicativo, formulando diferentes sistemas de linguagem e competências que influenciam todo o seu entorno.

Há um cuidado com a generalização dos signos nesse processo dinâmico de investigação, já que está “cada vez mais cuidadosa da forma da expressão sob o seu aspecto de sinal físico, mas não pode ter mais do que um valor de orientação (sugerindo metáforas ou, no melhor dos casos, possíveis homologias) para uma teoria comunicativa mais abrangente que só pode ser uma semiótica geral”, (Wolf, 1999, p. 51, apud Eco, 1972, 26).

A homologia²⁸ a que se refere Umberto Eco nada mais é que a empatia entre partes em diálogo através do entendimento mútuo de sinais.

Se para o homem a linguagem constitui uma matriz comunicativa que envolve, unidos, ideia, corpo e sentidos, não é possível reduzi-la ao carácter transmissivo; pelo contrário, é indispensável perceber as diferenças que ocorrem com a linguagem ao interferir no modo como ocorre a comunicação e parece ser mais abrangente do que a simples transmissão de mensagens imanentes, (Rosa, Neto, Ferreira, Braga, & Gomes, 2018, p.152-153).

Esse processo semiótico imanente sugere um espaço privilegiado, inato, presente tanto na interação como na mediatização, no entanto não existe um padrão uniforme na abordagem da produção da intenção comunicacional.

Essa relação potência/ato é antropogenética. A sua ciclicidade afirma que qualquer molécula de nossa experiência, sendo cobrados com a singularidade inerente a tudo o que acontecer na seta do tempo, reproduz em miniatura a origem da espécie. Recursão da antropogênese (o ciclo), de distância inibir ou paralisar as garantias da história,

²⁸

Lados que se correspondem e são opostos a ângulos iguais em figuras semelhantes. (<https://dicionario.priberam.org/>).

mutabilidade e contingência irreparável (a flecha). Se a faculdade da linguagem fosse um *script* de código, ao invés de uma potencialidade inarticulada, a origem não seria condição permanente²⁹, (Rosa, Neto, Ferreira, Braga, & Gomes, 2018, p.155, apud VIRNO, 2013, p.107).

O que parece um paradigma, nada mais é do que a revisão ontológica da comunicação através do fenómeno instável da comunicação semiótica. O indivíduo na sua cognição inata está em constante processo evolutivo numa produção inconstante de conhecimento.

A compreensão interpretativa em síntese, dessa mediação, permite o que se pode chamar de inclusão informacional, assim, a fundamentação teórica-epistemológica da mediatização através da informação dos signos, ou seja, da semiótica, confronta com o conhecimento posto no campo da configuração do pragmatismo.

Importante observar que a semiótica num cenário cognitivo sofre influência de variações sociais decorrente das informações presentes nos aspectos históricos, sociais, culturais, políticos e científicos, (Alexandre Robson Martinês, 2022, p. 15).

Portanto a comunicação não mediatizada não é um pressuposto linear, mas um processo de signos, sinais e significados, com produção e efeito de receber conceitos que vão além dos limites da cultura do indivíduo.

Assim, essa discussão não pode ignorar os processos semânticos e semióticos de um pensamento suposto nas exteriorizações do pensamento singular, promotor de uma possível mediatização.

4.5 Dependências das mídias sociais

Os mídias sociais também têm o seu dia, a 30 de junho celebra-se o Dia Mundial das Mídias Sociais, esta data foi criada pelo site Mashable³⁰ em 2010, (Redação, 2022), como forma de chamar a atenção para esta revolução inconstante na sociedade. Vários encontros são marcados pelo mundo, alguns informais outros com uma programação definida de forma virtual e/ou presencial.

²⁹ La relación potencia/acto es antropogenética. Su ciclicidad afirma que cualquier molécula de nuestra experiencia, estando cargada de la irrepetibilidad inherente a todo aquello que ocupa lugar en la flecha del tiempo, reproduce en miniatura el origen de la especie. La recursividad de la antropogénesis (el ciclo) lejos de inhibir o paralizar la historia garantiza la mutabilidad y la irreparable contingencia (la flecha). Si la facultad del lenguaje fuese un código-libreto, antes que una potencialidad inarticulada, el origen no sería una condición permanente. (<https://translate.google.com/>).

³⁰ <https://mashable.com/article/smday2016recap>

Desde que foi criada, há pouco mais de uma década, a data viu submergir grandes média sociais, exemplo da Myspace, Orkut, MSN, AltaVista e Vine, como também observou a consolidação de outros média, como o Facebook, Youtube, Twitter, LinkedIn e Whatsapp, além de assistir ao surgimento de outras como a aplicação de mensagens Telegram e o Instagram, rede social de partilha de fotos e vídeos, e do seu mais recente concorrente, o TikTok.

Os números não param de crescer e de impressionar, são mais de cinco mil milhões de utilizadores de redes sociais, (Casagrande, 2022), o que equivale a mais de 60% da população mundial, (Worldometers, 2022). Pesquisas demonstram que uma pessoa passa em média sete horas por dia navegando no mundo digital, (Branco, 2022).

Além dos média sociais, que promovem o estreitamento de relacionamentos, essa realidade reverbera-se no comércio eletrónico, segundo dados da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), durante a pandemia da Covid19, o mundo viu um crescimento exponencial de consumo por via eletrónica. Foram mais de 27 triliões de dólares nesse período. Empresas como a chinesa Alibaba e as americanas Amazon e eBay, entre outras, provaram de uma expansão sem precedentes, (ONU, 2019).

As redes sociais são hoje um “ponto de encontro” importante não apenas para os indivíduos como para as marcas, que, de forma rápida, envolvente e dinâmica, podem interagir com os seus consumidores, (Afonso, 2022, p.2).

Esse fenómeno planetário de interação que permitiu a democratização do consumo e da informação de forma intuitiva e gratuita, retirou o indivíduo da sua zona estática para transformá-lo em protagonista e mediatizador dos factos e do consumo, entretanto, esse fenómeno veio acompanhado de efeitos colaterais comprometedores para uma sociedade contemporânea modelada pela velocidade da informação.

Surgiram novas formas de relacionamento, assim como um novo modelo de agenda de compromissos, onde o horário deixou de ser um moderador ‘inconveniente’; reuniões e encontros virtuais acontecem em qualquer dia e horário, onde as partes podem estar nos locais mais ‘exóticos’, desde uma praça de alimentação de um centro comercial, a um estacionamento de supermercado, ou até da casa de banho.

Essas reuniões e encontros virtuais não se restringem aos relacionamentos comerciais ou familiares, bancas de jornais e revistas estão tendo de se reinventar, o consumo de notícias está cada vez mais nas plataformas eletrónicas e as badaladas

revistas de conteúdo adulto, foram substituídas por aplicações com conteúdo, muitas vezes, gratuitos e interativos, com algumas dessas, permitindo agendamento de encontros físicos, como por exemplo o Tinder³¹, que sincroniza a conta do usuário ao Instagram e Spotify, permitindo mostrar as suas preferências.

Esse fenómeno dos encontros *online* é, nos dias de hoje, cada vez mais comum. A utilização das aplicações e *sites* de encontros *online* é crescentemente visto como um meio aceitável e vantajoso de conhecer parceiros (as) românticos (as), (Pardal, 2020, p. 9, apud Hobbs et al., 2016).

O que especialistas têm chamado a atenção para essa facilidade de interação, muitas vezes, ao contrário do que possa parecer, tem ‘roubado’ o tempo dos relacionamentos pessoais, com muitos a ‘esconderem-se’ atrás do ecrã. O mundo nunca esteve tão próximo, assim como também as pessoas nunca estiveram tão distantes umas das outras. O Covid19 virtualizou-nos, pois sem outra alternativa tivemos que aprender a relacionar-nos, a adaptar-nos ao teletrabalho, às aulas *online*, às consultas médicas à distância. Whatsapp, Instagram, TikTok e Twitter (agora X) tornaram-se num prolongamento da nossa vida real, um modo inevitável de nos relacionarmos, (Medialdea, 2020).

Esta abstinência social, trouxe consigo um pseudo benefício: o estímulo da dopamina³². As “redes sociais são grandes fontes de dopamina não só porque a conexão com nossos amigos é divertida. Elas foram projetadas para sentirmos prazer, para que cada usuário fique imerso por horas naquela ‘realidade’”, (Salcedo, 2021).

A libertação dessa dopamina é observada quando os esforços são positivados através de gostos, comentários, atualização de feeds, entre outros engajamentos. Funciona como uma *slot machine*, quanto mais colocamos, mas retorno esperamos. Isso torna-se tão viciante quanto um apostador compulsivo. São dezenas, às vezes centenas de vezes, por dia, que se olha para o ecrã do telemóvel na expectativa de receber a sua recompensa, que vem acompanhada da libertação da dopamina.

³¹ Com 30 mil milhões de correspondências até ao momento, o Tinder® é a aplicação mais popular do mundo para conhecer pessoas novas. (Store, 2022).

³² A dopamina é um mensageiro químico (neurotransmissor) que atua no sistema nervoso central dos mamíferos, incluindo os seres humanos. Esse neurotransmissor está relacionado com diferentes funções, nas quais consta a regulação de algumas emoções, e é capaz de aliviar a dor. [...] Entre os processos realizados pelo nosso corpo em que há a participação da dopamina, podemos citar: controle motor, compensação, prazer, humor, atenção, cognição e algumas funções endócrinas. (Santos, S.d.).

Se a criação do botão ‘Gosto’ em 2009 pelo Facebook, (Interessante, 2016), foi uma genialidade de Mark Zuckerberg³³, (1984), acompanhado por outras aplicações. Trouxe para os seus usuários que recebem um clic positivo uma sensação direta de gratificação ao cérebro que imediatamente liberta, também, endorfinas³⁴. Assim, o esforço de publicitar cada vez mais, está diretamente associado à ação do benefício, cada vez maior, de uma sensação de prazer (Medialdea, 2020).

Este processo de mediação da informação, por vezes útil apenas para quem a publicita, tem gerado uma dependência sem precedente na sociedade moderna; “Há duas indústrias que chamam seus clientes usuários: a das drogas e a do *software*”, (Medialdea, 2020).

A mediação, assim, seria um estágio sempre inicial e necessário para os estágios posteriores de mediatização, que evoluem continuamente para um quadro de crescente dependência das “audiências para com a mídia” (Mattos, Junior, & Jacks, 2012, p. 67, apud Schulz, 2004; Strömbäck, 2008).

O advento do Covid19 acelerou esse processo sem precedente na história moderna. Estudos revelaram um número ascendente de problemas de saúde mental associada a dependências da tecnologia, atingindo de maneira direta os adolescentes, que chegam a experimentar síndrome de abstinência quando passam algumas horas sem acesso à internet. É evidente que esses casos também estão relacionados aos adultos, provocando em muitas situações, o afastamento da vida real, ansiedade, redução da autoestima e perda da capacidade de autocontrole (Medialdea, 2020).

Infelizmente, a classificação dos transtornos mentais, elaborada pela Associação Norte-americana de Psiquiatria, atualizada em 2013, não considerou o vício em ecrãs como uma doença, a exceção é a ludopatia (vício de jogar), um comportamento viciante e que associa a dependência principalmente a substâncias como álcool, fumo, estimulantes, canábis e opiáceos (Menárguez, 2019).

Problemas como carências pessoais e autoestima, são algumas das razões para o chamado fenómeno iceberg³⁵ “o vício é o que vemos, mas por baixo pode haver

³³ Empresário americano, Mark Elliot Zuckerberg, é dono do grupo Meta Platforms, de onde faz parte entre outras aplicações o Facebook, Instagram, Whatsapp.

³⁴ É um neuro-hormônio, ou seja, trata-se de uma substância natural, produzida pela glândula hipófise, presente no nosso cérebro. Sua principal função é inibir a irritação e o estresse, contribuindo para a sensação de satisfação, bem-estar e de felicidade dos seres humanos. (Smartfit, 2022).

³⁵ Assim como o iceberg, o que nós vemos num primeiro momento, [é] aquilo que ele se queixa ou apresenta de sinais clínicos inicialmente é apenas uma pequena parte de um grande problema (ou vários problemas, muitas vezes) que ainda está oculto (submerso). (Gomes, 2021)

conflitos familiares, bullying, luto pela morte de um ente querido ou mudança de país”, (Menárguez, 2019).

Essa dependência integra todos os campos da sociedade que vai desde tenra idade, passando por questões políticas partidárias, educação, religião, economia e por aí em diante. “Não existe nenhum campo da experiência que não tenha sido invadido pelos média, de modo que a realidade social em que vivemos não existiria sem os média”, (Mattos, Junior, & Jacks, 2012, p. 70, apud Munker e Roesler, 2008).

Esse conceito de dependência surge no processo de mediatização embalado pela consolidação da comunicação social e a sua indústria de entretenimento no âmbito microsocial, corroborando para a medialidade, e aqui podemos definir medialidade não como sinónimo de mediatização como sugerem Mattos, Junior, & Jacks, (2012, p.71), mas como “a medialidade ‘narcisista’ [que] é, comparativamente, mais ambivalente: a promessa de explicitar a constituição medial do eu traz o risco da permanência na autorreferência e da perda da relação com o mundo. A modernidade estética partirá desta ambivalência”, (Kiening, 2015).

Essa modernidade estética foi trabalhada séculos antes pelo filósofo prussiano, Immanuel Kant (1724-1804), que sistematiza a sua ideia onde a estética transcendental³⁶ não pode contar entre os seus dados, *à priori*, o conceito de mudança; porque não é o próprio tempo que muda, apenas muda algo que está no tempo. Para isso se requer a percepção de uma certa existência e da sucessão de suas determinações, por conseguinte a experiência, (Kant, 2001, p.104 B58).

A partir do pensamento kantiano, podemos inferir que os média sociais apenas revelaram o sentimento narcisista que já habita no indivíduo, e o revelou de forma explícita em algumas situações. Noutra publicação, Kant também expõe o seu sistema de filosofia moral, e fundamenta-o a partir da ideia de uma vontade autónoma (racional), susceptível de imputação de acções e responsabilidades. É essa liberdade de autodeterminação racional, que por vezes pode procurar racionalidade no prazer imediato, do que mensurar as consequências das suas acções.

Assim, quando não é a dignidade da virtude nas acções aquilo que elevamos acima de tudo, é o próprio conceito de dever que desaparece e que se desvanece em preceitos meramente pragmáticos; pois que então desaparece a nobreza do homem na sua própria

³⁶ Designo por *estética * transcendental* uma ciência de todos os princípios da sensibilidade *á priori* (Botelho, 2011).

consciência e é posta à venda e adquirida por um preço, o preço que as inclinações sedutoras lhe oferecem (Kant, *A Metafísica dos Costumes*, 2017, p.445).

Deduz-se que esse preço da consciência apresentado por Kant é a satisfação imediata oferecida pelos ‘gostos’ verificados pelo mediatizador, após publicações de factos, sejam eles de carácter noticioso, de acontecimentos sociais ou personalizados nas diversas plataformas dos média sócias.

Essa tecnointeração tomou o lugar das mediações, alterando os seus protagonistas e os conteúdos publicitados. Essa realidade imagística sob o amparo, muitas vezes de um pseudo-anonimato, tem levado a uma hipertrofia mental, uma realidade virtual, totalmente fora dos fatos. Urge uma necessidade de rediscussão desse paradigma onde as novas tecnologias pautam a fonte de valores sociais. Portanto, qualquer que seja a forma que assuma, como se vê, a tecnointeração não escapa à metafísica, isto é, à montagem universal de sentido do "ser" como presença e objetividade, controlada por uma subjetividade consciente (Sodré, 2002, pp. 112 - 113).

Como tratado acima, essa ‘medialidade narcisista’ é o que o espelho foi na história humana, onde a sua superfície refletia a imagem do eu, hoje o espelho foi substituído pelas redes sociais, onde o aparentar ser, é mais importante do que o ser, (Sodré, 2002, p. 11).

A forma como se percebe a imagem nos média sociais promoveu uma transformação social com destaque para a partidarização. Essa conectividade e sua gama de informações foram capazes não apenas de prender a atenção e tomar horas do indivíduo, como de influenciar as suas escolhas cívicas, através do voto.

Pesquisas realizadas pelo senado brasileiro em 2019 já indicavam uma forte influência dos média socais na decisão do voto, “quase metade dos entrevistados (45%) afirmaram ter decidido o voto [eleições de 2018] levando em consideração informações vistas em alguma rede social”, (Baptista, 2019).

O que se pode observar hoje em dia não foi creditado no principiar desse fenómeno, o seu poder de influência foi minorado, como se observa em pesquisa realizada nos Estados Unidos da América em 2003, onde os investigadores concluíram que a internet teve um impacto menor no comportamento dos eleitores norte-americanos nas eleições presidenciais de 2000, com efeito muito reduzido nos eleitores indecisos. “Não obstante, embora questionassem a eficácia da Internet nas campanhas eleitorais futuras, Bimber e Davis reconheciam que este canal viria a produzir efeitos na comunicação das

mensagens partidárias e na mobilização dos eleitores já apoiantes”, (Gonçalves, 2012, p.11, apud Bruce Allen Bimber e Richard Davis 2003).

Mas, ainda existem situações passivas de estudo como o caso de Marcelo Rebelo de Sousa, (1948), Presidente da República, de Portugal, (2016-2021), reeleito em 2021), com “60,7% dos votos” (Gil, 2021), “sem possuir qualquer presença oficial no *online*. [...] Contudo ao contrário de outros candidatos, o atual Presidente da República sempre foi uma figura mediática presente na vida dos portugueses, quer na sua longa carreira política como na sua carreira televisiva”, (Sousa, 2021, p.29). O caso do presidente português pode ser considerado diante dos factos como um ponto fora da curva.

A eleição do presidente português tornou-se um ponto fora da curva por observarmos que a sociedade está cada vez mais dependente das redes sociais para as tomadas de decisão. Essa dependência está presente inclusive em situações singelas como brincadeiras lúdicas, a exemplo do Challenge 2009/2019³⁷.

Mas também em situações extremas como as chamadas publicações de notícias falsas, (*fake news*), essas têm causado grandes repercussões e influências, às vezes com consequências irreversíveis nos usuários das redes sociais, a exemplo do caso da dona de casa, da cidade de Santos, estado de São Paulo, Brasil, Fabiane Maria de Jesus, (1981-2014), “a notícia falsa sobre a dona de casa foi publicada e compartilhada em maio de 2014 na rede social [Facebook]. Ela foi confundida com uma suposta sequestradora de crianças para rituais de magia negra, amarrada e agredida [até à morte]. Quatro pessoas estão presas pelo crime”, (Steil, 2021).

A necessidade de se apresentar como o mediador da informação, sem medir as consequências, tem levado indivíduos a atitudes que transpassam limites como a situação citada acima, ou ainda, jovens que para se sentirem inseridos microsocialmente são lavados a colocar a própria vida em perigo através de desafios.

Nestes casos, os jovens testam os seus próprios limites, havendo uma procura constante de adrenalina, de aprovação e valorização por parte dos outros, de forma a demonstrar que são destemidos, onipotentes, que para eles tudo é possível e nada de mal lhes acontece quando ultrapassam esses mesmos limites, características típicas da fase da adolescência, (Almeida, S.d.).

³⁷ As pessoas postam fotos lado a lado de como elas se parecem em 2019 e como eram alguns anos atrás. [...] Suas origens são difíceis de analisar, como é o caso de todas as tendências da Internet, mas o Facebook parece ser a plataforma social na qual as coisas decolou. (SHULTZ, 2019), Por (<https://translate.google.com/>).

Muitos desses desafios têm desfechos fatais, como o caso da criança de Milwaukee, Wisconsin, EUA, de nove anos, Arriani Jaileen Arroyo, que morreu após participar no ‘Blackout Challenge’³⁸. “O desafio do apagão foi associado à morte de pelo menos 15 crianças de 12 anos ou menos nos últimos 18 meses”, (Carville, 2022).

Há uma explicação mediática para uma pessoa, seja adulta ou criança, participar em desafios tão excêntricos e invulgares, a dependência de inserção e pseudo-relevância social. Segundo o professor da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (FCUP), Álvaro Pedro de Barros Borges Reis Figueira, "As pessoas interessam-se por estes desafios porque obtêm visibilidade, seguidores ou uma combinação dos dois", (Fernandes, 2022).

“As redes sociais podem e devem ser utilizadas como uma ferramenta de comunicação, mas existe algo que a internet não pode proporcionar, a interação e o ambiente social, sendo que a utilização do seu uso excessivo leva à banalização da interação social e à superficialidade das relações interpessoais”, (Almeida, S.d.).

Essa superficialidade nas relações acaba por ser alimentada pela velocidade a que se trafegam as informações geradas e mediadas. Pesquisa publicada pela Companhia Portuguesa de Seguros de Saúde S.A. (MEDIS), diz que esse comportamento se tornou tão intenso que “80% dos utilizadores de telemóveis afirmam que a primeira coisa que fazem ao acordar é verificar esse aparelho”, e que, “seis em cada 10 pessoas gostariam que os familiares estivessem menos tempo *online*”, (Medis, 2018).

Muitas dessas pessoas também se alimentam, e vão para o trabalho olhando para o ecrã, chegando a utilizá-lo no período laboral.

A China, um país com quase mil milhões de usuários de internet viu a cidade de Chongping criar uma faixa exclusiva para pessoas a usar *smartphones*. Parece uma brincadeira, mas segundo a iniciativa a ideia é “aumentar a conscientização sobre a falta de atenção que muitos usuários de *smartphones* prestam ao tráfego e outros pedestres”, (Noack, 2014).

O Instituto Nacional de Emergência Médica (INEM), de Portugal, publicou na sua página *web* como fazer um detox³⁹ das redes sociais, abaixo um pequeno resumo:

³⁸ Também conhecido como “desafio do engasgo” ou “desafio do desmaio”, o “desafio do apagão” incentiva os usuários a prender a respiração até desmaiarem devido à falta de oxigênio. (SARAH FELBIN, 2022).

³⁹ A palavra detox vem da abreviação de desintoxicação, sendo assim, a proposta do suco detox é eliminar as toxinas e desinflamar o organismo. (Up, 2020).

Refleta sobre o efeito das redes sociais. Optar por estar presencialmente com os amigos, fazer exercício físico, ler ou aprender uma outra língua são atividades que aumentam a saúde física e mental e o bem-estar.

Reduza gradualmente o tempo dedicado às redes sociais. Dedique duas horas a esse hábito, tente, gradualmente, reduzir esse período de fidelização.

Proteja a sua privacidade. As redes sociais incentivam à partilha de contactos e fotografias, atos que podem comprometer a sua privacidade.

Saia de casa. Conversar, cara a cara, com os seus amigos é tão ou mais interessante do que fazê-lo através de uma rede social e reforça os laços emotivos.

Arranje um hobby. O grande objetivo é descobrir algo que realmente gosta e concentrar-se nessa tarefa.

Viaje. Se possível, tire fotografias (com uma câmara normal e nunca com um *smartphone* ou *tablet* para evitar a tentação de publicá-las nas redes sociais).

Faça um retiro offline. Existem já algumas associações que organizam retiros *offline* onde as novas tecnologias têm acesso negado.

Nunca desista. Caso esteja consciente de que quer realmente fazer este detox não ceda à tentação de espreitar as redes sociais, nem que seja só por um minuto, (INEM, 2020).

Estas práticas, que parecem simples, mas que não são fáceis de fazer funcionar, é um referencial para evitar o excesso de uso e o consequente desencadeamento a dependência. Em caso extremo, uma conversa com profissional para tentar perceber as razões da dependência é uma alternativa.

5 A RELIGIÃO MEDIATIZADA

Que a igreja é o instrumento mediador entre o transcendente e o imanente é ponto de convergência entre a maioria dos teóricos do segmento religioso. A história, em particular a do cristianismo, apresenta uma interação entre a eclesía e os seus fiéis, por vezes, questionável. A tecnologia, a seu tempo, num primeiro momento apresentou-se como uma possível ameaça à igreja, seja pela pelas transcrições manuais ou impressão da Bíblia, seja pela rádio, televisão e/ou internet. Entretanto, a partir do momento em que a igreja passa a ter domínio do conhecimento no uso dessas tecnologias, todas elas foram utilizadas para promover os seus valores, doutrinas e dogmas, adequando-se e desenvolvendo uma cultura própria.

Podemos observar dois momentos da história que revolucionaram a comunicação da igreja, a imprensa de Gutemberg e o advento da televisão. Portanto, a comunicação está conectada à religião desde o seu nascimento e ambas interagem permanentemente.

Mas foi o aparecimento dos telemóveis, em particular os *smartphones*, cada vez mais tecnológicos, que permitiram outro salto nas comunicações da igreja. Agora existem os ‘ciberfiéis’, onde o coletivo foi fragmentado pela relação individual e solitária com o conteúdo mediatizado a partir das aplicações dos telemóveis e similares.

O mundo religioso e a sua espiritualidade fechada viram os seus muros irem abaixo, segundo Gomes, (Gomes, 2010), há três fases metamorfoicas: religião no seu princípio, a (des) religião, o desinteresse por questões transcendentais, e a (re) religião. Casanova, (Casanova, 1994, p.6), fala da ‘desprivatização da religião’, onde no passado, fruto da Reforma Protestante, a separação, ‘privatização’, entre Igreja e Estado, passa a ser reconsiderada, com a igreja entrando no processo de mediatização política/secular a fim de defender o seu espaço territorial.

Dessa forma, “o cristianismo tem-se transformado numa religião de serviço e consumo, a felicidade sobrepõe a centralidade da salvação, e valores como solidariedade, amor, harmonia e paz interior, substituem a espiritualidade monoteísta”, (Souza & Miklos, 2018, p.68, apud Lipovetsky, 2007, p.131).

O uso da tecnologia com fins religiosos não é uma exclusividade do cristianismo, o islamismo tem-se apropriado dessa estratégia para levar a sua mensagem, (Eisenlohr, 2017, p.875, apud Rudnycky, 2010). O judaísmo aproveitou a tecnologia digital para propagar e popularizar a leitura dos seus ensinamentos (Blondheim & Katz, 2015). Até

os conservadores monges budistas se renderam à tecnologia da informação, (MENDES, 2012). Novos processos comunicacionais passaram por uma “reviravolta”, (Sbardelotto, 2016, p.409), com uma rutura e descontextualização a partir da digitalização dos meios.

Há quem entenda que o processo de mediatização da igreja contemporânea seja uma oportunidade de aumentar e intensificar a própria experiência religiosa, Barbero (Barbero, 1995, p.7) fala do reencantamento descoberto pelos “protestantes”. Mas há quem veja com ressalvas essa hipótese, como Cunha. (Cunha, 2002, p.4).

Nota-se que para as igrejas de alta mediação (Martino, 2016) o principal instrumento de comunicação entre a igreja e o fiel, já não é a liderança e a autoridade nas Escrituras, mas a capacidade de mediatizar a informação através da tecnologia e por vezes do espetáculo, operando pela estética, (Gasparetto, 2009, p.64, apud Bauman).

Esse empoderamento de líderes religiosos aumentou o desejo de ocupar mais espaços de poder e a fronteira entre religião e política que já esteve mais fortificada, vê-se ruir pelo acelerado desenvolvimento da indústria dos média.

Assim, nota-se que o uso dos ecrãs tem alterado significativamente as relações religiosas e vem, de modo paulatino, substituir a leitura de textos, a Bíblia Sagrada, valorizando programas de vídeo ou *podcasts* que ilustram a religião numa perspectiva, por vezes, distorcida das Escrituras.

Todo esse aparato mediático necessita de um aporte financeiro generoso, a espetacularização da fé através da mediatização das Escrituras e uma boa campanha de marketing, aliada às novas tecnologias, potencializam a angariação de receitas levando muitas denominações religiosas gradualmente a raciocinar como o mercado, algumas já se apresentam à sociedade como convém ao ‘cliente,’ como um conjunto de serviços, nos moldes de um *fast food*.

Se o evangelicalismo foi pautado pela ortodoxia protestante, o neoevangelicalismo surge, a partir da década de 1940, com a quebra de dogmas inegociáveis pelos seus antagonistas.

Portanto, a convergência entre os média e a religião acaba por comprometer os símbolos, ideias e outros valores religiosos, levando a uma cultura de consumo num mercado religioso, diminuindo ainda mais a legitimidade da instituição.

Essa “mercantilização da religião não é algo novo. Há histórias longas e profundas de culturas materiais religiosas e espirituais na maior parte das tradições religiosas”, (Hoover, 2014, p. 52).

O papel dos média jornalísticos no desenvolvido desse novo momento religioso não pode ser desprezado; a “midiatização e a prática da religião em um ambiente mediatizado vai muito além das fronteiras da própria religião institucionalizada, como igrejas e denominações”, (Martino, 2016, p.15-16).

Essas veiculações despertam interesses e aumentam a audiência, o que Cardoso vai chamar de “sincretismo cultural”, (Cardoso, 2022, p.292), a partir de uma cultura mediatizada.

Essa cibercultura através das redes sociais deu ao crente um conjunto de ferramentas que lhe permitiu uma ascensão e autonomia pessoal, onde pôde expressar a sua vontade, (Lahis Pasquali Kurtz, 2016, p. 133), diminuindo a autoridade institucional nas grandes religiões do Ocidente, no Islão, no Budismo e até nas religiões conservadoras do evangelismo americano, (Hoover, 2014, p. 50).

Houve uma urgência no reposicionamento, em que a religião passou necessariamente por redefinir as suas práticas, a partir da percepção da importância dos média e da sua relevância cultural. Para Martino, (Martino, 2016, p.12) a cultura da imagem é também uma cultura de mentiras, onde o faz de conta generalizado é a regra.

Essa noção do ‘espetáculo’ apreciada pela sociedade moderna foi ‘pescada’ por muitas igrejas de alta mediação, que procuram a aparência estética como mediatizadora.

Uma total inversão de valores é observada quando as igrejas utilizam a estética como instrumento mediatizador levando a crer no belo de forma distorcida e fútil.

O corpo, esteticamente, carrega uma mensagem, um rápido olhar pode revelar ideias e atitudes de quem é observado e a religião ao longo dos séculos procurou o controle dessa aparência e dessa estética.

A política do corpo na religião pode medir-se em duas situações: prática, ou seja, como se deve usar o corpo, e aqui passa necessariamente por questões de ordem sexuais; e a estética: como esse corpo se deve apresentar, nesse caso durante o serviço religioso e no quotidiano.

Esse novo momento da igreja remete inevitavelmente para as razões que levaram à Reforma Protestante que estava alicerçada na tríade, política, económica e teológica.

Um movimento gestado durante séculos, a partir das pregações de Pedro Valdo, em França, no século XII, passando pelo inglês, John Wycliff e o boémio Jan Huss, século XIV, chegando ao alemão Martinho Lutero, ao francês João Calvino e ao inglês Henrique VIII, no século XVI.

Todos desafiaram a autoridade papal, mas afinal onde reside a autoridade da igreja? Essa foi sendo alternada ao longo da história, primeiro estava em Deus, ‘por procuração’ em Moisés, de seguida para o Antigo Testamento, em Jesus, na Bíblia, na Igreja Católica Apostólica Romana, de volta à Bíblia, nas experiências individuais, nos sinais, nos líderes, e hoje, na audiência.

Hoje já se discute a quarta onda do evangelho, o pós-protestantismo, para alguns o fenómeno dos ‘desigrejados’, para outros o fracionamento da eclesía a partir das microigrejas, ou igrejas de garagem, como sugerem Martins e Nascimento (2018), entretanto essa pesquisa vai um pouco mais além e procurou entender o fenómeno das novas lideranças e a busca pela tríade do poder eclesiástico, económico e político.

Essas igrejas já não têm as suas mensagens centradas na pessoa de Cristo, mas na necessidade fugaz do auditório, (Martino, 2016, p.98), onde a temática gira em torno de, quase sempre, relacionamento monetário ou saúde.

A celebração do líder religioso é uma busca dos atores mediáticos desse mundo religioso que se vai chamar “mediatização quantitativa”⁴⁰, (Hjarvarda, 2011, p.127).

A igreja de alta mediação apropriou-se da cultura mediática contemporânea ajustando a mensagem religiosa num ‘kitsch religioso’ “usado principalmente para despertar emoções na cultura popular”, (Martino, 2016, p. 102).

Os tempos atuais assemelham-se aos tempos dos reformadores e até se agravam. Uma degradação espiritual, onde a individualização e a personificação da religião é latente, onde o ‘eu’ se sobrepõe ao outro, e a realização pessoal por bens principia a razão da busca por uma denominação que lhe garanta tais conquistas.

5.1 Mediatização, espiritualidade e internet

Se a máquina de impressão tipográfica inventada pelo alemão Johann Gutenberg, (1400-1468), na década de 1430, (Fernandes, S.d.), promoveu uma revolução no entendimento religioso da sua época, não foi diferente cinco séculos depois, com a chegada da mensagem do evangelho pelas ondas da rádio NBC americana a partir de década de 1920, com o pastor metodista Samuel Parkes Cadman (1864-1936), (Hulme, 2019). A chamada igreja eletrónica alcançou milhões de ouvintes, abrindo a porta para centenas de televangelistas por todo o mundo Ocidental.

⁴⁰ Dedicam atenção a instituições sociais como esportes e religião, mas o seu foco principal, quantitativa e qualitativamente, repousa no formato a mídia fornece comunicação política.

O advento da televisão abriu uma nova perspectiva para esses pastores, e foi a partir da década de 1950 que o pastor baptista, William Franklin Graham Júnior (1918-2018), conhecido por Billy Graham, estreou um novo formato de apresentar a igreja, com imagens do templo e dos fiéis em poltronas.

Um dos entusiastas do uso dos média pela igreja é Barbero, para ele, as igrejas eletrônicas são igrejas que se converteram especialmente para a rádio e a televisão, fazendo destes um meio fundamental da experiência religiosa. Ou seja, o meio eletrónico não é simplesmente um auxílio para amplificar a voz, mas é um elemento importante, um elemento fundamental do contacto religioso, celebração religiosa, vivência religiosa, (Barbero, 1995, p.76).

No Brasil não foi diferente, o mais antigo programa da Rede Globo, maior rede de televisão do país, é a Santa Missa, que estreou em 4 de fevereiro de 1968 (Globo, S.d.). Já os programas evangélicos surgem, no mesmo período, a partir da década de 1960, “eram veiculados em rede local e de curta duração. Assim como na programação radiofônica, na televisiva também foram os adventistas os pioneiros”, (Cunha, 2018), o primeiro programa pentecostal foi veiculado na já inativa TV Tupi e tinha o bispo canadiano Walter Robert McAlister (1931-1993), da igreja Nova Vida como âncora.

Nos Estados Unidos, desde o final dos anos 70, como intróito à era neoconservadora, que resultaria no economicismo de Ronald Reagan (a chamada reaganomic) floresceu uma espécie de “capitalismo cristão”, coadjuvado pelo televangelismo eletrônico. Debruçada sobre a derrocada de valores tradicionais e centrada no messianismo do espetáculo místico, a “igreja eletrônica” ou “igreja comercial”, passou a constituir verdadeiros impérios televisivos. Nesse contexto, tudo se vende e se compra — da fé à redenção. (Moreira, 2013, p.52, apud Sodré, 2005, p.2).

Se Johann Gutenberg promoveu a primeira revolução comunicacional na igreja cristã em quinze séculos, a segunda revolução levou menos tempo, foram necessários cinco séculos, para os pastores Samuel Parkes Cadman e William Franklin Graham Júnior, trazerem um novo formato à igreja. Já a terceira revolução precisou de poucas décadas, no entanto, não possui uma referência única de partida. Toda a transformação mediática contemporânea na igreja está a eclodir em vários sítios, e de várias formas, tendo como instrumento de transformação a tecnologia da informação.

Portanto, observa-se que a comunicação está conectada à religião desde o seu nascedouro e ambas interagem permanentemente. É impossível a transmissão dos

dogmas religiosos sem o instrumento comunicacional; em princípio de modo verbal, (Sagrada, S.d. Gênesis, 1.3a), depois de forma escrita, (Sagrada, S.d. Êxodo 17.14a).

Com o aparecimento dos telemóveis, em particular os *smartphones*, cada vez mais tecnológicos, permitiu-se outro salto nas comunicações da igreja, e mais recentemente através dos média sociais.

Assim, um novo modelo de religiosidade está a surgir a partir da forma como muitas instituições religiosas têm publicitado os seus conteúdos. O modo como as pessoas manifestam a sua religiosidade, a partir do ecrã, seja de um telemóvel ou de um portátil, está a promover um novo modelo de religião, chegando a levar o ciberfiel a formar um Deus conforme a sua imagem e semelhança, conduzindo esse ciberfiel a conceber uma religião como lhe convém, em muitas situações, consumista, aparatosa e produtora de um conforto conveniente.

Esse novo formato de espiritualidade tem promovido uma série de questões que norteiam as pesquisas tanto no campo da sociologia como na antropologia e na teologia. É-nos trazida uma provocação, “que tipo de espiritualidade está a ser criada, gestada?” (Gomes, 2010). O que se observa é que para alguns, não há diferença entre acender uma vela virtual ou ir a um santuário, ou ainda, ouvir um sermão pela internet ou estar presente numa homília. O que se observa não é a relevância dessas práticas, mas que tipo de espiritualidade está a ser gerada, (Gomes, 2010).

Esta nova realidade *online*, ainda que tenha uma dinâmica interativa e intuitiva, tem as suas raízes e práticas religiosas ressignificadas a partir de um ambiente *offline*. Para Sbardelotto, (Sbardelotto, 2013), esse “fenómeno sociocomunicacional contemporâneo” pode ser entendido como um metaprocessos, onde essas experiências de fé mediatizadas não podem ser compreendidas sem considerar a relevância dos média sociais.

Não se trata de uma veneração da pedra como pedra, de um culto da árvore como árvore [ou do bit como bit]. A pedra sagrada, a árvore sagrada [e o bit sagrado] não são adoradas como pedra ou como árvore [ou como bit], mas justamente porque são hierofanias⁴¹, porque “revelam” algo que já não é nem pedra nem árvore [nem bit], mas o sagrado (Sbardelotto, 2013, apud Eliade, 1992, p.13).

Ainda que muitas igrejas tenham a essência do sagrado preservada, a mediatização interfere na maneira como algumas dessas igrejas definem a sua liturgia, doutrinas e por vezes dogmas, é o que defende Martino, (Martino, 2016).

⁴¹ Aparição ou revelação do sagrado. (<https://dicionario.priberam.org/>).

A mudança no campo da espiritualidade não pode ser resumida apenas pelo uso da tecnologia, um novo ordenamento eclesiástico vem-se formando ao longo do século XX, onde os fenómenos sociais e culturais estão presentes no comportamento do indivíduo. “A cultura e a sociedade estão a tal ponto permeadas pela mídia, que talvez já não seja possível concebê-la como algo separado das instituições culturais e sociais”, (Hjarvard, 2014, p.15).

Essa nova configuração, com padrões de comportamento em processo de transformação, alicerçados pelos novos média, fez emergir um novo universo espiritual, onde se indaga: “em que profundidade a lógica da mídia tem sido capaz de afetar uma fé, uma espiritualidade, algum aspecto da (s) religião (ões)?”, (Lopes, 2017). Já não é possível estar fora do universo mediático, como os peixes fora da água.

Como já se observou, a comunicação e a religião sempre estiveram ligadas, é impossível imaginar a eclesía sem o instrumento comunicacional, “pelo menos no Ocidente, a religião parece ter estado sempre ligada a alguma dimensão de um processo de comunicação”, (Martino, 2016, p.34, apud Stollow 2005).

Esse cruzamento entre fé e comunicação foi adotado pelo cristianismo nos seus primórdios, onde o ensino era oral e em praça pública, não diferente de outras manifestações de fé como o politeísmo romano, as divindades egípcias, gregas e persas, (Rodrigues, 2021). Como se percebeu anteriormente, é impossível imaginar a religião fora do ambiente mediático de cada época.

A complexa mediação eletrónica e tecnológica empregada por muitas igrejas atualmente, tem levado os fiéis a um *upgrade* na sua interação com a denominação religiosa, é o caso da igreja Católica Apostólica Romana, onde o fiel acede à página facebook.com/confessar/⁴², e dessa pode ser redirecionado para outra página onde tem a oportunidade de partilhar os seus ‘pecados’ pessoais com outros fiéis com garantia de anonimato, o *layout* é simples, apresenta os tipos de pecados, separa-os por meses e ano, (Giraldi, 2018).

Não apenas as redes sociais, mas a televisão, a rádio e até a imprensa escrita têm promovido essa revolução clerical, onde essa interação mediatizada pode acontecer “desde a casa ao local de trabalho ou nos cafés e centros comerciais, é possível encontrar formas de relação entre os indivíduos e as diferentes comunidades religiosas”, (Franca, Martins, & Fernandes, 2019).

⁴² Acesso em 3 de janeiro de 2023

Percebe-se um rompimento nos relacionamentos individuais, por vezes até em comunidades, onde o coletivo foi fragmentado pela relação individual e solitária com o conteúdo mediatizado das aplicações dos telemóveis e similares.

Observa-se que a mediatização da igreja tem, às vezes de maneira involuntária, desconstruído o sentimento templocêntrico, descentralizando o espaço tradicional, mudando comportamentos e a maneira como a espiritualidade é tratada, alterando o sentimento característico de comunhão. “Os programas midiáticos da igreja não substituem o templo, trata-se de um novo hábito que foi adquirido pelo fiel”, (Siqueira, 2017, p.71).

A solidão involuntária, promovida por essa vicissitude, tem levado o ciberfiel a uma espiritualidade singular e a uma forma de ver a religião fora dos padrões históricos.

O mundo religioso e a sua espiritualidade, viveram fechados nos seus protocolos eclesiais durante séculos, no entanto, observa-se na contemporaneidade um novo processo de transformação, onde, segundo Gomes, há três fases metamórficas: a religião no seu princípio, a (des) religião, o desinteresse por questões transcendentais, e a (re) religião, “não se trata simplesmente de uma repetição, uma retomada. Todas as experiências que tentaram retomar, fracassaram” (Gomes, 2010). Mas “a internet é relevante para muitas actividades e programas da Igreja — a evangelização, incluindo a reevangelização e a nova evangelização”, (Foley, 2002).

Portanto, existe uma nova ordem a partir da comunicabilidade mediada pelas aplicações tecnológicas.

Para muitas organizações, o uso da internet é um instrumento de ‘recongregar’ fiéis dispersos, mas essas mesmas entidades não perceberam ainda que ao retornarem por esse meio, as pessoas não querem o estado anterior à sua saída, querem um novo momento.

Nesse novo ambiente interconectado está estabelecida uma relação mais informal e por vezes descomprometida com a instituição, uma vez que a simples transposição de uma organização física para o universo virtual não é suficiente para fidelizar o utente.

Esse conjunto de variáveis tecnológicas tem levado as organizações religiosas a um processo acelerado de secularização. “A secularização é um ‘efeito da mídia’ sobre a religião? [É] entendida como a perda progressiva do espaço social ocupado pelas religiões no Ocidente moderno, principalmente de uma perspectiva política, económica ou social”, (Martino, 2016, p.31).

A mediatização promovida através dos média sociais vem desafiando as autoridades religiosas a partir da secularização do sagrado. As mudanças permitem ao mesmo tempo o surgimento de novas autoridades com caráter mais individualizado, temporário e dependente do contexto cultural em que está inserido. (Hjarvard, 2016, p.15).

Essa nova religiosidade mediática está erodindo com a pluralização dos mundos da vida na sociedade moderna tornando a religião apenas uma entre muitas fontes possíveis para definir e legitimar a realidade social (Hjarvarda, 2011, p.130).

O sentimento de pertença a um determinado grupo tem seguido a dinâmica das publicações comunicativas, assim, a fidelização dá-se pela conveniência de quem está a interagir. A mudança pode dar-se em poucos cliques no telemóvel e a espiritualidade muda à mesma velocidade que a transferência de megabits por segundo (Mbps).

A secularização da fé, e por consequência a espiritualidade, não é um fenómeno novo, entretanto, essa nova forma de comunicar da igreja, é “uma manifestação de religiosidade contemporânea e em processo de transformação”, (Toldy, 2013, p.23). Polémica e contestável, Casanova, (Casanova, 1994, p.6), defende a ideia da ‘desprivatização da religião’, onde no passado, fruto da Reforma Protestante, a chamada ‘privatização’, entre Igreja e Estado, passa a ser reconsiderada, com a igreja entrando no processo de mediatização política/secular a fim de defender o seu espaço territorial, transitando “entre a legalidade e a moralidade, entre o indivíduo e a sociedade” usando principalmente como ferramenta de interação comunicativa os média sociais.

Assim, é de registar que ao longo da história, a igreja, particular a cristã, ajustou-se às mais diversas formas territoriais, com os mais distintos tipos de governo. “Bios religioso”, a condição líquida que a igreja tem de se adaptar ao seu tempo, assim, “pode ser apressado e extremamente reducionista concluir que toda esfera do sagrado foi midiatizada”, (Lopes, 2017, p.89).

As práticas do dia-a-dia da igreja não estão apenas e exclusivamente ligadas ao sagrado (Martino, 2016, p.40), analisando por essa perspectiva é observável que não há contradições entre o religioso e a mídia.

A mediatização tende a superar a mediação fazendo a ligação entre a realidade e o indivíduo (Souza & Miklos, 2018, p.65, apud Faxina e Gomes (2016, p.50), justificando e tematizando as relações num processo social cíclico. Esse processo mediatizado acaba por criar novos grupos sociais, promovendo uma reinterpretação da espiritualidade a partir de uma cosmovisão colaborativa por vezes ignorando a matriz histórica do

mediatizador, a igreja. Alguns autores defendem que “a midiatização da religião e da espiritualidade está se tornando cada vez mais gerada e definida pelo usuário” (Martino, 2016, p.23, apud Hoover 2009, p.133).

Diante de tamanha exposição, ressignificação do sagrado e da espiritualidade, desapareceu a religião? O *religare* foi destruído?, (Souza & Miklos, 2018, p.66), questionam Souza e Miklos que também nos trazem a resposta:

De forma alguma. Eles permanecem e, frequentemente, exibem uma vitalidade que se julgava extinta. Porém, no mundo desencantado, os fenômenos religiosos se alteram. Nas sociedades pré-modernas, o *religare* era parte integrante de cada um, da mesma maneira como o sexo, a cor da pele, os membros, a linguagem. Na modernidade desencantada, fruto do capitalismo e impulsionada pelo pensamento iluminista, o mundo religioso foi sendo fragmentado, afastando o homem da natureza e da realidade cósmica, em que tudo passou a ser explicado, medido, cotejado, relegando ao homem o desamparo, em sua eterna busca pela realização mítica. (Souza & Miklos, 2018, apud MIKLOS, 2012, p.26).

A mutação ou adaptação da religião e da sua religiosidade acaba por ser racionalidade, individualizada e exclusiva, a partir do conteúdo proposto nas mais diversas formas de interação promovida pelos média sociais, nessa “relação individual com o mundo religioso, o indivíduo tem a possibilidade de transportar antigos mitos, rituais e construir *a la carte* a sua própria vivência”, (Luz & Rocha, 2011, p. 87). O cristianismo transformou-se numa religião de serviço e consumo, a felicidade sobrepõe a centralidade da salvação e valores como solidariedade, amor, harmonia e paz interior, substituem a espiritualidade monoteísta, (Souza & Miklos, 2018, p.68, apud Lipovetsky, 2007, p.131). Essa religião mediatizadora, prestadora de serviços, tem levado o ‘consumidor’ a encontrar-se consigo mesmo, mas não com o Transcendente.

O uso da tecnologia com fins religiosos não é uma exclusividade do cristianismo, o islamismo tem-se apropriado desse meio para levar a sua mensagem, um dos pioneiros com esse propósito foi o pregador sul-africano nascido na Índia Ahmad Deedat (1918-2005), cujos vídeos circulam amplamente por toda a África. Deedat foi seguido por vários outros em muitos países. Essas novas formas de pregar o Islão “ênfaticam a autogestão, a autoajuda e a responsabilidade individual e, portanto, são altamente favoráveis aos negócios e frequentemente compatíveis com os discursos e os regimes disciplinares do neoliberalismo”, (Eisenlohr, 2017, p.875, apud Rudnycky, 2010).

No caso do judaísmo, o exemplo vem da tradicional Chabad Lubavitch, uma das maiores organizações judaicas do mundo, que aproveitou a tecnologia digital para propagar e popularizar a leitura do judaísmo. As epístolas impressas e copiadas à mão foram substituídas por cópias hectográficas, em papel ou digitalizadas (Blondheim & Katz, 2015).

Até os conservadores monges budistas se renderam à tecnologia da informação, que antes se resumia em duas fontes de conhecimento, a saber: os livros e as anotações, agora utilizam as redes sociais para troca e obtenção de conteúdo. Em Sarah, uma cidade indiana, ao pé da cadeia montanhosa do Himalaia, o Dalai Lama⁴³ convenceu os monges budistas a estudarem ciências e matemática usando um computador portátil, com a colaboração de professores dos Estados Unidos da América, assim a cultura antiga e tradicional rendeu-se aos novos tempos. “Vale lembrar que até ao século XX até o uso de óculos era proibido, tal a rigidez dos costumes” (Mendes, 2012).

O instrumento da comunicação em suas mais variáveis formas é um grande aliado da igreja, a tecnologia não pode ser encarada como uma vilã. Ela permite uma interatividade sem precedentes, beneficiando quem a produz e quem consome o conteúdo, com experiências multissensoriais (Scott, 2022).

Todo esse aparato promoveu um crescimento vertiginoso não apenas do cristianismo no mundo, mas de várias outras organizações religiosas, construindo relacionamentos, particularmente entre os mais jovens.

Esse universo digital aproximou o indivíduo ao conhecimento do Transcendente, porém, por vezes também o afastou do convívio social, sendo talvez esse o grande desafio da eclesía para esta nova época.

Contudo, não se pode negar a capacidade de otimização e agilidade na propagação da mensagem, gestão de conteúdos e organização de atividades dos mais diversos tamanhos. Esse é um caminho sem volta.

⁴³ Título de uma linhagem de líderes religiosos da escola Gelug do budismo tibetano e é também o líder oficial do governo tibetano em exílio. “Lama” é um termo geral que se refere aos professores budistas tibetanos. (Mendes, 2012).

5.2 A religião adequa-se à mediatização?

A lógica dos média tem tornado as instituições religiosas cada vez mais dependentes. Esta é capaz de influenciar cultura, sociedade e o comportamento religioso, associando significados e alterando a esfera de relacionamento coletivo. Essa “lógica”, como uma categoria conceitual, não se restringe aos meios de comunicação por si sós, mas, pelo contrário, é uma maneira ampla de descrever o *modus operandi* particular de toda uma instituição ou de um domínio cultural e social menor”, (Hjarvard, 2014, p.26).

A relação entre religião e mídia já foi por diversas vezes tratada neste compêndio, mas é impossível falar do “reencantamento do mundo”, (Souza, 2016, p.148), numa possível reação contrária à secularização da igreja sem a aborgem da comunicação institucionalizada. “A midiatização é uma mediação específica, privilegiada ou especializada, que ocorre sob a lógica da técnica e da tecnologia”, (Fantoni, 2016, p.128).

Há um movimento de “contra-secularização”, (Berger, 2001, p.10), nos meios religiosos através do “ativismo digital”, (Aguiar, 2020, p.602), esse novo movimento tem afetado a toda a vida cultural da igreja e da capacidade de raciocínio do indivíduo.

Toda essa tecnologia colocada ao serviço da sociedade fez com que ela se mediatizasse, e por consequência levou a religião a procurar na reestruturação da sua comunicação um alinhamento que traduza um amplo significado do que é o sagrado e as suas experiências, como as celebrações litúrgicas, (Mattos, Junior, & Jacks, 2012, p.237-238). Por vezes, produtos como *designs* e linguagem de elementos do quotidiano hipermódnos, são vinculados a uma organização religiosa e a um contexto que visa marcar um espaço onde o fiel-receptor possa sentir-se parte desse espaço social.

Observa-se que novos processos comunicacionais passaram por uma “reviravolta”, (Sbardelotto, 2016, p.409), com uma rutura e descontextualização a partir da digitalização dos meios, num metaproceto, esses influenciados pela cibercultura.

Quando uma organização procura adequar a sua comunicação ao espaço público, num processo de mediatização, seja pelos média tradicionais ou digitais, submete-se ao risco de ver o seu discurso religioso escapar do controlo, surgindo novos símbolos, crenças e por vezes obriga a reavaliar a sua tradição a partir de novas práticas, sob prejuízo da tradição institucional.

A tradição religiosa é o que legitima a própria igreja, que via de regra, atua na moralização e formatação da conduta do indivíduo, a partir das suas autoridades constituídas por meio do reconhecimento público. O processo de incursão das organizações religiosas nesse conjunto mediático, coloca-a sob risco de deslegitimação e perda de autoridade.

Tratar esse novo momento da religiosidade como os primórdios da igreja eletrônica, não reflete o momento vivenciado. Enquanto os média ditos tradicionais como a televisão, a rádio e a imprensa escrita, estão centrados na cultura comunicativa de massas, atualmente, através dos meios tecnológicos existe uma infinidade de possibilidades interativas e particularizadas em todos os campos sociais, e claro, o religioso. Assim, é importante ressaltar que este processo “socio-histórico-cultural-económico-político”, (Cunha, 2002, p.18), leva à adoção de uma cultura mediatizada por parte das igrejas e de grupos religiosos, tem provocado toda uma mudança comportamental e de valores nos crentes.

Assim, é notória a observação de que os média tradicionais, vêm perdendo espaço como instrumento de auxílio na criação de conteúdo entre instituições e atores sociais. A partir de uma designação económica, Neto fala da “sociedade dos meios” e da “sociedade da midiatização”, onde a primeira estaria servindo uma organização numa relação interacional com uma autonomia relativa. Enquanto a segunda, tronou-se referencial sobre a qual a “estrutura sóciotécnica-discursiva” se firmou, afetando áreas em vários níveis de organização e dinâmica da sociedade (Neto, 2008, p.93).

À medida que a perda de representação social dos média tradicionais acontece, é verificada a ascensão do processo mediado através das redes sociais, levando instituições a reinventar-se, num percurso contínuo de transformação. Esse novo ‘serviço’ oferecido ao fiel acabou por facilitar a sua interação com as práticas religiosas fora do arrabalde clerical e do controlo da igreja, gerado por essa nova condição social.

Em Silverstone (2002) “aqueles que recebem e aceitam” a mediação existente “não são meros prisioneiros de uma ideologia dominante nem inocentes num mundo em que os indivíduos se andam a enganar a si próprias”. Participam de livre vontade, são “cúmplices” ou estão mesmo activamente envolvidos e implicados no engano, quer na sua relação com os média quer consigo próprios. E se agora com a possibilidade de interactividade, se somos todos audiências e temos possibilidade de ser audiências activas, ainda mais implicados estamos. (Lopes, 2009, p.23).

Há quem entende que o processo de mediatização da igreja contemporânea seja uma oportunidade de aumentar e intensificar a própria experiência religiosa, a “igreja eletrónica está desvendando a magia das religiões que haviam se intelectualizado, que haviam esfriado, que haviam desencantado” (Barbero, 1995, p.6). O mesmo fala do reencantamento descoberto pelos “protestantes [que] entenderam que a mídia também é reencantadores do mundo”, “a magia tecnológica reencanta, lavar, esfregar, limpar, engomar, tudo o que nos mostra precisamente a área mais opaca, mais humilhante da vida diariamente”, (Barbero, 1995, pp. 7-8), rompendo a inércia do quotidiano da vida.

Mas há quem veja o uso dessa tecnologia mediatizada com ressalvas e chame a atenção para o facto de que a palavra igreja não seria a forma correta a ser usada nesse contexto, “na prática, não haveria uma presença de ‘igreja’ na programação e, sim, de líderes religiosos e seus seguidores” (Cunha, 2002, p.4).

Esse processo de mediatização, ainda que em movimento de transformação, como vimos acima, teve início nos primeiros anos do século passado, com ênfase a partir da década de 1950, com líderes religiosos americanos, sendo a maioria de igrejas protestantes, com uma discreta participação da igreja católica que acompanhou o fenómeno, num primeiro momento com desconfiança, até perceber que o processo comunicacional eletrónico é um caminho sem volta.

Só no Brasil “há nove emissoras de inspiração católica de TV, geradoras de conteúdo: Aparecida, Nazaré, Imaculada, Horizonte, Pai Eterno, Rede Vida, Canção Nova, Século 21 e Evangelizar – as três últimas ligadas ao movimento da Renovação Carismática Católica” (Oliveira, 2020), quanto a emissoras de rádio “ao todo, são pelo menos 181 emissoras, espalhadas por 22 Estados e Distrito Federal” (Lobato, 1996). São pelo menos dez geradoras de imagens com conteúdo evangélico no Brasil e duas de inspiração espírita (Martins, 2016).

Em Portugal, o Grupo Renascença Multimédia, organização pertencente à igreja Católica, possui três emissoras de rádios com cobertura nacional, e uma série de ferramentas tecnológicas com presença em todas as redes sociais (Multimédia, 2023); além de outras emissoras de rádios como a “Canção Nova”, conselho de Ourém, “Maria”, conselho de Oeiras e “Maria”, conselho do Porto.

Já os evangélicos, além de emissoras de rádios locais, são representados pelos programas semanais, Luz das Nações e Caminhos, transmitidos pela Rádio e Televisão

de Portugal Dois (RTP2), ambos produzidos pela Aliança Evangélica⁴⁴, possuem ainda, duas produtoras de conteúdo para televisão, a Kuriakos TV e a UniféTV, esta, assim como a rede comercial de sinal aberto TV e Rádio Record, com 100% de cobertura nacional, são organizações ligadas à brasileira Igreja Universal do Reino de Deus, a igreja possui ainda sete emissoras de rádios.

Ora, essa “religiosidade midiática” (Cunha, O conceito de Religiosidade Midiática como atualização do conceito de Igreja Eletrônica em tempos de cultura “gospel”, 2002, p.21), apresenta um processo de símbolos evangélicos, onde a compreensão e o uso da comunicação a partir de novas tecnologias é a principal ferramenta de transmissão da mensagem.

Assim, o principal instrumento de comunicação entre a igreja e o fiel, já não é a liderança e a sua autoridade nas Escrituras, mas a capacidade de mediatizar a informação através da tecnologia e por vezes do espetáculo, atingindo um sem fim de espectadores remotamente, operando “nestes dias mais pela estética do que pela ética” (Gasparetto, 2009, p.64, apud Bauman).

A busca pela adequação ao processo mediático da igreja, tem promovido anomalias e ruturas no seu relacionamento direto com os simpatizantes e praticantes, favorecendo o surgimento “de lideranças religiosas que não compõem o quadro eclesialístico de uma instituição, mas discutem e fazem com que a religião esteja presente no espaço público” (Sousa, 2021, p.291), mas sem nenhum compromisso com as consequências do que diz e publica.

Entretanto, toda essa adequação contribui também para o surgimento de um grande número de igrejas que se tornaram verdadeiros conglomerados, imobiliário, mediático, político e eclesialístico. No Brasil, são muitas essas grandes organizações, mas nenhuma simboliza mais a força mediatizada do que “a Igreja Universal do Reino de Deus que cresce em número de fiéis e em acumulação de capital, chegando a ser proprietária de veículos de comunicação social nos diferentes formatos: imprensa especializada e secular, rádios e redes de televisão em canais VHF e UHF”, (Cunha, 2002, p.8).

Todo este processo de mediatização tem ressignificado o papel da religião no contexto social. Casanova, (Casanova, Public religions in the modern world, 1994, p.40-41) fala de duas teorias, a primeira é a da privatização da religião, que aponta para a liberdade religiosa no sentido de escolha, como pré-condição de todas as liberdades e

⁴⁴ Organização portuguesa que congrega e representa perante terceiros os evangélicos portugueses, herdeiros da Reforma Protestante que tem as Escrituras como única regra de fé. (Portuguesa, 2018).

intrinsecamente relacionada ao “direito à privacidade” livre da interferência governamental e livre do controle da igreja, assim como, consequência da Reforma Protestante, a emancipação do Estado moderno do controle eclesiástico e suas normas.

A segunda é antagônica à primeira, “isso é o que eu chamo - por falta de um termo melhor” (Casanova, *Religiones públicas en un mundo global*, 2004, p.80), de ‘desprivatização da religião’ onde as teorias da secularização da religião alegam que muitas instituições religiosas se recusam a aceitar um lugar a margem do sistema públicos de destaque. Essa desprivatização funciona de uma maneira que não é facilmente averiguável se os movimentos políticos estão com as vestimentas religiosa ou movimento religioso estão com as vestimentas da política.

Argumenta-se, então, que o processo social de mediatização digital da religião, ressignificado para o contexto digital, permite entrever o surgimento de uma “religião pública” – não necessariamente “invisível”, “não doutrinal”, “implícita” ou “escondida”, como defendem alguns estudos –, na qual o reconhecimento de um poder simbólico compartilhado socialmente, mediante experimentação religiosa – neste caso, cristã – vai deslocando o papel central das instituições eclesiais no estabelecimento de crenças e práticas e na configuração do culto cristão na sociedade contemporânea. (Sbardelotto, *Religião Pública: Desdobramentos da Mediatização da Religião na Cultura Digital*, 2014, p.74).

Essa fronteira entre religião e política já esteve mais fortificada, o acelerado desenvolvimento da indústria dos média, aguçou o processo de mediatização de algumas denominações religiosas onde as suas “ações que são publicizadas” (Martino, 2016, p.4) mudam as regras, práticas e até liturgia.

A igreja, particularmente a brasileira, tem procurado estar inserida em assuntos públicos, não apenas pelo processo de mediatização dos seus temas, mas também por uma necessidade de visibilidade por causa de seu número de fiéis (Martino, 2016, p.56), demonstrando poder e influência na tomada de decisões governamentais.

Essa nova forma de contextualização de atuação da igreja muda conforme a intensidade da religião. Weber alerta que “frequentemente a geração seguinte reinterpreta essas anunciações e promessas de modo fundamental, ajustando as revelações às necessidades da comunidade religiosa” (Weber, 1982, p.312). Isso tem levado a mudanças, por vezes radicais na doutrina da igreja, levando-a a ajustar-se a novas realidades. Essas necessidades mediatizadas acabam por gerar, em alguns casos, um processo de secularização, ainda que a intenção esteja na tentativa de manter e

conquistar mais fiéis. “Neste cenário, o Cristianismo e o Islamismo possuem uma característica marcante na adaptação de sua teologia e mensagem para o contexto da época” (Ortunes, 2019, p.95).

Essa adaptação sugerida por Ortunes, para alguns pensadores da comunicação mediatizada faz parte do processo globalizacional, termo análogo ao que se viria a chamar de “metaprocessos históricos” da comunicação, (Peter Lunt e Livingstone, Sonia, 2016, p.3)

O uso do ecrã tem alterado significativamente as relações religiosas, Sartori, (Sartori, 1998, p.5) vai falar do *Homo Videns*⁴⁵, onde a imagem projetada é um novo conceito do *paideia*⁴⁶. Se “o *homo sapiens*, [foi] produto da cultura escrita, em um *homo videns* para o qual a palavra é substituída pela imagem”.

A imagem mediatizada vem de modo paulatino substituir a leitura de textos, neste caso, a Bíblia Sagrada, valorizando programas de vídeo ou *podcasts* que ilustram a religião numa perspectiva, por vezes, distorcida das Escrituras.

Uma miríade de séries, filmes, e telenovelas de cunho religioso reforçam essa mensagem, antes de cunho exclusivo da Bíblia. Essa nova mensagem procura numa única publicitação, não alcançar um sentido de “cosmopolitismo”, (Martino, 2016, p.6), mas chamar a atenção para a centralidade da intenção, onde “a mediação transformou a religião em uma espécie de espetáculo mediático, misturando entretenimento, consumo de bens, *slogans* de autoajuda, marketing e publicidade para transmitir um significado religioso” (Martino, 2016, p.6).

Com o crescimento do rebanho, a atividade midiática da igreja não poderia ficar restrita ao seu ambiente doméstico, e principalmente, não poderia continuar a veicular um programa visualmente precário. Os padrões mercadológicos da indústria cultural foram restabelecidos e, para que esses padrões fossem atendidos, princípios e regras de racionalidade econômica tiveram de ser adotados, favorecendo o crescimento do ambiente midiático das igrejas por meio da profissionalização, (Fonteles, 2010, p.12).

A mediatização realizada por consequência desse investimento mediático levou a igreja à promoção de uma nova visão do seu entorno, particularizando o conservadorismo cristão, num neoconservadorismo (Sociedade, 2017). A espetacularização da fé em alguns casos tomou-se num dos principais instrumentos para

⁴⁵ O homem que vê, numa tradução livre (<https://translate.google.com/>).

⁴⁶ Palavra do grego, *paideia*, -as, educação das crianças, processo de educação, Grécia antiga. (<https://dicionario.priberam.org/>).

a promoção do proselitismo, gerando uma alta demanda económica para as organizações religiosas, e com isso um grande esforço de angariação financeira para manutenção dos custos de uma estrutura mediática cada vez maior. Isso tem como consequência um esforço de arrecadação de ativos cada vez maior, relativizando os valores da cultura de consumo.

A nova configuração económica mundial a partir da derrocada do regime comunista/socialista na década de 1980, promoveu a desestatização económica e derrubou as fronteiras comerciais criando uma nova sociedade baseada no consumo, alicerçada na revolução tecnológica. Assim, o indivíduo não tem apenas de consumir, mas dominar o aparato tecnológico. “Este sistema sociopolítico e económico tornou possível o advento e o sucesso de duas formas religiosas que buscam traduzir a esta ideologia – a Teologia da Prosperidade e a Guerra Espiritual”, (Cunha, Interseção Mídia Religiosa e Mercado e A Ressignificação de Signos Bíblicos pelos Evangélicos, 2014, p.14). Ambas defendem a ideia de que o fiel, a partir da santidade e comunhão com Deus, tem o direito de gozar uma vida de conforto neste mundo.

Aqui cabe um aparte; uma das interpretações, questionáveis por alguns teólogos, para tais teologias, baseia-se num contexto das Sagradas Escrituras onde, a partir do reinado de Davi, a manifestação de fé dos hebreus ganhou um novo formato, quando o todo-poderoso, e hábil, rei Davi levou a Arca da Aliança, símbolo da presença de Deus, para Jerusalém e colocando-a no centro da cidade, onde pousada, aguardava a construção do templo. Agora, ao contrário da itinerância do culto a Deus, a adoração estava centrada num local fixo, onde a arca se assentava. Essa atitude davídica consolidou o seu reinado, e simbolicamente atribuindo a Deus a imagem de rei. Transformado Jerusalém na cidade sagrada, (NOTH, 1976).

O poder simbólico, cuja forma por excelência é o poder de fazer grupos (grupos já estabelecidos que é preciso consagrar, ou grupos a serem estabelecidos, como proletariado marxista), está baseado em duas condições. Primeiramente, como toda forma de discurso performativo, o poder simbólico deve estar fundado na posse de um capital simbólico. [...] Em segundo lugar, a eficácia simbólica depende do grau com que a visão proposta está alicerçada na realidade: Evidentemente, a construção dos grupos não pode ser uma construção ex nihilo⁴⁷. Ela terá tanto mais chances de sucesso quanto mais estiver alicerçada na realidade: isto é, como eu disse, nas afinidades objetivas entre as pessoas que se quer reunir. Quanto mais adequada for a teoria, mais poderoso será o efeito de teoria. O poder simbólico é um poder de fazer coisas com palavras (Bourdieu, 2004, p.166).

⁴⁷ A partir do nada. (<https://dicionario.priberam.org/>)

Esse processo de mediação arcaica, repete-se hoje nos templos espalhados pelo mundo cristão, onde a espetacularização da fé passa pela decoração e ambientação, buscando uma relação com a glória do passado num processo de ressignificação dos símbolos do Antigo Testamento; não só através da “tríade música-mercado-entretenimento”, (Cunha, Interseção Mídia Religiosa e Mercado e A Ressignificação de Signos Bíblicos pelos Evangélicos, 2014, p.3), mas também mediatizando e ufanando um tempo de grande aparato, para com isso justificar teologias como a da Prosperidade e a Guerra Espiritual, promovendo o proselitismo económico.

Movimento liderado principalmente por líderes notórios, com grande poder mediático e indiscutível retórica, esse processo mediatizado, tem como legitimidade o grande número de adeptos na sua comunidade religiosa, passando esses a partir do uso de símbolos a emitirem opiniões sobre assuntos fora do seu arrabalde.

Essa estratégia passa necessariamente pelo medo e comoção, no caso de igrejas consideradas neopentecostais⁴⁸ “os cultos com exorcismos ocorrem a todo o momento e são veiculados pela televisão, internet e rádio”, (Ortunes, Religião e Política: O Neofundamentalismo no Brasil, 2019, p.98).

Algumas denominações comportam-se como se competissem num mercado pelo “tempo, dinheiro e fidelidade das pessoas” (Martino, 2016, p. 56), esse apoio financeiro termina com a promessa de retorno através de várias interpretações, questionáveis, na Bíblia (Bíblia, 1993, Gêneses 26.12), ou ainda (Bíblia, 1993, II Coríntios 9.6). Todo esse aparato mediático necessita de um aporte financeiro generoso e a espetacularização da fé através da mediatização das Escrituras e uma boa campanha de marketing, aliada às novas tecnologias, potenciam a angariação de receitas.

5.3 Religião mediada, práticas religiosas e cultura

Muitas denominações religiosas gradualmente começam a raciocinar como se estivessem num mercado, algumas até já se apresentam à sociedade como convém ao ‘cliente’; se a demanda é pela espiritualidade assim será oferecido, se é pela realização

⁴⁸ Movimento dissidente do protestantismo. Foi iniciado por líderes religiosos dos Estados Unidos nos anos 1960, quando passaram a ser chamados de neocarismáticos ou evangélicos carismáticos. No Brasil, o movimento neopentecostal teve início com Edir Macedo e sua Igreja Universal do Reino de Deus no fim dos anos 1970. (Rocha, 2020).

peçoal idem, ou ainda, se a demanda for por conquistas materiais, basta consultar o menú desse serviço, como se fosse *fast food*.

Cada vez mais disponíveis fora das paredes do templo, muitas igrejas marcham para se afirmarem através dos mídias tradicionais como televisão e rádio, apoiadas progressivamente e de forma relevantes pelas redes sociais.

Constatamos hoje o desvio do olhar do fiel dos templos tradicionais para os novos templos midiáticos e digitais, que estimulam, sob novos formatos e protocolos, a experimentação de uma prática religiosa que encontra suas raízes na realidade *online*, mas que é agora ressignificada para o ambiente digital, possibilitando uma experiência religiosa por meio da rede. Ou seja, as pessoas passam a encontrar uma oferta da fé não apenas nas igrejas de pedra, nos sacerdotes de carne e osso e nos rituais palpáveis, mas também na religiosidade existente e disponível nos *bits* e *pixels* da internet (Sbardelotto, 2013, p.349-350).

Nesse sentido, verifica-se que a “vivência do religioso” (Mattos, Junior, & Jacks, 2012, p.234), é pautada pelo processo de mediação das organizações religiosas referenciadas pelo gosto do consumo mediático do fiel.

Se o evangelicalismo⁴⁹ foi pautado pela ortodoxia protestante, o neoevangelicalismo⁵⁰ surge, a partir da década de 1940, com a quebra de dogmas inegociáveis pelos seus antagonistas. Essas novas práticas religiosas acabaram por levar a um enfraquecimento na autoridade de líderes religiosos, as suas instituições e doutrinas. “A religião é, em si, uma relação de comunicação enquanto código de sentidos compartilhados que provê a compreensão de uma determinada realidade para uma comunidade de fiéis” (Mattos, Junior, & Jacks, 2012, p. 227, apud Besecke, 2006).

Portanto, a convergência de mídia e religião acaba por comprometer os símbolos, ideias e outros valores religiosos, levando a uma cultura alimentada pelo consumo num mercado religioso, diminuindo ainda mais a legitimidade da instituição. Essa relação tem-se mostrado como um elemento vinculativo num processo de mediatização da

⁴⁹ Movimento cristão protestante, de cunho conservador e fundamentalista, que se consolidou no século XIX nos Estados Unidos e enfatiza a autoridade bíblica, a centralidade na figura de Jesus Cristo como único mediador entre Deus e a humanidade, a conversão a Jesus Cristo como condição para a salvação da alma, o anti-ecumenismo e a necessidade de pregação do Evangelho bíblico centrado em Jesus Cristo por meio do ativismo missionário. Evangelical é o termo atribuído aos adeptos do movimento (Hoover, 2014, p. 43).

⁵⁰ Contramovimento surgido entre protestantes americanos nos anos 1940, de crítica ao fundamentalismo, portanto, com abertura ao liberalismo teológico e a uma leitura crítica da Bíblia, aceitação do ecumenismo e com ênfase nas ações sociais missionárias (Hoover, 2014, p. 43).

própria organização com a sociedade a partir de “dispositivos móveis e redes sociais digitais” (Mattos, Junior, & Jacks, 2012, p.238).

Esse comportamento de consumo é adotado por praticamente todas as religiões, por exemplo, as mulheres muçulmanas usam lenços na cabeça para cobrir os cabelos, já os homens judeus usam o quipá, cristãos usam estilos distintos de roupas ou colares com a cruz, casas são adornadas com velas e ornamentos que marcam feriados religiosos.

Martino, (Martino, 2016) vai chamar a estas igrejas, “igrejas de baixa mediação” e “igrejas de alta mediação”. A primeira reforça a doutrina de que as práticas religiosas devem ser vividas a partir de um *ethos* cotidiano. Já a segunda, sugere que as práticas religiosas além de vividas, devem ser exibidas.

Diante dessa perspectiva a igreja de baixa mediação vê o consumo exagerado e exibicionista como uma demonstração de orgulho e vaidade, enquanto as igrejas de alta mediação estimulam o consumo, por exemplo, de bens duráveis e roupas caras; isto é visto como um sinal da bênção de Deus.

Essa “mercantilização da religião não é algo novo. Há histórias longas e profundas de culturas materiais religiosas e espirituais na maior parte das tradições religiosas” (Hoover, 2014, p.52). Os escritos bíblicos, (Bíblia, 1993, João 2.14-16), narram experiências do próprio Cristo.

E encontrou no templo os que vendiam bois, e ovelhas, e pombos, e os cambistas assentados. E tendo feito um afoite de cordéis, lançou todos para fora do templo, também os bois e ovelhas; e espalhou o dinheiro dos cambistas, e derrubou as mesas; E disse aos que vendiam pombos: Tirai daqui estes, e não façais da casa de meu Pai casa de comércio, (Casonatto, 2015).

Portanto, essa lógica milenar de mercado e religião procurou sempre trespassar as tradições, mediatizando práticas religiosas para “conseguir a adesão de fiéis-clientes” (Santana, 2005, p.62). Todo esse esforço por ‘resultados’, tem levado muitas instituições a racionalizar as suas práticas num pluralismo do mercado, ajustando-se à preferência do ‘consumidor’.

O papel dos média jornalísticos no desenvolvimento desse novo momento religioso não pode ser desprezado; a “mediatização e a prática da religião em um ambiente mediatizado vai muito além das fronteiras da própria religião institucionalizada, como igrejas e denominações”, (Martin, 2016, p.15-16).

A visibilidade institucional promovida particularmente pelas redações dos grandes médias nas últimas décadas, ainda que por vezes com notícias negativas, a exemplo de atentados terroristas, abusos de menores e malversação de dinheiro dos fiéis, tem chamado a atenção para a religião, religiosidade e práticas religiosas, sejam elas ocidentais ou orientais.

Esse fenómeno mediático promoveu uma nova cultura entre líderes religiosos, “na prática, isso implica que as histórias envolvendo religião devem ser noticiadas, e os atores religiosos precisam de se adequar ao papel de fonte de notícias”, (Hjarvard, 2016, p.10).

Situações extremas como o atentado aos Estados Unidos da América em 11 de setembro de 2001, que ceifou quase três mil vidas (Filipa Traqueia, 2021), ou abusos sexuais na Igreja Católica Romana em Portugal superior a 400 casos (Teles, 2022), ou ainda, a prisão de pastores evangélicos, acusados por desvio de milhões em dízimos dos fiéis (Vitória, 2021), entre outras, fizeram com que as redações dessem “cada vez mais atenção à religião tanto como matéria local e doméstica como internacional ou global” (Hoover, 2014, p. 46).

Esse fenómeno não é novo, apenas iminente, e podemos observar que:

Ao longo da história, de muitas formas, a comunicação com e sobre “o sagrado” foi empreendida através de diversas culturas materiais e formas de mídia, começando com a própria linguagem, um dos meios primordiais para a comunicação religiosa (Keane, 1997), incluindo a escrita, ícones e imagens, arquitetura, música, vestuário, relíquias e outros objetos de veneração. Na verdade, pode-se até mesmo dizer que é somente através desses meios de comunicação que se torna possível para alguém proclamar a sua fé, marcar sua filiação, receber dons espirituais, ou participar em qualquer um dos inúmeros idiomas locais que tornam o sagrado presente para a mente e o corpo, (Stolow, 2014, p. 150).

Essas veiculações despertam interesses e aumentam a audiência, naquilo a que Carcoso, (Cardoso, 2022, p. 292) vai chamar de “sincretismo cultural” a partir de uma cultura mediatizada. Assim, o assunto religiosidade ocupa cada vez mais espaços, por vezes negativos, nos noticiários; estimulando a ideia de que a cultura da fé e as práticas religiosas estão em processo de declínio e submersão.

Ainda que a impressão possa apresentar de forma empírica essa ideia, o que se pode observar é que, por exemplo, segundo estudos da americana Pew Research Center (Center, 2022), a continuar a tendência de afastamento dos fiéis dos templos, até 2070

os Estados Unidos da América terão menos de 50% de cristãos professos; no entanto isto não significa a ausência de fé, nesse cenário “os cristãos ainda seriam o maior grupo religioso e os ‘sem religião’ formariam um grupo maior, mas não seriam maioria”, (Martins, 2022), ou seja, a fé há-de continuar ainda mais forte, entretanto, o enfraquecimento das instituições religiosas pode ser uma tendência.

O fenómeno da cibercultura através dos média sociais deu ao crente um conjunto de ferramentas que lhe permitiu uma ascensão e autonomia pessoal, onde pode expressar a sua vontade num “processo em que um conjunto de elementos age em sinergia”, (Lahis Pasquali Kurtz, 2016, p. 133), diminuindo a autoridade institucional “nas grandes religiões do Ocidente, no Islão, no Budismo e até nas religiões conservadoras do evangelismo americano” (Hoover, 2014, p.50).

Como já observado anteriormente, a partir de Casanova, (Casanova, 1994), enquanto as denominações seguem no reverso da privatização para a desprivatização, envolvendo-se cada vez mais na esfera da governança pública, o indivíduo desloca-se para um isolamento voluntário, onde compõem a sua manifestação de fé num processo que “de um modo talvez demasiadamente apressado chamou-se esse fenómeno de ‘des-institucionalização’ dos movimentos religiosos (Montero, 2012, p.170, apud Almeida 2004 e 2006; Hervieu-Léger 1999).

No pós-Segunda Guerra, como sugere Martins, (Martins, 2022), os teóricos da secularização notaram um abrandamento das manifestações religiosas individuais, onde se acreditava haver um movimento de diminuição do poder eclesiástico; chegando a defender o desaparecimento do fenómeno religioso das sociedades. O tempo mostrou que a tese estava equivocada, e num processo de adaptação à cultura contemporânea, o indivíduo continua a busca pela ligação ao transcendente, desta feita com novos ambientes e novos símbolos.

Essa mediação independente e particularizada acaba por ser resultado do processo de mediatização da religião quando num momento do tempo se procurou a convergência do entretenimento popular não apenas através dos média tradicionais, mas também através de filmes, publicidades, músicas e em especial as redes sociais, “as mídias são, ademais, a fonte dominante e definitiva do que é social e culturalmente importante na modernidade” (Hoover, 2014, p.51).

O reposicionamento que a religião foi, por assim dizer, obrigada a fazer na sociedade moderna, passou necessariamente por redefinir as suas práticas, a partir da

percepção da importância dos média e da sua relevância cultural. Ainda que “a cultura da imagem é também uma cultura de simulacros, onde o faz de conta generalizado é a regra” (MARTINO, 2016, p.12). Ou seja, a superficialidade dessa nova manifestação da cultura religiosa tem por vezes afastado o fiel das suas práticas coletivas ou despertado para pequenos grupos onde o sentimento de pertença associado à procura da convivência de grupo através de uma identidade particular e social.

A religião é uma coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são as maneiras de agir que não nasceram senão no seio de grupos reunidos e que estão destinados a suscitar, a manter ou a refazer certos estados mentais desses grupos (Durkheim, 2000, p. 155).

Portanto, as chamadas sociedades seculares não são suficientes para tornar insignificante o campo religioso, o que se observa é o contrário, “em todo o mundo, estudiosos, jornalistas e outros comentadores têm percebido – às vezes com muita surpresa – as diversas formas pelas quais a vida religiosa vem sendo transformada” (Stolow, 2014, p.147). Novos movimentos e práticas religiosas vêm surgindo, os quais não se identificam com a contextualização das instituições religiosas, a sua doutrina e até a forma como são constituídas na sua comunidade, por vezes, centenárias, como o cristianismo, o islamismo, o judaísmo, o budismo, e assim por diante. Afinal “sabe-se há muito tempo que os primeiros sistemas de representação que o homem fez para si do mundo e de si mesmo são de origem religiosa” (Durkheim, 2000, p.154).

As novas práticas adotadas pelas igrejas de alta mediação têm sistematicamente utilizado técnicas modernas de comunicação com o intuito de adaptar-se ao estilo, símbolos e códigos da mídia contemporânea, isso levou-as a uma nova cultura de mídia popular, adotando o conceito de espetáculo com grande ênfase nos aspectos visuais, (Martino, 2016, p.104-105). Ao assistirmos à complexa mediação tecnológica adotada por muitas organizações até parece difícil imaginar a religião fora desse ambiente.

Ainda que o movimento de afastamento de fiéis esteja a ocorrer em muitas organizações, ignorar o envolvimento de outro tanto nesse mesmo ambiente seria um erro, “ao contrário, a religião mediada só pode ser efetivada com o comprometimento pessoal de seus membros e adeptos (Martino, 2016, p.44).

Para Sousa, (Sousa, 2021, p.293), a mediatização da religião é uma proposição à igreja eletrônica, não se tratando de um “produto acabado”, mas submetendo-se a arranjos, sempre que necessários, num processo contínuo desse fenómeno.

Esse processo de adaptação, por vezes, ultrapassa a razoabilidade, levando essas organizações a um ajuste mercadológico, onde os líderes, conhecidos por muitos como televangelistas, procuram maior visibilidade, expondo-se e expondo a organização numa ânsia de maior audiência mediática e de auditório.

Essa mudança cultural baseada na mediação da tecnologia da comunicação e informação, por exemplo, viabilizou a partir década de 1990 a figura do padre católico Marcelo Mendonça Rossi (1967). Esse “esboça-se uma estratégia de divulgação da mensagem religiosa a partir de um modelo baseado no formato das mídias – não por acaso, algumas celebrações eram denominadas, pela imprensa, como ‘showmissas’” (Mattos, Junior, & Jacks, 2012, p.230). Em meados dos anos 2000, outro padre católico, Fábio José de Melo Silva (1971), passou a ganhar espaços nos média com uma estratégia assemelhada e comportamentos mediáticos.

Essas novas práticas religiosas foram fortemente influenciadas pelo processo de visibilização mediática, ainda que um número significativo de adeptos, estejam a procurar formas alternativas de manifestar a sua fé, nota-se que as denominações religiosas que têm provado um crescimento exponencial são as que mais se têm articulado com a lógica da mediação.

É o que pode se observar, por exemplo, no crescimento exponencial da igreja, brasileira, Apostólica Renascer em Cristo, fundada no início dos anos 1980, que chegou a possuir várias emissoras de rádio e geradora de conteúdo televisivo, além de centenas de templos espalhados principalmente pelo Brasil (Cristo, 2022). Em 2007 a igreja foi denunciada pelo “Ministério Público [que] pediu o bloqueio dos bens da Igreja Renascer e do casal [bispos Estevam Hernandes Filho e Sônia Haddad Moraes Hernandes, fundadores da igreja] por entender que a comunidade se comportava como uma organização criminosa que praticava lavagem de dinheiro, evasão de divisas, falsidade ideológica e estelionato” (G1, 2007).

Na iminência de prisão, o casal resolveu ir para os Estados Unidos da América onde “foram presos por levarem 56 mil dólares em dinheiro vivo para os Estados Unidos. Eles declararam às autoridades alfandegárias que traziam 10 mil, que é o limite imposto pela lei americana” (G1, 2007). Após dez meses de prisão e dois anos de liberdade

condicional, o casal voltou ao Brasil e reassumiu as suas atividades eclesiásticas (Gomes, 2009).

No período em que estiveram detidos nos Estados Unidos, ambos continuaram as suas atividades através de videoconferências onde tratavam a situação como ‘uma prova de fé’, “em um deles, ao vivo, Sônia pediu para que os fiéis continuassem orando por eles. - Não tenham pena da gente - disse a bispa Sônia Hernandez” (Gomes, 2009).

Este é um dos casos de igrejas espalhadas pelo mundo, onde os seus líderes têm feito uso particular de bens que pertencem à organização.

A situação da igreja chamou a atenção do jornal americano The New York Times, que publicou um artigo no ano do regresso dos líderes ao Brasil, após a prisão americana, com rápida menção ao cárcere dos líderes e maior foco em como a igreja se comunicavam com os jovens através de “noites de luta à música reggae, videojogos e estúdios de tatuagens locais, as igrejas ajudaram a tornar o evangelicalismo no movimento espiritual que mais cresce no Brasil” (Barrionuevo, 2009).

Essa exposição fez o mundo olhar para a organização e para a situação dos bispos em causa, o que lhes rendeu uma exposição negativa e atenção para a problemática da mediatização do evangelho das chamadas igrejas de alta mediação.

Anos depois, a igreja estabilizou-se, boa parte do seu património foi mantido, os seus líderes ainda têm um excelente salário, vestem roupas caras, vivem num triplex, e continuam a visitar as suas herdades e coudelarias de helicóptero, além de lançar um livro de autoajuda com o título ‘Vivendo de Bem com a Vida’ (Cardoso, 2011).

É evidente que este caso é uma pequena ponta de um novelo que, de tempos a tempos, é desnovelado.

Quanto mais uma denominação religiosa usar a tecnologia da mídia, mais sua doutrina justificará e destacará a adoção de outros aspectos da sociedade contemporânea, como consumo, sucesso profissional, beleza e saúde, riqueza e cuidados com o corpo. As igrejas de alta mediação conferem um sentido religioso aos códigos e práticas da sociedade contemporânea, em particular os relacionados com a imagem e o consumismo, que são explicados e justificados dentro de um contexto religioso. Essas práticas, como o consumo ou o uso de roupas caras, são enquadradas como parte de uma questão religiosa mais ampla. Por exemplo, gastar dinheiro em coisas caras é visto como uma “bênção” nas igrejas de alta mídia, significando que o consumo de coisas materiais é assim ressignificado dentro de um quadro religioso. (Martino, 2016, p.70-71).

Essa noção do “espetáculo” apreciada pela sociedade moderna foi ‘pescada’ por muitas igrejas de alta mediação no “momento em que a mercadoria chega à ocupação total da vida social” (Debord, 2003, p.32).

Essas igrejas não apenas adaptaram as suas crenças, adequando as suas ideias e princípios, na busca da legitimidade doutrinária a fim de explicar os seus comportamentos, como também mediatizaram a mensagem religiosa às necessidades de uma imagem de consumo contemporânea,

Pode verificar-se que muitas dessas doutrinas, ou por vezes, dogmas, são ‘pinçadas’ daquilo a que Martino, (Martino, 2016, p.70, apud Clark 2007, p.5), vai chamar de “religião das ruas” ou “vernacular”, baseado numa cultura popular consumista transformando-a em práticas religiosas formal e informalmente concebidas.

Todas essas práticas religiosas “têm sido chamadas de superior e inferior, o espiritual e o material, o divino e o carnal; e embora possamos não aceitar totalmente esta classificação, não podemos deixar de observar que distinções existem” (Lippmann, 2008, p.160-161).

A religião num dos seus conceitos define-se no ato de se religar a algo, ao Transcendente. Pode, de forma ainda mais singela, ser definida como algo que nasce “no coração de todas as pessoas, bem como na cultura de todos os povos e nas suas manifestações coletivas, está sempre presente uma dimensão religiosa” (Coelho, 2017, p.9). Ainda que as discussões intermináveis sejam travadas a respeito da manifestação individual da fé, se ela é intrínseca ou não a cada pessoa, não se pode negar a influência da religião e das suas práticas religiosas na vida cultural da sociedade, seja ocidental ou oriental. Para Agostinho, (Agostinho, 2000, p.41), “a alma se eleva gradativamente à perfeição de costumes e de vida não apenas só pela fé, mas também com certa razão”.

5.4 A política do corpo, aparência e estética na religião mediada.

A busca da compreensão do culto da aparência é algo que persegue o princípio filosófico da humanidade desde sempre. Registos históricos dão conta que essa inquietude já incomodava os ascendentes dos pais da filosofia, que a demonstravam através de expressões artísticas como pinturas rupestres, esculturas em pedra e madeira.

Mas é a partir de Platão (428-348 a.C.) e das suas publicações, particularmente *Hípias Maior*, que o assunto recebe atenção e uma reflexão mais aprofundada sobre as manifestações do belo natural e do belo artístico.

Nesse manifesto Platão, (*Hípias Maior*, 2019), apresenta um diálogo entre Sócrates (469-399 a.C.) e Hípias, onde o primeiro define o belo em cinco formas, na seguinte ordem: “apropriado”, (293b), “útil” e “faz o bem”, (295c), “benéfico”, (296d), e “agrada à audição e à visão”, (297e).

Nessa linha de pensamento não existe feio ou bonito, apenas o útil; assim, essa “estética utilitária”, (Augusto, 2014), socrática deve chegar à perfeição da virtude e sabedoria contrariamente à arte que se limita a copiar a natureza.

Essa provocação de Sócrates a Hípias, segundo Platão, baseia-se no argumento de que a arte termina “afastando assim o homem da beleza que reside no mundo das ideias” (Fontes, S.d.).

Na sua obra “*A República*”, Platão, dividia a realidade em dois universos, o sensível e o inteligível, o segundo é onde se encontram os fundamentos da existência dos seres num mundo sensível. Assim, tanto o homem como os seres são cópias sensíveis do original inteligível (Cruz, 2022). Pergunta Sócrates a Glauco: “crês que a habilidade de um pintor fica diminuída se, após ter pintado o mais belo modelo de homem e dado à sua obra todas as características adequadas, for incapaz de provar a existência de semelhante homem?”, responde Glauco: “não, por Zeus, não creio”, (Platão, *A República*, S.d., p.236).

O dramaturgo brasileiro, Ariano Suassuna (1927 – 2014), na sua obra “*Iniciação à estética*”, argumenta que Platão propõe “que a beleza de um objeto depende da maior ou menor comunicação que ele tem com uma Beleza superior, absoluta, divina, única Beleza verdadeira, que subsiste, por si só, no mundo suprasensível das Essências”, (Suassuna, 2012, p.17). Dessa forma, a beleza está nos olhos do espírito do observador e de quem ou do que se coloca a sua frente, ou seja, uma mãe, por exemplo, irá sempre ver o belo no seu filho.

Enquanto Platão defendia a ideia de que a realidade era uma cópia sensível ao original inteligível e que o belo estava afeto à utilidade e ao divino, o seu discípulo, Aristóteles (384-322 a.C.), defendia uma ideia distinta, a de que a função do “poeta não é contar o que aconteceu, mas aquilo que poderia acontecer, o que é possível, de acordo com o princípio da verossimilhança e da necessidade” (Aristóteles, 2008, p.54). Ora, se

a experiência artística se assemelha à verdade, não pelos factos e pela realidade, mas porque é possível tornar-se realidade “o belo não pode se desligar do homem, ele está em nós” (Fontes, S.d.).

A beleza para Agostinho de Hipona (354-430) nada mais é do que o reflexo do próprio Deus e a sua harmonia com a Verdade (Agostinho, 2000, p.42). Enquanto para Tomás de Aquino (1225-1274) “o belo é aquilo que agrada à visão” (Jolivet, 1965, p.259).

A arte helénica teve uma forte influência dos conceitos aristotélicos e platónicos, assim como a arte romana, no entanto, a individualidade do corpo sobressai. É o que se pode observar em Heródoto, (Heródoto, 2006, p.473) quando define como beleza o reflexo de Helena.

Entretanto, para alguns pensadores, a natureza é bela por ser imperfeita, como College, (College, 2011), propõe “repensarmos essa estética da natureza e mostrar que o imperfeito é bonito”⁵¹, ou ainda como defende o físico brasileiro, Marcelo Gleiser, “precisamos abraçar os ensinamentos de uma nova visão científica do mundo, onde o poder criativo da Natureza reside nas suas imperfeições, e não na sua perfeição; onde a vida, e mesmo a nossa existência, é frágil e preciosa”⁵², (Gleiser, 2010, p.13).

Mas afinal, como se pode definir o belo? Para Nascimento, (Nascimento, 2014, p.1), “O conceito de beleza está diretamente relacionado à forma como cada um define seus padrões de beleza”. Já o filósofo, italiano, Umberto Eco (1932-2016), faz uma questão intrigante: “que cânones, gostos e costumes sociais permitem considerar ‘belo’ um corpo?” (Eco, 2004, p.193). O próprio responde noutra publicação: “Dizer que belo e feio são relativos aos tempos e às culturas (ou até mesmo aos planetas) não significa, porém, que não se tentou, desde sempre, vê-los como padrões definidos em relação a um modelo estável” (Eco, História de Feiúra, 2007, p.15).

A busca pelo padrão do belo é um esforço da humanidade desde sempre. Embora “a estética é conhecida também por ser a ciência do belo”, (Cruz, 2022), tendo existido só a partir do século XVIII, a definição da Estética enquanto domínio do conhecimento entra para o vocabulário académico da filosofia, em definitivo, a partir da publicação do livro “Estética”, do alemão Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762).

⁵¹ Isso não significa concordância do autor desse compêndio com a frase citada.

⁵² Idem - 51

Existindo a definição, podemos facilmente descobrir o termo assim definido. Já os filósofos gregos e os padres da Igreja sempre distinguiram cuidadosamente as coisas sensíveis (*aisthéta*) das coisas inteligíveis (*noéta*). E evidente o bastante que as coisas sensíveis não equivalem somente aos objetos das sensações, uma vez que também honramos com este nome as representações sensíveis de objetos ausentes (logo, os objetos da imaginação). Às coisas inteligíveis devem, portanto, ser conhecidas através da faculdade do conhecimento superior, e se constituem em objetos da Lógica; as coisas sensíveis são objetos da ciência estética (*epistémé aisthetiké*), ou então, da Estética (Baumgarten, 1993, p.53)

Entretanto, quem aprofunda o tema é o filósofo, prussiano, Immanuel Kant (1724-1804), que “sistematiza uma série de reflexões sobre a estética” (Silveira, 2021). Para Kant, o que é belo, e o que não o é, distingue-se não pelo entendimento do objeto em si, mas pela capacidade de imaginação e do seu sentimento de prazer ou desprazer (KANT, 2019, p.47).

Dessa forma, o juízo de estética é subjetivo, uma vez que a beleza não é um património de algo e nem universal, mas um sentimento subjetivo, próprio e particularizado.

Um resgate do divino é apresentado pelo filósofo, alemão, Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), onde é inútil procurar a fidelidade do mundo na arte, uma vez que essa é menor que a natureza, já que, segundo o filósofo, a aparência da realidade é apenas no sentido do autor, não trazendo a realidade viva. Como “pretende o homem ao imitar a natureza?”, interroga o filósofo antes de afirmar: “Experimentar-se a si próprio, mostrar habilidade, e regozijar-se por ter fabricado uma coisa com a aparência natural” (Silveira V., 2019, p.82, apud Hegel, 1980, p.95). A crítica é feita ao naturalismo pelo facto de afirmar que a arte é inspirativa, e assim, superior ao homem, ora, “Deus é Espírito, e melhor se reconhece no Espírito do que na natureza” (Silveira V., 2019, p.82, apud Hegel, 1980, p.96).

Para Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844.1900), filósofo alemão, a estética da criação artística revela-se na alegria suprema de seu criador, “e o indivíduo por sua vez torna-se artista por meio de uma vida criadora” (Mascello, 2015, p.134), ou seja, para Nietzsche o artista assim o é, através da legitimidade da sua arte a partir da contemplação. A arte é “a principal arma contra o niilismo⁵³ e o modo mais transparente de expressão da vida” (Macedo, 2005, p.288).

⁵³ Redução a nada. Negação de todo o princípio religioso, político e social. (<https://dicionario.priberam.org/>).

Para o francês, Michel Foucault (1926-1984), que foi professor da cátedra de História dos Sistemas do Pensamento, no *Collège de France*, autor da tese “Estética da Existência”, argumenta que o “valor moral não está em sua conformidade, a um código de comportamento nem em um trabalho de purificação, mas depende de certas formas, ou melhor, certos princípios formais gerais no uso dos prazeres” (Foucault, 1998, p.89). Então, a Estética da Existência é a ação do cuidado de si, “uma vez que arte é fazer aparecer, trazer à luz, expressar seu originário modo de existência” (Galvão, 2014, p.167). A estética foucaultiana baseia-se no ápice do período Greco-romano que teve o seu próprio estilo, onde visava “a constituição de si mesmo como o artesão da beleza” (Ventura, 2008, p.64).

Como observado acima, o que nos causa formosura está alicerçado no princípio filosófico do belo, e sinonimatizado em estética pela academia. Essas expressões foram retratadas ao longo da história por manifestações artísticas das mais diversas formas, pinturas, esculturas, representações teatrais, e sempre acompanhadas, às vezes incentivadas, pela cúria religiosa.

Obras religiosas, muitas de valor incalculável, produzidas ao longo da história apresentam a perspectiva do belo no seu tempo.

Beleza e feiura, longe de serem apenas condições naturais, estão fortemente ligadas ao meio social, como mostra o facto de que o conceito de “beleza” mudou tanto ao longo da história. Basta olhar para qualquer Madona da Renascença para ver por que ela não teria sucesso como top model nas passarelas contemporâneas (Martino, 2016, p.74).

O olhar religioso nesse dinamismo e nas suas performances desenvolveu e articulou durante séculos um pensamento “com as diferentes possibilidades de mediação, o que favorece uma releitura, através dos elementos e sinais disponíveis, em ordem a uma reflexão” (Rodrigues, 2018, p.104).

Se no pensamento platónico a imagem do belo é uma manifestação mal retratada da natureza através do Sensível por inspiração do inteligível, podemos deduzir que a definição séculos depois do teólogo Paulo de Tarso (5a.C.-67d.C.), de que belo é “Cristo, o qual é a imagem de Deus” (Bíblia, 1993, II Co 4.4b) é aceitável.

É evidente que outros pensadores, como discutido acima, têm outras formas de ver o belo, contrariamente ao pensamento platónico, assim como ao pensamento paulino, no

entanto, esta pesquisa tem o objetivo de abordar a beleza no exercício da religião, numa perspectiva cristã.

Assim, pese o esforço em abordar alguns dos pensadores sobre o assunto, o foco está no cristianismo. Podemos observar o apóstolo Paulo abordando o tema mais uma vez quando afirma que “Este [Jesus] é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação” (Bíblia, 1993, Cl. 1.15).

Então, numa perspectiva bíblica, a criação de Deus, o homem, é uma cópia mal cabada do próprio Deus, uma vez que Jesus, o Cristo, é a cópia perfeita? De modo algum. As Sagradas Escrituras dizem que Jesus é o próprio Deus, “Eu e o Pai somos um” (Bíblia, 1993, Jó 10.30). Enquanto a criação narrada em Gênesis 1.26a diz: “Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (Bíblia, 1993). Escrita, na sua primeira parte, no hebraico, a Bíblia apresenta as palavras, hebraicas, ‘*tselem*’ usada para imagem e ‘*demuth*’ para semelhança, ambas são similares, “simplesmente explica uma a outra” (Máximo, S.d), pode-se dizer: imagem que se assemelha.

Para o físico Adauto José Boiança Lourenço (1958), a palavra ‘*tselem*’ pode ser traduzida, também, por sombra, então “somos uma sombra de quem Deus é. Nós não somos Deus! Somos apenas a sua sombra” (Lourenço, 2018, p.186).

O corpo esteticamente carrega uma mensagem, um rápido olhar pode revelar ideias e atitudes de quem é observado e a religião ao longo dos séculos procurou o controle dessa aparência e dessa estética.

A escolha do que vestir ou não, está, via de regra, de acordo com padrões nem sempre explícitos, a liberdade que se procura ao adornar o corpo está ligada diretamente a significados pré-definido em algum momento do tempo. Dizer que existe opção de, por exemplo, fazer exercício num ginásio está totalmente fora de questão, a não ser que esse equipamento, tenha pré-definido tal opção.

Evidentemente o controle do corpo, em algumas situações, até há pouco mais de um século se fazia por razões desumanas como a escravidão e o encarceramento, hoje esse controle está totalmente abolido em sociedades democráticas.

A ideia de uma alma imortal, (Platão, Fédon, 1988, p.66), e portanto presa a um “corpo corruptível” (Bíblia, 1993, I Co. 15.53), foi considerada durante séculos merecedora de castigos. A sociedade evoluiu, a cultura do conhecimento e da ciência trouxe clareza àquilo que era escuridão, e a teologia procurou a valorização do corpo

como unidade, “porém, essa concepção por vezes acontece de forma equivocada, levando as pessoas a focar na questão da satisfação dos prazeres e não na de que ele faz parte de uma unidade própria que forma o ser humano” (Teixeira, 2016, p.215).

A forma mais expressiva de se apresentar ao semelhante é o corpo, seja por sentimentos, afetos, desejos ou aparência. Todas essas formas de comunhão têm de estar em sintonia consigo, com o próximo e com Deus, isso não é algo particular, sendo uma forma equivocada dessas manifestações resumirem o ser humano e a sua existência apenas ao que é visível e aparente. A “nossa aparência também é uma forma de nos comunicarmos com outras pessoas” (Martino, 2016, p.75, apud Barnard 1996).

Essa comunicabilidade exercida pelo corpo provoca na doutrina religiosa um forte incômodo quando foge dos padrões pré-estabelecidos, particularmente nas denominações mais conservadoras, Foucault, (Foucault, 1987, p.66), vai falar do “exercício do poder”, que é o que se pode observar na arquitetura dos velhos conventos e mosteiros onde por norma existia um local de cárcere, onde a “solidão necessária do corpo e da alma, dizia um certo ascetismo: eles devem, ao menos por momentos, se defrontar a sós com a tentação e talvez com a severidade de Deus” (Foucault, 1987, p.170).

A cultura, particularmente a ocidental, procura relacionar o discurso sobre o corpo a questões de ordem religiosa, através de um conjunto de regras onde se pode destacar a ideia platônica de que a privação do corpo pode salvar a alma.

O texto bíblico no livro de Gênesis 1.25b diz que antes de comer o fruto proibido, Adão e Eva “estavam nus e não se envergonhavam” (Bíblia, 1993). Entretanto, após a queda, sentiram vergonha, “porque estava nu, tive medo, e escondi-me” (Bíblia, 1993, Gn. 3.10). Então providenciou Deus roupas para ambos, “pelo menos em algumas interpretações da doutrina cristã, a consciência do corpo parece estar intimamente relacionada à ideia de ‘pecado’ e ‘A Queda’” (Martino, 2016, p.79).

A política do corpo na religião pode ser medida de duas formas: prática, ou seja, como se deve usar o corpo, e aqui passa necessariamente por questões de ordem sexuais, e a estética: como o corpo se deve apresentar, nesse caso durante o serviço religioso e no cotidiano.

Definidas como de alta e baixa mediação por Martino, (Martino, 2016), as igrejas, particularmente as de baixa mediação, exercem um poder, quase absoluto, no que se refere ao corpo dos seus fiéis.

O texto bíblico deixa clara a condenação da relação sexual fora do casamento (Bíblia, 1993, Mateus 5.28). Assim, o casamento é apresentado como forma aceitável para a prática sexual (Bíblia, 1993, I Coríntios 7.9).

Se as igrejas de baixa mediação têm um controle quase absoluto sobre o corpo dos seus fiéis, as igrejas de alta mediação, no que se refere a questões de sexualidade, não são diferentes.

Na igreja brasileira Bola de Neve, que tem uma linguagem voltada para um público mais jovem, os líderes interferem “nas escolhas dos parceiros amorosos e chegam a sugerir uma cartilha ‘informal’ sobre posições sexuais permitidas” (Cardoso, 2013). Na sua polémica publicação, quando aborda assunto espinhosos da igreja Bola de Neve, Maranhão, (Maranhão, 2013, p.33), transcreve o que diz uma fiel, ex-atriz de filmes adultos, hoje conhecida por Regina Pentecostes: “para namorar um rapaz – e só pode ser um rapaz –, uma moça tem de ter a concordância do líder de célula, pastor ou apóstolo”.

No que toca à questão da homossexualidade “é possível encontrar vários níveis e graus de condenação” (Martino, 2016, p.81). Mas, todas as denominações a entendem por pecado “ter um desejo sexual por alguém do mesmo gênero é pecado” (DeYoung, S.d.).

Como foi apresentado acima, se a política do corpo, nas questões de ordem práticas, gira em torno da sexualidade e recebe grande atenção das igrejas, tanto de alta como de média mediação, as práticas de ordem estética não são diferentes. Rituais aparentemente simples como levantar-se aquando da entrada de um padre no início da missa, ou durante o serviço de Ceia do Senhor por uma igreja protestante, é prática comum.

A roupa tem relavâncias diferentes, enquanto igrejas de média mediação defendem que o pregador deve estar formalmente vestido, “eles vão de terno ou calça social e camisa, as mulheres variam entre saias compridas e vestidos” (Treinamento24, S.d.), dando ao auditório “uma sensação de segurança” (Martino, 2016, p.83), as igrejas de alta mediação defendem um estilo mais contemporâneo, é o caso do pastor Samuel Ferreira, líder da igreja paulista Assembleia de Deus do Brás, que “quando se levanta para pregar a Palavra, deixa visível o corte alinhado de seu terno e a gravata que combina com o conjunto social. Não que o pastor se furte em pregar de jeans, tênis e camisa esporte – tem predileção por peças Hugo Boss –, como faz em encontros de jovens” (Cardoso, 2011).

Os cultos às igrejas de alta mediação têm como exemplo a inglesa Proclaimers Church (Proclaimers, 2023) onde o pastor se veste informalmente, o louvor tem banda de *rock gospel* e o auditório é convidado a cantar, “batendo palmas e até dançando com algum tipo de coreografia” (Martino, 2016, p.84). Podemos verificar que as igrejas de baixa mediação têm os seus serviços de culto mais centrados e a liberdade de como o corpo deve se apresentar dentro e fora das celebrações é mais rígida.

A Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) é um exemplo dessa situação. São mais de 15 milhões de fiéis apenas no Brasil, com milhares de templos espalhados pelo país. E apesar de algumas dessas igrejas se apresentarem mais contemporâneas, como o caso anterior da igreja Assembleia de Deus do Brás, a organização através do seu informativo oficial ‘Mensageira da Paz’, publicitou em 1999 a sua resolução a respeito da sua doutrina (Gospelmais, 2019):

- Homens não podem ter cabelos crescidos, bem como fazer cortes extravagantes, bem como o uso de brincos.
- Mulheres não podem usar roupas que são peculiares aos homens e vestimentas indecentes e indecorosas, ou sem modéstias.
- É vetado o uso exagerado de pintura e maquiagem – unhas, tatuagens e cabelos.
- As irmãs não devem usar cabelos curtos em detrimento da recomendação bíblica em I Coríntios 11.6,15.
- Deve ficar atento ao mau uso dos meios de comunicação: televisão, internet, rádio, telefone. Em alguns casos é proibido até mesmo a compra de aparelho de televisão. (A resolução diz que caberá aos pastores indicar aos fiéis sobre o que podem ver na TV.)
- Não é permitido o uso de bebidas alcoólicas e embriagantes, (Pv 20.1; 26.31; 1, Co 6.10; Ef. 5.18).

A lista acima acaba por representar o sentimento e controlo de muitas das igrejas protestantes brasileiras, além das Assembleias de Deus. Igrejas como a Congregação Cristã do Brasil, onde as mulheres usam véu para esconder o rosto durante as celebrações, a Igreja Brasil para Cristo e Igreja Deus é Amor, que não admitem, por exemplo, que o pastor pregue sem fato e gravata.

Embora a beleza seja subjetiva, como já foi tratado, o esforço de deserotização nas igrejas tidas por baixa mediação é grande; o que não se observa nas igrejas de alta mediação onde tatuagens e *piercings*, tão condenados em igrejas de baixa mediação, são, por vezes, até incentivados por igrejas de alta mediação como o caso da igreja Bola

de Neve, “ela é mais flexível em relação ao uso de vestimentas, tatuagens e adornos” (Maranhão, 2013, p.103).

A moda que para algumas igrejas é um esforço para deixar o corpo evidente, para outras faz parte “dos dispositivos de comunicação” (Martino, 2016, p.87). As roupas têm a capacidade de impor certas identidades sociais e permitem que as pessoas afirmem tais identidades, seja na igreja ou fora dela, “desta forma, a moda significaria por um lado, o pertencimento em relação aos que estão na mesma situação social e, por outro, o distanciamento de outros grupos” (Carvalho, 2011, p.3).

A mediação religiosa da aparência e a sua linguagem estética é atemporal. O seu simbolismo tem sido uma ajuda na organização social baseada em valores religiosos a partir de uma semântica clériga vinculada ao exercício de influência e poder das diversas denominações religiosas, a partir de signos de diferentes valores morais.

5.5 Mediatização pós-protestantismo

O protestantismo, como bem retrata a história, foi um movimento iniciado por pessoas inconformadas com o rumo que a igreja cristã dominante, à época, estava a seguir.

Os registos deste movimento surgem ainda no século XII, a partir das pregações do rico comerciante de Lyon, França, Pedro Valdo (1140-1217), que financiou a tradução do Novo Testamento do latim para a língua então falada, em seguida enviou mensageiros de cidade em cidade para ler as Sagradas Escrituras para aqueles que não sabiam ler. O Papa Alexandre III (1159-1181) proibiu-o de tais práticas. O Papa Lúcio III (1097-1185), excomungou-o em 1184. Os valdenses espalharam-se por toda a Europa e defendiam, entre outras, a ideia de que era a Bíblia a única fonte de verdade quando se trata de fé⁵⁴ (Redação, S.d.).

Um século depois, outros dois personagens surgem para questionar os ditames da Igreja Católica Apotólica Romana, o boémio Jan Huss (1369-1415) e o inglês John Wycliff, (1320.1384).

⁵⁴ Grupos de cristãos antes da Reforma são chamados de proto-protestantes, como se fossem protótipos do que viria depois de 1517 (Proto-Protestantism, S.d.).

Contudo, Wycliff, possuidor de uma personalidade pacífica, acabar por não se opor diretamente aos ministros da Igreja Católica. Publicou uma série de escritos, que foram considerados heréticos, nos quais ataca os bens do Papa e denuncia o comportamento do Clero, considerando muitos eclesiásticos como os homens mais gananciosos existentes na terra (Aguiar, 2017, p.28 apud Barbosa, 2007).

O primeiro sobressaiu como doutor nas Sagradas Escrituras chegando à conclusão que o Evangelho havia sido adulterado e que as interpretações realizadas pelos padres e Papas não estavam corretas (Aguiar, 2017, p.28 apud Livet & Mousnier, 1996).

Huss levantou-se contra práticas como “as indulgências prometidas por João XXIII⁵⁵ aos que alinhassem na sua causa e participassem no financiamento do seu exército foram denunciadas por [este], que as classificou como intoleráveis abusos” (Aguiar, 2017, p.28 apud Livet & Mousnier, 1996, p.72). Questionar a igreja e o poder constituído da época, através de um movimento revolucionário camponês, foi o principal erro dos dois reformadores (Huberman, 1981, p.76-77), ambos, a seu tempo, perderam apoio da burguesia.

Entretanto, um século depois, o sacerdote alemão, doutor em teologia, Martinho Lutero (1483-1546), discute a igreja de dentro para fora. A rutura deu-se no dia 31 de outubro de 1517 quando Lutero torna públicas as suas 95 teses, ou proposições, na principal porta da igreja do Castelo de Wittenberg. Esse movimento reverberou-se, poucos anos depois, na Suíça, que já vinha fermentando esse sentimento de contestação e encontrava-se em ascensão, através do francês João Calvino (1509-1564), que publica em 1536, em Basileia, no Instituto *Christiane Religionis*⁵⁶, “uma sistematização da doutrina [calvinista]”, (Calvino, 2003, p.12), e as suas posições em relação à igreja.

A tríade formada pelos aspectos políticos, económicos e teológicos “resultou da corrupção existente na Igreja Católica”, (Silva, S.d.), eclodindo na Reforma Protestante⁵⁷.

O sentimento de reforma e contestação estava presente em várias partes da Europa, além da Alemanha e Suíça, o rei britânico, Henrique VIII (1509-1547), sem esperança de ter um filho herdeiro com a castelhana Catarina de Aragão (1485-1536), resolve

⁵⁵ O Papa da citação é João XXII (1249 – 1334), uma vez que João XXIII (1881 – 1963) governou a igreja quatro séculos depois.

⁵⁶ Os Institutos da Religião Cristã (Redação, S.d.)

⁵⁷ O protestantismo significa no sentido estrito o grupo de príncipes e cidades imperiais que assinaram um protesto contra Édito de Worms que proibia ensinamentos luteranos no sacro império romano, mas no sentido lato, designa todos os grupos religiosos cristãos de origem europeia ocidental. (Sousa, S.d.).

divorcia-se e contrair novas núpcias (Redação D., 2016), sem o consentimento do Papa Clemente VII (1478-1534). Esse cisma leva o parlamento inglês a anular o casamento e transformar o rei em chefe da igreja de Inglaterra (Cartwright, 2020).

Todo esse movimento de reforma e contestação fez surgir inúmeras denominações cristãs, das mais variadas correntes de pensamento teológico, significado e ressignificando a autoridade na igreja⁵⁸.

Mas afinal, onde reside a autoridade da igreja? Para Calvino, a autoridade da igreja está na preparação da mensagem para os que estão “predispostos para a fé do evangelho” (Calvino, 2003, p.83), ou seja, no anúncio da palavra bíblica. Já Lutero, professor de Bíblia, “colocou ao lado da sola scriptura, [somente a Escritura], o *solus Christus* (somente Cristo). Isto significa que a Bíblia é palavra de Deus somente à medida que ‘promove Cristo’” (Brakemeier, S.d.). A igreja Católica Apostólica Romana entende que “O encargo de interpretar autenticamente a Palavra de Deus, escrita ou contida na Tradição, foi confiado só ao Magistério vivo da Igreja, cuja autoridade é exercida em nome de Jesus Cristo, isto é, aos bispos em comunhão com o sucessor de Pedro, o bispo de Roma”, assim, a autoridade está na figura do Papa.

É perfeitamente possível trazer para este compêndio outros entendimentos de autoridade na igreja, no entanto, a visão das três correntes mais influentes do cristianismo ocidental basta para se perceber que a autoridade diverge de forma significativa.

Futuramente podemos afirmar que, se a igreja é “um só corpo em Cristo e membros uns dos outros” (Bíblia, 1993, Romanos 12.5), e Cristo é “a cabeça do corpo, da igreja” (Bíblia, 1993, Colossenses 1.18), então Cristo é a autoridade.

Seguindo por essa linha de construção de raciocínio, se Cristo e Deus são a mesma pessoa (Bíblia, 1993, Jo. 10.30), Deus é a autoridade e o Antigo Testamento, documento que narra a sua revelação à humanidade passa a ser, por assim dizer, uma autoridade por procuração diante da humanidade. Essa procuração completa-se com a epifania em Jesus, o Cristo. A autoridade terrena passa a ser do próprio Cristo (Bíblia, 1993, Mateus 28.18). Com a ascensão de Jesus, a igreja organizada por Cristo passa a ser liderada não apenas por uma pessoa mas, primeiro por um colegio apostólico e depois pela Sua palavra, as Escrituras.

⁵⁸ Entendamos igreja como organização terrena.

Em resposta a uma arguição de Jesus, o apóstolo Pedro (1 a.C - 67 d.C), afirmou se-Lo, Cristo, o Filho de Deus, (Bíblia, 1993, Mateus 16.16).

Toda essa experiência está relatada no Novo Testamento, compilação de vinte e sete livros, compendiando com outros trinta e nove do Antigo Testamento, na versão protestante, e quarenta e seis na versão Católica Apostólica Romana, formando a Bíblia, que assumiu a autoridade na igreja, “toda a Escritura é inspirada por Deus” (Bíblia, 1993, II Tm. 3.16), esse texto refere-se ao Antigo Testamento, uma vez que o cânone do Novo Testamento começou em 325 A.D.⁵⁹, no entanto “quando falamos da versão ‘final’ do Novo Testamento, estamos fazendo isso entre aspas (mentais), pois nunca houve um acordo completo sobre o cânon em todo o mundo cristão. [...] Assim, o cânon do Novo Testamento foi ratificado por amplo consenso e não por proclamação oficial” (Ehrman, 2003, p.231).

Como apresentando acima, a Igreja Católica Apostólica Romana, discorda da interpretação pessoal da Bíblia e entrega ao líder da sua igreja, o Papa, a autoridade para tal. Lutero depois da ruptura com a igreja romana devolve a autoridade da igreja à Bíblia.

Séculos depois, uma experiência na rua Azusa, Los Angeles, Califórnia, Estados Unidos da América, através do pregador afro-americano William Joseph Seymour (1870-1922), (Ricci, 2006), popularizou um movimento denominado pentecostal, uma alusão ao texto bíblico que narra a descida do Espírito Santo no período da Festa de Pentecostes (Bíblia, 1993, At. 2.1-4), com destaque para a glossolalia⁶⁰.

Ocorrida em 1906, essa não foi a primeira experiência, o maior movimento cristão dos últimos séculos iniciou no fim do século XVII com John Wesley (1703-1784), fundador do metodismo, através dos movimentos chamado de santidade ou ‘Holiness’ (Fernandes, 2006, p.43).

Essas experiências, por vezes, passaram a ter maior autoridade diante do indivíduo do que a própria Bíblia, “essas orientações históricas e teológicas particulares fomentaram e até exigiram que a experiência religiosa ocupasse um lugar de destaque no pentecostalismo” (Stephenson, 2022).

O movimento neopentecostal “foi iniciado por líderes religiosos dos Estados Unidos nos anos 1960, quando passaram a ser chamados de neocarismáticos ou evangélicos carismáticos” (Rocha, 2020), e tem a sua marca centralizada na figura do seu líder.

⁵⁹ Abreviatura do latim *Anno Domini*, ano do Senhor (<https://dicionario.priberam.org/>).

⁶⁰ Dom sobrenatural das línguas (Priberam, 2008). [Capacidade de reproduzir sons incompreensíveis].

Ele é que tem a autoridade, vale o que ele diz, muitos dos fiéis baseiam-se “no pressuposto de que algumas pessoas sabem se relacionar com o sobrenatural e, por isso, devem ser ouvidas e até obedecidas” (Martino, 2016, p. 32). Assim, um dos casos mais emblemáticos de ‘guru evangélico’ hoje em dia é o apóstolo Valdomiro Santiago de Oliveira (1963), líder da igreja brasileira Mundial do Poder de Deus.

Valdemiro [Santiago] inova por meio de uma personalidade carismática que agradou as massas que o seguem. Abusa da oferta de possíveis milagres que vão desde a cura de cegueiras até ressurreições no próprio palco-altar, tudo por meio de suas excreções, que passam através de suas lágrimas e suor numa toalha, transformando-a numa relíquia cobiçada (Rocha, 2020, apud Alexandre Dresch Bandeira).

Com pilares fundamentados na teologia da Prosperidade⁶¹, esse movimento passou por um processo de transformação e muitas igrejas agora estão com a novíssima teologia do *Coaching*, que tratam as pregações dos pastores “como palestras motivacionais da fé, confundido fé com força e vontade, evangelho com motivacionismo e Cristo com um palestrante” (Pamplona, 2017).

Utilizada com ênfase pelas igrejas de alta mediação, a teologia da Prosperidade e a do *Coaching* são embaladas em programas televisivos onde “os cultos são estruturados como programas de televisão de auditório, o pregador como um ‘showman’ que deve capturar a audiência” (Martino, 2016, p.28).

A autoridade agora está na audiência, com o seu número de expectadores e potenciais doadores, já que “é preciso muito dinheiro para utilizar a mídia de transmissão, e as doações são particularmente bem-vindas para ajudar a manter as transmissões” (Martino, 2016, p.94).

Portanto, ao longo da história a autoridade da igreja foi para muitos recebendo novos significados, primeiro estava em Deus, ‘por procuração’, com Moisés e de seguida no Antigo Testamento, em Jesus, na Bíblia, na Igreja Católica Apostólica Romana, de volta à Bíblia, nas experiências individuais, nos sinais, nos líderes, e hoje, na audiência.

Evidentemente não é intenção do autor generalizar e nivelar todas as denominações cristãs no mundo e colocá-las no mesmo escalão. Entretanto, a evidencialidade dos

⁶¹ Também conhecida por Palavra de Fé, Ensino da Fé, Confissão Positiva e Evangelho da Prosperidade. [...] Esta Teologia traz uma nova interpretação, que troca as boas novas por solução de problemas. Também ensina que a marca do cristão verdadeiro consiste em ter muita fé, ser bem-sucedido, ter boa saúde física, emocional e espiritual, isto inclui a prosperidade financeira, mas, se o cristão é pobre ou está doente, são resultados de pecado ou falta de fé (Maurilio & Kunz, 2019).

factos mais expostos, na atualidade, acaba por patentear situações análogas como citadas acima.

Observa-se que o movimento mais estridente da história cristã, talvez, por conta da tecnologia comunicacional, foi o recente pentecostalismo nos seus pouco mais de cem anos e que Mariano, (Mariano, 2004) dividiu em três fases:

Clássica: compreendeu o período de 1910 a 1950, forte sentimento anticatólico, enfatizaram a glossolalia, criam num retorno iminente de Cristo e numa salvação paradisíaca.

Deuteropentecostalismo: A partir de 1950, caracteriza-se pela ênfase na cura divina e no uso de meios massivos de comunicação, como rádio, reuniões em estádios e praças públicas, entre tantas outras.

Neopentecostalismo: A partir de 1970, suas marcas distintivas e guerra contra o Diabo, a Teologia da Prosperidade, a liberalização dos costumes de santidade e estrutura empresarial nas igrejas (Paulo Cezar Borges Martins, 2018, p.3-4).

A tese da Terceira Onda (Freston, 1993) tem as suas raízes “em dois professores de Crescimento de Igreja do Seminário Teológico Fuller (Califórnia), Peter Wagner⁶² e John Wimber⁶³” (Junior, 2017, p.46).

Mas foi Charles Peter Wagner que melhor se posicionou sobre o assunto, no seu livro “Por que crescem os pentecostais? – Uma análise do espantoso avanço pentecostal na América Latina”, ele descreve a Terceira Onda como o momento de enfrentamento com o sobrenatural a partir da Batalha Espiritual.

Missionário na Bolívia entre os anos 1950 e 1970, Wagner, um conservador oposto às manifestações carismáticas, teve contacto com o pentecostalismo latino-americano; de volta aos Estados Unidos da América, assumiu a cadeira da disciplina Crescimento de Igreja⁶⁴, e começou a defender a ideia de que o crescimento da igreja só seria possível através da manifestação de sinais e prodígios.

Embora não seja pentecostal, considero-me parte da “Terceira Onda”. Refiro-me à Terceira Onda de poder do Espírito Santo que se manifestou no século XX (...) A terceira onda, surgida no último quarto do século [XX], é uma manifestação do mesmo poder miraculoso do Espírito Santo em igrejas e instituições tradicionais que, por diversas razões, não desejam ser incluídas entre os pentecostais ou carismáticos (Wagner, 1987, p.7; 29).

⁶² Charles Peter Wagner, americano, teólogo anglicano, (1930 – 2016).

⁶³ John Richard Wimber, americano, ministro Quaker, um dos pioneiros do movimento carismáticas (1934 – 1997).

⁶⁴ Substituindo Donald MacGavran (1897 – 1990), pesquisador do fenômeno do crescimento de igrejas em detrimento de outras, a pesquisa MacGavran deu origem ao livro Compreendendo o Crescimento da Igreja, editora Sepal.

Principal representante desse movimento, posteriormente denominado Rede de Guerra Espiritual, reunindo líderes de várias partes do mundo, Wagner avançou a ideia para o que passou a ser chamada de Teologia do Domínio, uma ideia maniqueísta, onde espíritos territoriais, dentro de uma hierarquia obedientes ao Diabo, tinha como oponente a igreja.

Como apresentado acima, uma miríade de correntes de pensamento teológico tem dominado o cenário religioso cristão, no mundo, com fortes influências da igreja americana na América Latina e com presença significativa na Europa e África cristã.

A discussão de uma Quarta Onda vem sendo levantada por vários grupos de pesquisa e o Neo-protestantismo começa a não ser apenas fruto de pesquisa como tendência, mas uma realidade.

Os investigadores Mihaela-Alexandra Tudor⁶⁵ e Agnos Milian Herteliu⁶⁶ chamam a atenção para “uma nova ética, um novo paradigma na compreensão do religioso” (Jairo Ferreira, 2106, p.331-332). Vão chamar este paradigma pós-neoprotestantismo e não pode ser entendida como uma simples etapa que sucede ao neo-protestantismo mas:

Uma virtualização, ou seja, o produto de uma mutação ontológica do neoprotestantismo pelo deslocamento de sua atualidade problematizando a esfera fenomenológica (Jairo Ferreira, 2106, p.332, apud Bratosin, 2016, p.406). No contexto do pós-modernismo, o pós-neoprotestantismo é um paradigma generalizado que “inventa questões, problemas, dispositivos geradores de ação, linhagens de processos, máquinas para se tornar” (Lévy, 1998: 138) em termos não só de conteúdo discursivo neoprotestante, mas também modelo de comunicação implantado no espaço audiência (Jairo Ferreira, 2106, p.332, apud Bratosin, 2016, p.406). O objetivo do pós-neoprotestantismo é responder uma busca pela espiritualidade sem deixar que o risco para os membros da comunidade serem fechado em uma igreja, culto, seita, etc. Ele é viver a experiência religiosa neoprotestante – mas não só – num lugar simbolismo sem fronteiras ou limites integrados em espaço público da mídia. As noções de ‘debate’ e ‘transparência’ são fundamentais aqui (Jairo Ferreira, 2106, p.332 apud Bratosin, 2016, p.407).

A Quarta Onda do pentecostalismo tem abordado o “fenômeno crescente dos ‘desigrejados’, ou, mais propriamente, da desinstitucionalização religiosa no meio

⁶⁵ Pesquisadora na Universidade Paul Valéry de Montpellier e coordenadora dos Ensaio de Redação – Journal for Communication, além de estudar e co-dirigir o Instituto de Estudos Religiosos Avançados e Comunicação entre redes (IARSIC).

⁶⁶ Doutorando em ciências da informação e comunicação na Universidade Paul Valéry, membro da IARSIC e Corhis. Sua pesquisa se concentra no estudo dos usos de novas tecnologias de informação e comunicação em o campo da religião.

pentecostal e neopentecostal” (Duarte, 2020, p.8), entretanto a intenção dessa pesquisa é avançar um pouco mais, chegando às igrejas de alta mediação, pautadas por uma grande capacidade de comunicação e mobilização e busca sistemática por um auditório cheio.

A pesquisa não quis ignorar teses em que a Quarta Onda seria, por exemplo, o fracionamento da eclesía a partir das microigrejas, ou igrejas de garagem, como sugerem Martins e Nascimento, (Martins & Nascimento, 2018), fenómeno surgido a partir da “lentidão das grandes igrejas, com as suas pesadas estruturas burocráticas e hierárquicas”, dando espaço para o surgimento de organizações menores e mais flexíveis com relação imediata entre a liderança e a membresia.

A mensagem da igreja cristã não se tem centrado na pessoa de Cristo, mas na necessidade fugaz do auditório, a partir, por exemplo, da publicitação de histórias “em um formato fortemente baseado em programas seculares de televisão”, (Martino, 2016, p.98), onde a temática gira em torno de, quase sempre, relacionamentos, dinheiro ou saúde. A superação, com ênfase no divino, e através da igreja, é a apoteose dessa exibição da vida privada. “História de ‘interesse humano’ é um dos mais importantes dispositivos usados para atrair a atenção do público” (Martino, 2016, p.98), e quanto mais trágica maior o interesse.

A celebração do líder religioso é uma busca dos atores mediáticos desse mundo religioso a que Hjarvarda, (Hjarvarda, 2011, p.127) vai chamar “mediatização quantitativa”, que envolve uma série de ferramentas comunicacionais como livros, televisão, rádio, além da presença nas redes sociais, expondo o seu estilo de vida; essas habilidades de comunicação são tão importantes quanto os seus dons espirituais, o seu conhecimento teológico e a sua relação pessoal com o Transcendente.

A igreja de alta mediação apropriou-se da cultura mediática contemporânea ajustando a mensagem religiosa num ‘*kitsch* religioso’⁶⁷ “usado principalmente para despertar emoções na cultura popular” (Martino, 2016, p.102). Grandes prédios, sejam católicos ou protestantes, imagens de santos com néon ou até fotografias de líderes, pequenas medalhas, cruzes, perfumes, roupas, toalhas, Bíblias com as mais diversas capas, todas essas representações têm um apelo estritamente emocional, portanto encaixa-se perfeitamente nesse comportamento de *kitsch* religioso. “Em suma, podemos

⁶⁷ Palavra de difícil definição. Aqui se faz uso da definição de Fritz Karpfen “futilidades baratas e desprovidas de gosto, enfeitadas com atributos artísticos; coisa que não quer dizer nada e nada exige ao pensamento; bluff que faz verter lágrimas como uma cebola; em suma, pechisbeque que especula com a alegria infantil por aquilo que brilha” (KARPFEN, 2017). Já (Martino, 2016, p. 101) define “comumente relacionado ao ‘mau gosto’ na arte, principalmente por sua ênfase no efeito emocional.

dizer que o processo de mediação está concluído e que as igrejas altamente mediadas se tornaram produtoras de cultura religiosa” (Martino, 2016, p.104).

Como observado acima, a história da Reforma Protestante, há mais de 500 anos, deu-se através da tríade política, económica e teológica. Os tempos atuais assemelham-se aos tempos dos reformadores, e até se agravam. Uma degradação espiritual, onde a individualização e a personificação da religião é latente, onde o ‘eu’ se sobrepõe ao outro e a realização pessoal por bens principia a razão da busca por uma denominação que lhe garanta tais conquistas.

Os líderes preocupam-se mais com a aparência pessoal do que com o rebanho a cuidar. A ostentação, criticada por Jesus Cristo, (Bíblia, 1993, Mateus 6.3.), numa inversão de valores é sinal de bênção, e o meio entre Deus e o homem já não é Cristo, mas a congragação que o indivíduo frequenta.

6 ANÁLISE AVALIATIVA

O objetivo desta análise é compreender a evolução da igreja evangélica e dos seus líderes na comunicação de massa e no advento das redes sociais. O levantamento apresentado mostra como se posiciona cada ator neste cenário dinâmico e passivo de constantes alternâncias.

Foi utilizada a Análise em Componentes Principais (ACP) que permite resumir (condensar) a informação contida num conjunto de variáveis quantitativas intercorrelacionadas num conjunto menor de variáveis não correlacionadas, as componentes principais, perdendo o mínimo possível de informação (Fernando, 2014, p.4, apud Lavado, 2004; Maroco, 2011; Rodrigues, 2007).

A proposta de tese “A influência da mediatização das igrejas evangélicas brasileiras na contemporaneidade: estudo de caso da Igreja Universal do Reino de Deus”, procura analisar o que se pode chamar de ‘Quarta Onda do Evangelho’, e que aqui é apresentada como o ‘pós-protestantismo’, retratando a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), como referência neste tema. Ainda que tenha o Brasil como berço, a IURD possui quase nove mil templos e catedrais apenas no país de origem, instalados em todas as capitais, até aos mais longínquos rincões, a sua presença no exterior é significativa, são mais 3,5 mil igrejas em 135 países, com sete milhões de fiéis no Brasil e 2,9 milhões no exterior (R7, 2020). Estes números são contestados por muitos investigadores, a TVI, canal de televisão português, fala em 9 milhões de fiéis espalhados por 182 países, com 320 bispos e 14 mil pastores (Borges & França, 2017, 0:03:59), o que mostra que os números são inconsistentes.

Para efeito de amostragem será utilizado Portugal como referência neste estudo. Assim, amostragens numéricas de Brasil e Portugal serão colocadas em paralelo, sempre com enfoque em Portugal, para se conseguir visualizar o tamanho da presença e influência da IURD no país lusófono.

Sempre que possível serão usados dados oficiais, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do Brasil, e da Pordata, da Fundação Francisco Manuel dos Santos, e do Instituto Nacional de Estatística (INE), para o caso de Portugal. Não havendo informações em nenhuma dessas organizações, outras fontes serão utilizadas, sempre prezando pela qualidade da informação e da fidelidade apresentada.

6.1 População

Estes números chamam a atenção para um contraste, enquanto o Brasil teve um crescimento superior a onze pontos percentuais, entre os anos de 2011 a 2021, Portugal decresceu um ponto percentual.

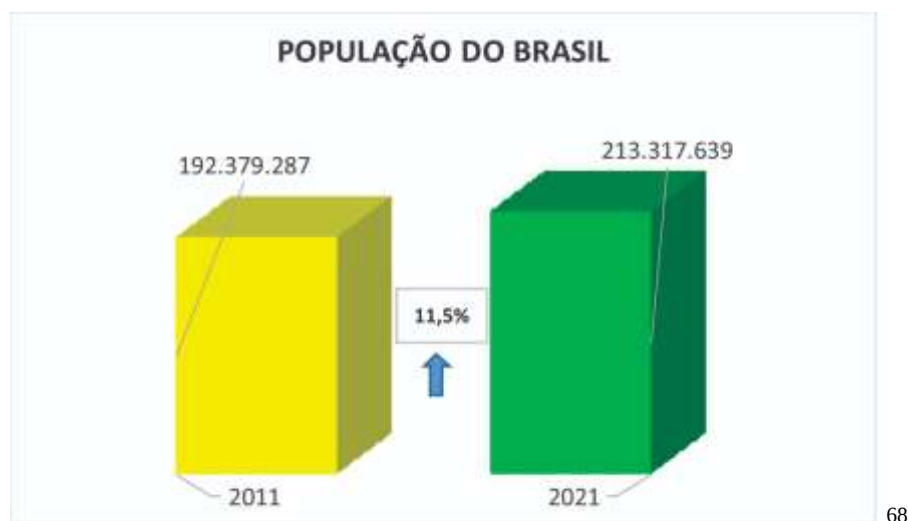


Figura 1 – População do Brasil

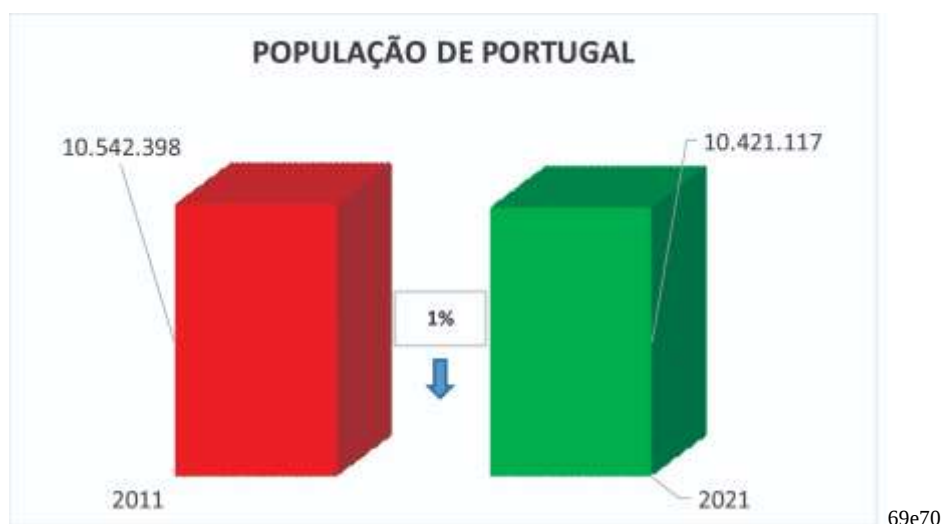


Figura 2 – População de Portugal

⁶⁸ IBGE (2021). Variável – População residente estimada (Pessoas). Acesso em 2024, disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6579#resultado>

⁶⁹ INE (27 de mar de 2013). Estatísticas Demográficas 2011. Acesso em 2024, disponível em https://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=156066969&att_display=n&att_download=y

⁷⁰ INE (18 de jun de 2024). População residente (N.º) por Local de residência (NUTS - 2013), Sexo e Grupo etário; Anual [2021]. Acesso em 2024, disponível em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0008273&xlang=pt

6.2 Religião

Valores também observados quando se estratifica a religiosidade de cada país. Enquanto o crescimento do segmento evangélico no Brasil é exponencial, não se observam esses valores em Portugal⁷¹.

É importante registrar que a Igreja Universal do Reino de Deus, durante anos não foi considerada uma igreja evangélica em Portugal, mas “Outra Cristã”, portanto, segundo a jornalista Rafaella Rizzo, (Rizzo, 2021), somente a partir de 2021, quando a igreja passou a integrar a Comissão de Liberdade Religiosa, organização que “tem funções de estudo, informação, parecer e proposta em todas as matérias relacionadas com a aplicação da Lei de Liberdade Religiosa” (República, 2001), e passou a integrar o Estatuto de Confissão Radicada; o que deu à IURD o estatuto de igreja radicada, na mesma forma que as igrejas mais antigas e tradicionais, (Rizzo, 2021), e que a permitiu fazer parte das estatísticas portuguesas, assim a IURD não entrou nos números de 2021 na condição de Evangélica, somente a partir de 2022.

Quanto aos números do Brasil, o IBGE disponibiliza até à data em que escrevemos, o ano de 2010 para o extrato religioso. Neste caso, optou-se por utilizar os dados da pesquisa publicada pelo Instituto de Pesquisa Datafolha, do Grupo Folha sediado em São Paulo, Brasil, publicada a 21 de julho de 2013 (G1, 2013), usando como parâmetro populacional as projeções do IBGE de 2021⁷², prevendo que o Brasil tivesse, à época, uma população de 213.317.631 milhões de habitantes.

Assim, a igreja Católica tem 57%, ou 115.760.030 milhões de fiéis, os evangélicos são 28% da população brasileiro, ou 56.862.611 milhões de fiéis, e as outras religiões 3%, cerca de 6.097.661 milhões de fiéis. Neste caso fez o uso da Análise em Componentes Principais (ACP)⁷³.

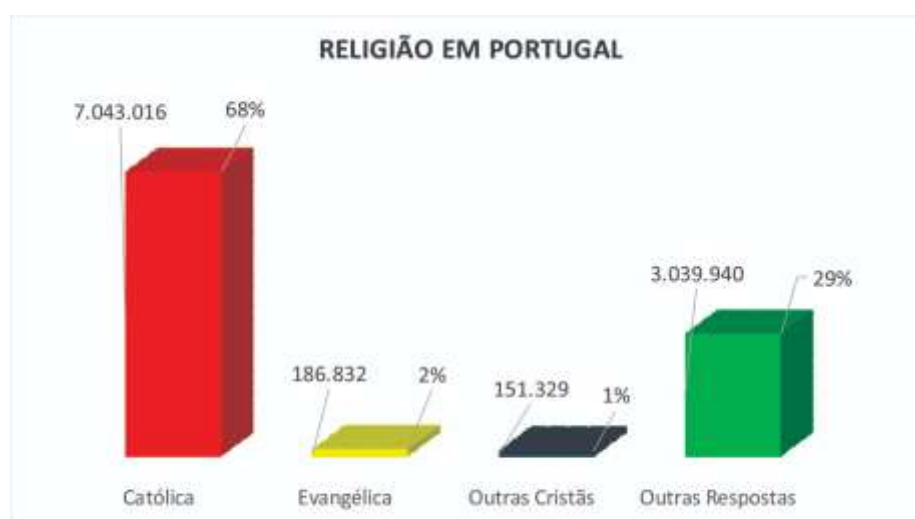
⁷¹ “Importante notar que 73% dos crentes estrangeiros são oriundos do Brasil, e 35% dos pastores em Portugal são de nacionalidade brasileira” (Hossi, 2022, p. 65).

⁷² IBGE (2023). Primeiros resultados atualizados em 22/12/2023. Acesso em 2024, disponível em <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>

⁷³ Permite resumir (condensar) a informação contida num conjunto de variáveis quantitativas intercorrelacionadas num conjunto menor de variáveis não correlacionadas, as componentes principais, perdendo o mínimo possível de informação (Fernando, 2014, p.4, apud Lavado, 2004; Maroco, 2011; Rodrigues, 2007).



Figura 3 – Religião no Brasil/2021



74

Figura 4 – Religião em Portugal/2021

6.3 Templos

Não foi encontrado nenhum dado que fizesse referência à quantidade de templos católicos e evangélicos existentes no Brasil, então, tendo por base o número de fiéis de cada segmento, utilizámos o cadastro do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU), da cidade de São Paulo como referência. Nesse cenário dividiu-se a população católica paulista pela quantidade de templos católicos/paróquias (CNBB, 2021), utilizando o mesmo método com o segmento evangélico, assim, foi utilizado o método “Não

⁷⁴ INE (23/11/2023). População residente com 15 e mais anos de idade (N.º) por Local de residência à data dos Censos [2021] (NUTS - 2013) e Religião Decenal - INE, Recenseamento da população e habitação - Censos 2021. Acesso em 2024, disponível em <https://tabulador.ine.pt/indicador/?id=0011644>

Probabilísticos também designados por amostragem dirigida: não permitem definir com rigor ou calcular as probabilidades de inclusão dos diferentes elementos da população na amostra” (Afonso & Nunes, 2019, p.3).

Os dados de 2010, segundo o IBGE⁷⁵, vão apresentar 11.253.505 de residentes e 5779 templos católicos e evangélicos (Rodrigues, 2019). Existiam 6.549.775 residentes para 731 templos católicos e 2.487.810 residentes para 5048 templos evangélicos. Dando um templo católico para cada 8.960 adeptos e um templo evangélico para cada 492 evangélicos. Assim, será dividida a população evangélica brasileira pelo número de evangélicos (492) por templo em São Paulo, o mesmo método será utilizado para o número de católicos (8.960) para chegarmos ao número de templos no Brasil. População evangélica no Brasil $56.001.173/492 = 113.823$ templos evangélicos no Brasil. População católica no Brasil $115.462.418/8.960 = 12.886$.

No caso de Portugal, a igreja Católica declara possuir 4380 templos/paróquias (Redação, 2023), já a igreja evangélica não possui dados oficiais, assim, faremos uso novamente do método “Não Probabilístico”. Segundo o Diário de Notícias de 19 de março de 2017, a média por templo evangélico em Portugal é de 40 fiéis (Mandim, 2017), tendo por base numérica os dados dos Censos 2021 do Instituto Nacional de Estatística (INE), $186.832/40 = 4670$ templos/loais de culto, revelando-se um número surpreendente, superior as paróquias católicas.

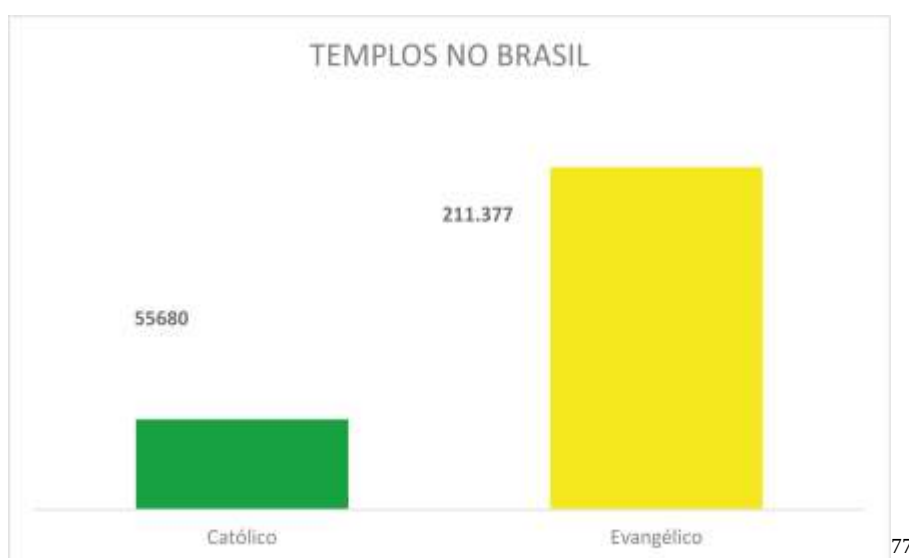
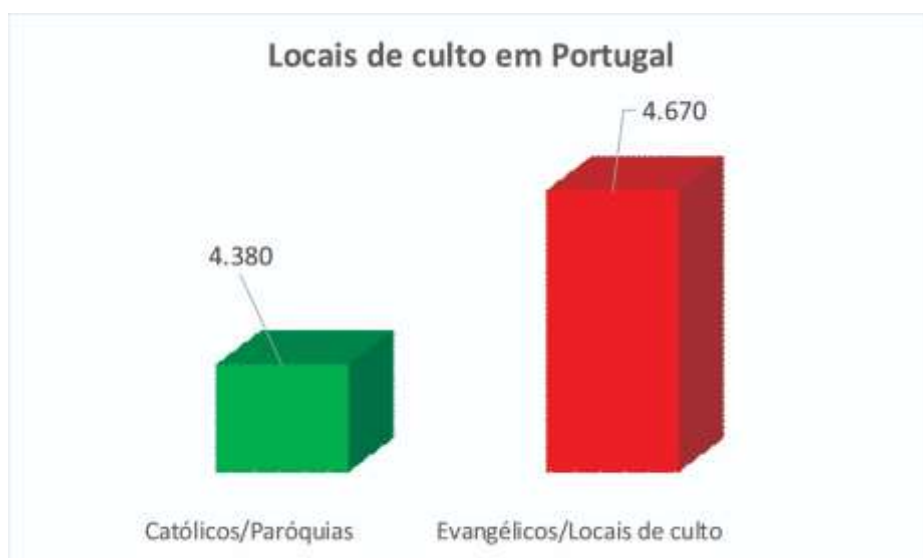


Figura 5 – Templos no Brasil

⁷⁵ <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-paulo/panorama>



78

Figura 6 – Locais de culto em Portugal

6.4 Líderes religiosos

No que se refere ao número de líderes religiosos a igreja Católica, tanto a brasileira como a portuguesa são mais precisas nas informações, o que não se observa no segmento evangélico, no entanto, Jadon, (Jadon, 2009), na sua tese de doutoramento, afirma que “a relação do número de pastores [brasileiros] por fiel evangélico é 17,9 vezes maior que a relação do número de padres por fiel católico”, com base nessa informação podemos chegar ao número aproximado de 2.7325.876 pastores no Brasil. Já em Portugal, a escassez de informação é ainda mais acentuada. A única informação encontrada para servir de referência na projeção, foi da Convenção das Assembleias de Deus em Portugal (CADP), que anuncia ter 25.000 fiéis e 150 pastores⁷⁷. Partindo desses números faremos uso mais uma vez do método “Não Probabilístico” para chegarmos a um número. Logo $25.000/150 = 166$ fiéis por pastor. Número de evangélicos em Portugal $186.832/166 = 1.125$ pastores.

⁷⁶ A IURD declara ter 17 mil pastores e bispo espalhados por mais de 135 países, entretanto, não informa quantos são no Brasil ou Portugal.

⁷⁷ <https://cadp.pt/quem-somos/sobre-nos/> - (Com mais de 100 anos de História, as Assembleias de Deus em Portugal têm hoje mais de 400 pontos de pregação, onde mais de 25 000 crianças, jovens e adultos congregam, influenciando direta e indiretamente mais de 100 000 pessoas).

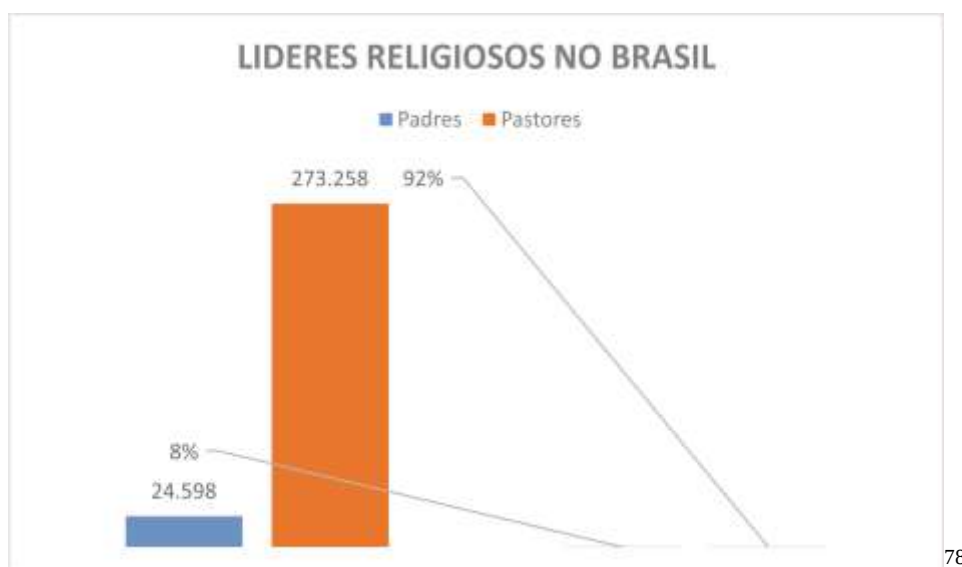


Figura 7 – Líderes religiosos no Brasil

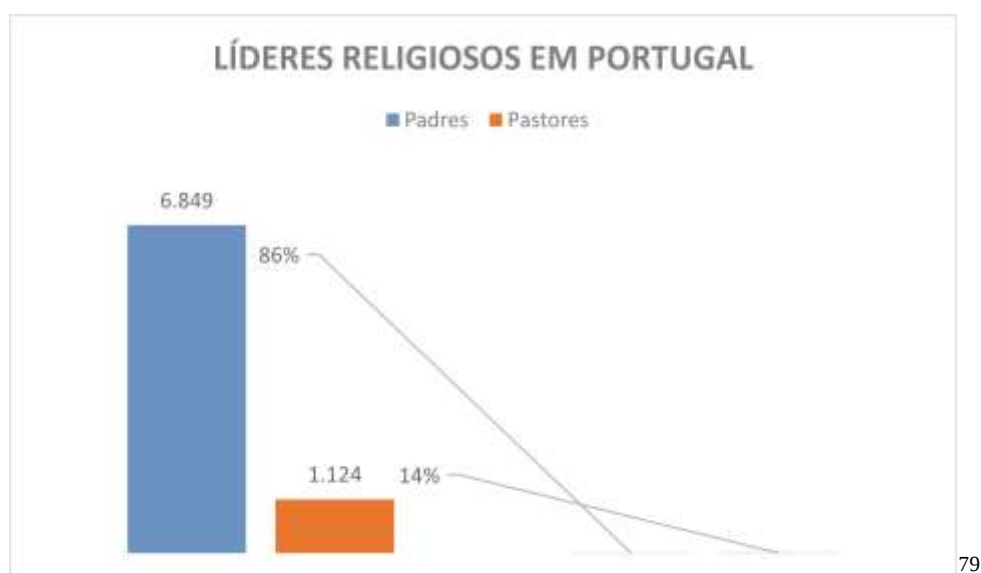


Figura 8 – Líderes religiosos em Portugal

6.5 Emissoras de televisão

O uso dos média de massa não é algo novo no segmento religioso, remonta ao início do século passado, e vem ao longo do tempo passando por um processo de profissionalização, com a aquisição de veículos como produtoras de conteúdos, disseminados através de televisões e emissoras de rádio, bem como impressos. Os

⁷⁸ <https://www.meb.org.br/a-igreja-catolica-na-america-latina/>

⁷⁹ <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/estatisticas/>

números abaixo mostram a relevância que a religião, nomeadamente a cristã, deu ao assunto nas últimas décadas.

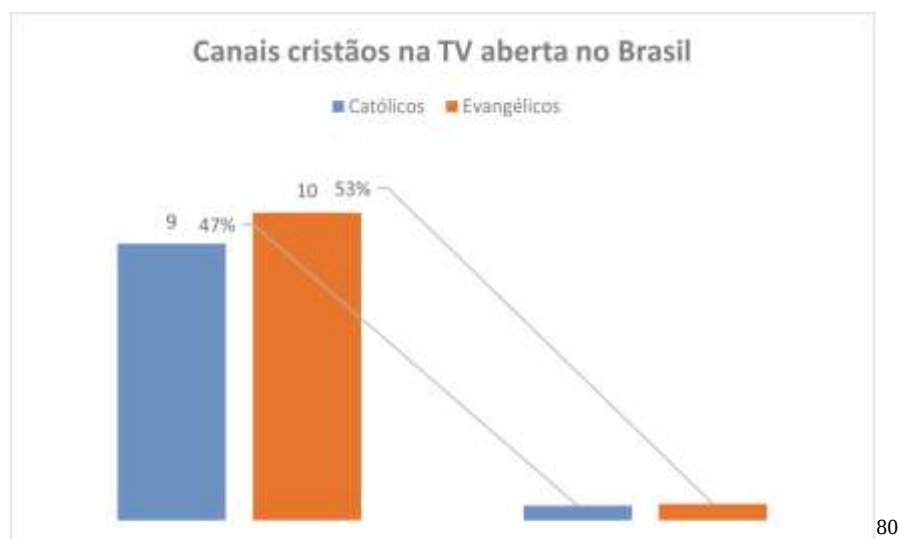


Figura 9 – Canais de televisão aberta no Brasil

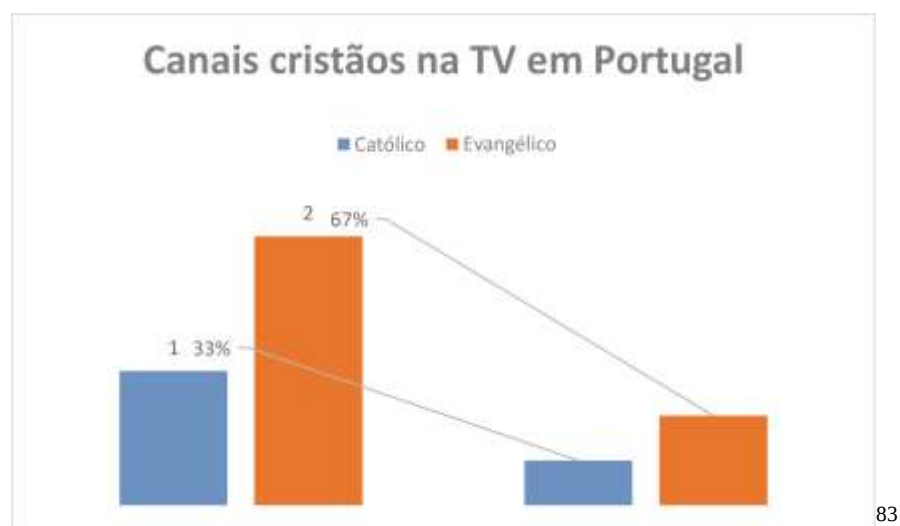


Figura 10 – Canais cristãos na televisão em Portugal

O Brasil destaca-se com nove canais católicos de televisão aberta, a saber: Canção Nova, PUC Goiás TV, Rede Século 21, Rede Vida, TV Aparecida, TV Evangelizar, TV Horizonte, TV Imaculada Conceição, TV Nazaré. Enquanto em Portugal, as transmissões são pelas chamadas box, pelas quais o telespectador tem de pagar uma assinatura mensal, e assim terá à sua disposição três canais: Unifé TV, pertencente à

⁸⁰ <https://www.meutedio.com.br/2016/05/tv-aberta-canais-catolicos-evangelicos-espiritas.html>

Igreja Universal do Reino de Deus⁸¹, a Kuriakos TV, pertencente à igreja Maná, e a TV Canção Nova, esta Católica.

6.6 Emissoras de rádio

A participação religiosa neste mercado é ainda mais expressiva, mas os números são imprecisos uma vez que centenas dessas emissoras são arrendadas ou compradas em nome de terceiros, ainda assim, são centenas de emissoras no Brasil e quase uma dezena em Portugal.

“As rádios estavam em nome de pastores ou parentes do bispo [da IURD]. [Edir] Macedo manteria em seu poder contratos em branco para transferir as cotas para o seu nome ou para outras pessoas, quando julgasse conveniente” (Nascimento, 2019, p.119).

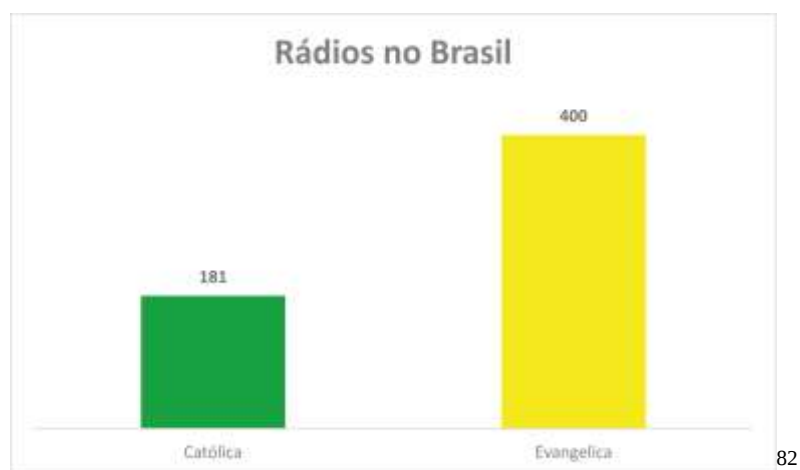


Figura 11 – Rádios no Brasil

⁸¹ A IURD também faz uso de parte da programação da TV Record Portugal, no entanto, essa apresenta-se como uma TV comercial, que vende uma pequena parte de sua programação à IURD.

⁸² <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc100828.htm>



Figura 12 – Rádios em Portugal

Em Portugal são dez as rádios evangélica. Já as católicas são as rádios Maria, 102.2 em Lisboa, Maria, 100.8 no Porto e Canção Nova 103.7 em Ourém/Fátima.

Existe ainda o Grupo Renascença Multimédia, pertencente ao Patriarcado de Lisboa e à Conferência Episcopal Portuguesa⁸⁴, formado por três emissoras de rádio, mas com uma programação comercial, com pequenas participações religiosas na rádio Renascença.

6.7 Impresso

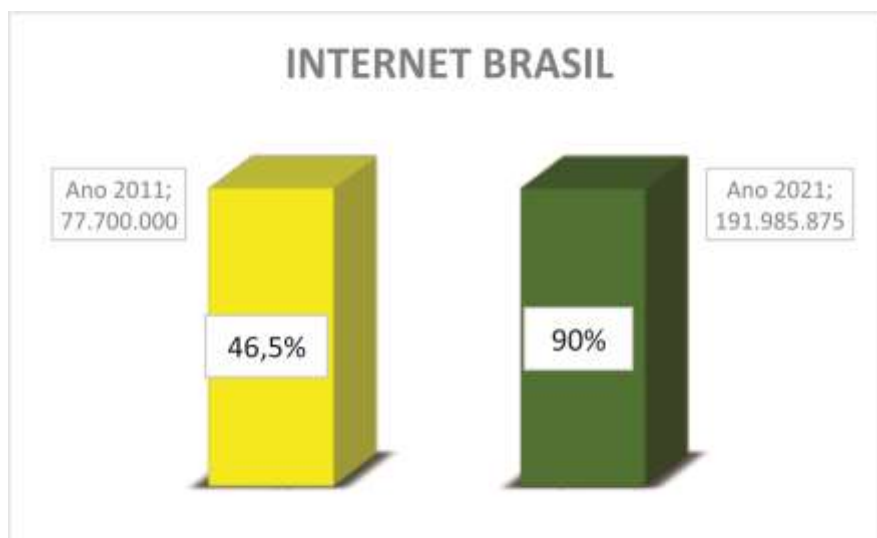
O impresso, em rápido processo de desuso, ainda resiste com pouca expressividade. A exceção é o Jornal Folha Universal, pertencente à IURD com impressão semanal de 1,8 milhões de exemplares, no Brasil (Redação I. U., S.d.), e a Folha de Portugal com uma tiragem limitada aos seus fiéis, assim como a revista Eu Era Assim, também pertecente à IURD.

6.8 Internet

Sem dúvida, o advento da internet foi o grande responsável pelo início do processo de queda dos média em papel, os números não deixam dúvidas do poder deste instrumento de comunicação.

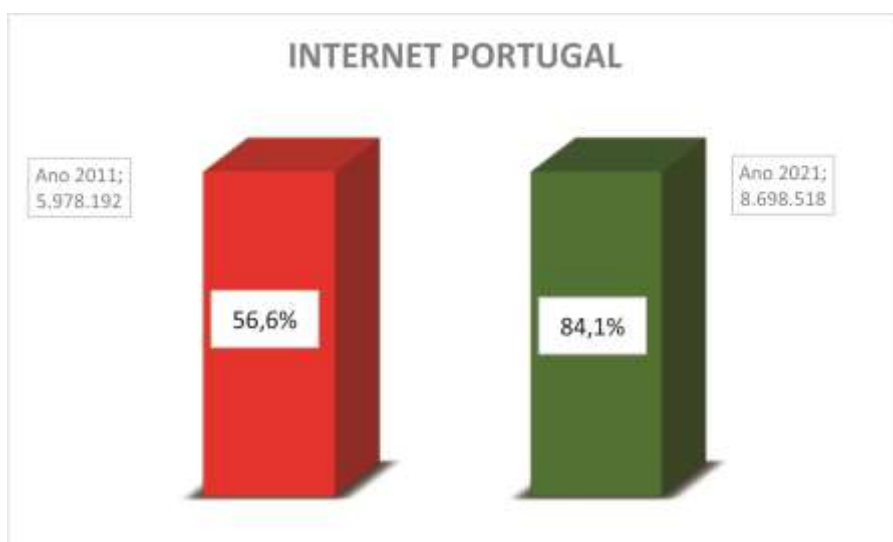
⁸³ <https://www.rádios.com.br/estatistica/fm/2018/7?pais=182&segmento=6>
<https://www.rádios.com.br/estatistica/fm/2018/7?pais=182&segmento=6>
<https://agencia.ecclesia.pt/portal/igreja-media-radio-maria-inicia-as-suas-emissoes-em-portugal/>
<http://radio.cancaonova.pt/radio-online/>

⁸⁴ <https://rr.sapo.pt/fichatecnica>



85

Figura 13 – Internet no Brasil



86

Figura 14 – Internet em Portugal

⁸⁵ <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14404-asi-pnad-de-2005-para-2011-numero-de-internautas-cresce-1438-e-o-de-pessoas-com-celular-1072>

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama>

<https://www.google.com/search?q=ibge+popula%C3%A7%C3%A3o+brasileira+2011&sxsrf=AJOqlzVQ03yDxqJEE4s1->

⁸⁶ [https://www.pordata.pt/portugal/agregados+domesticos+privados+com+computador++com+ligacao+a+internet+e+com+ligacao+a+internet+atraves+de+banda+larga+\(percentagem\)-1158-9362](https://www.pordata.pt/portugal/agregados+domesticos+privados+com+computador++com+ligacao+a+internet+e+com+ligacao+a+internet+atraves+de+banda+larga+(percentagem)-1158-9362)

6.9 Telemóvel

Esse foi o principal revolucionário desta mudança nas comunicações. Preço acessível e fácil navegabilidade na internet, chega a quase 100% da população. Atentamos para os números de Portugal, onde há mais de um telemóvel por pessoa.

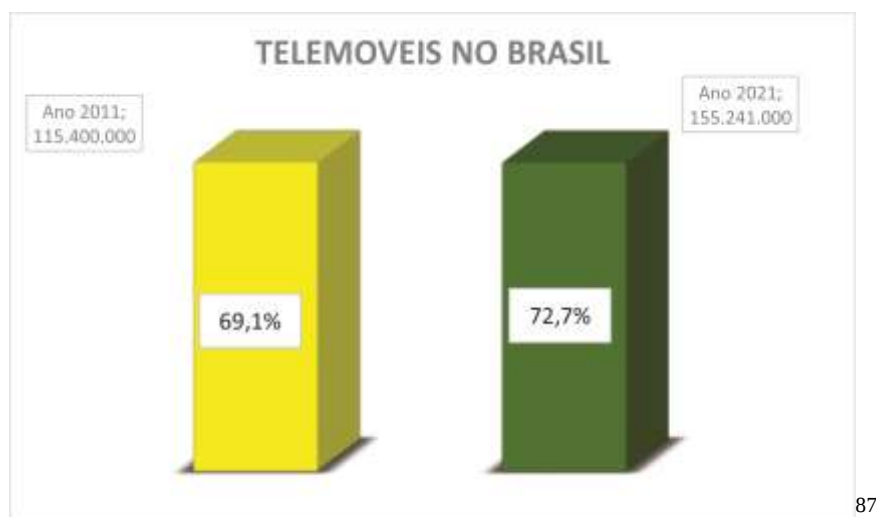


Figura 15 – Telemóveis no Brasil

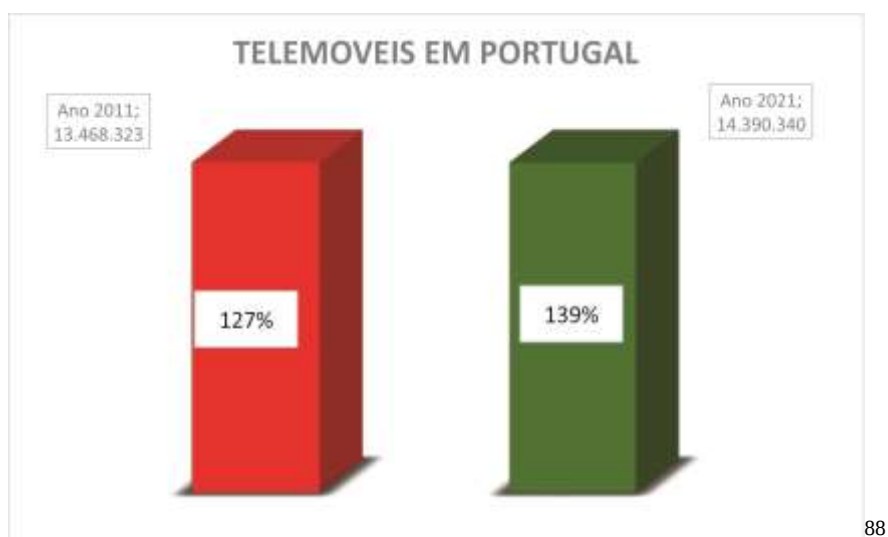


Figura 16 – Telemóveis em Portugal

⁸⁷ <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14404-asi-pnad-de-2005-para-2011-numero-de-internautas-cresce-1438-e-o-de-pessoas-com-celular-1072>

⁸⁸ <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/7374#resultado>
⁸⁸ <https://www.pordata.pt/portugal/assinantes+++equipamentos+de+utilizadores+do+servico+movel-1180>

O advento da internet e o fácil acesso aos telemóveis promoveu uma revolução nas relações entre pessoas e organizações, as chamadas redes sociais têm influenciado comportamentos, consumos e culturas por todo o mundo.

São números expressivos e que mudam a cada instante, transformado anónimos em celebridades, à mesma velocidade a que voltam ao anonimato.

6.10 Média Sociais

Para a revista americana Forbes, o número de pessoas que seguem os chamados ‘influencers’ por si só, não representa relevância, mas sim um conjunto de três variáveis, a saber: número total de seguidores, média de engajamento e pontuação de empreendedorismo, ou seja, faturação. Abaixo é possível verificar as dez maiores redes sociais do mundo, assim como, segundo a Forbes, as dez pessoas mais influentes.

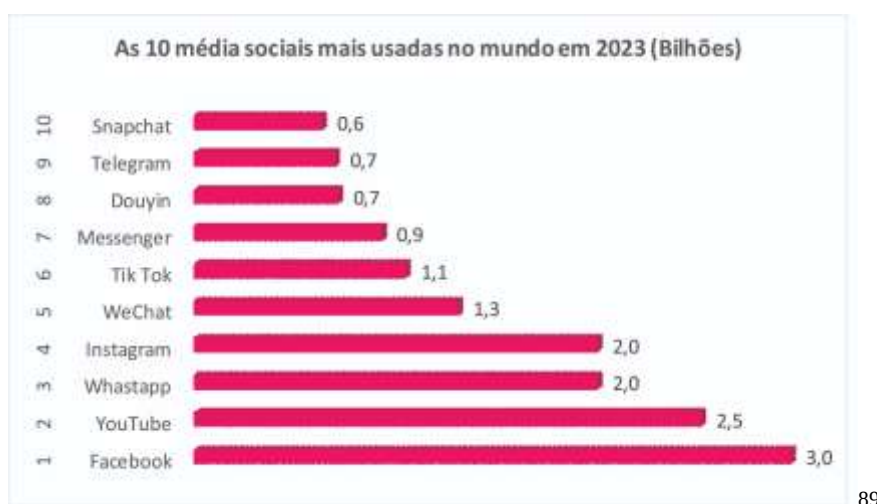


Figura 17 – As dez média sociais mais usadas no mundo em 2023

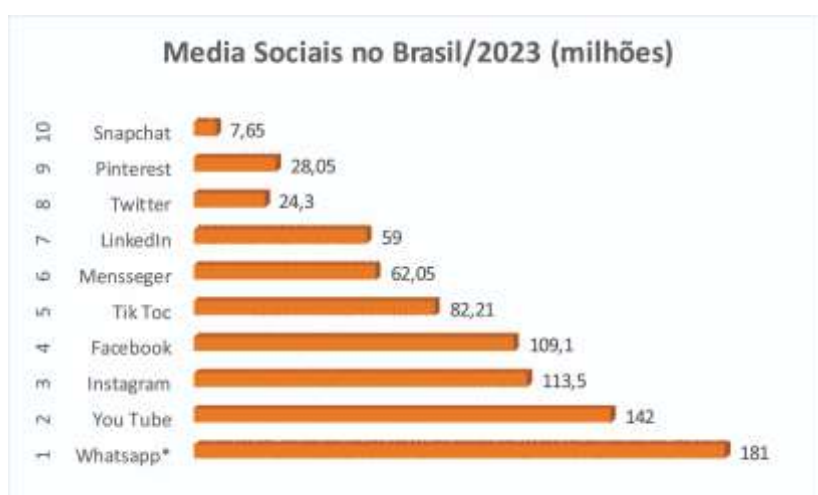
⁸⁹ <https://www.slideshare.net/DataReportal/digital-2023-global-overview-report-summary-version-january-2023-v02> (acesso em 2 mar 23).



90

Figura 18 – As dez pessoas mais influentes no mundo em 2022

No Brasil, assim como em Portugal as redes sociais têm milhões de seguidores, como observado abaixo:

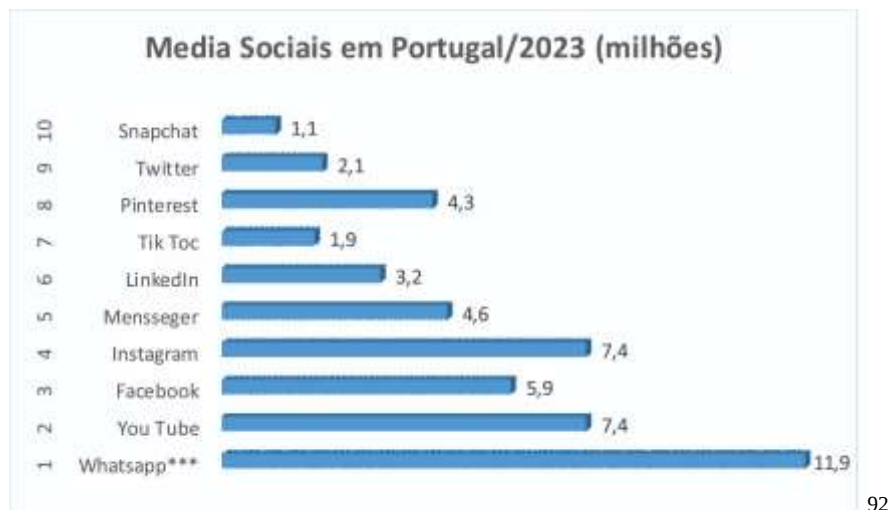


91

Figura 19 – Média sociais no Brasil/Milhões - 2023

⁹⁰ <https://www.forbes.com/sites/alexandrasternlicht/2022/09/06/top-creators-2022/?sh=bebf68d67a17#anchorTag-1-630e46ed0f7d760001a981e4> (acesso em 2 mar 23).

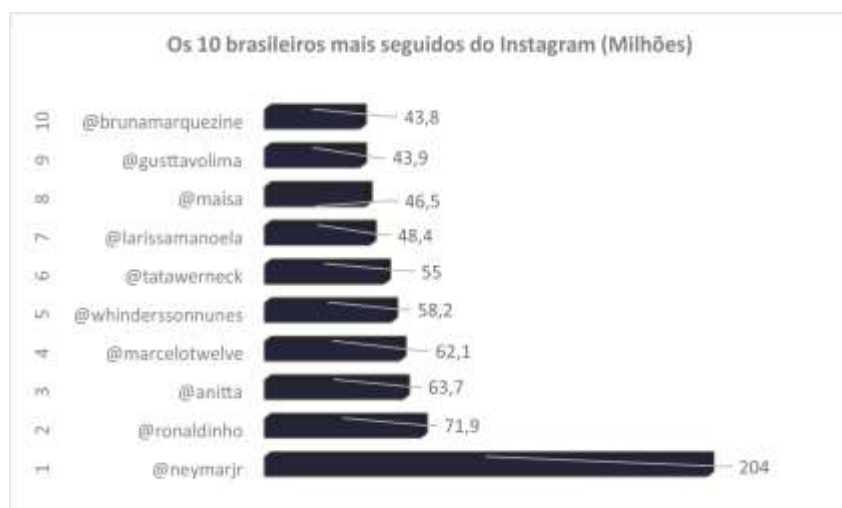
⁹¹ <https://datareportal.com/reports/digital-2023-brazil>
<https://www.take.net/blog/whatsapp/dados-do-whatsapp/> (*)



92

Figura 20 – Média sociais em Portugal/Milhões – 2023

As redes sócias passaram a fazer parte do dia-a-dia da população mundial, o que não difere nos brasileiros e portugueses, chegando aos mais diferentes segmentos sociais. Enquanto no Brasil a aplicação de mensagens instantâneas Whatsapp é de longe a mais popular, não se observa o mesmo fenómeno em Portugal, onde o YouTube é o líder. Para efeito de comparação, além do Instagram, terceiro colocado em ambos os países, a pesquisa usou também a plataforma de partilha de vídeos Youtube, no Brasil o segundo mais popular. A religião não ficou à margem desta revolução ruidosa e tem presença em ambas as aplicações.

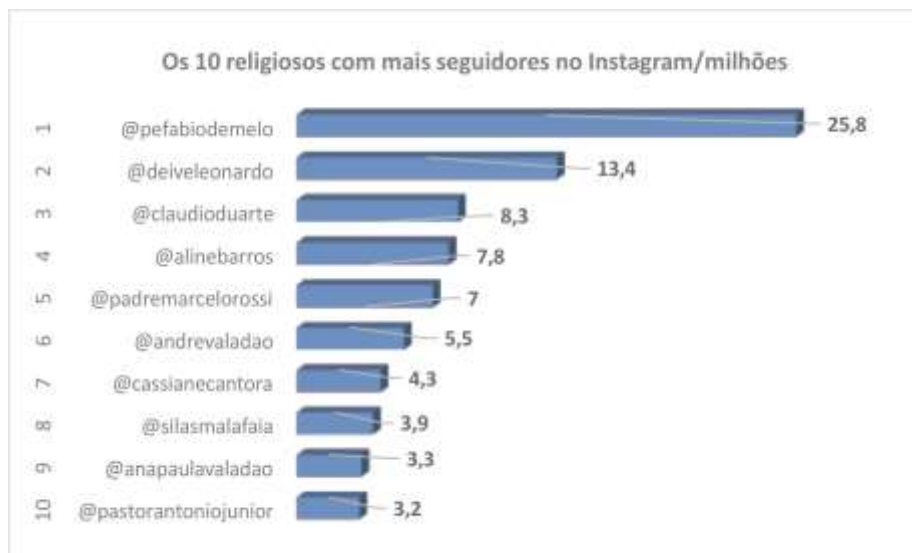


93

Figura 21 – Os dez brasileiros mais seguidos no Instagram (Milhões)

⁹² <https://datareportal.com/reports/digital-2023-portugal>
<https://4gnews.pt/redes-sociais-mais-usadas/> (*)

⁹³ Atualizados em 2 de março de 2023



94

Figura 22 – Os dez religiosos mais seguidos no Instagram/milhões (Brasil)

O que é curioso no quadro dos dez brasileiros mais seguidos do Instagram, é que este é liderado pelo jogador de futebol Neymar Júnior, que teve a sua infância marcada pelas idas à igreja Batista Peniel, em Santos (OrlaNews, 2019), passando pelo humorista Whindersson Nunes, que frequentou uma igreja evangélica até aos dezoito anos, (UOL, 2020), e em último aparece a atriz Bruna Marquezine, que estudou numa escola cristã e frequentou grupos de oração evangélicos.

Já o quadro em que aparecem os dez religiosos mais seguidos do Instagram, é liderado pelo padre e cantor Fabio de Melo e em último aparece o pastor e cantor Samuel Mariano. Dos dez mais seguidos, apenas dois são católicos, ambos padres, apresentando assim o que se observa na ascensão evangélica nos demais quadros.

⁹⁴ Atualizados em 2 de março de 2023.



Figura 23 – Os mais seguidos em Portugal no Instagram (Milhões)



Figura 24 – As dez organizações cristãs mais seguidas no instagram (Milhares)

Enquanto no Brasil a maior participação no Instagram por não religiosos é marcada por personalidades do mundo das artes, com apenas três personalidades ligadas ao futebol, em Portugal os dez mais seguidos são dominados pelo futebol, em primeiro lugar o jogador Cristiano Ronaldo e em último a conta oficial do Futebol Clube do Porto, são assim oito personalidades ou organizações ligadas ao desporto. Já nos dez mais seguidos no Instagram ligados à religião, existe apenas uma personalidade, o Padre

⁹⁵ Atualizados em 2 de março de 2023.

⁹⁶ Atualizados em 2 de março de 2023.

Guilherme Peixoto, com forte presença no mundo dos eventos, conhecido por realizar festas onde o próprio é DJ, em 2022 atuou no MEO Sudoeste em Odemira, Portugal (Farinha, 2022), todas as demais são organizações.

Dos dez mais seguidos no Instagram, apenas Whindersson Nunes, também figura entre os dez mais seguidos do YouTube no Brasil, aparecendo em quarto lugar com mais de 44 milhões de seguidores e vídeos com até 78 milhões de visualizações (Nunes, 2016).

Já nos dez religiosos mais seguidos do YouTube no Brasil, apenas o Padre Fabio de Melo que abre os dez mais seguidos no Instagram, aparece nos dez mais seguidos do YouTube, assim como no Instagram, a predominância é de representantes evangélicos, sete, e os outros dois católicos são o Padre Reginaldo Manzotti e a TV Aparecida.

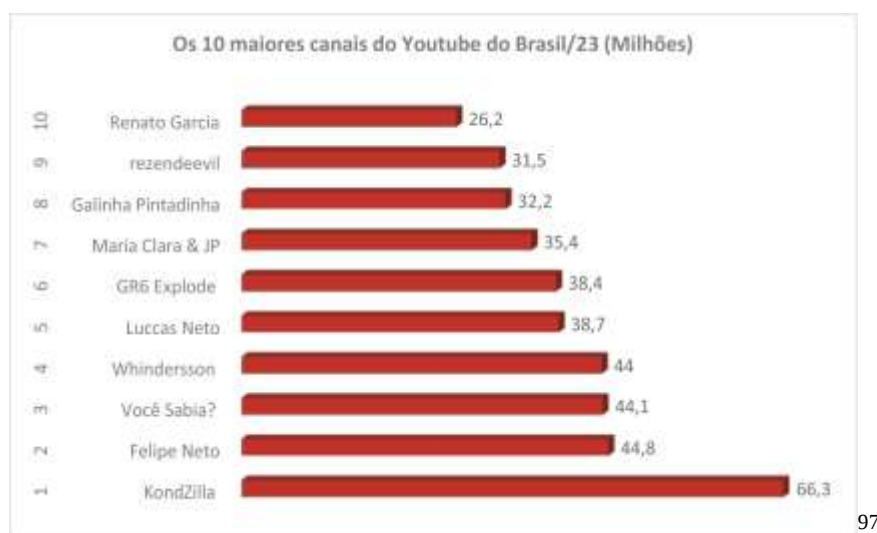
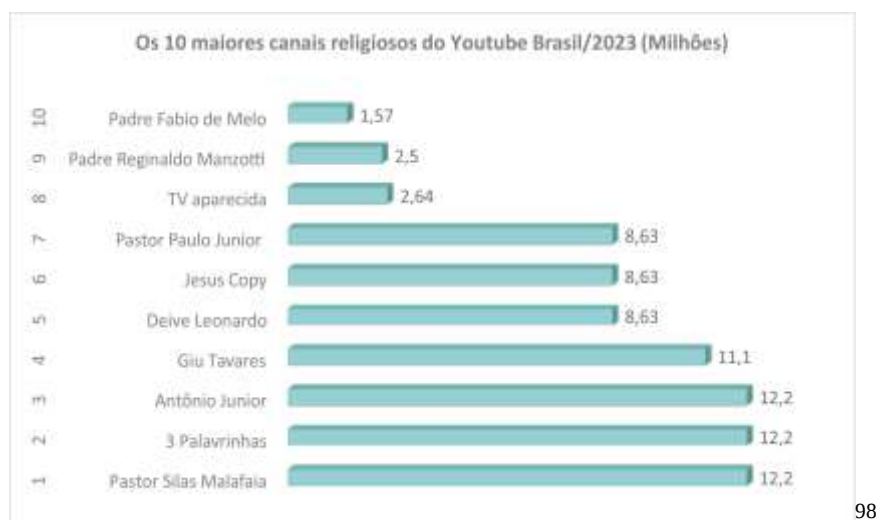


Figura 25 – Os dez maiores canais de Youtube do Brasil/23 (Milhões)

⁹⁷ Atualizados em 2 de março de 2023



98

Figura 26 – Os dez maiores canais de religiosos do Youtube do Brasil/2023 (Milhões)

Em Portugal, nos dez canais mais subscritos no YouTube não aparece nenhum nome que esteja entre os dez mais seguidos no Instagram português, no entanto podemos observar que no que toca aos canais religiosos, a IURD portuguesa está presente tanto no Instagram como no YouTube, em ambos, aparece em quarto lugar. A liderança tal como no Instagram, repete-se no YouTube e é do Santuário de Fátima. Se no Instagram a única personalidade que figura entre os dez mais seguidos é o Padre Guilherme Peixoto, no YouTube é o Pastor Leandro Amorim.



99

Figura 27 – Os dez canais do Youtube em Portugal/23 (Milhões)

⁹⁸ Atualizados em 2 de março de 2023.

⁹⁹ Atualizados em 2 de março de 2023.

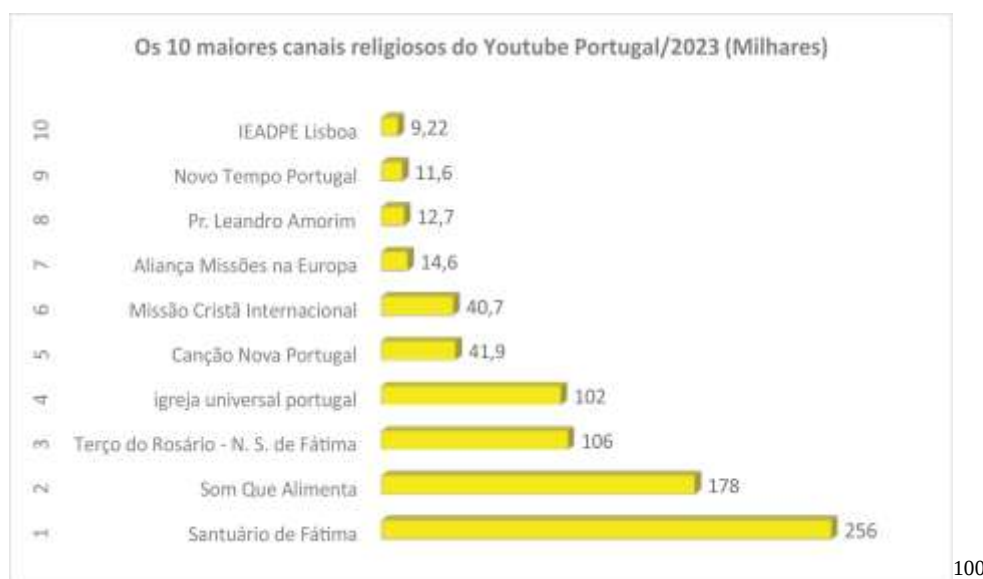


Figura 28 – Os dez maiores canais religiosos do Youtube em Portugal/2023 (Milhares)

6.11 Denominações

Ao contrário do IBGE que não apenas publica os números de cristãos no Brasil, mas estratifica-os, apontando os números de todas as denominações, o INE apenas disponibiliza os números dos portugueses entre cristãos, católicos, evangélicos e outros cristãos.

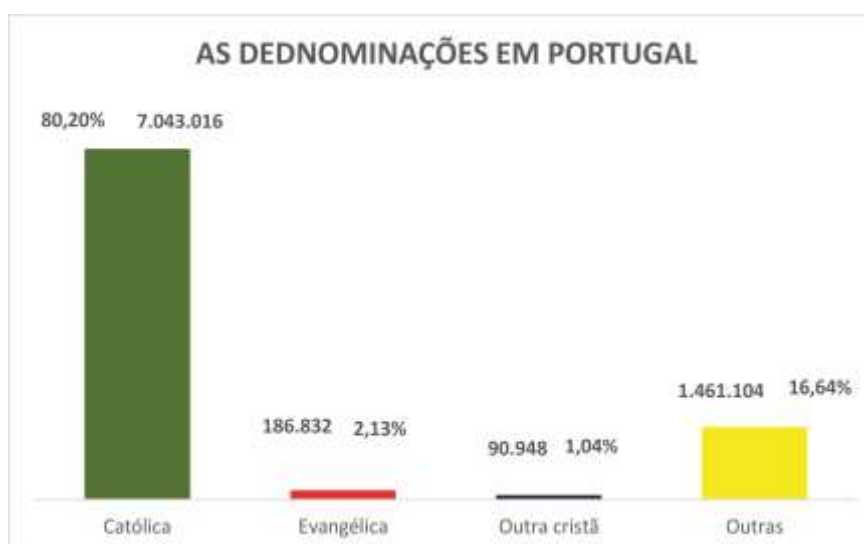
Os quadros abaixo representam os dados extraídos dos órgãos oficiais, IBGE, Brasil e INE, Portugal. Os dados de 2010, são os mais atualizados do Brasil neste segmento, enquanto Portugal apresenta dados mais recentes, de 2021. Ainda que, em algum momento, a investigação tenha feito uso dos dados do Datafolha para referenciar os números da religião no Brasil, foi necessário usar, ainda que desatualizados, os dados do IBGE, uma vez que o Datafolha não estratifica os números.

¹⁰⁰ Atualizados em 2 de março de 2023.



101

Figura 29 – As dez maiores denominações cristãs do Brasil (Milhões)



102

Figura 30 – As denominações cristãs em Portugal

Fruto do estudo de caso desta tese, a IURD tem uma presença expressiva em todos os quadros estratificados, seja nos média de massas, seja nas redes sociais. Isto reflete a sua presença tanto em solo brasileiro como português, no caso acima, vê-se a presença da IURD entre as dez principais denominações cristãs no Brasil, no meio da tabela, figurando em quinto lugar. A IURD discorda dos números oficiais e alega ter mais de sete milhões de membros apenas no Brasil; “somos com o exterior quase 13 milhões de adeptos” (R7, 2020).

¹⁰¹ <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107>

¹⁰² <https://tabulador.ine.pt/indicador/?id=0011644>

7 UMA HISTÓRIA

O cristianismo chegou ao Brasil através das naus portuguesas, e ao longo de cinco séculos passou por processos de ajustamento acompanhando a evolução dos tempos, de uma religião dominada por uma única denominação, a saber: Católica, a uma pulverização de denominações que começaram a chegar ao país pouco tempo depois da Reforma Protestante.

Ainda de forma insipiente nos primeiros anos da chegada europeia a terras brasileiras com o francês Nicolas Durand de Villegagnon, em 1554, passando pelo neerlandês João Maurício de Nassau-Siegen, em 1637, ambos chamados de período do Evangelho de Invasão. Quatros séculos depois, com a chegada dos primeiros luteranos, em 1824, período chamado de Evangelho de Imigração, até aos primeiros missionários, a partir de 1859, com o presbiteriano Ashbell Green Simonton, período chamado Evangelho de Missão.

O protestantismo terá uma nova fase com a chegada dos primeiros representantes do movimento pentecostal, a partir de 1910 com Louis Francescon, Igreja Cristã do Brasil, e em 1911 com Adolph Gunnar Vingren e Gustaf Daniel Högberg, ambos da Igreja Assembleia de Deus, estes foram influenciados pelo movimento Angelino, liderado pelo pastor afro-americano William Joseph Seymour, em 1905, filho de ex-escravos e fundador da Igreja Metodista Episcopal Africana (Barbosa, 2012).

O pentecostalismo e as suas três ondas (Freston, 1993), ou em perspectiva (Mariano, 2020), é abordada nesta pesquisa em uma quarta fase, a Quarta Onda, ou o pós-pentecostalismo.

Considerada como uma das precursoras do neo-protestantismo (Mariano, 2020), ou a Terceira Onda (Freston, 1993), a Igreja Universal do Reino de Deus esteve durante anos alicerçada na figura de seu líder maior, o bispo Edir Bezerra Macedo (1945), de personalidade tímida, filho de uma família simples do interior do Rio de Janeiro, converteu-se ainda jovem, impressionado com a cura da irmã mais velha, Elcy, que sofria há anos com crises de bronquite asmática, e frequentava a Igreja Nova Vida do bispo Walter Robert McAlister (1931-1993). No final da década de 1970, casado com Ester Eunice Rangel Bezerra, abandona um emprego estável na LOTEJ – Loteria do Estado do Rio de Janeiro, para fundar a Igreja Universal do Reino de Deus.

Como em qualquer início, as dificuldades vieram, na década de 1980 o Brasil vivia a crise da hiperinflação e grande parte da população sofria para manter a alimentação básica. O número de evangélicos nesse período era de 6% da população, dez anos depois subiu para 9% (Paulo, 2012).

Parte desse crescimento deu-se depois de grandes investimentos das igrejas pentecostais nos média, particularmente nas emissoras de rádio.

Entretanto, a Universal viu mais à frente quando teve a oportunidade de comprar a Rede de Televisão Record.

Os média não perdoaram a compra da emissora paulista pelo Bispo e a sua igreja e ‘choveram’ denúncias e processos judiciais.

Foi nesse período que o Bispo foi preso por denúncias de estelionato, charlatanismo e curandeirismo, mas com um *habeas corpus*, conseguido pelo advogado criminalista Marcio Tomaz Bastos¹⁰³ (1935-2014), (Magalhães, 1992), o bispo foi solto após onze dias.

Se tinha uma igreja que caminhava forte e uma televisão em crescimento, faltava-lhe um partido político, e assim surgiu o Republicanos, hoje com quase 500 mil filiados, milhares de vereadores, centenas de deputados, senadores, prefeitos e governadores.

A tríade do poder que levou à eclosão da Reforma Protestante no século XVI formada pelos poderes: eclesiástico, político e económico, à época dominado pela Igreja Católica Apóstolica Romana na Europa, é perfeitamente perceptível no caminho percorrido pelo Bispo, transformando a IURD na perfeita representante do que se pode chamar de pós-pentecostalismo.

Durante anos a IURD atacou a Igreja Católica e as religiões de origem africana, isso causou-lhe grandes polémicas, mas também, muito espaço nos média projetando a figura do bispo Macedo como uma espécie de anti-herói.

Crítico do sincretismo católico, Macedo adotou o sincretismo judaico e o sincretismo avesso das religiões de matriz africana, onde os espíritos dessas são a incorporação do Diabo. O livro “Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demónios?”, do bispo Edir Macedo, com mais de 3 milhões de exemplares vendidos e uma dezena de edições, é o ponto crucial dessa disputa.

¹⁰³ À época, os honorários do defensor teriam sido o equivalente a 500 mil dólares. Outro conhecido profissional da área jurídica que também participou da defesa, José Roberto Batochio, teria recebido outros 500 mil dólares (Nascimento, 2019, p. 153).

Dogmas tidos por inegociáveis pelo cristianismo são subvertidos por Macedo, como o aborto, que esclarece ser a favor.

Surge uma pergunta: afinal há teologia iurdiana? Não é possível afirmar, no entanto, caso exista é uma teologia líquida (Bauman, 2001), onde o díizimo “representa realmente o próprio Primogénito, Jesus Cristo, o Filho do Altíssimo” (Macedo, 2004, p.29).

Até ao início da década de 2010 a igreja colecionava enorme polémicas, mas continuava a crescer no Brasil e no mundo, entretanto a publicação do Censo brasileiro de 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), acendeu a luz amarela da cúria iurdiana, a igreja havia perdido “quase 230 mil fiéis em dez anos, passando de 2,101 milhões para 1,873 milhão. Uma queda de mais de 10%” (Leal & Thomé, 2012).

Ações que já vinham sendo tidas, em particular através de obras sociais, foram intensificadas, culminando com a construção do Templo de Salomão, entre outras razões passando a ideia de superação das perseguições e uma demonstração de poder desagregando a ideia personalista da igreja, da pessoa do seu líder maior.

O último passo dessa estratégia nesta caminhada de inserção social foi a bem-sucedida campanha publicitária “Eu sou a Universal”. A campanha não apenas caiu no gosto do povo, memes de todos os tipos foram publicitados, críticas surgiram, mas ninguém podia negar, a imagem da igreja tinha mudado e contagiado o país.

Diante de tamanha repercussão, afinal, o assunto foi motivo de estudo em universidades, originando teses em todos os níveis académicos e adágio entre populares. “Eu sou Universal” acabou por se tornar uma frase de efeito positivo.

7.1 A quarta onda

A tese de doutoramento “Protestantes e Política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment” do inglês naturalizado brasileiro, Paul Charles Freston, defende a teoria das três ondas (Freston, 1993), essa teoria “é um recurso pedagógico que contribui com a compreensão deste quadro” (Alencar, 2022).

A primeira onda é a década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911). [...] a segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). [...] a terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980). (Freston, 1993, p. 66).

Uma Quarta Onda começa a surgir nessa miscelânea teológica, o pós-protestantismo, tema já tratado nesta tese e que será novamente abordado mais à frente.

Ainda que represente a maioria dos evangélicos no mundo, o pentecostalismo é recente na história do cristianismo. Os seus registos trazem relatos contundentes a partir do início do século XX, com ênfase na experiência da “Rua Azuza” assunto abordado no capítulo anterior. Entretanto, os registos de movimentos de reforma religiosa cristã data a partir do século XII com o francês Pedro Valdo e o movimento valdenses, passando pelo inglês John Wyclif e o boêmio Jan Hus, chegando ao alemão Martinho Lutero, o francês João Calvino e o inglês Henrique VIII, evidentemente outros nomes contribuíram para a construção da história do protestantismo, mas estes são os nomes mais importantes quando se refere o assunto.

No Brasil, o movimento protestante tem a sua primeira experiência em meados do século XVI, a 1555, pouco menos de cinquenta anos depois da afixação das 95 teses de Martinho Lutero na porta da igreja do castelo de Wittenberg, com o primeiro culto realizado numa pequena ilha no Rio de Janeiro (hoje conhecida por Ilha de Villegaignon), por um grupo de franceses enviados por João Calvino. A iniciativa foi do francês Nicolas Durand de Villegaignon¹⁰⁴ (1510-1571), que com interesse em contrapor-se aos católicos portugueses, escreveu a Calvino, ambos foram “colegas de universidade em Paris e em Orleans” (Mariz, 2008, p.57), pedindo-lhe missionários para a propagação do evangelho.

¹⁰⁴ Em novembro de 1555, três navios franceses, comandados por Villegaignon, chegaram à Baía da Guanabara com a intenção de iniciar um empreendimento colonial. Um dos principais objetivos da França Antártica era garantir uma parcela do mercado de especiarias já monopolizada pelos portugueses. Cerca de 600 colonos, entre camponeses, mercenários, aventureiros e pequenos proprietários católicos e protestantes se estabeleceram na região. Desenvolveram alianças com os índios Tamoios contra os portugueses. Em 1565 liderados pelo sacerdote jesuíta português Manoel da Nóbrega (1517 – 1570), o padre jesuíta espanhol José de Anchieta (1517 – 1570), e o militar português Estácio de Sá (1520 – 1567), os franceses foram definitivamente expulsos. Para legitimar o poderio luso na região foi fundada, ainda naquele ano, a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (Fernandes, S.d.).

Afirmaram os escritores protestantes que, exibindo tais documentos de tolerância, Villegagnon procurara tão-somente ludibriar os reformistas; mas dizem os autores católicos que Villegagnon era sincero e desejava realmente conceder liberdade religiosa aos que atendessem ao seu apelo (LÉRY, 1961, p. 10).

A experiência francesa não resultou durante muito tempo e em 1567, Estácio de Sá (1520-1567), expulsou-os definitivamente (Mariz, 2008, p.55). No período da expulsão, um dos navios teve problemas e cinco dos passageiros pediram permissão para permanecer no Brasil, Jean de Bourdel, Matthieu Verneuil, Pierre Bourdon, André Lafon e Jacques le Balleur. Juntos escreveram a Confissão de Fé da Guanabara, conhecida também como Confissão Fluminense (Mackenzie, S.d.). Esse foi “o primeiro documento teológico das Américas, em 8 de fevereiro de 1558 e no primeiro martírio de crentes protestantes no Brasil” (Simões, 2023).

A segunda experiência vai acontecer no século XVII, quase cem anos depois, com a chegada dos holandeses à província de Pernambuco. A razão foi a cisão com os espanhóis que haviam assumido o trono português após a morte do rei D. Henrique I (1512-1580), que não deixou um herdeiro direto, assumindo o trono português, em 1580, o rei espanhol D. Felipe II, filho de Isabel de Portugal (1503-1539) e de D. Manuel I (1469-1521), rei de Portugal, com isso deu-se a União Ibérica que assumiu as possessões lusas (Frazão, 2020).

Entre outros empreendimentos portugueses havia o Brasil que tinha na produção de açúcar sua principal pauta de exportação, essa financiada pelos holandeses, dominados em parte pela casa espanhola dos Hasbsburgo. Por procurar a independência, os neerlandeses foram expulsos do negócio do açúcar.

Os holandeses reorganizaram-se e tentam em 1604 invadir Salvador, então capital da colônia, mas fracassam. Em 1630, têm êxito ao invadir Pernambuco e em 1637 dá-se a chegada do militar alemão João Mauricio de Nassau-Siegen (1604-1679), para ser o governador-geral da colônia holandesa (Silva, S.d.).

Nassau “professavam: o humanismo, surgido no Renascimento, e o calvinismo, surgido na Reforma Protestante” (Silva, Maurício de Nassau, S.d.), portanto, tinha uma visão mais ampliada no que toca à liberdade religiosa, “na cidade do Recife, os calvinistas membros do governo, os católicos e os comerciantes judeus, com sua sinagoga na Rua dos Judeus (hoje Rua do Bom Jesus), a primeira no Brasil, conviviam com certa liberdade” (Frazão, Maurício de Nassau - Militar de origem alemã, 2019).

A segunda experiência evangélica no Brasil durou pouco mais de vinte anos, apesar de “os holandeses em Pernambuco implantaram todo um sistema eclesiástico com pastores, presbíteros, diáconos, membros, presbitério e sínodo” (Menezes, 2017), observou-se que todo o esforço se esvaiu após a expulsão definitiva dos neerlandeses em 1654.

Se deixarmos de lado o histórico “protestantismo de invasão” representado pelas tentativas francesas (século XVI) e holandesa (século XVII) de se instalarem no país e aqui plantarem a semente reformada, pode-se afirmar que o protestantismo (...) chega ao Brasil, para ficar, somente no transcorrer do século XIX (Souza, 2011, p.1124, apud João Cesário).

Com a assinatura dos “tratados de Aliança e Amizade e Comércio e Navegação, celebrados com a Inglaterra em 1810, criaram um impasse para a hegemonia católica, uma vez que a intolerância religiosa seria forte obstáculo à execução dos tratados, com consequentes dificuldades políticas à Coroa por causa de sua situação de dependência da Inglaterra” (Souza, 2011, p.1128). Assim, Portugal aquiesceu com tolerância a outras religiões no Brasil, então, sede do “Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve” (Azevedo, 2018), ainda que com inúmeras limitações.

Foram os luteranos o primeiro grupo protestante a firmar-se no Brasil a partir de 1823 (Freston, 1993, p. 46), esse “Protestantismo de Imigração” deu-se muito mais por uma questão de ordem económica do que religiosa, “as principais motivações para a imigração foram efetivamente a miséria económica e a superpopulação, em proporção diferente nos diversos territórios alemães” (Ribeiro, 2008, p.100).

A explicação para que a presença protestante não tenha sido inglesa, com toda a abertura e simpatia que a sociedade brasileira nutria pelo mundo anglosaxão, é que o interesse dos ingleses era a ampliação do mercado para seus produtos. Sem maiores motivações missionárias, sua prática religiosa era apenas um componente do seu ethos cultural, por isso a expressão cültica desses primeiros cristãos não-católicos a chegarem ao Rio de Janeiro ficou restrita a suas capelas (Cruz, 1994).

Somente quatro décadas depois da chegada dos alemães luteranos é que começam a chegar outras denominações protestantes, estas fruto da Guerra da Secessão americana (1861-1865), “a Guerra Civil dos Estados Unidos irrompeu em torno da questão da escravidão, no embate da economia escravagista do Velho Sul com a economia

industrializada no Norte” (Filho, 2015, p.4, apud DAWSEY, 2005, p.19). Primeiro foram os presbiterianos em 1859 (Almeida, 2022), de seguida os metodistas em 1867 (Magalhães, 2013) e os baptistas em 1871 (Redação, S.d.), todos desembacaram na região de Campinas, interior de São Paulo.

A chegada dos protestantes causou estranheza na vizinhança “quando chegou o domingo e ninguém foi à missa, o alarme foi maior. Não deviam ser boa gente” (Filho, 2015, p.8, apud Jones, 1967, p.161). Entretanto, o que preocupava os protestantes em terras brasileiras era a falta de apoio espiritual, particularmente quando a morte se fazia presente e o desânimo se transformava em desespero. A Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos foi a primeira a responder ao envio de missionários, chegados em 1869.

Ainda que para alguns historiadores o Protestantismo de Missão tenha chegado “ao Brasil, oficialmente, com o missionário presbiteriano Ashbel Green Simonton (1833-1867) pioneiro no Rio de Janeiro, em 1859, já estava no Brasil desde 1855, o médico e pregador escocês Robert [Reid] Kalley (1809-1888), que fundou em Petrópolis, a Igreja Evangélica Fluminense [1858]. A primeira Igreja presbiteriana foi organizada na capital do Império em 1862 e a de São Paulo em 1865” (Campos, 2014, p.88).

Pensamento também corroborado por Souza, (Souza, 2011, p.1132) que defende a ideia que, apesar de, “Simonton [ser] considerado por alguns como sendo o primeiro missionário no Brasil. O motivo é que o doutor Kalley, fez um trabalho independente, isto é, ele não tinha nenhum vínculo com uma junta missionária”.

O americano Simonton era pastor na Pensilvânia (Oliveira, 2020, p.26) e deixou um legado expressivo no Brasil, nos seus 34 anos, como a organização da Escola Dominical em 1860, a primeira Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro em 1862, o primeiro jornal – A Imprensa Evangélica em 1862, o primeiro presbitério, o do Rio de Janeiro, em 1865, e o primeiro seminário teológico em 1867 (Lopes, 2019). Membro da *Presbyterian Church in the United States of America*¹⁰⁵ - PCUSA, no norte do país, Simonton não chegou a ver em 1869 a chegada dos primeiros missionários presbiterianos enviados pela *Presbyterian Church in the United States* - PCUS¹⁰⁶, esta do sul estadunidense, que se fixaram “em Campinas, região onde havia muitas famílias norte-americanas que vieram para o Brasil após a Guerra Civil (1861-1865) no seu país” (Matos, S.d.).

Para outros historiadores, o Protestantismo de Missão iniciou-se em 1835 quando “chegou o primeiro missionário metodista ao Rio de Janeiro, o Rev. Fountain E. Pitts,

¹⁰⁵ Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos da América.

¹⁰⁶ Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos.

do Board of Mission da Methodist Episcopal Church in the United States¹⁰⁷, que começou a pregar em residências particulares” (Oliveira, 2020, p.95). O trabalho prosperou até meados da década de 1840 quando encerrou as suas atividades. “Somente em 1876, a obra é reiniciada oficialmente com a ação do Rev. J. J. Ramson” (Oliveira, 2020, p.95), estes missionários chegaram a pedido dos metodistas americanos que haviam chegado anos antes.

A semente batista foi plantada nos idos de 1860 pelo missionário americano Thomas Jefferson Bowen (1814-1875), “muito provavelmente por influência do livro *Brazil and brazilians*, escrito pelos missionários metodistas Daniel Kidder [1815-1891] e James Fletcher [1823-1901]” (Santos, 2021). Bowen, a esposa e a sua filha de dois anos, foram enviados pela *Foreign Mission Board*, atualmente denominada *International Mission Board*¹⁰⁸ (Santos, 2021). Depois de meses de tentativas, a família não conseguiu arrendar uma casa, a cultura católica romana da época era um grande limitador, além dos poucos recursos pesaram os problemas de saúde de Bowen, para a difícil tomada de decisão de voltar aos Estados Unidos.

Os batistas vão ter a sua primeira experiência como denominação em solo brasileiro apenas em 1871, quando organizaram a Primeira Igreja Batista em Santa Bárbara d’Oeste, interior de São Paulo (Filho, 2015, p.9), liderava o grupo o pastor Richard Ratcliff (1831-1912).

Após uma troca de correspondência entre as igrejas brasileira e americana, em 1881, são enviados pela Junta de Richmond, da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos da América (Silva P. J., 2019, p.110, apud ASSUMPÇÃO, 1976), o casal de missionários americanos William Buck Bagby (1855-1939) e Anne Luther Bagby (1859-1942), no ano seguinte chega o casal de missionários Zachary Clay Taylor (1850-1919), e Katherine Steves Crawford Taylor (1862-1894).

Como observado, a chegada dos protestantes ao Brasil dá-se em três fases distintas, séculos XVI e XVII com o “Protestantismo de Invasão”, início do século XIX com o “Protestantismo de Imigração” e finalmente, ainda em meados do século XIX com o “Protestantismo de Missão”, que a partir da Proclamação da República¹⁰⁹ (1889), tem um desenvolvimento mais acentuado.

¹⁰⁷ Junta de Missões da Igreja Episcopal Metodista nos Estados Unidos.

¹⁰⁸ Conhecida no Brasil por Junta de Richmond.

¹⁰⁹ Para alguns historiadores foi um golpe militar.

No entanto, esse crescimento precisou do envolvimento protestante, entre outros segmentos sociais, como a maçonaria e os judeus, nas articulações do levante militar sobre a monarquia brasileira.

Para esses primeiros protestantes, o estabelecimento de um Estado laico, em que a união entre o trono e o altar fosse coisa do passado; a abertura de escolas que pudessem ensinar o povo a ler, e a ler as Sagradas Escrituras por eles distribuídas; eram objetivos primordiais depois do esforço pela conversão das pessoas ao “verdadeiro Evangelho” (Campos, 2014).

A luta para manter as escolas a funcionar e a secularização de cemitérios, por exemplo, era uma questão de estratégia de crescimento das igrejas protestantes, assim, o surgimento de um Estado laico, e o estabelecimento definitivo da democracia teriam de ser debatidos, defendidos e implantados.

O jornal *A Imprensa Evangélica*¹¹⁰ teve um papel significativo nesse período, com artigos publicados principalmente pedindo liberdade religiosa, como por exemplo a edição de dezembro de 1881 que diz: “A Igreja de Roma vive encarapitada no Estado [ela] sabe que no dia em que o Estado a sacudir e aliviar-se de sua tutela ela não terá mais lugar de ser nesta livre terra da América!”. Em maio de 1874 publicou: “Jamais a Igreja e o Estado poderão harmoniosamente exercer seus direitos, e a liberdade que reclamam, enquanto permanecerem consorciados” (Campos, 2014, p.92).

Todo o envolvimento político foi recompensado por “um dos primeiros atos da Junta Provisória que assumiu o poder no governo da República, tratou de separar a igreja do Estado, decisão que passou a fazer parte do Art. 72, parágrafo 7º., do Projeto de Constituição, onde se lê que ‘nenhum culto ou Igreja gozará de subvenção oficial, nem terá relações de dependência ou aliança com o governo da união ou dos Estados’” (Campos, 2014, p.94).

Apesar das garantias constitucionais, o Brasil católico ainda impunha uma sistemática perseguição, principalmente nos locais mais reconditos, templos eram incendiados, os seus pregadores eram, muitas vezes, apedrejados nas ruas, e os fiéis protestantes eram discriminados, sofrendo restrições na vida quotidiana, simplesmente por não serem católicos. A liberdade religiosa no Brasil apenas se afirmaria após a Segunda Guerra Mundial, portanto, quase cem anos depois da chegada dos protestantes a solo brasileiro (Campos, 2014).

¹¹⁰ O jornal mais antigo publicado pelos protestantes de missão no Brasil foi a *Imprensa Evangélica*, dos presbiterianos, que iniciou a sua publicação em 1864 e circulou, às vezes semanal, quinzenal ou mensalmente até 1892 (Campos, 2014, p.92).

Se a chegada dos protestantes ao Brasil se divide em três momentos históricos: Protestantismo de Invasão, Protestantismo de Imigração e Protestantismo de Missão, outro momento histórico desse fenômeno foi a chegada do pentecostalismo, tema já abordado, que segundo Freston, (Freston, 1993) está dividido em três ondas.

Primeira Onda	Segunda Onda	Terceira Onda
1910 - 1950	1950 – 1960	1970
Congregação Cristã (1910) Assembleia de Deus (1911)	Quadrangular (1951) Brasil para Cristo (1955) Deus é Amor (1962)	IURD (1977) Internacional a Graça de Deus (1980)

Quadro 4 – As Três Ondas (Freston, 1993)

A tipificação sobre o pentecostalismo brasileiro não se resume à tese de Freston, (Freston, 1993), outros estudos apresentam alternativas de tipificações sobre o tema, Souza (1969), que se ancorou na tipologia weberiana seita-igreja¹¹¹ para distinguir componentes do pentecostalismo e estudar a forma com que se relacionavam com a sociedade” (Silva, Enoque, & Saraiva, 2020, p.82). Ainda segundo estes, existem outros autores que caracterizam o movimento da seguinte forma:

Brandão (1980)	Mendonça (1989)	CEDI ¹¹²
Igrejas de Mediação Pequenas Seitas	Pentecostalismo Clássico Cura Divina	Pentecostalismo Clássico Pentecostalismo Autônomo ¹¹³

Quadro 5 – Outros autores que caracterizam o movimento.

Outro investigador deste tema é o brasileiro Ricardo Mariano, sociólogo que tem sido muito citado em investigações, em especial pelo seu livro Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil¹¹⁴ (1999). Nessa abordagem literária

¹¹¹ A comunidade religiosa, isto é, a Igreja visível no linguajar usado pelas igrejas reformadas, deixou de ser apreendida como uma espécie de instituto de fideicomissos com fins supraterrâneos, uma instituição que abrangia necessariamente justos e injustos, seja para aumentar a glória de Deus (Igreja Calvinista), seja para dispensar aos humanos os bens de salvação (Igrejas Católica e Luterana) —, e passou a ser vista exclusivamente como uma comunidade daqueles que se tornaram pessoalmente crentes e regenerados, e só destes: noutras palavras, não como uma igreja, mas como uma "seita" (Seneda & Custódio, 2016, p. 29-30, apud EP p.131).

¹¹² Centro Ecumênico de Documentação e Informação.

¹¹³ Através de análise de Bittencourt Filho (1991).

¹¹⁴ Este livro se baseia em minha dissertação de mestrado em sociologia intitulada Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando, defendida em junho de 1995, sob a orientação do Prof. Dr. Antônio Flávio Pierucci, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (Mariano, 2020).

Mariano cita Martin, (Martin, 1990), e a sua teoria referente à história mundial do protestantismo, que destaca três grandes ondas: a Puritana, a Metodista e a Pentecostal. O autor informa que no Brasil, o primeiro pesquisador a utilizar a metáfora das ondas para dividir o movimento pentecostal foi Paul Freston que, “ao contrário dos autores precedentes, subdividiu o pentecostalismo nacional em três ondas: o pentecostalismo Clássico e outras duas sucessoras” (Silva, Enoque, & Saraiva, 2020).

O Neopentecostalismo é abordado por Mariano, (Mariano, 2020) como a Terceira Onda, sendo a primeira o Pentecostalismo Clássico e o Deuteropentecostalismo a segunda.

Admitimos existirem outras definições e nomenclaturas para esta terceira fase, como “pentecostalismo de transição” (Bitun, 2007, p.36), ou ainda “agências de cura divina (Mendonça, 1984), pentecostalismo autónomo (Hortal, 1989), [...] isopentecostalismo (Campos, 1997), pseudopentecostalismo ou pós-cristianismo (Dreher 1999), parapentecostalismo (Wynarczyk, 2009)”, (Martins & Mazarem, 2021, p.40), ou ainda o “neopentecostalismo alternativo” (Silva, Enoque, & Saraiva, 2020, p.82). No entanto, não fará uso de todas, ainda que reconheça a sua relevância académica. A indagação será a partir das três ondas de Freston, (Freston, 1993), partindo daí a defesa da Quarta Onda do evangelho.

A Primeira Onda surge em dois momentos, em 1910 através do italiano Luigi Francescon (1866-1964), e em 1911 pelos suecos Daniel Berg (1884-1963) e Gunnar Vingren (1879-1933), ambos receberam a doutrina de William Howard Durham (1873-1912), que por sua vez foi influenciado pelo afro-americano William Joseph Seymour (1870-1922), quando visitava a missão a Apostolic Faith Gospel Mission¹¹⁵.

Francescon experimentou a glossolalia em agosto de 1907 e recebeu uma revelação: o chamado para pregar aos seus conterrâneos. Funda igrejas com foco em imigrantes italianos na Pensilvânia e Califórnia, no ano de 1909, teve passagens pela Argentina, em Buenos Aires, depois em 1910, por São Paulo, Santo António da Platina, no Paraná e, finalmente, na segunda ida a São Paulo, funda a Congregação Cristã do Brasil (1910), pacificamente aceite pelos historiadores do pentecostalismo como a primeira igreja pentecostal do Brasil (Oliveira, Loreto, & Calvelli, 2017, p.133, apud Bledsoe, 2012; Matos, 2006; Mendonça & Velasquez, 2002; Souza, 2013).

¹¹⁵ Missão Evangélica da Fé Apostólica.

Daniel Berg e Gunnar Vingren são responsáveis pela maior denominação evangélica do Brasil. Inicialmente por influência americana da Rua Azusa, o nome dado à igreja foi Missão da Fé Apostólica, entretanto, a partir de 1918 passou a chamar-se Assembleia de Deus. Ambos, num momento de oração, teriam recebido uma palavra profética que os concitava a abraçar o missionarismo. A particularidade da revelação entregue por intermédio de Olaf Adolfo Ulldin¹¹⁶, outro sueco radicado nos Estados Unidos e amigo dos dois, era a de que para a futura atividade evangelista de Berg e Vingren existia um lugar específico, o estado do Pará, no Brasil (Oliveira, Loreto, & Calvelli, 2017, p.134, apud Mariano, 2012; Matos, 2006; Silva, 2014; Souza, 2013).

A Segunda Onda surge a partir da década de 1950 quando o “pentecostalismo cresce aceleradamente e se fragmenta. Entre dezenas de grupos novos, desses, nascem três grandes igrejas” (Freston, 1993, p.82), a Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), a Igreja Brasil para Cristo (1955) e a Igreja Deus é Amor (1962).

Quarenta anos depois da chegada dos pioneiros pentecostais, esse novo grupo surge desapegado da tradição construída nas quatro décadas anteriores. Mariano, (Mariano, 2020), vai chamar a essa fase “deuteropentecostalismo”, no entanto, esse período ficou conhecido pelo “movimento das Tendas”, que se popularizou realizando campanhas de evangelização com cura divina, batismo com o espírito e a expulsão de demónios, por todo o país, em tendas de lona (Dias, 2020).

A primeira das três igrejas tem origem norte-americana, fundada pela canadiana Aimee Semple McPherson (1890-1944), a *International Church of the Four-Square Gospel*¹¹⁷ nasceu em Los Angeles, cidade considerada, à época, a meca dos grupos religiosos exóticos e da crescente indústria do entretenimento.

A igreja é a única grande denominação cristã iniciada por uma mulher, “não é por acaso que a IEQ [Igreja do Evangelho Quadrangular] é menos repressora no tocante à

¹¹⁶ Evidentemente, é possível compreender essa história de uma perspectiva menos poética. Nos estudos de Siepierski (2002), verifica-se que, à época da revelação, Berg e Vingren residiam em South Bend, no estado de Indiana. Nessa região, a Amazônia brasileira e especialmente o Pará era famosos pela produção de borracha, o que gerou interesse público a ponto de se produzirem vários artigos na mídia a esse respeito. Fato também importante é o de que Adolf Ulldin, o homem que profetizou sobre o imperativo da dupla sueca vir para o estado do Pará, prestou serviços de pintura para empresa de implementos agrícolas que tinha laços comerciais com empresariado da borracha paraense, tema corriqueiro nas conversas dentro da fábrica. Com efeito, não se trata de deslegitimar o discurso da odisseia sueca em terras brasileiras, todavia, é sestro [desagradável] das ciências sociais buscarem um ponto de conexão entre o mítico e o factual, não excluindo que um possa enriquecer o outro (Oliveira, Loreto, & Calvelli, 2017, p.134).

¹¹⁷ Igreja do Evangelho Quadrangular, esse nome se refere a quatro qualidades de Cristo: Salvador, Batizador no Espírito Santo, Médico e Rei que voltará, ou seja: salvação, experiência carismática, cura divina e expectativa do advento (Freston, 1993, p.82).

roupa e aparência femininas” (Freston, 1993, p.82). Aimee atravessou os Estados Unidos pregando numa tenda de lona até se estabelecer perto de Hollywood, quando adquiriu em 1924 a sua própria emissora de rádio.

No Brasil Iniciou-se com o missionário Harold Edwim Willians (1913-2002), que “fora ator em filmes de *far-twest*” (Freston, 1993, p.83, apud Rosa 1978, p.251), e que em 1951 fundou na cidade paulista de São João da Boa Vista, a Igreja do Evangelho Quadrangular, originalmente denominada Evangélica do Brasil (Melo, 2011). Em 1953 surgiu por iniciativa de Willians a ‘Cruzada Nacional de Evangelização’ que viajou o Brasil utilizando o mesmo método americano de tendas. O estilo diferente de pregar o evangelho, como a “comunicação em massa como o rádio¹¹⁸, cultos ao ar livre, sendo: em praças, estádios e apresentações em cinemas que foram determinantes para o seu crescimento” (Quitério, 2018, p.206), desagradou muitas lideranças no país, levando Willians em 1954 a fundar a Igreja da Cruzada, que um ano depois passou a chamar-se Igreja do Evangelho Quadrangular, ligada à mãe americana. A partir dos anos 1980 veio a tornar-se uma das mais expressivas igrejas evangélicas do Brasil e nesse período consegue a independência da igreja-mãe americana.

A segunda igreja foi a Igreja Brasil para Cristo, que surge por iniciativa de um trabalhador da construção civil em 1956, Manoel de Mello e Silva (1929-1990). Converteu-a numa igreja Assembleia de Deus e foi um dos organizadores da Cruzada Nacional de Evangelização. Nomeado pastor pela Igreja do Evangelho Quadrangular passa a apresentar em janeiro de 1956 na rádio Piratininga, de São Paulo, o programa A Voz do Brasil Para Cristo, que “ficou no ar por três décadas em cadeia nacional” (Novaes, 2016). Em março do mesmo ano, realiza-se o primeiro culto da denominação ainda chamada Movimento do Caminho – Igreja de Jesus Betel (Paulo, S.d.).

Fruto da escola americana, “Mello foi preso 27 vezes por denúncias ao regime militar” (Novaes, 2016), por curandeirismo e charlatanismo, contudo, não parava de conduzir reuniões em praças públicas e estádios de futebol. O crescimento denominacional deu-se majoritariamente em áreas pobres e operárias da periferia das grandes cidades. As reuniões eram realizadas em tendas, muitas delas queimadas por inimigos. Com tamanha perseguição, a igreja tomou a iniciativa de adquirir edifícios em alvenaria; a sua sede no bairro Pompeia, na cidade de São Paulo, tem capacidade para

¹¹⁸ Naquele período o rádio foi considerado pela Igreja Assembleia de Deus e Igreja Congregação Cristã do Brasil um veículo de comunicação mundano, condenando os seus fiéis caso ouvissem (Quitério, 2018, p.205).

nove mil pessoas. A igreja tem até um dia para chamar de seu, a 3 maio de 2016, a então presidente brasileira, Dilma Vania Roussef, sancionou, através da lei nº 13.279, o Dia Nacional da Igreja O Brasil para Cristo.

Se Willians tirou a igreja de dentro dos templos e Manoel de Mello apresentou a comunicação de massa a igreja, David Martins de Miranda (1936-2015) fecha essa trilogia, com o pioneirismo do mercado gospel brasileiro através da Igreja Deus é Amor; esta encerra a lista das dez maiores igrejas cristãs do Brasil, com mais de 800 mil adeptos, ou 0,44% da população brasileira, segundo os dados apurados (IBGE, 2012).

A igreja possui um dos dez maiores templos do Brasil, com capacidade para receber 60 mil pessoas, e está localizado em São Paulo, na maior cidade do país (Souza F., 2016). Ao lado do templo “está o maior *shopping* gospel da América Latina” (Silva, Enoque, & Saraiva, 2020, p.84).

Apesar da aparente contemporaneidade a igreja está presa a alguns dogmas abolidos por praticamente todas as igrejas pentecostais, como “uma cartilha de proibições com regras até para o que é assistido na TV. Esses comportamentos contribuem para o afastamento do crente da vida social, conflitos entre pais e filhos, além de afastar a classe média dos templos, [além de proibir] a participação de membros devedores [de dízimos] nos cultos de Ceia” (Almeida J. V., 2018 – 2019, p.498). A igreja tem “mais de 6.000 congregações esparramadas em mais de 26 países não só na América Latina, mas também em Cabo Verde, Angola, Nigéria, Moçambique e outros, inclusive nos E.U.A” (Bitun, 2007, p.38, apud O Testemunho, jan/mar, 111, órgão de informações oficial da igreja pentecostal Deus é Amor, 1989).

Não menos controversa, a Terceira Onda do Pentecostalismo, nomeado por Mariano, (Mariano, 2020), como neopentecostal, surge a partir da década de 1970 com o protagonismo da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Esse “corte histórico-institucional” (Silva, Enoque, & Saraiva, 2020, p.85), é caracterizado por “um certo afastamento das doutrinas pentecostais clássicas e apego à chamada teologia da Prosperidade¹¹⁹” (Dias, 2020).

¹¹⁹ A corrente denominada Teologia da Prosperidade (TP) tem origem em solo norte-americano no século XIX, sendo expandida para o Brasil a partir da década de 1970, tendo como expoente dessa disseminação no país, o bispo Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), em 1977. O ponto central da TP compreende a comercialização da fé cristã, deturpando os ensinamentos presentes na Bíblia Sagrada. Trata-se de uma roupagem que introduziu a pobreza e a doença no rol de maldições que poderiam acometer a vida daqueles que não se preocupam em acumular riqueza na terra; dissemina-se na mídia com intensidade avassaladora (Lemos, 2017, p.80).

Essa nova fase do pentecostalismo é tomada por uma série de comportamentos religiosos onde o antropocentrismo é a tônica geral. A busca pela cura divina, a luta contra as religiões católica e de tradição africana, além da busca e/ou comportamentos como “dentes de ouro, vômito, sopro, cola do Espírito, gargalhada de Toronto, latidos santos, água magnetizada, óleo de Israel, fogueira santa; amuletos, patuás, despachos, etc” (Silva H. d., 2001), essas características ainda são uma realidade em muitas das igrejas neopentecostais, mas podemos observar nas igrejas da contemporaneidade que “o caráter de empresa, com instituições religiosas burocratizadas (a lógica é sempre a do cliente-fiel), a guerra contra o diabo e a teologia da prosperidade” (Silva, Enoque, & Saraiva, 2020, p.85) é o espírito mais presente.

O seguimento pentecostal é o que mais cresce no Brasil e com grande influência, fruto principalmente dos espaços ocupados na comunicação de massas e na política¹²⁰, são as suas principais representações resultados de divergências e divisões; a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) surge da divergência entre o Bispo Edir Macedo Bezerra com o Bispo Walter Robert McAlister (1931-1993), fundador da Igreja de Nova Vida. Já as igrejas Internacional da Graça de Deus, Missionário Romildo Ribeiro Soares e Mundial do Poder de Deus, do Apóstolo Valdemiro Santiago de Oliveira, surgem da divergência com a IURD de Macedo. A Igreja Sara Nossa Terra surgiu pelas mãos do Bispo Robson Lemos Rodovalho que divergiu com o Bispo César Augusto Machado de Sousa, quando Rodovalho presidia a Comunidade Evangélica de Goiânia, Augusto, fundou a Igreja Apostólica Ministério Comunidade Cristã em Goiânia, hoje Igreja Fonte da Vida.

Há um abismo que separa as igrejas da Primeira Onda das igrejas da Terceira Onda¹²¹, estas:

[Rompem] com o pietismo ascético de isolamento social (costumes rígidos, legalismo, pobreza, sofrimento, apoliticismo), característicos do pentecostalismo clássico. Assim as igrejas [...] passam a responder às expectativas de crentes, já criados na cultura urbana, desejosos de

¹²⁰ Para esse grupo religioso a solução dos problemas brasileiros estaria na eleição de fiéis para os cargos públicos. Em seus postos eles neutralizariam as ações dos demônios, trazendo assim saúde e prosperidade para todo o país. Obviamente, esse projeto de neocristandade encontra resistência tanto por parte dos outros grupos religiosos como por parte das forças políticas existentes. Estas, no entanto, para sobreviverem diante do peso eleitoral crescente dos grupos pós-pentecostais, são obrigadas a fazer alianças e concessões. Através delas o pós-pentecostalismo vai entrando e se firmando no cenário político nacional (Siepierski, 1997, p.54).

¹²¹ Em muitas igrejas neopentecostais continua o anti-intelectualismo na supressão de escolas teológicas. A principal forma de ascensão ministerial é a metonímia ao líder principal (Martins & Mazarem, 2021, p.51).

inserção na sociedade do capital e do consumo. Seu público tem uma outra visão de mundo e ignora o passado de dificuldades dos antepassados imigrantes do interior. Entre eles já há uma classe média emergente em que a pobreza material, isolamento social, rejeição aos prazeres e vaidades não condizem com suas expectativas de vida (Martins & Mazarem, 2021, p.50, apud Ferrari, 2007).

Quem melhor soube utilizar a experiência acumulada ao longo da história do pentecostalismo brasileiro e mundial foi a Igreja Universal do Reino de Deus, esta conseguiu mesclar a mensagem bíblica da Primeira Onda, com uma nova e personalizada interpretação; a itinerância da Igreja do Evangelho Quadrangular, a comunicação de massas da Igreja O Brasil para Cristo e o mercado gospel da Igreja Deus é Amor, da Segunda Onda; com a luta contra o diabo (Batalha Espiritual), a cura divina e combate às religiões católica e de tradição africana, da Terceira Onda; inaugurando o que se pode chamar da Quarta Onda do Evangelho, ou o pós-protestantismo. Há quem discorde dessa nomenclatura por entender que “o prefixo pós é inviável porque implicaria numa ruptura radical que criaria uma nova religião” (Silva F. J., 2007, p.4), assim, o que se prevê é um novo momento e um deslocamento dogmático. É possível que esse termo tenha sido cunhado pela primeira vez pelo teólogo e doutor em filosofia Paulo Donizéti Siepierski, no seu artigo “Pós-Pentecostalismo e Política no Brasil”, na revista Estudos Teológicos, onde defende que o “pós-pentecostalismo é um afastamento do pentecostalismo tendo como cerne a teologia da prosperidade e o conceito de guerra espiritual” (Siepierski, 1997, p.51). O distanciamento do pentecostalismo a partir da rutura dos princípios da Reforma Protestante é uma das razões levantadas por Siepierski para explicar o pós-pentecostalismo, que diz ser “genealogicamente protestante, mas não o é teologicamente. E isso tem profundas implicações sociológicas” (Siepierski, 1997, p.51).

Baseado muito mais na aparência externa e na espetacularização, as igrejas aqui denominadas ‘pós-protestantismo’, deturpam a mensagem bíblica, flexibilizam a sua doutrina, relativizam o pecado, num triunfalismo antropocêntrico, onde incorporaram símbolos, crenças e se tornam portadoras de uma teologia híbrida e sincrética.

Para essas igrejas, a aparência não deve ser apenas focada no indivíduo, mas também na estrutura que o recebe para ‘reuniões’ de adoração. Assim, possuem grandes templos, com o que há da mais alta tecnologia, ecrãs LED, equipamentos de som de última geração e poltronas acolchoadas. O ‘palestrante’ deve estar bem vestido, de fato

ou não, pois o ‘cliente’ que muitas vezes paga mensalmente ao ‘clube’ deve ser ‘mimado’.

As igrejas pós-protestantismo adaptaram-se ao sucesso, priorizaram a saúde e a aparência do corpo, a prosperidade e a solução dos problemas psíquicos, considerando-os um resultado imediato da busca pelo verdadeiro sagrado. Esse foco no presente deixou assuntos de ordem espiritual da fase Clássica para trás, como as preocupações com escatológicas e até com o chamado batismo com o Espírito Santo, atestado pela glossolalia (Campos, 2014), foram abandonadas exigências de comportamentos rigorosos, adotando um estilo mais suave, deixando a cada indivíduo o ônus de equilibrar os seus desejos com um mínimo de disciplina.

Sem dúvida a teologia da Prosperidade é o que impulsiona essas igrejas, formadas na sua grande maioria por pessoas de poucas posses, o que enfatiza o ganho do dinheiro através do despertar de capacidades de trabalho. O jurista e economista alemão, Maximilian Karl Emil Weber (1864-1920) já tinha identificado esse discurso no americano Benjamin Franklin¹²²:

“Vês um homem exímio em sua profissão? Digno ele e de apresentar-se perante os reis”. Na ordem económica moderna, o ganho de dinheiro — contanto que se dê de forma legal — é o resultado e a expressão da habilidade na profissão, e essa habilidade, e fácil reconhecer na passagem citada como em todos os seus escritos sem exceção, constitui o verdadeiro alfa e ômega da moral de Franklin (Weber, 2004, p.47).

Os pós-protestantistas acreditam que o empreendedorismo é o grande instrumento de transformação social, alterando o entendimento do trabalho e do trabalhador, sendo possível perceber o discurso empreendedor dessas igrejas:

Os valores estimulados pelo sistema moral da Igreja Universal do Reino de Deus – “vitória”, “mudança de vida”, “prosperidade” – e repetidos em sua pedagogia voltada para o trabalho empreendedor – “batalhar”, “empresário”, “colocar um diferencial no seu produto” – estão em oposição não somente ao desemprego, mas também ao emprego, ali unanimemente avaliado como algo que “já chega”, pois é fonte de “vidinha, de miséria, de humilhação” (Ortunes, 2019, p.9, apud Lima, 2007).

¹²² Benjamin Franklin (1706-1790) foi um diplomata, escritor, jornalista, filósofo político e cientista norte-americano. Assinou três documentos principais na criação dos Estados Unidos: a "Declaração da Independência", o "Tratado de Paz" e a "Constituição".

Assim, essas pessoas são atraídas “pela ideia de que irão enriquecer aqui na Terra, com frequência são estimulados a serem empresários” (Almeida J. V., 2018-2019, p.497), enfatizando a lógica do empreendedorismo e do consumo, num discurso de auto-ajuda, na chamada teologia do *Coaching*.

A livre iniciativa, no que toca ao empreendedorismo, pode ser considerada uma herança da Reforma Protestante, para Weber, (Weber, 2004), a Reforma Protestante não eliminou a dominação eclesiástica, mas substituiu-a por outra, antes “uma dominação extremamente cômoda, que na época mal se fazia sentir na prática, quase só formal muitas vezes, por uma regulamentação levada a sério e infinitamente incomoda da conduta de vida como um todo, que penetrava todas as esferas da vida doméstica e pública até os limites do concebível” (Weber, 2004, p.30), no entanto, um dos fundadores da sociologia não atribui a doutrina do Capitalismo à Reforma Protestante, mas reconhece a sua relevância, “certas formas importantes de negócio capitalista serem notoriamente mais antigas que a Reforma impede definitivamente uma visão como essa”, porém os “influxos religiosos contribuíram para a cunhagem qualitativa e a expansão quantitativa desse ‘espírito’ mundo afora” (Weber, 2004, p.82-83).

A procura por uma melhor qualidade de vida, aliada a um mínimo de conforto, é o desejo de qualquer pessoa que está nesse mundo, no entanto, as igrejas pós-protestantismo exploram essa aspiração com muita competência, através de uma estrutura comunicacional mediática, pautada pelo encantamento e pelo conforto. “Tudo parece indicar que a crise das religiões que expressam o pensamento religioso da modernidade fez do movimento pós-protestante uma opção, uma religião em que as emoções e os encantamentos fazem parte do ‘menu’ que preenche e sacia os anseios da lacuna moderna” (Silva F. J., 2007, p.6).

À nova lógica da igreja pós-protestante é acrescentada a mentalidade de mercado, o uso do *marketing* agressivo e a constituição de empresas-religiosas e de religiões-empresariais, utilizando os média, como a rádio, a televisão e as redes sociais (Quitério, 2018, p.209), sendo que toda essa estrutura custa muito dinheiro e o apelo às contribuições faz parte da liturgia. Nesse aspecto a criatividade é enorme, como por exemplo, colocar um copo com água sobre o aparelho de rádio ou televisão e no final da oração beber essa “água ungida [que] tem uma relação com a água Benta, utilizada pela Igreja Católica Romana. Isto porque existem várias formas de usá-la. A mais comum é

persignar-se ¹²³ com ela. Outra é aspergi-la sobre si mesmo, sobre outras pessoas, lugares ou objetos” (Rocha, 2014, p.42), num país predominantemente católico, esse sincretismo acaba por trazer alguma simpatia à iniciativa, ampliando o proselitismo.

Uma campanha que causou desconforto no meio evangélico no ano de 2010, encapada pelo Pastor Silas Lima Malafaia (1958), da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo e pelo Apóstolo Valdemiro Santiago de Oliveira, da Igreja Mundial do Poder de Deus, foi o pedido da substituição do dízimo no mês de dezembro, daquele ano, pelo “trísimo”, segundo Valdemiro, 10% do Pai, 10% do Filho e 10% do Espírito Santo (Redação A. A., 2010).

Tipico de uma apresentação de *telecatch*¹²⁴ foi o que ocorreu com a Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus, o apóstolo Agenor Duque Baracho de Medeiros, líder da igreja, teve conhecimento da existência de um pai de santo¹²⁵ que o desafiava. Agenor chamou-o à plataforma e “como se estivesse num MMA espiritual, Duque encostou a cabeça no adversário, deu dois gritos e – shazam! – o sujeito desmilinguiu-se. A plateia foi ao delírio” (Ribeiro & Visconti, 2015).

Os líderes do pós-protestantismo são vistos como super-homens e super-mulheres, de Deus, dotados de poderes de curar, operar milagres, prodígios, derrotar o diabo e os seus representantes. Estes são seguidos e adorados ao ponto de pagarem para tocar os seus pés (Redação, 2016). Num vídeo, de 32 segundos, que corre na internet, a Bispa Ingrid Duque (Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus), esposa do Apóstolo Agenor Duque, cobra cem reais para que toquem os seus pés (Lopes D., S.d.).

A unção de pessoas enfermas com óleo é algo comum nas igrejas neopentecostal, mas a “Toalha Ungida” com o suor do líder somente pode ser encontrada na igreja do Apóstolo Valdemiro, que vem com a frase “Sê Tu uma benção”, a frase foi retirada do texto bíblico em Gênesis 12.1-2, que de acordo com a organização da igreja, “pode resolver qualquer problema de caráter saúde/doença” (Roch, 2014, p.43).

Muitos são os exemplos, são centenas deles, mas nenhum é tão badalado quanto o da “Fogueira Santa de Israel”, encampada pelo Igreja Universal do Reino de Deus há 46

¹²³

Benzer-se, fazendo com o dedo polegar da mão direita uma cruz na testa, outra na boca e outra no peito. (<https://dicionario.priberam.org/>).

¹²⁴ O Telecatch é a luta livre coreografada, muito mais um espetáculo de teatro e circo do que propriamente uma luta de verdade (Garcia, 2017).

¹²⁵ O babalorixá - também conhecido como pai de santo - é uma figura importante nas religiões de matrizes africanas. Isso porque ele é considerado o sacerdote, responsável por tudo o que acontece no espaço sagrado (Oliveira S., 2021).

anos. A campanha é realizada duas vezes por ano e em todas as igrejas espalhadas pelo mundo o fiel escreve os seus pedidos de bênçãos em papéis e depois de colocados num envelope, esses “são supostamente levados para Israel por alguns pastores que, em locais sagrados fazem uma grande e simbólica fogueira com todos os envelopes desses pedidos. Essa queima dos papéis com os pedidos significa que eles foram enviados para Deus” (Neto, 2014, p.13).

A campanha é uma proposta de troca, onde o fiel que participa, sacrifica os seus bens materiais, ou recursos acumulados, por bênçãos; essa troca “vale ressaltar, são sempre acompanhadas de intensa emocionalidade e ansiedade por parte dos participantes” (Neto, 2014, p.13).

A igreja no seu *site* oficial usa o Bispo Macedo como exemplo de sacrifício, “um homem decidiu sacrificar seus sonhos pessoais, sua carreira, estabilidade financeira, enfim toda a sua vida, em prol de um propósito maior: o ganho de almas” (Vidal, 2022). O próprio Bispo faz a chamada: “A Fogueira Santa é um ato puramente de fé. Quem crê, vai. Quem não crê, fica. Quem crê e quem não crê? A atitude de cada um demonstra se creu ou não. Participam da Fogueira Santa apenas os revelados” (Vidal, 2022).

O pós-protestantismo não é um assunto novo, para o pastor (Dias A. R., S.d., p.11) o “Pos-Pentecostal é um crente em constante busca pela verdade bíblica”, ou seja, é alguém que passado pelo pentecostalismo se descobre um conservador. Já para Cavalcanti, (Cavalcanti, 2017, p.114), o “termo neopentecostalismo ou póspentecostalismo” são similares.

“Aquilo que ocorre hoje no movimento pentecostal e neopentecostal, caracterizado pelo afastamento dos membros dessas igrejas autodenominando-se desigrejados, é o que chamamos de quarta onda do pentecostalismo” (Duarte, 2020, p.82).

A defesa de que a quarta onda é um “pentecostal pós-clássico [com] movimentos que se (re) configuram a todo instante” é feito por Martins e Mazarem, (Martins & Mazarem, 2021, p.48), que tratam da fracionalidade entre as grandes organizações como um fenómeno gerador de pequenas igrejas, muitas vezes sem recursos, levando esses dissidentes a reunirem-se em pequenos salões ou até garagens, o que vão apelidar de “microigrejas ou igrejas de garagem” (Martins & Nascimento, 2018, p.4).

No entanto, o modo de ser das igrejas de garagem inviabiliza a cobrança daquela indenização, cujo pagamento é incompatível com o tamanho e o exíguo poder financeiro dessas microcongregações, já que, do ponto de vista político, a existência de uma bancada no Congresso blinda os líderes das grandes igrejas, os pastores midiáticos, assim como os pastores nômades de bairro contra as ações criminais (Martins & Nascimento, 2018, p.5).

A política é uma das variáveis do pós-protestantismo, por conta da volta das eleições democráticas e diretas para presidente do Brasil, no final da década de 1980, duas frentes protestantes surgiram, uma mais progressista, o Movimento Evangélico Progressista, fundado em 1990, a outra foi o Conselho Nacional dos Pastores do Brasil (CNPB), fundado em 1993, este último tinha as mais diversas denominações nos seus quadros, desde a Igreja Universal do Reino de Deus, passando pela Assembleia de Deus, até igrejas batistas. Um dos seus líderes foi o pastor Nilson do Amaral Fanini (1932-2009), líder da Primeira Igreja Batista de Niterói/RJ e que chegou a presidir a Aliança Batista Mundial, o seu nome chegou a ser falado para concorrer à presidência brasileira (Siepierski, 1997)¹²⁶. Outro nome evangélico lembrado foi do ex-governador goiano Iris Rezende Machado (1933-2021), membro da pequena e tradicional Igreja Cristã Evangélica de Goiana; Iris vivia uma bem-sucedida gestão à frente do Ministério da Agricultura (1986-1990), do governo do presidente José Sarney de Araújo Costa (1930), e só não recebeu o apoio do CNPB por ter sido preterido na convenção do seu partido, PMDB, pelo deputado Federal Ulysses Silveira Guimarães (1916-1992), então presidente do partido (Freston, 1993, p. 250-252).

O investigador, doutor em Ciências das Religiões, Gerson Leite de Moraes, professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, acredita que o prefixo neo de neopentecostal que designou algo novo durante um tempo, já envelheceu. “Insistindo que o termo neopentecostal é um conceito-obstáculo para os estudiosos que pesquisam o universo pentecostal brasileiro. É necessário redefinir o termo que designa a terceira onda no Brasil” (Moraes, 2010, p.13), assim passou a considerar o uso do conceito “transpentecostal”. Mariano, (Mariano, 2020), termina por corroborar essa tese, para ele o neopentecostalismo é a vertente que vem provocando as

¹²⁶ Siepierski é um crítico a incursão do pós-pentecostalismo na política brasileira. Segundo ele o estabelecimento de uma neocristandade é preocupante. Em primeiro lugar, o pós-pentecostalismo inclina-se para o conservadorismo. Em segundo lugar, o pós-pentecostalismo é altamente corporativa. Em terceiro lugar, o pós-pentecostalismo não possui um projeto de sociedade. Em quarto lugar, as lideranças são frequentemente autoritárias. Isso se reflete na obediência à indicação eleitoral da liderança. Em quinto lugar, os pentecostais têm menos apego às liberdades de organização e expressão (Siepierski, 1997, p. 56).

maiores transformações teológicas, estéticas, axiológicas e comportamentais de todo o movimento pentecostal. “O neopentecostalismo é um fenômeno em grande efervescência e não pode, assim, ser definitivamente conceituado, pois é ainda uma obra em construção (Oliveira, Loreto, & Calvelli, 2017, p.141, apud Matos 2006).

7.2 Um homem universal I

Tímido, com limitações nas mãos, uma atrofia: indicadores finos e polegares anormalmente maiores, o que reduzia a mobilidade e era motivo de gozo das demais crianças, contribuindo e muito para sua baixa autoestima, ouviu da sua mãe, Eugênia de Macedo Bezerra (1915-1997), a dona Geninha: “você vai fazer coisas muito maiores que subir em árvores, vai subir montanhas” (Avancini, 2018, 0:7:30). Esta situação tem lugar na infância de Edir Bezerra Macedo (1945), bispo e líder maior, da Igreja Universal do Reino de Deus, quando este cai de uma árvore, retratada na primeira das duas partes da cinebiografia do bispo, baseada na trilogia homônima, editada pela Planeta.

Nascido numa tarde de domingo, 18 de fevereiro de 1945, na pequena cidade de Rio das Flores, no Vale do Café fluminense (Nascimento, 2019, p.19). Por pouco não teve o mesmo destino de outras vinte e seis gestações das trinta e três que teve dona Geninha, foram dezesseis abortos espontâneos e ainda perdeu mais dez filhos prematuramente (Macedo, 2012, p.49). Sete sobreviveram, por esta ordem: Eris, Elcy, Eraldo, Edir (Didi), Celso, Edna e Magdalena (Santos, 2017).

A parteira foi a sua avó materna, dona Clementina Iório da Silva Macedo, descendente de judeus ibéricos¹²⁷, parteira famosa no Vale, mãe de vinte e oito filhos, e que possuía uma característica herdada por Macedo, tinha três dedos em cada mão.

Estudou até os onze anos, quando teve que parar para ajudar o pai Henrique Francisco Bezerra num bar em Petrópolis, Rio de Janeiro. Voltou a estudar já aos quinze anos, na cidade mineira de Simão Pereira.

Com a família de regresso ao Rio de Janeiro, tentou continuar os estudos. Pretendia conquistar um diploma universitário. Primeiro estudou matemática na Universidade Santa Úrsula, mas não terminou. Depois transferiu-se para a Universidade Federal Fluminense, em Niterói, mais uma vez não concluiu os estudos. Tentou ainda a Escola

¹²⁷ A família Macedo foi reconhecida pelo governo espanhol como sendo de origem judia sefardita (Santos, 2017).

Nacional de Ciências Estatísticas, mas desistiu, pois as obrigações não permitiam conciliá-las com os estudos (Lemos & Tavolaro, 2007, p.57).

A graduação definitiva só viria anos depois, em Teologia, pela Faculdade Evangélica de Teologia Seminário Unido e pela Faculdade de Educação Teológica no Estado de São Paulo. Fez um doutorado em Teologia e Filosofia Cristã e foi Doutor Honoris Causa em Divindade, além de ter concluído o mestrado em Ciências Teológicas, na Federación de Entidades Religiosas Evangélicas de España, em Madrid (Frazão, 2020).

Em sua infância o Bispo Macedo admite que sofreu enquanto jovem por causa da sua formação congênita em ambas as mãos (Macedo E. B., 2015, 0:03:40). Isto acontece quando o mesmo fala do nascimento da sua segunda filha Viviana Freitas¹²⁸ (1975), que nasceu, no Rio de Janeiro, com Lábio Leporino e Palato Fendido (Freitas, S.d.), e não aceita a ideia de ver a sua filha passar pelas mesmas dificuldades de aceitação que ele passou em criança.

A irmã mais velha, Elcy, passava madrugadas acordada, sem ar, com crises de bronquite asmática, um dia ouvindo o programa do bispo Walter Robert McAlister (1931-1993) impressionou-se com um convite para visitar a igreja.

Após a primeira visita os ataques nunca mais aconteceram e isso impressionou um Edir a viver uma crise interior:

“Nesse tempo, fui procurar ajuda espiritual numa celebração católica. Já tinha visitado centros de espiritismo com meu pai, como o Santo Antônio de Pádua. Levava passe e tudo, mas não me acrescentou nada. Era Semana Santa. Quando entrei na missa, vi a imagem do corpo de Jesus estendido no chão e dezenas de pessoas orando (era a Adoração ao Senhor Morto, assim chamada na Igreja Católica). Aí me perguntei: Quem precisa mais de ajuda aqui? Ele ou eu? E fiquei-me repetindo aquela pergunta, completamente indignado – Edir Bezerra Macedo” (Lemos & Tavolaro, 2007, p.59).

Os estudos bíblicos e a meditação na Palavra foram intensos, o apoio da irmã Elcy foi decisivo e após uma decepção amorosa veio a conversão:

“Recebi um novo coração. Uma alegria indescritível passou a fazer parte do meu ser. Fiquei livre dos complexos, da solidão e da dependência de terceiros. Percebi que havia em mim uma energia própria que me fazia capaz de todas as coisas em nome do meu Senhor. Que maravilha [...] Foi a maior alegria da minha vida: meu encontro com Deus” (Lemos & Tavolaro, 2007, p.60).

¹²⁸ Casada em 1992 com Júlio Freitas, bispo na IURD (Freitas J., 2023)

Assim, até aos 18 anos frequentou a Igreja Católica e a Umbanda antes de se converter ao evangelho (Intervozes, S.d.). Convertido ao evangelho a partir da igreja Nova Vida, onde conhece e se casa com Ester Eunice Rangel Bezerra¹²⁹ (1950), Rio de Janeiro, em 18 de dezembro de 1971, (antes de Viviane), do matrimônio nascera Cristiane Cardoso¹³⁰ (1973), e Moisés Macedo (1985), adotado pelo casal.

A chegada do filho varão ao clã dos Macedo deu-se durante um culto, enquanto Edir pregava, Ester recebeu a informação que havia uma senhora com um recém-nascido “pedindo que ela e o marido cuidassem do bebê” (Redação, S.d.). O bispo lembra esse episódio como um milagre. Ele fizera o pedido em duas Fogueiras Santas (Nascimento, 2019, p.330). “Olhei o menino, passei a mão sobre a cabeça dele, peguei, ergui a criança sobre a minha cabeça e a consagrei para Deus em oração juntamente com toda a Igreja presente naquele momento. Nasceu agora o Moyses da Igreja Universal!” (Redação, S.d.).

O casamento com Ester não era algo que agradasse à liderança da igreja Nova Vida (Avancini, 2018, 0:32:21). Ainda assim, foram doze anos na igreja do Bispo Walter McAlister.

Sem espaço para desenvolver o que acreditava serem instrumentos de evangelização, um grupo de jovens deixa a igreja. Como nenhum deles ocupava cargos importantes na hierarquia, a saída deles não chegou a ser vista como uma dissidência (Nascimento, 2019, p 34).

A igreja Cruzada do Caminho Eterno, no Rio de Janeiro, foi a primeira experiência de ‘plantação de igreja’ realizado por Edir Macedo, em 1975, a empreitada foi partilhada com Romildo Ribeiro Soares¹³¹ (1947), mais conhecido por R. R. Soares, casado com a irmã mais nova de Macedo, Maria Magdalena Bezerra, Roberto Augusto Lopes¹³² (1931) e os irmãos Samuel e Fidélis Coutinho (Intervozes, S.d.).

Problemas de relacionamentos começaram a surgir, numa reunião de lideranças e familiares, Samuel Coutinho humilhou Edir. “Disse que ele não tinha o ‘chamado’ de

¹²⁹ O avô de Ester era pastor da Assembleia de Deus (Nascimento, 2019, p.31).

¹³⁰ Casada em 1991 com Renato Cardoso (1972), bispo na IURD (Marques, 2017).

¹³¹ Nascido no interior do estado do Espírito Santo, seu pai era um pedreiro e batista, e a mãe uma dona de casa católica, apesar de seu avô ter sido fundador da Primeira Igreja Batista da região, foi aos seis anos de idade que diz ter tido uma revelação ao participar de um culto na Igreja Presbiteriana. Depois de alguns desentendimentos, deixa a [já] IURD em 7 de junho de 1980, quando então funda em 9 de junho de 1980 a Igreja Internacional da Graça de Deus (ongrace.com, 2022).

¹³² Ex-jogador de futebol com passagens pelo Bangu e Canto do Rio, de Niterói, Rio de Janeiro (Nascimento, 2019, p.) foi deputado federal, e hoje bispo em sua igreja de origem, Nova Vida (Intervozes, S.d.).

Deus para fazer a sua obra. Fez chacota. Afirmou que as pregações no Cine Méier só atraíam idosos. Naquele momento, Coutinho era o presidente do movimento; R. R. Soares, o vice-presidente; Edir, o tesoureiro, mas sem poder para controlar os recursos do grupo, atribuição do presidente” (Nascimento, 2019, p.35-36).

O título de pastor, tão almejado por Macedo, ainda não chegara, mas Edir continuava a atuar como pregador e um dos seus locais preferidos para a evangelização era o coreto do Jardim do Méier¹³³, na Zona Norte do Rio de Janeiro. “Mais tarde as reuniões passaram a acontecer em um antigo cinema, o Bruni Méier, e ainda depois em outro cinema, o Ridan” (Fonseca, 2012).

A iniciativa durou dois anos, Macedo, Soares e Roberto, separaram-se dos irmãos Coutinho e partiram para outro desafio, inicialmente de forma itinerante com o Salão da Fé (Castro, S.d.), depois no bairro da Abolição, no Rio de Janeiro.

O espaço arrendado era um armazém abandonado de uma antiga funerária, e foi inicialmente registado como Igreja da Benção, o nome Igreja Universal do Reino de Deus veio três anos depois.

Sendo fiadora, dona Geninha ofereceu o único apartamento da família, no bairro de Fátima, no Rio, como garantia. Soares tentou convencer a sogra que não era uma boa ideia, mas dona Geninha estava determinada. A situação causou desconforto entre os dois, o que seria comum desde então.

A 9 de julho de 1977, numa manhã de sábado, Macedo celebra o primeiro culto.

O estatuto foi registado apenas em julho de 1980. Dizia, no seu primeiro artigo, que “um grupo de irmãos, vindos de várias organizações evangélicas, reconhece que foram chamados por Deus, através do Espírito Santo, para continuarem a obra [de evangelização] iniciada por nosso senhor Jesus Cristo, continuada pelos apóstolos primitivos e pelos milhares de santos irmãos”. E prosseguia: “Através dos séculos, com suas vidas, testemunharam acerca da verdade, que é Jesus Cristo, a única solução para a humanidade”, e assim “resolveram, em comum acordo, fundar uma corporação e denominá-la Igreja Universal do Reino de Deus” (Nascimento, 2019, p.37).

O dia tão esperado chegou para Edir Bezerra Macedo, aos 33 anos, a 18 de fevereiro de 1978. Pelas mãos do cunhado R. R. Soares, foi consagrado pastor. Soares declarou que “o fazia em consideração à dona Geninha, pois não botava fê nos dotes pastorais do tesoureiro” (Nascimento, 2019, p.45).

¹³³ O Coreto do Jardim do Méier, no Rio de Janeiro-RJ, foi tombado por sua importância cultural para a cidade em 1985 pelo INEPAC – Instituto Estadual do Patrimônio Cultural. O nome é em homenagem a Augusto Estrada Meyer que foi proprietário destas terras (Ipatrimônio, 2021).

O novo pastor adotou o sobrenome da mãe, Macedo, o que desagradou ao pai, Henrique Francisco Bezerra, que não gostou de vê-lo rejeitar o Bezerra. Preocupado, o pai temia a sua dedicação integral à igreja. Nessa época, Edir era funcionário da Loteria do Rio de Janeiro (Loterj), empresa ligada à Secretaria de Fazenda do Estado, e o receio era de que não conseguisse sustentar a família.

Mas este acabou por ceder e depois de 15 anos de trabalho, Macedo¹³⁴ deixava um emprego estável pela carreira eclesiástica (Molica, 1995). R. R. Soares garantia-lhe o suficiente para se manter e o seu irmão Celso, que tinha deixado o Departamento de Trânsito do Rio e se tornara comissário de bordo de uma das principais companhias aéreas do Brasil, também colaborava, inclusive com comida (Nascimento, 2019, p.45-46).

A entrega foi total e integral, raramente se ausentava do templo, entretanto, regressando de Petrópolis sofreu um acidente. Ia gravar um programa de rádio e o carro capotou várias vezes. Macedo partiu um braço e fez uma luxação no outro, além de vários ferimentos no corpo. Mas não pediu baixa e continuou a pregar, mesmo engessado (Nascimento, 2019, p.48).

Ainda em recuperação do acidente, recebe a notícia que havia um arruaceiro nos corredores do templo com uma tesoura na mão ameaçando atacar os fiéis. “O bispo correu em direção ao desordeiro e lhe desferiu um chute na barriga. Perdeu a consciência pela dor de uma das pernas quebrada” (Lemos & Tavolaro, 2007, p.95).

A violência pairava no ar carioca e numa tarde de domingo soube que Ester tinha sido vítima de um sequestro relâmpago, assim que saiu do carro, foi abordada e levada durante alguns quarteirões, onde foi abandonada sem ferimentos. Desde então Macedo passou a andar com uma arma de calibre 38, que escondia no púlpito enquanto pregava (Nascimento, 2019, p.48).

Abandonou a arma pouco tempo depois de ouvir uma voz que colocava em dúvida a sua fé na “proteção divina” (Lemos & Tavolaro, 2007, p.96).

Por usar cabelo comprido chegou a ser chamado de “pastor bossa nova” (Lemos & Tavolaro, 2007, p.5), carismático e excelente comunicador, de voz espontânea. Às vezes grita, outras vezes sussurra num mesmo discurso, contrai o corpo e depois anda de um lado para outro na plataforma, usava nas suas pregações termos pouco comuns entre os seus pares, como dizer que a vida de alguém “está um cocô” (Nascimento, 2019, p.48).

¹³⁴ Ainda foi pesquisador do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (Frazão, 2020).

O sonho tanto de Macedo quanto do seu então superior R. R. Soares era uma forma de se comunicarem com o grande público. Soares era fã do pregador neopentecostal norte-americano Thomas Lee Osborn¹³⁵ (1923-2013), Macedo dizia aos fiéis, entre eles Albino, o doador-mor da igreja, que um dia teria a sua própria rádio e televisão e “um grupo de comunicação forte” porque “Quando tivermos nossos meios de comunicação, vamos ser respeitados” (Nascimento, 2019, p.49),

No seu programa na rádio Metropolitana Macedo sucedia a apresentadora Ivete Brum, mãe de santo e líder espiritual do candomblé. Ele chamava Guará, o caboclo da ialorixá, por “caboclo guaraná” ou “Coca-Cola”, isto trazia-lhe grande polémica e cada vez mais audiências. A curiosidade pelo espetáculo de dominação dos maus espíritos atraía a atenção de mais gente. O embate com os representantes das religiões de matriz-africanas repercutia e ajudava ao crescimento da igreja. O programa que inicialmente era de apenas 15 minutos, depressa passou para uma hora (Nascimento, 2019, p. 50-51).

Em menos de dois anos, a igreja estreava na televisão, a extinta TV Tupi, emitia o programa O Despertar da Fé, com trinta minutos diários, e como a televisão tinha grande inserção no interior de São Paulo, reduto maioritariamente católico onde a Universal tentava entrar depois de se estabelecer no Rio, Minas Gerais e Bahia, chegava na hora certa. R. R. comandava o programa e Macedo tinha um bloco de entrevistas de quinze minutos, o “Painel da verdade”, inspirado em programas evangélicos americanos (Nascimento, 2019, p.52).

A ausência de R. R. Soares, por causa de compromissos religiosos noutras cidades, em particular outras denominações, acentuava o desgaste entre os dois líderes, e finalmente Macedo chama-o para uma conversa definitiva. Antes, porém, houve uma conversa com os pastores onde pediu uma “definição” sobre o futuro da igreja.

Macedo entendia que o comportamento de Soares podia comprometer a fidelidade dos demais líderes à igreja, além de que não concordava que R. R. se recusasse a pregar quando o templo não estava lotado.

¹³⁵ Conhecido primordialmente por seu ministério de cura em massa a milhões de pessoas. Ele e sua esposa e ministra associada, Daisy, estabeleceram seu Quartel General em Tulsa, Oklahoma, USA, em 1949, tendo proclamado o Evangelho em 78 nações. Seus filmes e vídeos de documentários de Milagres de Osborn têm sido exibidos em 70 línguas. Escritor prolífico, os seus livros estimulam o evangelismo de milagres. Seu livro clássico, "Curai enfermos e Expulsai demônios" é um best-seller desde 1951 com tiragem de mais de um milhão de cópias. Também foi um dos impulsionadores para a teologia da prosperidade. Não aceitava que o cristão que aceita JESUS, viva em enfermidade, citando passagens bíblicas de cura em seus livros, e o próprio Jesus no seu ministério.

Na conversa entre ambos, com a presença das demais lideranças, propôs uma reavaliação dos postos de comando. Em 7 de junho de 1980, após a celebração, do casamento do futuro bispo Paulo Roberto Guimarães (1960), numa rápida votação entre os quinze líderes votantes, doze decidiram votar em Macedo. O hoje missionário R. R. Soares deixou a igreja.

Os direitos de autor da obra do pregador Thomas Lee Osborn, ficaram com Soares e a marca Igreja Universal do Reino de Deus e os seus vinte e um templos em cinco estados brasileiros com Edir Macedo (Nascimento, 2019, p.53-54).

Dos cinco dissidentes da igreja Nova Vida, restavam Edir Macedo e Roberto Lopes. Um mês depois da cisão, numa cerimônia ministrada por Lopes, Macedo foi nomeado bispo, Lopes também viraria bispo algum tempo depois.

7.3 Um homem universal II

O início dos anos de 1980 foi de mudança na Igreja Universal do Reino de Deus, com a saída de Romildo Ribeiro Soares, a igreja “tinha 21 templos em cinco estados; sete anos depois saltou para 356, em dezoito estados. Seus cultos ainda ocorriam em 27 cinemas alugados em pontos estratégicos no país” (Nascimento, 2019, p.54). Nesta época a mensagem da igreja estava centrada em milagres e no poder do Espírito Santo. A Universal transformou-se num ‘pronto-socorro das almas’.

Mesmo depois de décadas, a promessa de realização pessoal ainda é o que tem atraído pessoas à igreja, “o pobre brasileiro é tão miserável que precisa de algum incentivo para viver. A igreja oferece um incentivo. A Igreja Universal ocupa na vida do pobre brasileiro o lugar do teatro, da literatura, de um bom jantar. Os poucos momentos que passam na igreja eles cantam, batem palmas e esquecem os problemas” (Justino, 1995).

O sentimento de pertença a uma comunidade através de cursos para tocar instrumentos ou até o desenvolvimento de atividades dentro da igreja acaba por atrair cada vez mais pessoas. Para o doutor em psicologia da Universidade de São Paulo, Marco Aurélio Fernandes Gaspar, “para entender o que levou o número de evangélicos a aumentar tanto, é necessário estudar as mudanças ocorridas na sociedade brasileira nas três últimas décadas ligadas à precarização da vida da classe trabalhadora”. Em 2020 a igreja oferecia cerca de quinze programas sociais destinados aos fiéis. De acordo com

dados oficiais da Igreja, de 2018, cerca de 10,8 milhões de pessoas foram abrangidas por esses programas (Oliveira, 2020).

Para se ter uma ideia “em 1991, o percentual de evangélicos era de 9% e, em 1980, de 6,6%” (Paulo, 2012), já na década de 2010, segundo o IBGE, esse percentual passou a ser de 22% (IBGE, 2010). O fenômeno de crescimento da igreja, ainda que maior do que a média das demais igrejas pentecostais no Brasil deu-se à mesma velocidade que o declínio da Igreja Católica Apostólica Romana, que em 1980 era 89% da população brasileira (Campos, 2008, p.14), já em 2010, ainda segundo o IBGE, esse número estava em 64,5% (IBGE, 2010). Enquanto a Universal era apenas um traço nas estatísticas no início da década de 1980, em 2020, segundo o Bispo Macedo, sua participação na população brasileira era superior a sete milhões de adeptos, são “12,3 mil templos em 135 países, dos cinco continentes, [e possui] 17 mil bispos e pastores” (R7, 2020).

Esse crescimento baseia-se no carisma do Bispo Macedo, “as pessoas acreditam nele, a palavra dele vale mais que a palavra de todos os pastores da igreja, de toda a imprensa” (Justino, 1995, p.14), esse carisma muda de acordo com a audiência, “o bispo Macedo tem três Caras: uma para o povo, que é a carismática; uma para os políticos, mostrando-se distante e intocável; outra para os pastores, com quem ele é mais escrachado, até faz piadinhas de conotação sexual” (Justino, 1995, p.14).

A estratégia da igreja foi pautada pela comunicação de massas, e esforços não faltaram para a aquisição de emissoras de rádio e canais de televisão. No início as participações nesses veículos deram-se com a compra de horários, na “rádio, a igreja anunciava a ‘Terapia Espiritual’, mas para recebê-la era preciso ir a um templo” (Nascimento, 2019, p.55). Para Macedo a presença fazia toda a diferença para atingir os seus propósitos, afinal o dinheiro arrecadado nesses espaços ajudava a financiar a compra de novos horários em outras emissoras de rádio.

A primeira emissora de rádio a ser comprada foi a Rádio Copacabana, do Rio de Janeiro, a mesma onde começou em 1977.

A intenção de formar um grande contingente de pastores que pudessem acompanhar a expansão da igreja levou Macedo a pensar na criação de uma faculdade e em 1984, criou a Faculdade Teológica Universal do Reino de Deus (FATURD), no Rio de Janeiro, “uma instituição que o MEC não reconheceu como escola de ensino superior” (Nascimento, 2019, p.56). A ideia não avançou, chegaram à conclusão que mantê-la seria uma perda de tempo, “a reflexão e os debates em torno de temas como literatura e

crítica bíblica poderiam se voltar contra a própria igreja” (Nascimento, 2019, p.57). A faculdade foi substituída pelo Instituto Bíblico Universal do Reino de Deus.

Os pastores acabavam por abdicar do estudo e dos seus trabalhos seculares, “para manter essa ‘máquina’ funcionando num tal ritmo de linha de produção, seus pastores trabalham em período integral, dedicando-se exclusivamente à denominação” (Mariano, 2004, p.128). Os solteiros afastavam-se da família, e os prestes a casar eram incentivados a fazer uma vasectomia (Martínez-Vargas, 2019). Pastores considerados improdutivos acabaram demitidos, no entanto, os que se destacaram foram recompensados (Nascimento, 2019, p.72).

A igreja desenvolveu algumas atividades que promoviam encontros entre fiéis, uma delas era a “Terapia do Amor” onde muitos pastores conheceram as suas esposas (Lemos & Tavolaro, 2007, p.91-92).

Os pastores que se destacam são aqueles que têm a “capacidade de canalizar ofertas expressivas e talento para entreter a congregação e mantê-la em correntes de oração” (Nascimento, 2019, p.59).

Sem falar inglês, Macedo em meados da década de 1980, fixa a sua residência nos Estados Unidos, com a intenção de expandir a igreja, num primeiro momento foi um fiasco, mas dedicado e esforçado, aprendeu inglês e no ano seguinte “o bispo começou a apresentar um programa na televisão americana.

Passado pouco tempo a Universal estabeleceu-se em espaços icônicos como Brooklyn e o Bronx em Nova Iorque, além da vizinha Nova Jersey.

Ainda na década de 1980 Macedo buscava candidatos para o seu terceiro braço de poder: a política (primeiro a eclesía, segundo o empresarial). Para Macedo o dinheiro impulsiona a pessoa na sociedade, assim como a política, a associação dos dois torna a pessoa respeitável e temida na sociedade.

Assim, coube ao bispo Roberto Lopes¹³⁶, remanescente do grupo dos cinco que deixaram a Igreja Nova Vida, ser o primeiro parlamentar da Igreja, eleito em 1986¹³⁷, pelo PTB, com 54 mil votos, “na mesma eleição, Eraldo Macedo Bezerra, irmão de Edir, conquistou o primeiro dos seus quatro mandatos como deputado estadual, no Rio [de Janeiro]” (Nascimento, 2019, p.63). Depois da experiência bem-sucedida, “a igreja

¹³⁶ Roberto Augusto Lopes permaneceu na IURD até 1987, quando retornou à Igreja Nova Vida e deixou Macedo sozinho na liderança da nova denominação (Intervozes, S.d.).

¹³⁷ Em 1986, os evangélicos elegeram 18 candidatos e, já na Constituinte de 1988, a chamada “bancada evangélica” teve papel importante, assim como na concessão de emissoras de rádio e de televisão para igrejas e suas lideranças, um papel que é exercido pelo Congresso Nacional (Intervozes, S.d.).

intensificou sua ação eleitoral. Seu quadro político no legislativo federal aumentou a cada eleição” (Paula, 2021, p.42, apud Mariano, 2009).

Os números do partido Republicano, antes Partido Municipalista Renovador (2005), depois Partido Republicano Brasileiro (2006), sob forte influência da Universal, cujo presidente é o advogado e bispo Marcos Antônio Pereira (1972), atual primeiro vice-presidente da Câmara dos Deputados, sustentam parte dos argumentos do bispo. São quase 500 mil filiados, em mais de 50% dos municípios do Brasil, são 2551 vereadores, 76 deputados estaduais/distritais, 42 deputados federais, 4 senadores, 212 prefeitos, 2 vice-governadores e 2 governadores, (incluindo o do estado mais importante do Brasil, São Paulo). O Republicano ainda possui a Faculdade Republicana, reconhecida pelo Ministério da Educação, com os cursos de Direito e Ciências Políticas (Republicanos, 2023).

A grande luta da Universal, nos seus primórdios, era contra a igreja Católica Romana e as religiões de matriz africana. Mas foi em 1997 que Macedo lançou o mais polêmico dos seus livros: “Orixás, caboclos e guias: Deuses ou demónios?”, inicialmente publicado pela Editora Universal, tornou-se rapidamente um *best-seller* somando hoje mais de 3 milhões de edições vendida, em quinze edições. A obra gerou uma série de polémicas, inclusive com a suspensão de venda em todo o Brasil (Folha, 2005). Após recursos, a editora conseguiu contrariar a situação e hoje o livro pode ser comprado em qualquer plataforma.

O que causa, por vezes, estranheza é que elementos combatidos por Macedo e os seus liderados, em especial, rituais de religiões de matriz africana, acabaram por ser incorporados pela própria Universal, como por exemplo as sessões de descarrego, banho de sal grosso e a rosa ungida. Em muitos desses encontros os pastores trocam o fato e a gravata por roupas brancas, como fazem alguns pais de santo. “Na prática a Universal se valia do sincretismo e do hibridismo cultural, embora os contestasse da boca para fora” (Nascimento, 2019, p.66).

Grandes concentrações em estádios não eram novidade, a igreja O Brasil para Cristo “lotou o Estádio do Pacaembu pela primeira vez em maio de 1958, levando milhares de pessoas” (Cristo, 2011). Depois deram-se outras grandes concentrações, como a do pastor batista americano, Billy Graham, o Papa João Paulo II e a equipa do padre Marcelo Rossi (Rio, 1999). Mas de forma sistemática, e em vários estádios do país, apenas a Igreja Universal do Reino de Deus, “graças ao forte apelo emotivo de

seus programas no rádio e na TV e ao oferecimento de ‘soluções’ rápidas aos problemas cotidianos de seus fiéis, como o afastamento de demônios e outros males” (Nascimento, 2019, p.68). Sem dúvida, a concentração da sexta-feira, 13 de abril de 1990, foi um divisor de águas na história da Universal, 160 mil presentes no estádio do Maracanã, Rio de Janeiro, viram obreiros saindo com sacos de dinheiro, imagens que correram o mundo causando polêmica e trazendo problemas com a imprensa para o Bispo.

Ainda assim, dois anos depois, também numa sexta-feira, à tarde, a 17 de abril de 1992, a Universal bateu o recorde de público no Maracanã com 170 mil presentes. Outra concentração ocorreu em São Paulo, no Estádio do Morumbi, com 120 mil pessoas, ambas com a presença de Macedo. Além da concentração no estádio da Fonte Nova, em Salvador, com a presença de 70 mil pessoas (Globo, 1992, p.7).

A busca pela cura ou pelo exorcismo não é um ‘serviço’ exclusivo da Universal, dezenas de outras denominações também oferecem esse préstimo, no entanto, nenhuma é tão mediática como a IURD.

O poder de persuasão de Macedo e dos seus liderados impressiona, as suas pregações deixam claro que a fé não é suficiente para que os pedidos sejam atendidos, é preciso materializa-la:

“É necessário dar o que não se pode dar. O dinheiro que se guarda na poupança para um sonho futuro, esse dinheiro é que tem importância, porque o que é dado por não fazer falta não tem valor para o fiel e muito menos para Deus”, dizia o bispo (Nascimento, 2019, p.70).

A Universal não tem nenhuma dificuldade em falar de dinheiro nos seus púlpitos, e a sua criatividade impressiona, em determinadas situações os fiéis foram estimulados a entregar as suas cadernetas bancárias verdadeiras, por “cópias abençoadas” para guardarem nas suas carteiras e com isso aumentar as suas riquezas, “O sucesso da IURD dentro do campo religioso se deve à sua facilidade em atrair pessoas que percebem os seus lugares de culto como espaços de teatralização, de ritualização e de troca de dinheiro por bens simbólicos” (Campos, IURD: teatro, templo e mercado, 2010).

Para a Universal o dízimo é uma ordenança e “tem tanta importância que foi ordenado muito antes dos Dez Mandamentos da Lei de Deus e, se era importante antes da Lei, e foi também durante a Lei, por que não o seria também depois da Lei”? (Universal, 2023).

Macedo esclareceu aquilo que pensa do dinheiro e sua relação com a fé:

“O dinheiro é uma necessidade do homem. Na Bíblia, ele aparece como uma ferramenta. Com a mesma função que o serrote tem para o carpinteiro e a enxada para o lavrador. Sem o dinheiro é impossível viver. O próprio Jesus tinha o seu tesoureiro, Judas Iscariotes. Achar que o dinheiro é um mal não faz sentido. [Mas Jesus era pobre] Esse é um tremendo engano, Jesus nunca foi pobre. Ele disse: 'Eu sou o senhor dos senhores, o rei dos reis'. Um rei nunca é pobre, ao menos que esteja destronado. Sendo rei dos reis, Jesus era rico.” (Macedo, 1995).

A profissionalização da estrutura era uma necessidade e Macedo investiu com afinco nesse propósito, levando adiante a expansão com mais templos ao redor do mundo e eficientes veículos de comunicação.

Foi no final dos anos 1980 que chegou à igreja do bairro de Santa Cecília, São Paulo, o servidor público Osvaldo Sanches Fernandes, que procurava um comprador para a TV Corcovado, do Rio de Janeiro. Após os primeiros contactos, foi descartada a compra, “a prioridade era uma rádio [em São Paulo]” (Nascimento, 2019, p.76). Sanches acabou por ficar amigo do pastor Ronaldo Didini Luiz¹³⁸ e tornou-se um importante na Universal. A amizade levou a igreja a apoiá-lo para vereador em São Paulo, nas eleições de 1988, em que teve 12.538 votos. Celso Macedo, outro irmão de Macedo, seria eleito vereador no Rio de Janeiro.

Se a televisão proposta por Sanches não avançou, foi um encontro casual numa viagem ao exterior em meados de 1988, que começou a história da compra, não de uma televisão, mas de uma rede de televisão, a Record. Alberto Felipe Haddad (Bebetto), era um empresário maranhense, de origem libanesa, do ramo da aguardente, e numa viagem aos Estados Unidos da América sentou-se ao lado do bispo Macedo. Depois de outros encontros, Bebetto passou a integrar a campanha de Sanches para vereador, onde ficou a conhecer o interesse da igreja numa rádio.

No início de 1989, em conversa com João Jorge Saad (1919-1999), presidente do grupo Bandeirantes, começou a negociação com a Rádio São Paulo, fechando o negócio em 6,5 milhões de dólares.

A partir daí Bebetto tornou-se próximo da cúpula da igreja e ainda em 1989 procurou Guilherme Stoliar, dono da TV Corcovado. As tentativas avançaram não para a televisão carioca, mas para a TV Record. Embora 50% das ações da emissora paulista estivessem em nome de Stoliar, o verdadeiro dono era Senhor Abravanel, mais conhecido

¹³⁸ O pastor deixou a IURD em 1996 (ZORZAN, S.d.).

como Silvio Santos — os outros 50% eram da família Machado de Carvalho (Nascimento, 2019).

As negociações deram-se na casa de Silvio Santos e começaram em 55 milhões de dólares. A conversa terminou às dez da noite. O valor acordado foi de 45 milhões de dólares, no câmbio oficial — 35 milhões pela TV e Rádio Record de São Paulo; 5 milhões pela Record Franca; e 5 milhões pela Record de Rio Preto (Nascimento, 2019, p.86).

O primeiro pagamento foi 5,7 milhões de dólares e o restante foi pago em trinta e duas vezes, o contrato foi assinado, como a maioria das emissoras da Universal por um bispo de confiança de Macedo, neste caso, o deputado Odenir Laprovita Vieira, meses depois, um novo contrato seria feito e a emissora passaria oficialmente para as mãos de Edir Bezerra Macedo.

Nesse mesmo ano, o país fervia depois de quase trinta anos, o Brasil escolhia de forma direta o seu presidente da república, havia um jovem que nessa época ainda tremia nas sondagens, os seus números resumiam-se a um traço nas estatísticas, Fernando Collor de Mello, ex-governador do estado de Alagoas, tinha um discurso que agradava a classe média e chegou à reta final da campanha liderando as sondagens, foi nesse período que Bebetto o apresentou a Macedo, que logo simpatizou com a campanha de futuro presidente.

A Macedo estava com grandes dificuldades para saldar as últimas tranches da compra da Record, chegando a ser ameaçado pelo próprio Silvio Santos de perder todo o investimento (Avancini, 2018, 1:31;53), entretanto, uma mudança radical na economia brasileira nos primeiros dias do governo Collor mudou o cenário, com o decreto do Plano Collor¹³⁹ a moeda brasileira valorizou em relação ao dólar (Chagas, 1990, p.2). A dívida da TV Record, considerada impagável pelo próprio Macedo, tornou-se exequível.

Bebetto tornou-se uma peça chave no xadrez político da Universal, eleito em 1990, com o apoio da igreja, com 39 mil votos, pelo PRN paulista (Deputados, S.d.), era visto com ressalvas por não ser da igreja e a sua relação com o bispo gerava ciúme (Nascimento, 2019, p.91-92). Bebetto levava frequentemente o bispo a jantares e refeições com políticos, empresários e personalidades em restaurantes elegantes e sofisticados, às vezes com vinhos. E os bispos preocupavam-se com a possibilidade de

¹³⁹ O Plano Brasil Novo, popularmente chamado de Plano Collor foi o conjunto de reformas econômicas durante a presidência de Fernando Collor de Melo, ficou marcado pelo confisco da poupança dos brasileiros, justificando a retirada de moeda de circulação para com isso controlar a hiperinflação; revelou-se um completo fiasco.

Macedo ser fotografado com alguma bebida alcoólica. O bispo acabou por cortar relações com o deputado.

Um novo desafio se levantava, fechar a compra da Record, e foi lançada a campanha: o “Sacrifício de Isaque”. Macedo deu o exemplo e passou a andar num velho Fusca, dos anos 1970, bispos e pastores entregaram os seus carros e tiveram os salários reduzidos. Muitos repassaram os seus vencimentos na íntegra. Fiéis e obreiros doaram jóias, frigoríficos, televisões, fogões e até imóveis. Seguidores mais fervorosos desfizeram-se de tudo o que tinham em casa e passaram a dormir em colchões de campismo (Nascimento, 2019, p.94-95).

Vendo que todo o esforço não era suficiente, Macedo recorreu a um aliado político, o presidente da república, Fernando Collor de Mello. Após ouvir Macedo, Collor chamou o tesoureiro da campanha, Paulo César Farias (1945-1996), para resolver o imbróglio. Com algumas ligações de Farias, Macedo conseguiu a fiança necessária e o próprio Collor ligou a Silvio Santos para o tranquilizar: “presidente, por que o senhor não avisou antes?” (Nascimento, 2019, p.96). No início de 1990 foi celado um acordo, no entanto a televisão só foi transferida para o nome de Macedo pelo então presidente Itamar Augusto Cautiero Franco (1930-2011), em 1994. Finalmente saía a concessão ficando o bispo Macedo com “90% do capital, ou seja, 95.530 ações, e à sua esposa, Ester Eunice Rangel Bezerra, que possui 10% das ações” (SILVA, 2002, p.103).

A situação financeira da emissora era de penúria, basicamente o que tinha sido comprado era a marca e o direito de transmissão. Tentativas de desvios de equipamentos foram travadas. Os pastores selecionaram trabalhadores e fiéis com bom porte físico e, se possível, experiência na área da segurança, e depois de um rápido treino a Record tinha a sua própria tropa de choque. “O exército de Macedo foi acionado em outro momento para expulsar inquilinos indesejáveis” (Nascimento, 2019, p.103).

Os média não perdoaram a compra da emissora paulista e ‘choviaram’ denúncias e processos judiciais. Foi nesse período que o empresário João Jorge Saad resolveu ajudar o colega e chamou à sua sala o então vice-presidente da Rede Bandeirantes, José Roberto Maluf, advogado com vasto conhecimento sobre a legislação na área de comunicação para o auxiliar. Já havia rumores de que Macedo poderia ser preso por denúncias de estelionato, charlatanismo e curandeirismo.

Maluf reuniu-se com Macedo em Nova Iorque, o executivo sugeriu contratar uma equipa de advogados criminalistas, o que Macedo somente veio a fazer em 1992. Seria o escritório de Márcio Thomaz Bastos (1935-2014) que o tiraria da cadeia.

A exitosa experiência e os seus benefícios com Collor, levou o Bispo a uma nova tentativa, desta feita para o governo do estado de São Paulo, em 1990, o candidato era o ex-secretário de Segurança Pública, Luiz Antônio Fleury Filho (1949-2022), então apadrinhado pelo atual governador Orestes Quécia (1938-2010). A Record tinha uma dívida com o Banco do Estado de São Paulo, à época um banco público, no valor de 2,5 milhões de dólares (Nascimento, 2019, p.110). A dívida da emissora não foi extinta, mas o Banespa aceitara da Record 1,1 milhão de dólares para saldar a dívida. No final de 1991 a emissora ficou totalmente paga.

O que parecia um alívio foi mera impressão, o início da década de 1990 não seria fácil para Macedo, denúncias de que pastores desligavam o ar-condicionado para induzir os fiéis a doar e assim se sentirem melhor foram investigadas, Além da entrega de dinheiro e bens pessoais em troca de “água sagrada”. Os factos reportados não eram isolados e acabaram por desencadear uma avalanche de críticas e denúncias que ganhariam um impulso após declarações polémicas de um dissidente, o pastor Carlos Magno de Miranda, afastado da Universal por alegadas irregularidades financeiras (Nascimento, 2019).

Os inimigos começavam a levantar-se contra Macedo, e não eram poucos, nem pequenos, com uma igreja, uma rede de televisão e uma bancada de deputados para chamar de sua, o incómodo foi visível.

Macedo teve que prestar esclarecimentos à Polícia Federal:

“Desconheço que aqueles que vão à igreja em sua fé [...] estejam obrigados a qualquer remuneração ou pagamento, pois todas e quaisquer colaborações ofertadas pelos fiéis são puramente espontâneas”, disse. Atribuiu as curas milagrosas a Deus (Nascimento, 2019, p.117).

O magoado Carlos Magno acusou a Universal de estar envolvida com o narcotráfico, disse ter ouvido de Edir Macedo, a seguinte justificação para receber dinheiro do narcotráfico: “Para Jesus, até golo de mão vale” (Nascimento, 2019, p.119). A mesma acusação veio em julho de 1991, “o Jornal do Brasil, o mesmo que havia oficializado uma proposta de compra da Record dois anos antes, acusou o bispo de ter recebido 1 milhão de dólares de um narcotraficante colombiano para a compra da

emissora” (Lemos & Tavolaro, 2007, p.136), A acusação nunca chegou a ser comprovada e o nome do narcotraficante jamais foi conhecido.

Eram feitas reportagens quase que todos os dias denunciando algo da Universal ou exaltando o movimento de Renovação Carismática Católica, à época liderado pelo padre ‘galã’ Marcelo Mendonça Rossi. Para a Globo, a igreja praticava rituais de curandeirismo e charlatanismo. A estratégia era o fortalecimento católico para conter o crescimento dos evangélicos assim como o avanço da teologia da Libertação.

No campo da política a igreja também tinha a sua guerrilha, eram muitas as pressões para tirar ao Bispo o controle a TV Record, que naquele momento lutava para conseguir a transferência da concessão para o seu nome.

O ex-deputado paranaense, José Carlos Martinez (1948.2003), que foi um dos tesoureiros da campanha presidencial de Fernando Collor, e dono da Central Nacional de Televisão (CNT), propôs sociedade ao Bispo, a união das duas emissoras, sendo 80% para o Bispo e 20% para Martinez. Por trás da sugestão estaria o presidente Collor, segundo se dizia nos bastidores do Congresso, em Brasília (Nascimento, 2019, p.125). No início de 1992, já se comentava nos bastidores de Brasília que Fernando Collor pretendia expandir o seu poder nos média aliando-se a Martinez (Lemos & Tavolaro, 2007, p.137). Martinez apostava nas dificuldades encontradas por Macedo para conseguir a concessão da Record.

Macedo alertou o pastor Didini. “O ex-deputado vem aqui para falar de uma sociedade. Não poderei dizer não, pois em política não se faz isso. Mas, no meio da conversa, você entra e diz que eu não posso aceitar essa proposta de jeito nenhum”, orientou. [...] sem deixar Macedo responder, o pastor interveio e seguiu à risca o script: “Não, bispo, o senhor não pode fazer isso. A televisão não é sua. É da igreja, representada pelo senhor. Não podemos aceitar isso. Me desculpe, mas não vamos aceitar. Não dá” (Nascimento, 2019, p.125-126).

Com os média tratando pejorativamente a igreja como seita, onde o título de bispo vinha sempre entre aspas; e pressões de políticos por uma parte da Record não arrefeciam; a justiça também se manifestou e depois de vários adiamentos para depor à Polícia Federal, o Ministério Público pede, em outubro de 1991, a sua prisão e de mais três pastores, Ricardo Alberto Cis, Marcelo Bezerra Crivella, Honorilton Gonçalves (Paulo R. O., 1991, p.14).

A decretação dá-se um dia antes de uma grande concentração no estádio Maracanã, e alguns dos líderes defendem a ideia de que o bispo deveria estar nesse encontro, “caso

a polícia o prendesse e o algemasse na frente de 120 mil fiéis, haveria comoção. O bispo se transformaria num mártir” (Nascimento, 2019, p.127). Disfarçado, Macedo participaria no evento à distância.

Três dias depois, apresenta-se aos funcionários da Polícia Federal. Depois de dez horas de interrogatório, o juiz suspendeu o mandado de prisão (Brasil, 1991, p.5). No dia 22 de outubro, prestaria esclarecimentos em Brasília, na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), aberta para investigar o tráfico de drogas no país (Nascimento, 2019, p.128).

“A boca fala o que quer. O papel aceita o que nele se imprime. Até hoje, nem a polícia nem a Justiça conseguiram provar nada contra mim. Simplesmente porque sou um homem limpo, fiel à palavra de Deus. A fé é que cura as pessoas”, defendeu-se Macedo, numa entrevista à revista Veja. (Nascimento, 2019, p.128-129).

A determinação de Edir Macedo era surpreendente, a igreja passou a investir na compra de cinemas e teatros para transformá-los em templos, enquanto trabalhava para transformar a Record numa expressiva rede nacional, foi às compras, ao Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goiás. A TV Rio foi comprada, sendo 1,5 milhão de dólares pago em espécie com a presença do pastor batista Nilson do Amaral Fanini (1932-2009), líder da Primeira Igreja Batista de Niterói, Rio de Janeiro, e presidente da Aliança Batista Mundial (Nascimento, 2019, p.131).

Segundo Waldir Abrão¹⁴⁰, ex-diretor da Universal e ex-vereador carioca, em depoimento registrado em cartório, em novembro de 2009, somente 10% do dinheiro arrecadado nos templos era depositado em contas bancárias, outro tanto era trocado por dólares numa casa de câmbio no centro do Rio, a explicação à época, é que a moeda estrangeira reduziria custos, sobretudo na compra de emissoras de rádio e televisão, por não enfrentar o mesmo risco da desvalorização.

O ano de 1992 é tomado por escândalos em Brasília, o então presidente da República, Fernando Collor de Mello está sob ameaça de *impeachment*. Em São Paulo, num domingo, 24 de maio, um grupo de doze policiais civis, entre delegados e investigadores, armados com metralhadoras, revólveres e caçadeiras, estavam de

¹⁴⁰ Ex-vereador do Rio de Janeiro [1988 – 1992] e ex-diretor da Igreja Universal do Reino de Deus, Waldir Abrão (1928 – 2009), seis dias antes de morrer, registrou um documento de 23 páginas no escritório Marzagão, Amaral e Leal Advogados, em São Paulo. No texto, o ex-vereador relata que foi usado como laranja da Universal e explica como entrou na igreja na década de 70, citando formas de arrecadação de dinheiro de fiéis (Extra, 2009).

prontidão, desde cedo, próximos à Igreja Universal de Santo Amaro, à espera da saída de Macedo (Paulo R. O., Polícia prende Macedo, 1992, p.9).

Poucos metros depois da saída do Bispo da igreja, viaturas da polícia interceptaram o carro que levava Macedo, a esposa Ester, e a filha adolescente, Viviane. O delegado Marco Antônio Ribeiro de Campos, identificou-se: “Tenho um mandado de prisão contra o senhor. Vai ter de nos acompanhar” (Nascimento, 2019, p.142), a acusação era de estelionato, charlatanismo e curandeirismo. “Ao chegar às duas bases da polícia, uma estranheza. A TV Globo já estava lá. Era o único veículo de imprensa a mostrar Edir Macedo sendo preso” (Lemos & Tavolaro, 2007, p.20).

Antes mesmo da compra da Rede Record, em novembro de 1989, já havíamos sido vítimas de diversos tipos de abuso. A polícia tinha invadido meu apartamento, os escritórios da Igreja e as empresas relacionadas que existiam para apoiar o trabalho evangelístico. Sabia que as perseguições jamais teriam ponto-final, mas nunca imaginei que essas agressões terminariam em prisão (Macedo, Nada a perder, 2012, p.13).

Uma cela especial foi reservada para o líder religioso. Os políticos que antes o rodeavam desapareceram, devido aos escândalos em Brasília, o governador de São Paulo, Antônio Fleury, o prefeito da capital paulista, Paulo Maluf, o ex-governador Orestes Quércia e o atual presidente Fernando Collor, que mal se conseguia manter de pé. Sem padrinhos, o Bispo foi para uma cela com mais seis detentos, (Nascimento, 2019), a primeira noite foi dormida num colchão improvisado.

A partir de então, foram onze dias de prisão. Após acordos celebrados, Macedo conseguiu que Ester dormisse com ele numa sala do cartório, no primeiro andar da esquadra. Fiéis faziam vigílias de oração, outros acamparam à frente da Delegacia de Crimes Contra a Fé Pública (DEIC). Equipas de televisão revejavam-se, Macedo tornara-se o assunto do momento.

Se os políticos o abandonaram, outras personalidades prestaram-lhe solidariedade, o cunhado R. R. Soares e a esposa, o apresentador Antônio Augusto Moraes Liberato (1959-2019), então apresentador do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), pastores de várias denominações encaminharam manifestos a deputados pedindo liberdade religiosa, e alguns deputados, inclusivamente os ligados à igreja.

Apenas dois dias depois, o Bispo recebeu a imprensa e permitiu que o fotografassem, foi nesse momento que se celebrou a foto com Macedo de pernas

cruzadas, lendo a Bíblia, atrás das grades. A imagem comoveu não apenas fiéis da IURD, mas boa parte do mundo evangélico.

“Diante de uma equipe de televisão, disse que percebia [a prisão como] um batismo de fogo. Mesmo não merecendo, eu me via como os apóstolos, porque estava vivendo a mesma situação deles nos tempos antigos. Era um privilégio. Sofrer como os homens de Deus do passado sofreram por um Senhor que eu abracei com todo o meu entendimento” (Macedo, Nada a perder, 2012, p.32).

Apenas uma vez Macedo deixou a prisão, e fê-lo numa carrinha para prestar depoimento no Fórum João Mendes. Na sala do interrogatório, uma surpresa: havia um padre, sem que ninguém dessa qualquer explicação. Macedo chegou a declarar: “tenho certeza de que isso [a prisão] é para o bem da igreja e da causa que abraçamos” (Nascimento, 2019, p.152).

Por sugestão do vereador paulista Osvaldo Sanches, foi contratado o advogado criminalista Marcio Tomaz Bastos¹⁴¹ (Magalhães, 1992, p.11). Dois pedidos de *habeas corpus* foram negados, no entanto, com o novo jurista, três dias depois, o terceiro pedido de *habeas corpus* sob a alegação de bons antecedentes, família e residência fixa, sem evidências comprovadas de tentativas de obstrução da Justiça, os juízes da 8ª Câmara do Tribunal de Alçada Criminal decidiram, por unanimidade, libertar o Bispo. Na porta da esquadra, advogados, entre eles, Bastos, aguardaram a chegada da ordem de libertação. Fiéis, comovidos, cantavam e oravam (Nascimento, 2019).

A IURD precisava de uma nova imagem diante da sociedade, então resolveu investir com mais afinco nas ações sociais, o programa de alfabetização dos fiéis na igreja foi intensificado, o trabalho de evangelização nas prisões, em especial no estado de São Paulo recebeu um reforço com um programa de rádio específico. A igreja, passou a ter um setor para os presos, a ‘Universal nos Presídios’, e conseguiria autorização para abrir templos dentro de prisões em diversos estados, desse projeto saíram muitos pregadores da igreja (Osasco, 2017).

Outra ação da igreja foi com a Sociedade Pestalozzi de São Paulo, fundada em 1950, a entidade filantrópica é responsável pelo atendimento de crianças e jovens com deficiência mental, e encontrava-se com enormes dificuldades financeiras, à beira de

¹⁴¹ À época, os honorários do defensor teriam sido o equivalente a 500 mil dólares. Outro conhecido profissional da área jurídica que também participou da defesa, José Roberto Batochio, teria recebido outros 500 mil dólares (Nascimento, 2019, p.153).

fechar as portas. “A entidade não integrava a estrutura formal da Universal, mas incorporou membros da igreja em sua diretoria” (Nascimento, 2019, p.156).

Entretanto, a ação mais marcante no campo social foi a Associação Beneficente Cristã (ABC), fundada em 1994. Com alimentos doados por fiéis, distribuía-os em bairros populares, favelas, asilos, orfanatos e hospitais. Voluntários cortavam o cabelo aos mendigos e ofereciam sopas e lanches no centro de São Paulo durante as madrugadas. Comandando o 25º Hora, programa das madrugadas na Rede Record, o pastor Ronaldo Didini era o coordenador dos programas da ABC e conseguia espaço nos média para suas atividades.

A ABC era uma ponte de ligação com o braço político da Universal. Cargos regionais da entidade eram entregues a deputados e vereadores ligados à igreja. As grandes ações tinham sempre políticos como o governador de São Paulo, Mário Covas Júnior (1930-2001), e o do Rio de Janeiro, Marcello Nunes de Alencar (1925-2014). Em 1994 a igreja apoiou o ex-ministro da Fazenda do governo Itamar Augusto Cautiero Franco (1930-2011), Fernando Henrique Cardoso (FHC) que ao pedir apoio ao então coordenador político da igreja, bispo Carlos Alberto Rodrigues Pinto, ouviu que teria o apoio e queria apenas que o governo “não atrapalhasse” o crescimento da igreja (Nascimento, 2019).

Adversário de FHC, o ex-metalúrgico Luís Inácio Lula da Silva, do partido do Trabalhadores, na sua segunda tentativa de chegar à presidência, já tinha tentando em 1989 e perdido para Fernando Collor, era duramente atacado, seja pelo púlpito da igreja, pela TV Record ou pelos jornais, como o diário Hoje em Dia, de Minas Gerais ou o Folha Universal, do Rio de Janeiro, que associou o petista à figura de Exu, entidade do culto de matriz africana, associado ao demônio. Nas edições que falavam do petista, a Folha Universal chagava a duplica a tiragem (Nascimento, 2019).

A igreja começou a colher os frutos dessa nova safra política. Em São Paulo, em parceria com a Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP), a Universal preparava sopas com as sobras de hortaliças fornecidas pela mesma e estas eram distribuídas pela ABC em favelas e a moradores de rua, na cidade.

Após denúncia da TV Globo que colocava em causa a qualidade dos alimentos, a iniciativa foi suspensa. O bispo Macedo tomado pela indignação, num evento da igreja para angariação de alimentos no Vale do Anhangabaú, no centro de São Paulo, a 15 de abril de 1995, diante de 210 mil fiéis, vociferou: “a Igreja católica é a desgraça do

Terceiro Mundo”, encerrando com a pergunta: “A CNBB fala na TV sobre a campanha da fome, vocês viram alguma coisa deles até agora?”. A multidão respondeu: “Não!” (Alonso, 1995).

A tríade eclesía, política e negócio, conseguia manter a IURD no centro das atenções mediáticas, o crescimento da Rede Record fazia-se perceber e começava não apenas a chamar a atenção da poderosa Rede Globo¹⁴², mas também a assustá-la. O então presidente das organizações Globo, o jornalista Roberto Pisani Marinho (1904-2003), “reconhecia, em conversas com amigos, que em dez anos a Record seria a rede com mais munição para ameaçar a hegemonia de sua emissora, bastava observar o crescimento do rebanho do bispo” (Nascimento, 2019, p.165). Em meados da década de 1990 a faturação da Globo era de 1,05 bilhão de dólares, contra 35 milhões da Record.

Além dos ataques à igreja, a Rede Globo resolveu enfrentar Macedo no campo pessoal, segundo o próprio Bispo, que “declarou que nos próximos dez anos a Record seria a rede com maior potencial para ameaçar à emissora de Roberto Marinho” (Sanchonete, 2011, p.106). O confronto deu-se com o lançamento, em setembro de 1995, da minissérie Decadência, do dramaturgo Alfredo de Freitas Dias Gomes (1922-1999), que tinha como trama central a história de um pastor que criou uma seita para tirar dinheiro de pessoas humildes e ingênuas. Gomes garantiu que a inspiração não foi o líder da Universal (Nascimento, 2019, p.168). “O que mais enfureceu o público evangélico foi a cena em que a amante [Jandira, interpretada por Maria José de Castro Polessa, Zezé Polessa] de Mariel [interpretado por Edson Francisco Celulari] tira o sutiã e o joga, displicentemente, sobre uma Bíblia à beira da cama” (Globo R. M., 2021).

No entanto, nada abalou tanto as estruturas da Igreja Universal do Reino de Deus e o seu poder do que o programa diário, em direto, O Despertar da Fé, do dia 12 de

¹⁴² Líder absoluta de audiência desde os anos 70. O carro chefe de sua programação é o Jornal Nacional, no ar desde 1969, além das novelas e programas de entretenimento e esportes são exibidos para milhões de pessoas todos os dias. São no total 5 emissoras próprias e 118 afiliadas. É a 2ª maior emissora de TV do mundo, atrás apenas da ABC nos Estados Unidos. Atinge hoje 99,5% dos potenciais telespectadores, praticamente toda a população brasileira, são mais de 183 milhões de brasileiros. Quase teve o monopólio da audiência da TV e uma relação simbiótica com sucessivos governos militares e civis. Sua influência política e cultural no Brasil é incomparável. Tem um conglomerado que envolve rádios (CBN), uma rede internacional (TV Globo Internacional), um serviço de streaming líder em acessos (Globoplay), uma produtora de filmes (Globo Filmes, revistas, produção de conteúdo para TV paga, além da gravadora Som Livre, e outros serviços como Telecine Play, Premiere (jogos de futebol), e os canais de conteúdo adulto Sexy Hot e Playboy TV, e o portal G1, com notícias (Wiki, S.d.).

outubro de 1995, feriado nacional, para os católicos, Dia de Nossa Senhora Aparecida¹⁴³, Padroeira do Brasil¹⁴⁴.

Passados poucos dias da exibição da minissérie Decadência, os nervos estavam à flor da pele. O programa abriu com o bispo ao lado de uma imagem da santa católica, em gesso, com pouco mais de um metro de altura. O bispo Sérgio Von Helder, além das críticas à idolatria, desferiu golpes com a mão, além de pontapés na imagem e perguntava: “será que Deus, o criador do universo, ele pode ser comparado a um boneco desses tão feio, tão horrível, tão desgraçado?” (Nascimento, 2019, p.171).

A fugaz cena, de um programa de baixíssima audiência, sem grande relevância para as redações dos média, ganhou uma proporção colossal após as imagens do “Pontapé na Santa”, como ficou conhecida, serem exibidas no Jornal Nacional, da Rede Globo. O efeito manada foi imediato, manchete em vários jornais e artigos em emissoras de rádio repercutiam vozes de líderes de várias religiões por todo o país, o que promoveu uma comoção nacional, com protestos que se estenderam durante semanas.

Uma “Guerra Santa” surgiu com a manifestação do então presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso, que “repudiou publicamente o ato de Von Helder” (Rocha, 2006, p.20).

O próprio Macedo reconheceu a gravidade do ato “o Sérgio criou um problema na igreja. Atrasou nosso trabalho em dez anos. Ficamos parados no tempo por causa daquele chute. Atrapalhou a igreja, atrapalhou todos os nossos projetos. Nós estaríamos lá na frente, poderíamos ter ajudado muito mais gente se não fosse aquele ato

¹⁴³ Nossa Senhora da Conceição, conhecida como Nossa Senhora Aparecida, que passou a receber a devoção dos brasileiros em 1717, ano que marca a descoberta da imagem. Segundo o pesquisador da Academia Brasileira de Hagiologia (Abrahagi) Pe. Rubens Miraglia Zani, a história da santa no Brasil começa em 1717, quando a vila de Guaratinguetá, em São Paulo, estava se preparando para receber o governador da Província de São Paulo e Minas Gerais. O município queria recepcioná-lo com um banquete e pediu para que três pescadores, João Alves, Felipe Pedroso e Domingos Garcia, trouxessem todos os peixes que conseguissem pescar no rio Paraíba. Mas não era época de peixe. Eles trabalharam a noite toda e não tinham encontrado nada. Pela manhã, perto do Porto Itaguaçu, eles lançaram a rede mais uma vez e pescaram o corpo de uma imagem da Nossa Senhora. Um pouco mais abaixo, jogaram a rede novamente e pescaram a cabeça da santa, depois de encontrarem a imagem, eles conseguiram pescar muitos peixes. Feita de barro, com 36 centímetros de altura e pesando pouco mais de dois quilos, a imagem da Santa ainda existe, e está exposta no Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, localizado em Aparecida, São Paulo. O nome da santa ficou conhecido assim, no Brasil, porque a imagem apareceu para os pescadores. Antes da Proclamação da República, a então herdeira do trono, princesa Isabel, e o marido estavam tentando ter um filho. Os dois participaram da celebração e a princesa doou à imagem, ao pedir por um herdeiro, um manto ornado com brilhantes, segundo informações do Santuário de Aparecida. Anos depois, a família, já com três filhos, retornou para agradecer. Desta vez, Isabel ofereceu à santa uma coroa de ouro e brilhantes. Foi essa coroa que depois foi usada na coroação da santa (Girardi, 2022).

¹⁴⁴ Aparecida foi declarada padroeira do Brasil pelo papa Pio XI, em 16 de julho de 1930. Até então, o santo símbolo do Brasil era São Pedro de Alcântara, escolhido pelo imperador d. Pedro (Nascimento, 2019, p.173).

impensado” (Lemos & Tavolaro, 2007, p.157). No domingo seguinte, Macedo foi à televisão, em direto, e pediu perdão, disse que o bispo Von Helder agiu como uma criança e o trabalho da Universal é “levar a paz e não a guerra” (Trevisan, 1995). Von Helder foi transferido para os Estados Unidos.

Se o ano de 1995 não foi o pior, com certeza está entre os cinco piores na vida de Macedo, o ex-bispo Carlos Magno, através do artigo publicado na revista semanal Istoé, de 22 de dezembro de 1995, sob o título: “Edir Macedo ensina: Como arrancar dinheiro em nome de Deus” fez graves denúncias com a apresentação de vídeos, entre eles um pequeno vídeo de pouco mais de um minuto. “A gravação começa com uma partida de futebol entre líderes da Universal, no descanso de uma reunião em Salvador, na Bahia. Ao fim do jogo, Edir Macedo prega aos pastores. Enfaticamente, explica a maneira de pedir oferta e como obter o respeito dos fiéis” (Lemos & Tavolaro, 2007, p.158). A repercussão foi imediata, as organizações Globo exibiram os vídeos por dias (Globo R. R., 1995), e todos os grandes média do país deram destaque ao assunto.

Dias depois da reportagem da Globo, o programa 25ª Hora voltou ao contra-ataque com uma revelação: peritos comprovaram que houve montagens de edição no material exibido. Apontaram supostas distorções no rosto do bispo Macedo, na figura de fundo do Jornal Nacional, com o nariz levemente esticado — para os especialistas, uma mensagem subliminar que aludia ao personagem Pinóquio. E o mais grave: comprovaram erro do repórter ao informar que as notas contadas por Edir Macedo eram de 100 dólares, quando a aproximação das imagens mostrava apenas notas de 1 dólar. Dois dias depois, o Jornal Nacional assumiu a falha e corrigiu a informação em editorial (Lemos & Tavolaro, 2007, p.159-160).

O início de 1996 começa com um país dividido, em que uma parte considerava que o bispo era merecedor de tamanha humilhação, outra entendia que a Rede Globo agia movida por interesses comerciais e religiosos. “Até as revistas semanais começaram a admitir uma ‘guerra santa no ar’, com longas matérias e direito até a capas especiais sobre a briga Igreja Universal versus Rede Globo” (Lemos & Tavolaro, 2007, p.162).

Uma trégua foi negociada pelo então ministro da Comunicação Sérgio Roberto Vieira da Motta (1940-1998), em reunião fechada com representantes das duas emissoras foi selado o armistício. “A Globo divulgou uma nota afirmando que ‘fazia jornalismo’ e ‘não guerra’. O bispo Rodrigues anunciou que o programa 25º Hora passaria a tratar de temas como saúde e medicina” (Nascimento, 2019, p.192-192).

Se havia uma paz entre as emissoras, a justiça não dava tréguas, a pedido da Procuradoria da República, a Polícia Federal com ajuda da Interpol, levantou dados de todos os templos, imóveis, número de bispos e pastores, além de comprovativos de angariações da instituição fora do país, investigando as ações da igreja em Portugal, Colômbia, EUA, Japão, Moçambique, França e África do Sul. Um dos alvos eram as contas *offshore Investholding* e *Cableinvest*, abertas nas Ilhas *Cayman* e em *Jersey* (Nascimento, 2019, p.196).

Um alívio viria a surgir na vida do Bispo no final de 1995, no governo Fernando Henrique Cardoso, uma nova regra para o imposto de renda dizia que haveria “a extinção da pena de prisão para quem sonegasse o fisco nos chamados crimes de colarinho-branco, desde que o acusado pagasse o que devia, com multa, antes de ser denunciado pelo Ministério Público” (Nascimento, 2019, p.198-199), a comemoração foi enorme na Universal, grande parte dos problemas na justiça resolveram-se com dinheiro, através de multas.

A relação da Igreja e em particular do bispo Macedo com a política continuava a dar frutos para os seus projetos, no final da década de 1990 a Rede Família, uma produtora de conteúdos para todo o país entrava no ar. No início da primeira década do segundo milénio outro empreendimento na área das comunicações iria mexer com o mercado, a RecordNews, um canal dedicado a notícias ocupa toda a programação de uma terceira rede de televisão do Grupo Record, a Rede Mulher (Redação, S.d.).

Os meios de comunicação (televisão, radiodifusão e imprensa escrita) eram vistos por Edir Macedo como instrumentos para arrebanhar fiéis e, portanto, ampliar o faturamento da IURD (Igreja Universal). Além disso, também se constituíam em ferramentas de propaganda política de candidatos a cargos nos poderes Executivo e Legislativo, apoiados pela Igreja, normalmente bispos e pastores (Nascimento, 2019, p. 212, apud procurador federal Silvio Luís Martins de Oliveira, à 2º Vara Criminal Federal de São Paulo, 1 set. 2011).

Para se ter uma ideia, entre os anos de 2003 e 2006 a igreja declarou ter recebido cerca de 10 bilhões de reais, valores atualizados no ano de 2019, no entanto, (Nascimento, 2019, p.212) sugere que essa é apenas uma pequena parte do total.

Para movimentar tanto dinheiro, além das *offshore*¹⁴⁵, o Bispo tem um conglomerado financeiro, que inclui empresas de câmbio, empresas de turismo e uma

¹⁴⁵ São contas ou sociedades em paraísos fiscais. Estes países ou regiões são assim designados porque atribuem benefícios em matéria de impostos para atrair investimento estrangeiro. Além da carga fiscal

factoring, o Credinvest Fomento Comercial, antigo Banco de Crédito Metropolitano S/A, e até um clube de futebol a IURD chegou a ter:

Em 1999, a Universal comprou, no Rio de Janeiro, o Internacional Futebol Clube, que disputava a segunda divisão do Campeonato Carioca. Rebatizado de Universal Futebol Clube, logo se tornaria um fenômeno de público, levando multidões aos estádios. Mas não adiantou pedir ajuda aos céus: em campo, a equipe deixou a desejar e ficou bem distante do esperado acesso à primeira divisão. Em menos de um ano, a equipe se desfez (Orletti, 2000).

Através da Rádio e Televisão Record S/A, pertencente ao Bispo e à sua esposa, o banco Renner foi adquirido em 2009, entretanto, por terem residência no exterior, à época, o casal Edir e Ester, esperaram quatro anos para formalizar a compra, que ocorreu depois da presidente brasileira, Dilma Vana Rousseff ter publicado um decreto “aprovando a participação estrangeira de até 49% no capital social” (Vaz, 2013), em 2020 a participação na instituição foi de 89,9%, graças à edição do decreto do presidente brasileiro Michel Miguel Elias Temer Lulia, com a possibilidade de a fatia estrangeira no capital ser elevada (Campos Á. , 2020).

Ainda faltava algo nessa engrenagem de poder, algo que marcasse a presença da Igreja Universal do Reino de Deus com repercussão no mundo inteiro, e o bispo conseguiu, numa cena do filme Nada a Perder 2, Macedo tem uma inspiração: “se não conseguimos trazer o nosso povo até aqui, [Terra Santa, Israel], vamos levar essas pedras até eles” (Macedo, Nada a perder, 2012, 1:15:50), nascia assim o sonho de construir uma réplica do Templo de Salomão¹⁴⁶ no país de origem da igreja: Brasil.

A iniciativa de construir o quinto maior templo cristão do Brasil, com capacidade para dez mil pessoas confortavelmente sentadas foi destaque em quase todos os média brasileiros e em vários do mundo, entre os quais o jornal americano New York Times, “como observou Tom Phillips, do The Guardian, a um jornal brasileiro, o Estado de São

mais baixa ou inexistente, outra característica dos paraísos fiscais é a ausência de transparência. Os procedimentos de registo são mais simples, nomeadamente o registo de empresas, mas também as suas obrigações de reporte. Isto faz com que seja possível ali criar uma empresa sem se revelar, de facto, a identidade de quem a detém ou ter a liberdade de movimentar elevadas quantias sem qualquer tipo de controlo. Estes territórios também não promovem a troca de informações com outros países, pelo que muitos indivíduos e empresas aproveitam esse sigilo para “escapar” ao escrutínio do Fisco ou até mesmo da justiça (Depósitos, 2022).

¹⁴⁶ De acordo com a Bíblia, o templo foi construído com blocos de pedra extraídos magistralmente, com um telhado e interior revestido com pranchas de madeira luxuosas. Salomão usou ouro puro para cobrir o santuário interno do templo, onde também colocou um par de querubins de ouro de 4,5 metros de altura - esfinges - para guardar a Arca da Aliança. "Também na casa revestiu, com ouro, as traves, os umbrais, as suas paredes e as suas portas; e lavrou querubins nas paredes" II Crônicas 3.7 (Mesquita, 2020).

Paulo, informou, que a igreja custará cerca de US\$ 200 milhões e deve ser concluída em quatro anos. [...] a estrutura terá 55 metros de altura, quase o dobro da altura do Cristo Redentor, estátua que se ergue sobre o Rio de Janeiro” (Mackey, 2010).

Depois de quatro anos de obras, o templo foi inaugurado numa quinta-feira, 31 de julho de 2014, com a presença das mais diversas entidades do Brasil, como destacou Pinhoni, (Pinhoni, 2014), a exemplo da “presidente [da república] Dilma Rousseff (PT) e o governador de São Paulo [estado mais rico do Brasil] Geraldo Alckmin (PSDB)”. Uma cena em ‘Nada a Perder 2’ tornou-se emblemática, Ester em conversa, minutos antes do Bispo entrar para a sua homilia na inauguração do Templo: “o país que tanto te humilhou, agora está aqui te esperando para ouvir o que você tem a dizer”, e Macedo replica “toda honra e glória para nosso Deus” (Macedo, Nada a perder, 2012, 1:18:56).

Como sonhado por Macedo, as pedras cantarias (blocos de rocha bruta) importadas de Hebron, em Israel, revestiram os 39 mil metros quadrados de área, o que não passou despercebido pela Receita Federal que tentou taxar esse material. A 4ª Turma do Tribunal Regional Federal da 3ª Região julgou a cobrança improcedente. A decisão dos magistrados foi baseada no princípio constitucional que assegura a liberdade de crença religiosa e proíbe qualquer ente federativo de cobrar impostos sobre templos (Nascimento, 2019, p.290). Tamareiras vieram de Israel, do Uruguai vieram centenárias oliveiras; foram mais de 10 milhões de visitantes nos três primeiros anos (Bergamo, 2017).

A tríade do poder que levou à eclosão da Reforma Protestante no século XVI formada pelo poderes eclesiástico, político e económico, à época dominado pela Igreja Católica Apóstolica Romana na Europa, é perfeitamente perceptível no caminho percorrido pelo Bispo, transformando a IURD na perfeita representante do chamado pós-protestantismo, onde a religião cristã pautada nas Escrituras Sagradas é relegada a um segundo plano e vale o que o auditório deseje, desde que contribua para a concretização dos projetos desenhados pela cúria da igreja de Macedo, que é “o único brasileiro a controlar uma igreja, uma rede de televisão, um partido político e um banco” (Nascimento, 2019, p.367).

Nestes poucos mais de quarenta anos a igreja consolidou-se como a quarta força entre os evangélicos no Brasil, segundo o IBGE, com quase 2 milhões de fiéis; “O bispo desdenha dos cálculos oficiais. Em sua contabilidade particular, a Universal enxerga uma legião de adeptos bem mais expressiva. Ele costuma proclamar a conquista de 7

milhões de fiéis em território brasileiro, e mais 2 milhões no exterior” (Nascimento, 2019, p.259).

“Até o fechamento deste livro [O Bispo/2007], eram 4.748 templos e 9.660 pastores apenas no Brasil. A igreja já tinha se instalado em 172 países de quatro continentes. No momento em que este texto estiver sendo lido, esses dados certamente já estarão desatualizados” (Lemos & Tavolaro, 2007, p.195). A igreja evoluiu ao longo dessas décadas, onde a luta contra o demônio e a manifestação de sinais, prodígios e milagres foi redirecionada. Para o professor de sociologia da Universidade de São Paulo, Ricardo Mariano, a Universal esforçou-se para "desconstruir a imagem caricata do cristão associada à pessoa fanática, imersa em dogmas e preconceitos [e] se reinventado como organização cristã focada na autoajuda e no empreendedorismo” (Balloussier, 2017).

Se nos anos 1970 e 1980, a ala “progressista” do catolicismo politizava os trabalhadores a partir das discussões de suas reivindicações sociais, as igrejas evangélicas passavam a conquistar adeptos acenando com o sucesso calcado no êxito pessoal (Nascimento, 2019, p.261).

Com tamanha força e um reposicionamento estratégico, a igreja, segundo pesquisa¹⁴⁷ do Datafolha¹⁴⁸, é “a quinta instituição de maior prestígio para a população brasileira”, com 35% de citações (R7, a Igreja Universal está entre as cinco instituições de maior prestígio do País, diz Datafolha, 2015).

7.4 Subversão à matriz evangélica

A pluralidade religiosa no Brasil é algo que impressiona o mundo da teologia, da antropologia, da sociologia e de todas as demais ciências que pesquisam o comportamento humano a partir da Transcendência.

Segundo a ASSINTEC – Associação Inter-Religiosa de Educação, são quatro as principais matrizes que formam o arcabouço religioso no Brasil, a saber: indígena,

¹⁴⁷ A pesquisa foi realizada entre os dias 16 e 17 deste mês de março, com entrevistados que participaram das manifestações do último domingo na avenida Paulista. Para chegar ao resultado, o Datafolha questionou se as instituições têm muito, pouco ou nenhum poder ou capacidade de influência no Brasil (R7, Universal completa 43 anos com 10 milhões de fiéis pelo mundo, 2020).

¹⁴⁸ O Datafolha foi criado em 1983, ainda como departamento de pesquisas e informática do Grupo Folha da Manhã, com o objetivo de oferecer conteúdo e servir como ferramenta de planejamento para o jornal Folha de S. Paulo e outros veículos e serviços da empresa (Datafolha, S.d.).

ocidental, africana e oriental, “do ponto de vista geográfico a matriz indígena é ocidental, e o Cristianismo tem sua gênese no oriente médio. As religiões africanas estão em parte no ocidente e parte no oriente, embora a África comumente seja dividida por meio da rotura subsaariana (abaixo e acima do Saara)” (Educação, 2016, p.2).

O cristianismo, foco desta pesquisa, aportou em terras brasileiras a partir da chegada dos portugueses. Segundo a carta¹⁴⁹ do escrivão, da armada do português Pedro Álvares Cabral (1467-1520), o fidalgo Pero Vaz de Caminha (1450-1500), endereçada a D. Manoel I (1469-1521), então rei de Portugal, em 1º de maio de 1500, aborda, entre outros assuntos, o Evangelho e a sua relação com os nativos, onde num domingo de Páscoa, 26 de abril, “pregou uma solene e proveitosa pregação da história do Evangelho” (Caminha, 1500, p.9).

A presença dos portugueses, inicialmente Terra de Vera Cruz, não se limitou apenas a explorar a terra, mas na evangelização dos nativos, na Sexta-Feita da Paixão¹⁵⁰, 1º de maio, uma segunda missa foi realizada:

“Ali disse missa o padre frei Anrique, a qual foi cantada e oficiada por esses já ditos. Ali estiveram connosco a ela obra de cinquenta ou sessenta deles, assentados todos em joelhos, assim como nós. E, quando veio ao Evangelho, que nos erguemos todos em pé, com as mãos levantadas, eles se levantaram conosco e alçaram as mãos, estando assim até ser acabado. E então tornaram-se a assentar como nós. E, quando levantaram a Deus, que nos pusemos em joelhos, eles se puseram todos assim como nós estávamos, com as mãos levantadas e em tal maneira assossegados, que certifico a Vossa Alteza que nos fez muita devoção” (Caminha, 1500, p.22).

“Assim, Senhor, que a inocência desta gente é tal, que a d'Adão não seria mais quant'a em vergonha. Ora veja Vossa Alteza quem em tal inocência vive, ensinando-lhes o que para sua salvação pertence, se se converterão ou não” (Caminha, 1500, p.23).

A influência cristã em terras brasileiras deu-se pela igreja Católica Apostólica Romana, no entanto, esta sofreu fortes influências dos indígenas e dos africanos, comprados como escravos no litoral de África e transportados em navios para o Brasil.

¹⁴⁹ Disponível em <<https://antt.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/17/2010/11/Carta-de-Pero-Vaz-de-Caminha-transcricao.pdf>>. Acesso em 16 de abr. de 2023.

¹⁵⁰ Sexta-feira da Paixão ou Sexta-feira Santa é um feriado religioso comemorado pelos cristãos, simbolizando o dia da morte de Jesus Cristo, e faz parte das festividades da Páscoa, que simboliza a ressurreição do Messias (Significados, S.d.).

“A história social da casa-grande é a história íntima de quase todo brasileiro: da sua vida doméstica, conjugai, sob o patriarcalismo escravocrata e polígamo; da sua vida de menino; do seu cristianismo reduzido à religião de família e influenciado pelas crendices da senzala” (Freyre, 2003, p.22).

A pluralidade é uma das explicações para esse ambiente desafiador para qualquer investigador. Essa matriz diversa e sincrética acabará por influenciar o movimento protestante que começa de forma insipiente nos primeiros anos da chegada europeia, com o francês Nicolas Durand de Villegagnon, em 1554, passando pelo neerlandês João Maurício de Nassau-Siegen, em 1637, ambos chamados de período do Evangelho de Invasão. Quatro séculos depois, com a chegada dos primeiros luteranos, em 1824, período chamado de Evangelho de Imigração, até aos primeiros missionários, a partir de 1859, com o presbiteriano Ashbell Green Simonton, período chamado Evangelho de Missão.

O protestantismo terá uma nova fase com a chegada dos primeiros representantes do movimento pentecostal, a partir de 1910 com Louis Francescon, igreja Cristã do Brasil, e em 1911 com Adolph Gunnar Vingren e Gustaf Daniel Högberg, ambos da igreja Assembleia de Deus. Estes foram influenciados pelo movimento Angelino, liderado pelo pastor afro-americano William Joseph Seymour, em 1905, filho de ex-escravos, e fundador da Igreja Metodista Episcopal Africana (Barbosa, 2012).

A presença da influência da cultura religiosa africana no movimento pentecostal fica evidente especialmente quando se observa a liturgia cúltica através das danças, palmas, devoção, emoção transbordando através de louvores e a maior de todas as características de um movimento pentecostal: a glossolalia¹⁵¹. “A musicalidade evangélica é um elemento crucial para essa transcendência espiritual, esse êxtase que transgride a religiosidade cristã racionalista, etnocentrista e branca” (Tostes, 2021).

A igreja Católica Apostólica Romana, a partir dos Estado Unidos da América, percebendo o crescimento do movimento pentecostal, não só incorporou a doutrina, como a apresentou aos brasileiros.

151

Fenômeno extático, também chamado dom das línguas, em que o indivíduo emite uma série desons ou palavras cujo sentido os ouvintes não podem compreender sem o concurso de outro indivíduo que possua o dom da interpretação.

Um outro tipo de experiência religiosa e de expressão, em que o laicato (como nas CEBs, mas agora especialmente originário das classes médias e mais dirigido às estas, ainda que o movimento incluía também estratos médios baixos e proletários) ocupa lugar de destaque, que se ocupa detidamente do exercício da cura religiosa por meio da reincorporação de práticas havia tempo abandonadas pela igreja modernizada, e que dá muita importância ao êxtase místico como experiência religiosa individual. Trata-se do Movimento de Renovação Carismática, pelo menos, à primeira vista, de inspiração fortemente pentecostal. (Pierucci & Prandi, 1996, p.33).

Entretanto, não foram apenas as religiões africanas que “emprestaram” elementos litúrgicos às igrejas pentecostais, assim como algumas comunidades católicas, têm feito uso de símbolos judaicos, o que “no passado foi razão de tribunais inquisitoriais e perseguições” (Maynard, 2015, p.6). Como elementos em destaque podemos citar a estrela de Davi, seja pela bandeira de Israel ou ornamento na igreja, a *menorá*, o *shofar*, o *talit*, réplica da Arca da Aliança e textos em hebraico, assim como a arquitetura judaica também tem ocupado destaque, seja pela edificação, seja por frases escritas na entrada dos templos (Topel, 2011, p.36).

No Brasil, os pilares dessa religiosidade, perpassam por credos e igrejas, assim, “a expressão mais concreta dessa religiosidade mínima brasileira é o seu credo mínimo: ‘Deus e fé’ ou ‘Creio em Deus’” (Bittencourt, 2003, p.53). Esse niilismo brasileiro fez surgir “uma posição de tolerância e pluralidade, devido às pressões sociais sofridas por uma população de imigrantes vindos de várias nações protestantes” (Maynard, 2015, p.4).

Essa pressão acabou por relativizar a principal personagem do cristianismo, o próprio Cristo. Em entrevista ao jornalista e pastor, Sezar Cavalcante, no programa Conversa entre Amigos, na rádio Musical FM, de São Paulo, o arqueólogo Rodrigo Pereira da Silva chama a atenção para a teologia Humanista em que coloca Jesus como um político revolucionário, para ele o grande problema da humanização de Jesus não está nas universidades, mas na igreja.

“Se eu disser, hoje, na USP na UNICAMP, ou na faculdade de sociologia, Jesus morreu pelos meus pecados e pelos seus pecados, Eu sou vaiado. Mas se eu disser, Jesus morreu como mártir, porque ele se levantou contra os poderes da opressão, [aí todo mundo vai bater palmas] E muitos estão incorporando isso, como sendo o meio de falar de Jesus para o secularizado, só que aí está o perigo. Eu estou [O] esvaziando” (Cavalcante, 2023, 1:13:18).

O que diz Rodrigo está pautado na passagem bíblica no Evangelho, (Bíblia, 1993, Marcos 8.27-28)” Ninguém falou que Jesus, era um bandido, um mentiroso, todos os predicados eram bons. Então Jesus pergunta: “e vós, que dizeis que eu sou?”” (Bíblia, 1993, Mc. 8.29). Então arremata Rodrigo “noutras palavras, eles estão falando que eu sou essas coisas, porque vocês não estão falando quem eu sou de verdade” (Cavalcante, 2023, 1:13:50).

A imagem sincrética de Jesus é apenas um dos diversos exemplos que podem ser dados para simbolizar esse novo momento da igreja cristã.

O sincretismo presente nas igrejas cristãs protestantes acaba por ser sublimado, quando no afã, as igrejas tentam suplantam elementos do sincretismo católico, as igrejas pentecostais, em particular, acabaram por criar o seu próprio sincretismo, “o que se observa são religiões criadas à imagem e semelhança do ator religioso, e não produtos de uma estrutura institucional externa, capaz de impor uma visão religiosa considerada a verdade absoluta” (Topel, 2011, p.36).

Essa apropriação cultural não goza da simpatia de boa parte dos fiéis das religiões de origem africana, um movimento de dessincretização vem sendo gestado desde meados da década de 1980 por organizações que compõem essas religiões, o argumento utilizado é que “a religião dos orixás prescindia do catolicismo para sobreviver; deveriam-se desvincular os orixás dos santos católicos; afirmava-se que o candomblé era anterior à época da escravidão, sendo constituído, pois, a partir do repertório trazido pelos africanos de sua terra natal” (Melo, 2008, p.164).

Não se pode simplificar o sincretismo, como a mistura deliberada de elementos de determinadas crenças (Oliveira, 2014, p. 68, apud Burke, 2003, p.47), no entanto, no seguimento pentecostal, é uma estratégia exitosa de aproximação e mediação cultural.

Uma das denominações cristãs que mais critica as religiões de origem africana é a Igreja Universal do Reino de Deus, onde o *best-seller* com maior tiragem, com mais de 3 milhões de exemplares, é justamente um livro que fala da liturgia africana. O livro “Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demónios?”, do bispo Edir Macedo, desde a sua primeira publicação em 1997 tem causado grandes polémicas.

Enquanto no catolicismo o sincretismo baseia-se entre entidades africanas e santos católicos como, por exemplo, Iansã com Santa Barbara ou Ogum com São Jorge, “no neopentecostalismo isso se dá de maneira absolutamente diferente” (Oliveira, 2014, p.71).

“Às avessas porque a síntese elaborada buscou no polo negativo da religiosidade cristã – o diabo – o elemento equivalente às entidades. E é graças a essa síntese invertida que a Igreja Universal pode ainda manter um discurso proselitista e a exigência de exclusividade, características tipicamente evangélicas” (Oliveira, 2014, p.71, apud Silva, 2007, p.123).

Se os representantes de matriz africana não aceitam tal sincretismo, o mesmo não acontece com representantes da matriz judaica, o Templo de Salomão, construído com alguns materiais vindos diretamente de Israel coloca a IURD num novo momento sincrético e sela a aproximação com a nação de Israel.

Antes a Universal já tinha “acenado” ao país judeu, em meados da década de 1990 o bispo Marcelo Bezerra Crivella, destinou parte dos seus rendimentos provenientes de vendas de sua discografia para a criação da Fazenda Nova Canaã, localizada na cidade de Irecê, interior da Bahia. “O projeto estava baseado no modelo dos Kibutz israelenses, transladando para o Brasil, [estando] ativo há mais de duas décadas, o projeto atende crianças e adolescentes em idade escolar”, outra foi “a inauguração do Centro Cultural Jerusalém, [...] em 2008. Uma maquete com 730 metros quadrados [hoje exposto no Templo de Salomão]” (Toniol, 2019).

No dia da Inauguração do Templo, o bispo Edir Bezerra Macedo, “sustentava uma longa e farta barba grisalha, solidéu na cabeça e corpo envolto em um belo e comprido xale branco com faixas azuis e tranças nas pontas” (Crítica, 2014).

A solenidade de inauguração contou com a presença do presidente da Confederação Israelita do Brasil, Claudio Luiz Lottenberg que afirmou: “o templo é um marco porque vai além da questão religiosa” (R7, 2014). Já o Cônsul Geral de Israel, Rafael Erdreich, em visita ao Templo disse que “conhecer o templo foi como visitar sua cidade-natal, Jerusalém, e Israel, lar de todos os povos!” (Paulo, 2022).

Símbolo da inauguração da Terceira Onda do pentecostalismo brasileiro (Freston, 1993), ou do neopentecostalismo (Mariano, 2020), a Universal também inaugurou o que se pode chamar a Quarta Onda, ou o pós-protestantismo, com o seu sincrestimo por vezes avesso.

O pentecostalismo brasileiro e as suas mudanças ao longo das últimas décadas é peculiar e circunstancial, o êxodo rural pode ser considerado um desses casos, onde pessoas simples diante do desafio de morar num grande centro, acabou por encontrar refúgio e conforto num templo religioso; “[...] a vida religiosa é tão entrelaçada com as

circunstâncias sociais que a formulação da teologia é necessariamente condicionada por elas” (Oliveira, 2014, p.85, apud Niebuhr, 1992, p.18).

Para responder a essa camada social a Igreja Universal do Reino de Deus, por vezes assume posições contrárias a dogmas caros para o cristianismo.

Com essa matriz teológica surgida de diversas fontes, a Igreja Universal não demonstra interesse na defesa de valores fundamentais, norteadores de um estilo próprio de viver crente. Quer ser uma religião flexível e de adesão ao mundo, não interessando a contestação e a orientação ou a imposição de comportamentos morais, mas estar em sintonia com a complexidade social do ambiente urbano, formador de 95% da massa iurdiana (Ferrari, 2012, p.250).

O aborto é um dos exemplos, onde a posição da igreja Católica Apostolo Romana, segundo o Papa Francisco é “clara, comparando-o a um ‘homicídio’, e rejeita qualquer aproveitamento político nesta matéria” (Ecclesia, 2021), assim como as denominações evangélicas, a posição não se altera. Entretanto, o bispo Macedo não só o defende como incentiva, no livro O Bispo, (Lemos & Tavolaro, 2007, p.179) argumenta: “o Brasil deveria se unir pelo direito da mulher de optar pelo aborto. Nossos governantes deveriam se empenhar para isso e não se curvar diante da pressão de alguns segmentos religiosos” e acredita que parte da violência poderia ser contida: “certamente, grande parte de nossas mazelas sociais diminuiria. Pense comigo: é melhor a mulher não ter filho ou ter e jogar o bebê na lata do lixo?”.

Quanto a questões da sexualidade o bispo garante que “os homossexuais são bem-vindos à Universal” (Nascimento, 2019, p.263), entanto, “sou contrário à relação homossexual e não aos homossexuais. Respeito o ser humano. Eu prego a palavra de Deus, mas é cada um que decide o caminho a seguir” (Lemos & Tavolaro, 2007, p.179).

No que se refere ao tabaco: “fumei algumas vezes na vida, mas nunca de forma séria. Era para tirar onda quando jovem [...] Eu sou radicalmente contra o cigarro”, mesma posição em relação as drogas, nesse assunto Macedo marcha com os pares:

“Não sou favorável à descriminalização. Essa mudança da lei não funcionou em alguns países da Europa, como a Holanda, por exemplo. A droga legalizada não diminuiu os índices de criminalidade e o consumo de entorpecentes. Não tem jeito. A única solução é o Evangelho. É o único caminho para salvar a sociedade das drogas” (Lemos & Tavolaro, 2007, p.180).

Quanto à roupa, ainda que para grande parte das igrejas pentecostais as mulheres não devam usar calças cumpridas nem adornos como brincos, colares e batom, a Universal surge no outro pólo. O Bispo entende que a mulher tem o seu papel na sociedade, porém, “quando a mulher manda no marido, o pastor não cresce. Ela domina e não dá certo. No meu caso, quem manda dentro de casa é a Ester. Na igreja, sou eu. Um não pode ultrapassar o limite do outro (Lemos & Tavolaro, 2007, p.182).

Para Macedo tudo é permitido, para um casal legalmente constituído, dentro de quatro paredes, a exceção é o sexo anal, “somos contrários”. Quanto a ter filhos, mais uma polémica, quando diz: “se eu casasse hoje, jamais teria filhos. Inclusive aconselho os membros e os pastores a não terem filhos” (Lemos & Tavolaro, 2007, p.185).

A igreja é totalmente contra o divórcio, a não ser em caso de infidelidade, entretanto, mais uma vez abre uma divergência com a igreja Católica de forma contundente quanto ao uso de contraceptivos, enquanto a igreja Romana no seu catecismo deixa clara a sua posição contra o método contraceptivos¹⁵², Macedo diz que é “a favor da camisinha, da vasectomia, da laqueadura, das pílulas e de todos os métodos existentes, ou que ainda vão existir, para o controle de natalidade” (Lemos & Tavolaro, 2007, p.180).

Mas, existe afinal uma teologia iurdiana? “Diferente de outras igrejas como a Católica, por exemplo, [a IURD] não oferece ensinamentos doutrinários. Ela oferece a realização dos desejos terrenos por meio de Deus, exibindo de todas as maneiras, testemunhos, milagres, bênçãos e curas. A utilização dos canais de TV e rádio para tais fins funcionam perfeitamente como meio de atração” (Gallo, 2010, p.24).

Se sim, é uma teologia líquida, (Bauman, 2001), e com certeza um dos dogmas é o dízimo, que para Macedo ele “não tem apenas um valor simbólico; ele representa realmente o próprio Primogénito, Jesus Cristo, o Filho do Altíssimo, que O deu à humanidade, a fim de redimi-la para Si” (Macedo, 2004, p.29).

Como visto em textos anteriores a Universal desistiu de uma faculdade de teologia “Chegando à conclusão de que mantê-la seria perda de tempo. Dedicando-se aos estudos, os trezentos alunos matriculados [à época] ‘perderiam o fervor’ e se afastariam das necessidades imediatas dos fiéis. [...] a reflexão e os debates em torno de temas

¹⁵² É intrinsecamente imoral toda a acção – como, por exemplo, a esterilização directa ou a contracepção – que, na previsão do acto conjugal ou na sua realização ou no desenvolvimento das suas consequências naturais, se proponha, como objectivo ou como meio, impedir a procriação (CATÓLICA, 2005, p.96)

como literatura e crítica bíblica poderiam se voltar contra a própria igreja” (Nascimento, 2019, p.56).

A dedicação ao aprofundamento teológico não é uma praxe das igrejas pentecostais desde os seus primórdios, “boa parte do movimento não se preocupa com a interpretação científica do texto bíblico e com as ferramentas necessárias à hermenêutica. Ao longo das décadas, o pentecostalismo brasileiro até mostrou certa ojeriza pela educação” (Oliveira, 2014, p.85, apud Romeiro, 2005, p.117).

Assim como a maioria das igrejas pentecostais, a IURD optou pela tradição do leigo, tempos depois o Bispo explicou que à igreja interessava um “pastor com boa conversa, que saiba argumentar, convencer as pessoas, comandar uma boa sessão de milagres e exorcismo e fazer a coleta” (Nascimento, 2019, p.57). Os pastores e bispos iurdianos recebem treinos, portanto, não uma formação teológica, conforme a tradição protestante. “A IURD utiliza as Sagradas Escrituras de modo funcionalista e utilitário” (Ferrari, 2012, p.280).

A Igreja “ignorou a centralidade bíblica da tradição protestante” (Ferrari, 2012, p.13), subverteu as raízes do pentecostalismo, distanciou-se do protestantismo, rompeu com evangelismos e incorporou de acordo com a conveniência do momento um grande número de elementos da religiosidade e da cultura popular de acordo com o país em que está inserida.

A estética da IURD está baseada na espetacularização, na mística novaerista¹⁵³ e, por vezes, em liturgias primitivas contradizendo a doutrina e cultura do protestantismo europeu assim como subvertendo o pentecostalismo americano. A ética é relativizada, assim como os valores e comportamentos (Ferrari, 2012).

Essa subversão do cristianismo coloca Deus numa ambiguidade religiosa e inaugura uma nova era de salvação, onde o que antes era “não há verdade fora daquela que toma corpo na vida” (Bourgine, 2012, p.151), para a verdade que está de acordo com a

¹⁵³ Pesquisadores e estudiosos dos movimentos *New Age* (Nova Era) são unânimes quando se trata da dificuldade de delimitar e definir esse fenômeno de forma objetiva, pragmática e temporal. Isso porque a espiritualidade da Nova Era ou a chamada *New Age* não se enquadra facilmente em “caixas” previamente definidas, justamente por terem surgido como uma busca por sentido fora dessas “caixas” e rótulos religiosos, culturais e sociais onde a maioria das religiões teve seu lugar e fronteiras minimamente demarcadas ao longo da história. A *New Age* é considerada um movimento, com múltiplas nuances, dentro do campo da espiritualidade e desvinculado do conceito de religião. Nesse sentido, surge em contraste com as religiões e doutrinas tradicionais ao mesmo tempo que também absorve e é influenciada por crenças, práticas e elementos de algumas dessas religiões, especialmente as orientais (Leal, 2019, p.23).

audiência do auditório, fundamentado numa pregação emocional centrada na cura e na realização pessoal.

7.5 IURD, a sua integração na sociedade

Um plenário cheio, deputados de várias agremiações, autoridades, empresários, jornalistas e uma infinidade de simpatizantes e fiéis, assim foi a solenidade em homenagem aos 45 anos da Igreja Universal do Reino de Deus, realizada pela Câmara dos Deputados do Brasil a onze de julho de 2022.

O requerimento foi da deputada Rosângela de Souza Gomes, do partido Republicanos, membro da bancada evangélica que soma 181 deputados, até essa data, além de oito senadores (Teles, 2022), dos mais variados partidos. Os dois vice-presidentes são dessa bancada (Deputados, 2023), Sostenes Silva Cavalcante, partido Liberal, 2º vice-presidente e Marco Antônio Pereira, 1º vice-presidente, bispo da Universal e presidente do partido Republicanos, é um dos quatorze deputados federais pertencentes à IURD (Fonseca, 2023). As homenagens repetiram-se em vários pontos do país, a exemplo de assembleias legislativas e câmara de vereadores.

Mas nem sempre foi assim, a igreja e os seus fiéis durante anos viveram na marginalidade evangélica, muitos tinham receio em se identificar como membros da agremiação.

Foram diversos escândalos, tanto no Brasil como fora, com grandes repercussões nos média nacionais.

Trabalhadores com sacos de dinheiro, de ofertas, recolhidos em grandes concentrações em estádios de futebol, denúncias de ex-líderes com vídeos e publicações de livros, ex-frequentes que fizeram grandes doações e depois se arrependeram, prisão do líder maior, o bispo Edir Bezerra Macedo, a compra da Rede Record, acusações de vantagens política, lavagem de dinheiro, rebeliões de líderes em Angola (Nascimento, 2020), acusação de tráfico de crianças em Portugal (RFI, 2017), acusação de satanismo na Zambia (Tajra, 2019), entre outros.

Se não foi o maior, está entre os maiores escândalos da igreja o chamado “Pontapé na Santa”, nesse episódio, o ex-bispo Sérgio Von Helder, no programa O Despertar da Fé, numa sexta-feira, 12 de outubro de 1995, apresentado na Rede Record de Televisão, pontapeou uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, padroeira dos brasileiros

católicos, para acusar a Igreja de lucrar com a adoração de santos. O assunto invadiu os noticiários e uma enxurrada de queixas inundou esquadras e fóruns de Justiça. A Igreja em várias partes do mundo viu os frequentadores diminuir radicalmente. Contratos publicitários com a emissora foram cancelados. Uma revolta acendeu-se em seguidores de diversas religiões contra fiéis da Universal. Seguiram-se ataques a templos com pedras, paus e até armas de fogo. Trabalhadores foram proibidos de circular com o uniforme da igreja. Membros acabaram expulsos de casa pelos próprios familiares. “Fomos tachados de radicais [...] Foi um erro. Um erro grave. E quem sofreu de verdade foi nosso povo” relembra Macedo (Lemos & Tavolaro, 2007, p.156-157).

Fundada no Rio de Janeiro a 9 de julho de 1977, e com um crescimento impressionante, a igreja durante anos não conseguiu fugir das manchetes negativas das redações da imprensa.

Até que na década de 1990 a igreja resolveu investir na Ação Social como forma de se aproximar de uma parte da sociedade que via os movimentos iurdianos à distância.

A primeira ação com repercussão deu-se no início da década de 1990, quando líderes da Universal assumiram a “Sociedade Pestalozzi¹⁵⁴ de São Paulo. Fundada em 1952, é uma Instituição sem fins lucrativos, que atende pessoas com Deficiência Intelectual e Autismo Transtorno do Espectro Autista – TEA” (Social, S.d.). A instituição estava cheia de dívidas e “ameaçada de fechar as portas” (Nascimento, O reino: A história de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal, 2019, p.156), em 2010 a direção alterou o nome para Associação Brasileira de Assistência e Desenvolvimento Social – ABADS.

No entanto, foi a Associação Beneficente Cristã (ABC) o maior esforço da Universal no campo social, para Mariano, (Mariano, 2020), a organização ganhou volume quando participou da campanha Ação da Cidadania Contra a Fome, a Miséria e

¹⁵⁴ Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827) foi um grande educador suíço que dedicou sua vida a crianças carentes e à valorização do ser humano. Considerado por muitos o maior filósofo da humanidade, inovou a pedagogia da sua época influenciando a educação especial, escreveu obras literárias, políticas, filosóficas e pedagógicas, sendo algumas consideradas precursoras da sociologia; a maioria delas, entretanto, foi dedicada à educação. Pai da escola popular inspirou muitos estabelecimentos de ensino em todo o mundo. Influenciado pela obra de Pestalozzi, Thiago M. Wurt, natural da Alemanha, veio ao Brasil em 1918 e fundou a primeira escola no País, o Instituto Pestalozzi, em Canoas, Rio Grande do Sul. Também sob a mesma influência, Helena Antipoff, que veio ao Brasil em 1929, para integrar a recém-fundada Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico de Belo Horizonte, fundou em 1932, a Associação Pestalozzi de Belo Horizonte. A partir daí educadores encantados com a filosofia Pestalozziana, fundam em todo o País Associações Pestalozzi que agregam por norma estatutária o nome do município onde são criadas (Goiana, S.d.).

pela Vida¹⁵⁵, na época foram distribuídos agasalhos e mantimentos em comunidades carentes e para vítimas de desastres da natureza, no entanto, algumas críticas surgiram com a iniciativa.

Associação Beneficente Cristã, além de criada para concorrer com projetos religiosos e de movimentos paraeclesiais, também visava combater as críticas que a IURD vinha sofrendo por parte da imprensa e da mídia, além de fazer frente às iniciativas da VINDE¹⁵⁶, presidida pelo pastor Caio Fábio, com quem o bispo Macedo (principal líder da IURD) mantinha grandes e antigas desavenças (Rosas, 2012, p.30, apud Mariano, 2005).

As ações da ABC não se resumiram apenas ao estado de São Paulo, mas a quase todo o Brasil. Foram ações de alfabetização, visitas a orfanatos e a prisões, além do apoio à Associação Pestalozzi.

Outros investigadores observaram a estratégia da igreja, como foi o caso da doutora em sociologia, Nina Gabriela Moreira Braga Rosas de Castro, investigadora na área de sociologia da religião:

“[Além da associação a igreja possui] uma revista própria, era promovida pela mídia da igreja (o jornal Folha Universal e a Rede Record) a fim de apagar as críticas sofridas e ser um ícone para a publicização da IURD. [...] a ABC atuava, além das frentes mencionadas, no auxílio aos dependentes de drogas, na manutenção de postos de saúde, e com orientação familiar” (Rosas, 2012, p.30, apud Giumbelli, 2002).

A divulgação das ações para a organização era tão importante quanto os seus efetivos resultados, “o cuidado sistemático da liderança desta denominação na divulgação de suas obras sociais é uma decorrência da necessidade de criar um mecanismo de legitimação para o grupo, mas que certamente tem a ver também com a conjuntura sócio-política do país” (Oro, Corten, & Dozon, 2003, p.304).

¹⁵⁵ Fundada pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, a Ação da Cidadania nasceu em 1993, formando uma imensa rede de mobilização de alcance nacional para ajudar 32 milhões de brasileiros que, segundo dados do Ipea, estavam abaixo da linha da pobreza. Criada no auge do Movimento pela Ética na Política, a Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida se transformou no movimento social mais reconhecido do Brasil. Seu principal eixo de atuação é uma extensa rede de mobilização formada por comitês locais da sociedade civil organizada, em sua maioria compostos por lideranças comunitárias, mas com participação de todos os setores sociais.

¹⁵⁶ A VINDE (*Visão Nacional de Evangelização*) foi criada em 1978, mas só veio a ser reconhecida como instituição filantrópica em 1984. Foi a responsável pela criação da *Casa da Paz*, em Vigário Geral, e pela *Fábrica da Esperança* na Favela Acari, para citar apenas duas de suas ações (Rosas, 2012, p. 47).

Apesar das críticas, o trabalho da ABC continuou e atravessou as fronteiras do Brasil, “A Igreja Universal é uma leitora atenta às contingências de cada região, adaptando discurso e prática com facilidade, de modo a atrair e/ou vincular fiéis” (Castro, 2012, p.24). No seu artigo cita exemplos da presença da ABC em alguns países como a Namíbia, onde os trabalhos educativos e os cuidados pessoais são acompanhados com distribuição de roupas e aulas de corte e costura, já na África do Sul o foco continua a ser nas mulheres que se empenham em visitas a hospitais e realização de palestras e cursos. Em Angola distribui alimentos, socorre vítimas de desastres naturais e catástrofes, existe um programa de alfabetização, além de cursos profissionalizantes como corte e costura, informática, cabeleireiro, pastelaria, panificação e decoração. Em Moçambique investiu em visitas a hospitais, distribuição de alimentos e agasalhos e assistência aos presidiários. Em Portugal tem o Lar de Idosos Universal, desde 2002, na Azambuja (Portugal, S.d.). No Japão, ajudou os seus membros após o sismo e tsunami de Tohoku em 2011, além do Grupo Calebe, que oferece apoio, orientações e palestras para pessoas com mais de sessenta anos (Jopão, S.d.). Na Ucrânia a igreja marca presença desde 2006 e atualmente tem 17 pastores no país. Neste período de guerra já angariou mais de 205 toneladas de donativos, entre alimentos, roupas e produtos de higiene. Além do templo em Lviv¹⁵⁷ que tem recebido um grande número de refugiados, há mais sete templos da IURD no país que apoiam os ucranianos (G1, 2022, apud BBC).

A liderança da igreja percebeu que os trabalhos a nível regional traziam repostas mais rápidas e em 2008 começou o processo de substituição da ABC por outra organização, a ‘A Gente da Comunidade’, organização que já existia “desde 2005 em cidades por todo o território brasileiro, promovendo eventos e ações sociais, estimulando a cidadania e promovendo a melhoria das condições sociais da população carente” (Universal, 2019).

Parceira do Instituto Ressoar¹⁵⁸, o ‘A Gente da Comunidade’ é “uma espécie de ‘departamento social da IURD’, substituindo algumas ações da ABC, que funciona ainda em alguns países, e organizando cursos como o de espanhol, inglês, libras,

¹⁵⁷ Lviv, fica no oeste da Ucrânia, tem cerca de 800.000 habitantes, mas muitos mais estão procurando refúgio. (Páscoa, 2022).

¹⁵⁸ O Instituto Ressoar foi criado em 2005 pela Record TV, para ampliar o universo da Responsabilidade Social, e assim, promover mudanças significativas na sociedade. Desde então, vem atuando nas mais variadas áreas de interesse público – cultura, educação, cidadania, profissionalização, meio ambiente, entre outros – realizando projetos próprios e apoiando iniciativas de grande impacto social (Ressoar, S.d.).

informática, cabelereiro e marketing; além de ‘intermediar relações burocráticas’ (Castro, 2012, p.33, apud Scheliga, 2010, p.137).

Outro forte investimento na área social foi o ‘Projeto Nordeste’, o bispo Macedo sensibilizou-se com uma reportagem apresentada na TV Record que mostrava famílias nordestinas, migrantes na região setentrional da Chapada Diamantina, na Bahia, com a intenção de plantar feijão e que tinham perdido tudo, estavam numa situação de miséria em função da seca. Então definiu: “a primeira providência era arranjar uma pessoa que pudesse abraçar a nossa visão, procurasse um lugar e, dentro do possível, desenvolvesse o projeto. Então, nós chamamos o Marcelo Crivella, que estava na África. Ele abraçou e tocou o projeto” (Onara, S.d.).

O bispo Crivella dedicou-se totalmente ao projeto, cedendo grandes valores de direitos de autor para o projeto, “atualmente, o projeto está sob os cuidados do Instituto Ressoar [e] atende quase 2 mil famílias e 600 crianças e adolescentes da Educação Infantil até o Ensino Médio, em tempo integral, com quatro refeições diárias, transporte escolar, material didático e acompanhamento médico e odontológico” (Onara, S.d.).

A ideia do Projeto Nordeste, desdobrou-se em outros projetos e não ficou apenas no interior da Bahia, hoje, havendo necessidade, está em várias partes do país, a exemplo, o S.O.S Santa Catarina, de 2008, o S.O.S Piauí, de 2009 e o S.O.S Região Serrana, de 2011. Estes casos consistiram principalmente na angariação e distribuição de alimentos, água, roupas e materiais de limpeza.

Outros projetos de inserção social têm apresentado a Universal à sociedade como uma organização sensível às causas humanitárias, como a Universal nos Presídios. Já são três décadas de trabalho de evangelismo nas unidades prisionais em diversas partes do Brasil e do mundo, são mais de 14 mil voluntários que atuam em unidades prisionais masculinas e femininas com o mesmo objetivo: “levar Vida, por meio da Palavra de Deus, aos encarcerados, apoio espiritual e social, além de auxílio direto aos familiares deles” (Universal R. I., S.d.).

Para se ter uma ideia da presença e importância social da igreja nessas unidades prisionais, “O governo estadual autorizou a Igreja Universal do Reino de Deus a construir templos em todas as 43 unidades prisionais do Estado do Rio [de Janeiro]” (Extra, 2017), mas não é apenas no estado do Rio de Janeiro que a IURD está a construir um templo, São Paulo, Pará, Sergipe e Ceará também já inauguraram seus templos (Soares, 2017).

“O resgate acontece ali, no último degrau da exclusão social, no momento de maior agonia, quando a mulher, os filhos e os amigos rejeitam o detento. Não resta ninguém para ele a não ser Jesus. E então, o feito extraordinário de uma nova vida acontece [...] São novos homens, mulheres e jovens, desoprimidos da criminalidade, reintegrados ao convívio social pela força da fé cristã.” (Macedo, 2012, p.31-32).

A igreja procura visibilidade nas suas ações, também através da publicação da revista Unisocial, que “é a revista que lhe dará a conhecer o trabalho dos grupos que refletem as principais áreas de atuação do braço social da IURD e os seus resultados concretos, através do número de pessoas alcançadas e apoiadas e dos casos de transformação completa de vida” (Unisocial, S.d.).

São vários os projetos em desenvolvimento, todos em simultâneo, são os casos dos Guardiões da Estrada que “atua nas principais rodovias, terminais de cargas e postos de combustíveis, visando alcançar os caminhoneiros que estacionam para abastecer ou passar a noite no local” (Lindo, 2023). O EVG Night, que incide nas prostitutas e travestis, o Grupo Saúde, para familiares de pacientes de hospitais públicos, o Universal nas Forças Policiais, que atende profissionais da Polícia Militar, Civil, Federal, Rodoviária, Corpo de Bombeiros, guardas prisionais e Forças Armadas, além do Grupo Saúde. São mais de 250 mil voluntários apenas no Brasil (Mattos, 2019, p. A12).

O que se percebe por vezes é que:

“A ação social da IURD vem se organizando a partir de rubricas de sucesso, isto é, nomenclaturas de projetos já realizados que agregam alto capital simbólico, quer pela obtenção de sucesso por parte do programa, pela importância que essas rubricas alcançaram na comunidade religiosa e leiga ao longo do tempo, ou ainda, em função da ampla divulgação midiática” (Castro, 2012, p.37).

Tanto empenho e visibilidade acabou por resultar numa pesquisa realizada pelo Datafolha entre os dias 16 e 17 de março de 2015, durante uma manifestação contra a presidente Dilma Rousseff, na avenida Paulista, São Paulo, constatou que “35% das citações no levantamento, a Universal aparece com mais prestígio do que o Poder Judiciário, a Presidência da República e os ministérios, os sindicatos de trabalhadores, o Congresso Nacional e os partidos políticos” a igreja ficou em quinto lugar atrás “da imprensa (65%) e as redes sociais (63%) figuram no topo da lista, empatadas dentro da margem de erro de dois pontos percentuais. A Igreja Católica e as Forças Armadas ocupam, respectivamente, a terceira e a quarta posição do ranking.” (R7, 2015).

Presente em mais de uma centena de países, a IURD tem procurado espaços com boa localização, amplo estacionamento e auditórios confortáveis, além de ocupar parte da programação de emissoras de rádio e televisão nas regiões em que está presente. Todo este investimento é fruto das doações e dízimos entregues por fiéis, que também fomentam as ações sociais da igreja.

“Fora do Brasil, a Universal conta com um ou mais pastores que ficam responsáveis pelo evangelismo e pelas iniciativas de implantação do templo local. Na maior parte das vezes, os líderes missionários se mudam com suas esposas e filhos e encabeçam todas as diversas atividades propostas. Por isso, é comum que as obras sociais desenvolvidas sejam organizadas pelas mulheres dos bispos e pastores, que também ocupam posições estratégicas na liderança” (Rosas, 2016, p.19).

A igreja tem uma filosofia ‘templocentrista’, todas as ações se canalizam para o templo, “por mais que a IURD saiba utilizar os meios de comunicação, o ponto central da estratégia ainda permanece nos cultos nos templos” (Refkalefsky, 2005, p.14). Sem dúvida “A forma material mais visível de controlo do espaço pelos grupos religiosos é o templo” (Leite, 2019, p.84, apud Braga, 2013. p.156).

A igreja não procura uma relação institucionalizada com seus os fiéis, mas isso não significa que o seu público flutuante esteja fora da normalidade numa situação análoga, no entanto, essa liberdade para que cada indivíduo componha a sua própria religiosidade é uma dos grandes apelos iurdianos.

A igreja procurou sempre um espaço nos média, esteve presente nas ruas e ocupou territórios através dos seus templos, e é nesse último ponto que está uma marca indelével da igreja “por meio da imponência de suas edificações mostra que não é uma igreja transitória, por isso, a construção das catedrais, iniciada em meados da década de 1990, constitui um ‘divisor de águas em sua história’” (Leite, 2019, p.85, apud Leite, 2016. p.55).

A maior marca de reposicionamento iurdiano é o Templo de Salomão, uma versão do templo homónimo, em Jerusalém, Israel, destruído nos anos 70, essa construção na cidade de São Paulo “representa uma marca na paisagem da cidade, que é também uma marca territorial, pela representação de poder que carrega” (Leite, 2019, p.82).

A estratégia foi não apenas ter uma sede mundial, mas também procurar a autoestima dos frequentadores das suas igrejas em todos os cantos do mundo, em

particular no Brasil. Uma nova ressignificação foi apresentada à sociedade, de uma igreja comprometida e determinada a permanecer independente do seu líder maior.

Nesse processo de construção de grandes templos, denominados pela IURD como catedrais, culminando com a edificação do Templo de Salomão, está a ideia de superação às perseguições dos mais diversos segmentos sociais.

A catedral é demonstração do poder de superação, com um estilo singular e permanente. Nos termos nativos, “mesmo perseguida a igreja cresce” [...] A sede mundial é a mais significativa expressão da ideia de crescimento na adversidade e principal suporte da materialização do “projeto de igreja” da IURD. Ela foi concebida e edificada para afirmar e exibir sua identidade institucional-religiosa, o que pode ser ilustrado pela consagração do terreno onde foi construída, na escolha do que deve ser lembrado ou não, no material selecionado para a construção, no estilo arquitetônico, na concepção paisagística, nos espaços de sociabilidade, enfim, nos mínimos detalhes (Gomes, 2004, p.17).

Entretanto nada foi tão eficiente para a inserção e aceitação da Igreja Universal do Reino de Deus na sociedade brasileira, do que a campanha publicitária “Eu sou a Universal” realizada entre os anos de 2013 e 2014 com vídeos testemunhais, cartazes e peças publicitárias veiculados na televisão, jornais, revistas, *outdoors* e *busdoors*.

Além de uma mensagem leve e direta, trazia personagens do dia-a-dia, pessoas de diferentes idades, etnias e classes sociais, com histórias pessoais de superação e sempre vinculadas a organização, todas terminavam o seu depoimento com o *slogan*: “Eu sou a Universal”.

A campanha foi um sucesso, o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística publicado no início da década de 2010, onde a igreja Católica Romana perdeu quase dez pontos percentuais de fiéis, enquanto os evangélicos permaneceram estáveis, com véis de crescimento. Já a IURD teve uma perda significativa (Campos, 2012). Esse abalo foi sentido pela liderança da igreja. “Fenômeno dos anos 90, a Igreja Universal do Reino de Deus perdeu quase 230 mil fiéis em dez anos, passando de 2,101 milhões para 1,873 milhões. Uma queda de mais de 10%” (Leal & Thomé, 2012).

Em entrevista à revista Instituto Humanitas Unisinos (IHU), da Universidade da Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, o escritor, doutor em filosofia, Leonildo Silveira Campos, diz que o surgimento das redes sociais tem afastado cada vez mais fiéis dos templos, limitando a “frequência aos cultos a alguns

dias por ano, aumentando a prática do lazer, ou até fazendo parte do que temos chamado de ‘paróquia virtual’” (Campos, 2012)

A campanha, entre outras razões, foi um esforço de não apenas resgatar o frequentador afastado, estancar a evasão, manter e reafirmar o compromisso e a satisfação do “fiel [que] se projeta na campanha também demonstrando orgulho de fazer parte da instituição” (Sousa & Oliveira, 2014, p236). Normalmente esse tipo de chamamento faz-se a partir das homilias ou em programas religiosos nos média, no entanto, a “forma pouco comum, [que] a Igreja Universal do Reino de Deus lançou a campanha publicitária ‘Eu sou a Universal’” (Franco, 2015, p.73) quebra mais uma vez os paradigmas religiosos no Brasil.

A campanha não apenas caiu no gosto popular, memes de todos os gostos, tipos e formas foram publicitados, críticas surgiram, mas ninguém podia negar, a imagem da igreja tinha mudado e contagiado o país.

Para se ter uma ideia dessa motivação, numa partida de futebol nos quartos-de-final do campeonato paulista de 2014, o pequeno Clube Atlético Penapolense, de Penápolis, uma cidade do interior paulista, com menos de cem mil habitantes, derrotou o poderoso São Paulo Futebol Clube, no seu estádio, o Morumbi, no desempate por penáltis. O último batedor, com hipóteses de conseguir a vitória, foi o médio Washington Santana da Silva, “nos pés dele estava a chance de ter a vantagem no placar, já que o goleiro do seu time havia defendido a batida anterior da equipe adversária” (Unido, 2014). Convertido o penalti, Washington ajoelha-se com as mãos erguidas para o céu e grita: “EU SOU UNIVERSAL”, o gesto não foi visto apenas pelos pouco mais de 16 mil presentes, mas por milhões de pessoas via satélite, a TV Globo, que transmitia o jogo, fechou o plano da câmara no herói do jogo e não imaginava o desfecho.

Apresenta-se agora uma nova perspectiva iurdiana, não do tipo ‘pare de sofrer’, pois o iurdiano não nasceu “para sofrer, mas nasceram para ser ‘Universais’. Isto é, não somente parar de sofrer, mas obter o sucesso ou a prosperidade no tempo presente” (Lopes, 2017, p.19), assim distancia a igreja da sobrevalorização dos aspectos económicos “estrito característico do início da propagação da Teologia da Prosperidade na IURD” (Lopes, 2017, p.19).

Diante de tamanha repercussão, pois o assunto foi motivo de estudos académicos e adágio entre populares, “Eu sou Universal” acabou por se tornar uma frase de efeito

positivo. A igreja lançou uma loja virtual¹⁵⁹ com produtos “Eu Sou Universal”, desde camisas, adesivos e *souvenir’s* de todos os tipos. Uma página na internet¹⁶⁰ foi colocada no ar para que as pessoas que têm interesse em participar na campanha pudessem inscrever-se.

Na sua trilogia autobiográfica (Macedo, Nada a Perder 3, 2014, p.21), o bispo Macedo reaviva a memória “há 37 anos, quando reuníamos meia dúzia de homens e mulheres no velho Coreto, no subúrbio do Rio de Janeiro, ninguém poderia acreditar nas fronteiras que seriam rompidas pelo crescimento avassalador desta obra evangelística. O que não existia passou a existir pela fé sincera demonstrada em nossos momentos particulares vividos com Deus”.

¹⁵⁹ <https://arcacenter.com.br/>

¹⁶⁰ <https://www.universal.org/eu-sou-a-universal/>

8 A INFLUÊNCIA

A Igreja Universal do Reino de Deus é uma divisora na história recente do cristianismo brasileiro e mundial. Nascida no Brasil, pode considerar-se uma das maiores multinacionais do país. A sua presença está em quase todos os países do mundo seja através do Grupo Record, seja pelos empreendimentos ou pelos megatemplos erguidos.

A sua história é construída sobre controvérsia e polémicas. Desde denúncias de desvio de recursos a lavagem de dinheiro, tráfico de pessoas, abuso de trabalhadores e muito mais. Mas uma coisa é inquestionável, não passa incólume em lado nenhum.

A pesquisa procura entender como são as escolhas dos líderes das igrejas, e do seu complexo empresarial, e como se avança na hierarquia desta complexa teia de empreendimentos. Como se dá a formação desses líderes e quais as suas referências?

Uma coisa é facilmente constatável, a Universal é uma igreja totalmente alinhada com as necessidades sociais de sua época e possui uma capacidade, e velocidade, de adaptação impressionante.

Essa característica, ou forma, “macediana de gerenciar uma organização hierocrática engloba formas modernas de gerenciamento, que podem ser aplicadas com sucesso em quaisquer outras organizações” (Campos, 2006, p.115).

Com uma estrutura com modelo empresarial, a igreja leva ao extremo o princípio da organização e excelência, onde os meios de comunicação são instrumentos para chamar as pessoas para o templo, aquilo que viria a ser chamado “religião de contacto” (Rocha, S.d., p.6).

A igreja, em nome dos seus liderados, possui uma quantidade de património impossível de calcular uma vez que esses, de tempos a tempos mudam de proprietário.

São mais de uma centena de canais de televisão, outras centenas de emissoras de rádios, jornais, a comunicação da IRUD é a sua base de sustentação e o contacto direto com seus fiéis e fiéis de outras denominações.

O ADN da IURD é a comunicação, o seu principal fundador, o bispo Edir Bezerra Macedo, foi durante anos membro da igreja Nova Vida, do bispo Walter Robert McAlister, um americano, exímio comunicador, que chegou a ter uma emissora de rádio no Rio de Janeiro, na década de 1960.

Por não encontrar as oportunidades que procurava, o então jovem Edir deixa a igreja e vai começar um novo trabalho, primeiro com a igreja da Benção e finalmente a Igreja Universal do Reino de Deus (Santi & Brum, 2017).

Com sete anos, a IURD compra a sua primeira emissora de rádio, a Copacabana, a mesma onde Edir começou como pregador. Desde aí não parou de comprar emissoras de rádio e televisão.

Ao contrário da igreja católica, por exemplo, que não aprova mas não condena o sincretismo, para Macedo as religiões de matrizes africanas praticam o sincretismo avesso, enquanto para os católicos fazem um comparativo entre as entidades africanas e os seus santos, a IURD trata-as como inimigas de Deus.

A Igreja, através dos seus média, não vende nada nem pede dinheiro, apenas convida os que vêem, ouvem ou lêem, a visitarem o templo mais próximo, o próprio Macedo explica: “sou contra a Igreja Eletrónica do tipo das existentes nos Estados Unidos em que o pastor fica no vídeo e as pessoas o assistem em casa, distraíndo-se com a campainha da porta que toca ou o gato que mia. Na minha igreja preferimos o contato direto com o povo” (Behs, 2009, p.70).

Uma particularidade pode ser vista nas emissoras do Grupo Record, quase nenhum proselitismo, a intenção é fomentar ideias, sem contudo, utilizar os mesmos expedientes prosélitos dos demais veículos de comunicação da igreja.

A igreja durante muito tempo trabalhou a ideia do exorcismo, da cura, mas recentemente percebeu que a tendência é a vitória pessoal, portanto, é “a contribuição sistemática a Igreja como fonte de prosperidade” (Grassi, 1994, p.27). A ideia não é catequisar com referências bíblicas, mas com discursos repetitivos e simples, embalados por grande apelo emocional e cânticos repetitivos.

Um grande dilema da IURD é conciliar o caráter salvador de Cristo, “que sempre foi o fundamento das denominações protestantes históricas, [que] deu lugar, mesmo que não no todo, ao pragmatismo religioso, onde o que vale é a possibilidade da bênção aqui e agora e onde os dons espirituais são motores para se alcançar o milagre pretendido” (Meneses, 2017, p.430-431).

Fruto dessa tese nos mais diversos níveis académicos, as suas posições acabam, ainda que muitos neguem, por ser mimetizadas por outras organizações.

A participação de forma clara da igreja em segmentos sociais aliada ao uso competente dos média pode ser considerada uma das explicações para a sua inserção na

sociedade e ser vista não como uma seita, mas uma organização religiosa comprometida com o social e os menos favorecidos. A campanha publicitária “Eu Sou a Universal” é um caso estudado por quase todas as faculdades de comunicação.

Num país sincrético e místico, a adoção de símbolos entre vários outros objetos alimentam o imaginário do fiel e surge um novo fenômeno religioso que vem acompanhado da espetacularização da fé e das ações de marketing a partir da publicitação nos seus meios de comunicação.

A pesquisa procura entender também as questões de ordem ética e doutrinária, assuntos frequentemente debatidos, seja pelo posicionamento da Universal ou de outra denominação religiosa.

Apesar de ter uma pegada mais contemporânea, alguns assuntos ainda são tabu na Universal, como o divórcio, drogas, bebidas alcóolicas, homossexualidade, no entanto, outros já têm a simpatia da igreja, como o uso de anticoncepcionais e o aborto.

Além do esforço de se mostrar simpática perante a sociedade, a igreja procurou sair do isolamento e através da criação da ‘A Unigrejas’ (União Nacional das Igrejas e Pastores Evangélicos), trouxe para perto de si milhares de igrejas e dezenas de milhares de líderes religiosos. A organização lançou uma revista e o próprio bispo Macedo assinou o seu primeiro editorial num gesto de aproximação.

As críticas que a igreja recebe acerca da angariação e utilização dos recursos, não passou despercebida pela investigação, no entanto, essa não é uma prerrogativa apenas sua. As mais diversas denominações fazem uso desse expediente, o que chamou a atenção da investigação foi que essas mesmas organizações não são expostas como a Universal, e uma das repostas encontrada foi que nenhuma dessas, com exceção da igreja católica, possui um complexo de comunicação tão grande e eficiente.

Outra particularidade iurdiana é que esta é a única denominação religiosa que possui um partido político com representatividade em todos os poderes, tem milhares de vereadores, centenas de deputados estaduais, quase cinquenta deputados federais, seis senadores e uma cadeira no ministério do atual Governo Federal.

A questão do uso político não fica restrito apenas no Brasil, em 1995 a IURD tentou, sem sucesso, criar um partido em Portugal e através da sua influência política conseguiu instalar várias das suas igrejas em países mulçumanos com aquiescência dos mandatários. Em Angola talvez esteja, neste momento, o maior dos seus problemas, um grupo de pastores tentaram o que chamam de “Reforma da IURD” e expropriaram a

igreja brasileira em mais de uma centena de templos. A justiça que antes se mostrava antipática à igreja brasileira, já começa a dar sinais de cedência à intenção brasileira. Para o bispo Macedo “se há poder eu tô junto”, esse pragmatismo está na tríade eclesiástica, empresarial e política. O vento é que define o norte político da igreja.

8.1 A complexa teia empresarial

A Igreja Universal do Reino de Deus ao longo de sua história pautou-se por uma hierarquia rígida centrada e personalizada na figura do seu maior líder e fundador, o bispo Edir Bezerra Macedo, ainda que possua uma estrutura de distribuição de poder em “três instâncias hierárquicas: Conselho Mundial de Bispos, Conselho de Bispos do Brasil e Conselho de Pastores” (Mariano, 2004, p. 126), é a palavra final do bispo Macedo que prevalece.

A escolha dessas lideranças obedece a um protocolo hierárquico que começa com os obreiros, “voluntários que exercem atividades gerais” (Lemos & Tavolaro, 2007, p.81), pastores auxiliares, pastores titulares e bispos (Brito, 2016, p.5). Entretanto, “para avançar na hierarquia eclesiástica, precisam demonstrar elevada capacidade de coletar dízimos e ofertas, habilidade tida como sinal de bênção divina” (Mariano, 2004, p.127).

A permanência numa determinada região ou país não depende da vontade do liderado, esses “seguem as orientações da hierarquia da IURD e raramente criam uma relação congregacional com a comunidade onde estão atuando, porque são periodicamente deslocados de uma igreja para outra, no Brasil e no exterior” (Lima & Werneck, 2012, p.231).

A formação dos líderes iurdianos não se dá de maneira acadêmica, a experiência de criação de uma faculdade até foi vivida pela IURD nos anos 1980, mas por entendimento do bispo Macedo, foi transformada em Instituto Bíblico Universal do Reino de Deus. Nessa organização os aspirantes ao ministério pastoral “passam por treinamentos práticos. Durante dois a três anos, assistem a cultos e absorvem experiências. Depois, são enviados como ajudantes de pastor, normalmente em lugares de baixa renda, com populações carentes. Seja no Brasil, seja fora do país, onde podem ficar por bons anos. São diversas etapas para crescer na rígida pirâmide da Universal” (Lemos & Tavolaro, 2007, p.83).

O bispo Macedo acredita que a prática é mais eficaz do que a teoria construída numa faculdade teológica, no seu livro “A Libertação da Teologia” (Editora Universal, 1990), critica o “cristianismo de muita teoria e pouca prática; muita teologia, pouco poder; muitos argumentos, pouca manifestação; muitas palavras, pouca fé” (Mariano, 2004, p.128, apud Macedo, s/d, p.11-128).

“As organizações de tipo ‘igreja’ começam como movimento ou ‘seita’, quando então predomina nelas um comportamento de recusa das demais organizações ou da própria sociedade. Depois, progressivamente, devido ao êxito alcançado, elas se institucionalizam. [Então] se burocratiza, constituindo uma hierarquia religiosa, assumindo como caráter distintivo um conjunto de doutrinas racionalizadas” (Campos, 2006, p.107-108).

Essa estrutura racionalizada, burocrática e hierárquica traz uma obediência onde o alicerce sobre o qual repousa a IURD como instituição religiosa é defendido de forma clara pelo Bispo “ninguém tem o direito de se voltar contra a autoridade [pastor/bispo] instituída por Deus, pois é o próprio Deus que tem que tomar as devidas providências para fazê-lo sair ou permanecer na condição de autoridade espiritual” (Campos, 2006, p.122, apud Macedo, 1991, p.76).

Para o fiel da IURD, o bispo Macedo é alguém a ser admirado, saiu do nada para conseguir uma fortuna e, ainda assim, continua a levar esperança aos necessitados, portanto, quanto mais se expõe a imagem do bispo, mais ele se torna um herói para o público, afinal o bispo é uma autoridade instituída por Deus, que responde num ato de humildade “sou o estrume do cavalo do bandido; um monte de nada” (Campos, 2006, p.113, apud Folha Universal, 31.12.95).

A humildade revela-se uma forte personalidade com clara autoridade, onde não apenas construiu um império eclesiástico, com presença em quase todos os países do mundo, como um partido político, no Brasil, capaz de influenciar os rumos da nação e um complexo empresarial digno de um magnata dos negócios, onde escolhe os seus administradores com o mesmo rigor com que escolhe o seu colegiado de clérigos.

É possível afirmar que a Universal é uma das igrejas mais sintonizadas com o espírito desta época, seja pela estrutura orgânica, seja pelo sincretismo, pela ostentação, ou pelos relacionamentos em todas as esferas da sociedade.

Podemos afirmar ainda que, a Igreja Universal do Reino de Deus é uma máquina de angariação de dinheiro, para se ter uma ideia, segundo Nascimento, (Nascimento, 2022),

entre os anos de 2011 e 2015 a igreja recebeu mais de R\$ 43 bilhões em valores corrigidos em 2022. São informações de um relatório elaborado pelo Laboratório de Tecnologia Contra Lavagem de Dinheiro, subordinado ao Centro de Apoio Operacional à Execução do Ministério Público de São Paulo.

Com tanto dinheiro, a igreja passou a investir bastante. Muitos desses empreendimentos não estão diretamente no nome da igreja, mas no nome de liderados de confiança do bispo Macedo, ou até em seu nome. São dezenas de empresas dos mais diversos segmentos.

O bispo tem uma maneira muito própria de administrar os seus empreendimentos, (entenda-se, seus e da IURD), essa característica “macediana de gerenciar uma organização hierocrática engloba formas modernas de gerenciamento, que podem ser aplicadas com sucesso em quaisquer outras organizações” (Campos, 2006, p.115).

Segundo Wood, (Wood, 2001, p.123), a “escola Macedo de gestão empresarial” define o rumo da igreja com o mesmo foco que os seus negócios:

Nicho de mercado – O público-alvo da Universal está entre a classe média-baixa e a classe média. Ela atende principalmente os náufragos da classe média: desempregados e pequenos empresários com dificuldades financeiras.

Foco no cliente – A Universal percebe as necessidades e desejos dos seus clientes e articula uma teologia da Prosperidade (ou ideologia da Prosperidade).

Learning Porganization – A vantagem competitiva da Universal em relação a outros empreendimentos religiosos é a rapidez com que ela consegue perceber mudanças ambientais e reagir a elas. Todas as semanas Edir Macedo e os seus bispos definem qual vai ser a campanha da semana seguinte e o que vai ser falado em cada templo.

Empowerment e centralização – A Universal administra um paradoxo: autonomia para os pastores e forte centralização da gestão. Os pastores têm liberdade para criar meios para garantir ou aumentar a arrecadação. Mas todo o dinheiro arrecadado segue diretamente para o banco da Igreja. Analogamente, quando uma nova campanha é lançada, os discursos, as posturas e as atividades são iguais em todos os templos. Mas cada pastor tem liberdade para adaptar a mensagem às peculiaridades do seu público, dando um colorido local.

Produtividade – Na Universal cada templo tem metas de volume (número de fiéis nos cultos) e rentabilidade (contribuição per capita). Os pastores acompanham os seus indicadores através de um mapa semanal. Segundo denúncias, pastores que não atingem as metas são degredados para templos de menor importância.

Remuneração por resultados – Na Universal o pastor tem de ser criativo para tirar dinheiro dos fiéis. Seus proventos consistem de um salário fixo (aproximadamente R\$ 1.500 [Valor de 1997]), mais uma percentagem sobre a arrecadação e prêmios, se as cotas forem ultrapassadas.

Job-rotation – O pastor é um soldado e a Universal não quer que eles criem raízes na comunidade. A qualquer momento um pastor pode receber um emissário da Igreja com passagens para o interior do País.

Treinamento *on the job* – Há alguns anos, o bispo Macedo fundou um seminário no Rio de Janeiro. Certo dia, durante uma visita, o bispo disse ao responsável pelo local: “Olha, cheguei à conclusão de que este negócio de seminário não funciona. Pastor não tem de ficar sabendo de muita coisa. Se ele souber tirar coleta, exorcizar o demônio, se souber curar uma pessoa e manter o entusiasmo de uma congregação, é o suficiente para nós. Não tem de ensinar mais nada não. Você fala para este pessoal que o seminário acabou e manda todo mundo para casa”.

A igreja estrutura-se dentro de um modelo empresarial e organizacional de crescimento contínuo, levando ao extremo o que Rocha, (Rocha, S.d., p.6), vai chamar de “religião de contacto”, com levantamento de recursos, aquisição de propriedades, visão capitalista de prosperidade e disputa de mercado. “Uma vez que as igrejas são tratadas como empresas, onde o número de fiéis é equivalente ao número de clientes, fica quase esquecido o conceito da disciplina na igreja” (Dias, S.d., p.46).

A pesquisa reconhece que é impossível, diante de tamanha velocidade de transferências entre proprietários desses empreendimentos enumerar todos. É perfeitamente possível que muitos dos empreendimentos aqui citados já estejam em nome de outras pessoas e assim, não serão, do ponto de vista formal, identificados como propriedade da IURD ou dos seus líderes. Este jogo de troca de propriedades trouxe muitas dores de cabeça para o Bispo, a ponto de Macedo manter “em seu poder contratos em branco para transferir as cotas para o seu nome ou para outras pessoas, quando julgasse conveniente” (Nascimento, O reino: A história de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal, 2019, p.119).

Nos mais de quarenta anos de IURD, foram abertos e fechados quase uma centena de empresas no Brasil e no exterior, “segundo uma lista divulgada pelo ex-bispo da Universal Alfredo Paulo, o grupo reúne 97 empresas incluindo as emissoras de rádio e TV” (Nascimento, Universal embolsa R\$ 33 bilhões só em doações bancárias, 2022, p.302), são quase 60 mil empregos diretos e indiretos; entre esses, uma distribuidora de alimentos, entre sumos e biscoitos, salta à atenção o refrigerante Leão de Judá (Exame, 2017) e a água mineral Menorah, as duas pertencentes à IURD, a CBP Transportes Rodoviários (Nascimento, O reino: A história de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal, 2019, p.310), a Centurião Segurança Patrimonial (Lobato & Talento, Cúpula da Universal investe em negócios de segurança privada, 2011), as gráficas, Ediminas S/A, em Belo Horizonte (Kattah, 2009), que imprime o jornal Hoje em Dia; vendida em 2013 para o grupo mineiro Bel (Guimarães S. P., 2013) a Editora Universal,

Rio de Janeiro, com filial em Lisboa, Portugal e a Unipro Editora e Jornal Correio do Povo, Porto Alegre, Rio Grande Sul, além do Jornal Folha Universal, com tiragem superior de 1,5 milhão de exemplares (Mariano, 2004, p.136).

[A Folha Universal] sobrevive basicamente às custas da igreja e sua distribuição é gratuita e a periodicidade é quase nula, quanto existe, feita apenas por empresários envolvidos com a IURD. A Folha Universal é produzida por uma editora pertencente à própria igreja, que trabalha também com publicação de livros e revistas evangélicas (Ribeiro & Pinto, 2007, p.5).

Ainda em Portugal existe a Record Travel, Agência de Viagens S/A (Paulopes, 2009), já no Brasil os roteiros são definidos pela New Tour-Turismo. O antigo Banco de Crédito Metropolitano, de São Paulo, por questões estratégicas passou a ser a Uni-Factoring Comercial. Contabiliza-se ainda a gravadora Line Records, a construtora Unitec (Nascimento, O reino: A história de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal, 2019), e uma fábrica de móveis, a I9Flex¹⁶¹.

Há um grande esforço para separar a organização religiosa da organização política e em especial da organização empresarial, o que até ao final desta investigação não aconteceu.

O Jornal Folha de São Paul noticiou que a Universal seria dona da empresa da taxi aéreo, Alliance Jet, com sede em Sorocaba, São Paulo (Lobato, 2007). Já a Istoé deu conta de “duas empresas – a Cableinvest Limited e a Investholding Limited –, ambas com sede nas Ilhas Cayman, paraíso fiscal britânico localizado no Caribe” (Nascimento, 2005). Com o encerramento do Banco de Crédito Metropolitano, Macedo resolveu ir às compras e comprou o Banco Renner, hoje Banco Digimais (Guimarães, 2020). Muitos são os críticos dessa forma de gerir uma organização religiosa, “para a Universal, o dinheiro é o sangue da Igreja. Sem ele, a Igreja não tem vida e não cresce” (Wood, 2001, p.122).

Empresas como a Cremo Empreendimentos, “que funciona como um braço financeiro da igreja [que pertence] à Unimetro [empreendimentos]”, financiavam os bispos na compra de novas empresas, segundo a Receita Federal (Lobato, 2007). A Uni Lif, empresa de processamento de dados, bem como a Uni Corretora Seguradora, também entraram no radar da Receita Federal (Rodrigues & Marin, 1997), A IURD e os seus liderados abrem e fecham empresas de acordo com a conveniência fiscal.

¹⁶¹ <https://www.i9flex.com.br/Igreja-Universal-do-Reino-de-Deus/prod-415109/>

O bispo viu a área de saúde como um grande nicho empresarial, diversificando investimentos no segmento, a Life Empresarial Saúde foi um deles, no entanto não fugiu à maioria dos demais empreendimentos e foi passiva de investigação pelo Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado (Gaeco) – do Ministério Público de São Paulo (G1, 2009). Mas o bispo não ficou por aí, em 2015 inaugurou o Hospital Moriah, na antiga sede da Rede Record, em Moema, bairro da cidade de São Paulo.

Ainda que controversos e muitos até lucrativos, nenhum empreendimento empolga mais o velho clérigo do que as suas empresas de comunicação, é nesses empreendimentos que ele reúne as forças para se opor aos adversários, e não são poucas as empresas e segmentos de comunicação que fazem parte desse conglomerado.

Sem dúvida a ‘jóia da coroa’ é a Rede de Televisão Record, juntamente com a Rede Família, possuem 247 retransmissoras (Ribeiro & Pinto, 2007, p.2), sendo 21 próprias e a Rede Record de Rádio com 62 retransmissoras, (Modesto & Guerra, 2012), ainda que a televisão seja o maior instrumento subversivo da comunicação popular, hoje perto de ser superado pelas redes sociais, “a Universal prioriza a evangelização pela rádio” (Mariano, 2004, p.130). A Rede de Rádio Aleluia tem mais de 50 retransmissoras no Brasil (Rocha, S.d.).

O portal Arca Universal, tem mais de dois milhões de acessos por mês (Modesto & Guerra, 2012), sendo o maior “portal evangélico da América Latina”. O grupo possui ainda um serviço de streaming, a Univer Vídeo¹⁶², a Record Filme, responsável, entre outras, pela produção dos campeões de bilheteria ‘Nada a Perder 1’ e ‘Nada a Perder 2’, além do badalado ‘Os Dez Mandamentos’. O Portal R7, que tem 138 milhões de acessos mensais, é o segundo maior portal de conteúdo do Brasil e o sétimo mais visitado (Pastori, 2017), a *fanpage* do R7.com tem mais de 9 milhões de fãs, disparado como primeiro colocado no Brasil (R7, 2014).

Na internet é possível ouvir entre outras as rádios Positiva e Universal, em sinal fechado a UniféTV, com transmissão também em Portugal.

O grupo possui ainda um canal exclusivo de notícias, a Record News que estreou com 101 emissoras afiliadas, com retransmissoras em diferentes estados do Brasil e [atingindo], segundo o portal institucional, 391 cidades no Brasil e ainda está presente na Alemanha, França, Portugal, Angola e Moçambique (Monitor).

¹⁶² <https://www.univervideo.com/>

Os investimentos fora do Brasil também são expressivos, a igreja é dona dos “jornais Tribuna Universal (Portugal) e Stop Suffering: a new life awaits you! (África do Sul),” além de “seis [dez] emissoras de rádio em Portugal, duas na França, onde ainda possui uma construtora e duas agências de viagens” bem como “Moçambique, Argentina e Equador são alguns dos países onde a IURD também possui periódicos e revistas” (Modesto & Guerra, 2012, p.5)

A Record TV transmite para toda a Europa em HD, com filial estabelecida em Portugal. Em África a cobertura abrange todos os países daquele continente. A Record TV chega aos lares africanos através das principais operadoras de canais por cabo e por satélite, tendo filiais em Moçambique. Neste país são dez emissoras, cobrindo 100% do território e é líder de audiência, em canal aberto também; além de Cabo Verde, Uganda e Madagáscar. Na Ásia e Oceania os países são cobertos a partir da filial oriental da emissora situada no Japão. Nos Estados Unidos e Canadá, a Record TV está presente em parceria com a DISH Network, empresa de televisão por assinatura via satélite, que possui mais de 14 milhões de assinantes em todo o país. Existem parcerias também, as Xfinity/Comcast, Optimum TV/CableVision, Dish, Sling e RCN. Na América Latina, para além do Brasil, a Record TV está também presente em outros países (Europa, S.d.). “A IURD conseguiu em pouco mais de uma década o que levou gerações para outros grupos pentecostais: a diversificação substancial de sua base social. Mais do que isso, ocupou espaços sociais antes impensáveis para protestantes no Brasil” (Grassi, 1994, p.131).

Por trás de tamanha estrutura de comunicação pode-se dizer que está a crescer um projeto de “revolução cultural”, com uma programação diversificada e por vezes “profana”, a influência é indireta, e o proselitismo subliminar, o que acaba por levar a audiência a aceitar um conjunto de valores iurdianos (Refkalefsky, 2005, p.8).

A igreja firmou-se na ideia de uma organização religiosa herdeira da ideologia moderna traçada por Maxililian Karl Emil Weber (1864-1920), em especial questões de prosperidade e das suas relações com o acúmulo de capital (Rocha, S.d., p.7).

O mundo está destinado a isto [e apenas a isto]: a servir a autoglorificação de Deus; o cristão [eleito] existe para isto [e apenas para isto]: para fazer crescer no mundo a glória de Deus, cumprindo, de sua parte, os mandamentos Dele. Mas Deus quer do cristão uma obra social porque quer que a conformação social da vida se faça conforme seus mandamentos e seja endireitada de forma a corresponder a esse fim (Weber, 2004, p.98-99).

Os negócios na comunicação da Universal através do seu líder Macedo transformou-o no mais poderoso empreendedor do segmento do Brasil, a sua *holding* tem mais emissoras de televisão próprias e afiliadas do que a Rede Globo.

Mesmo com todo este poderio mediático, a igreja não se limita apenas aos seus veículos de comunicação, somando todo o volume investido em aluguéis de programação em outras emissoras, torna-a num dos maiores anunciantes privados do país. “Até 2018, dispunha de uma verba de 800 milhões de reais para investir em mídia televisiva (cerca de 500 milhões de reais para a Record), o restante dividido entre Bandeirantes, Canal 21 (também grupo Band), RedeTV!, CNT e TV Gazeta de São Paulo” (Nascimento, O reino: A história de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal, 2019, p.305).

Muitas foram as denúncias e investigações, uma em particular diz respeito às questões de isenções para concorrentes das emissoras iurdianas como a Globo, o uso da isenção fiscal atribuída às religiões tem sido utilizada de forma não republicana pela IURD, isto baseado, entre outras, na investigação da 9ª Vara Criminal de São Paulo, que abriu uma ação criminal contra Edir Macedo, e mais nove pessoas ligadas a ele, por lavagem de dinheiro e formação de quadrilha. O entendimento foi de que em vez de aplicar o dinheiro em obras de caridade e na manutenção dos templos, como as igrejas fazem, os recursos das doações foram empregados na compra de empresas e visavam o lucro por parte de Edir Macedo (G1 R., 2009). Para o Deputado Federal da bancada evangélica, João Campos (PRB-GO), “a isenção não é um benefício, mas uma contrapartida por aquilo que as entidades filantrópicas realizam no lugar do Estado” (Castro, 2019, p.63).

Ao contrário de seus pares ainda nos idos da Segunda e Terceira Onda, o bispo Macedo diferencia-se, por exemplo, de Manoel de Mello (Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo) e David Miranda (Igreja Pentecostal Deus é Amor), enquanto esses eram pessoas de capacidade administrativa simples e de pouca formação, com foco no crescimento da igreja, Macedo além de líder religioso, mostrou-se um grande administrador, agregando a isto alguma formação universitária, mantendo o controle sem, contudo, colocar a totalidade de sobrevivência da organização na sua pessoa (Grassi, 1994, p.146).

8.2 Marketing e o discurso religioso

A comunicação religiosa tem início com a própria imprensa, segundo Polato, (Polato, 2015, p.28), a primeira transmissão radiofônica no estado de Massachusetts, nos Estados Unidos da América, foi de uma mensagem religiosa, já no Brasil, o pioneirismo é atribuído ao padre Roberto Landell de Moura (1861-1928), considerado o “pai da rádio”.

A radiodifusão sonora projetou como bens de consumo culturais, a música, o disco, o cinema sonoro, o teatro, os espetáculos artísticos, a literatura, o jornalismo, as pregações eletrônicas, a publicidade etc. Criou as bases da cultura de entretenimento, que seria ampliada pela televisão e pelos meios informáticos, a partir da década de 1950 (Polato, 2015, apud Magnoni, 2001, p. 28).

Portanto, a participação do clero nas comunicações não é uma novidade destes tempos, no entanto, o poder que se constrói hoje não tem precedentes.

Por uma questão de sobrevivência econômica, no início da década de 1970, alguns canais de televisão do Brasil foram obrigados a vender parte da sua programação, tornando-se um filão para igrejas, em especial as localizadas em grandes centros urbanos. Nada original, uma vez que na década de 1940 “sacerdotes [americanos] católicos e protestantes passaram a utilizar os meios de comunicação eletrônicos disponíveis para divulgar as suas mensagens religiosas” (Martino, 2012, Apud Gomes, 2006, p.228).

A pesquisa do desenvolvimento religioso contemporâneo não pode ser limitada a questões de ordem cultural, ou de relacionamento simbólico entre o ser e o seu entorno, todo este sistema complexo vem-se transformando numa indústria, em que as igrejas, por vezes, “precisam decidir se devem direcionar os seus esforços de marketing para os irmãos cristãos ou para os que estão fora da subcultura na tentativa de evangelizar os não cristãos” (Brown, 2012).

A chamada ciber-religião permite ao fiel, por exemplo, acender uma vela virtual num ponto religioso em qualquer parte do mundo, a entrada na modernidade “tornou possível peregrinar virtualmente pelas cidades e povoados por onde passa o Caminho de Santiago. Com isso, ciber-peregrinos podem viajar virtualmente pelo Caminho” (Miklos, 2010, p.113).

Para Cheong, (Pauline Hope Cheong, 2011), “a midiaticização da religião coloca questões sobre as possíveis mudanças, declínio e reconstrução da autoridade do clero”, no seu processo de criação e recriação de conteúdo, a mediatização leva-nos a várias leituras do mesmo assunto, fazendo com que o consumidor do conteúdo involuntariamente siga o pensamento de quem o produz.

Pensando na religião como uma prática social que norteia comportamentos e dita dogmas e doutrinas, verifica-se a importância da relação entre discurso midiático e discurso religioso, visto que a mídia é procurada, muitas vezes, devido à rapidez, à flexibilidade nas informações e à facilidade de contato com o público. [...] isso faz com que as diversas religiões, independente das vertentes, rompam com o fazer religioso tradicional, buscando novas formas de se aproximar dos fiéis e propagar suas ideias e doutrinas, configurando dessa forma o processo de midiaticização do discurso religioso (Assis, 2017, p.34).

É o que podemos observar com a Igreja Universal do Reino de Deus, criada em 1977, com fortes influências do bispo Walter Robert McAlister, fundador da igreja Nova Vida e que tinha uma linha de comunicação direta com a sociedade através de emissoras de rádio e posteriormente com a televisão.

Missionário canadiano, McAlister já tinha pregado em vários países e publicado vários livros quando chegou ao Brasil na década de 1950; participou ativamente na Cruzada Nacional de Evangelização, promovida pelos primórdios da Igreja do Evangelho Quadrangular no Brasil, onde promovia “curas divinas”. No início da década de 1960 deu início ao seu programa A Voz de Nova Vida na Rádio Copacabana, no Rio de Janeiro. Quatro anos depois surgiu a Igreja de Nova Vida, em Bonsucesso, bairro periférico do Rio de Janeiro (Santi & Brum, 2017). Em meados da década de 1960 passou a apresentar os programas Ponto de Contato, na TV Rio, e Coisas da Vida, na TV Tupi, “nos quais entrevistava pessoas para colher relatos de experiências com Deus. Sem muitos investimentos com meios de comunicação, a única aquisição registrada pela Igreja de Nova Vida é a Rádio Relógio Federal AM” (Cunha, 2009, p.62).

Foi dessa escola que surgiu o quinteto Edir Macedo, Romildo Ribeiro Soares, Roberto Augusto Lopes e os irmãos Samuel e Fidélis Coutinho, que acabaram por fundar, em meados da década de 1970, a Cruzada do Caminho Eterno, um movimento religioso, ainda sem estruturar, da igreja (Nascimento, 2019, p.33).

A primeira igreja do grupo veio a surgir em 1977, já sem os irmãos Coutinho, a igreja da Benção, mudou de nome anos depois para o nome definitivo ‘Igreja Universal do Reino de Deus (Santi & Brum, 2017).

A Universal em 1984 comprou a sua primeira emissora de rádio, ironicamente a mesma em que se iniciou o bispo McAlister, a Rádio Copacabana, e já não parou. Foram várias outras emissoras de rádio, jornais, revistas e três redes de televisão, Mulher, Record e Record News (Família), as duas últimas com presença em várias partes do mundo.

É preciso dizer que a Universal ter uma rede de televisão ou de rádio, não é suficiente para explicar tamanho fenómeno religioso, seria muito simplista, é necessário recuar no tempo para entender a geopolítica do final do século passado, “a situação económica mundial era extremamente estratificada em polos de miséria e opulência, novas igrejas surgiam como um meio para a população expressar seu descontentamento às instituições públicas [...] não tardaram a germinar em nosso país [Brasil], onde grande parte da população [vivia] num estado de miséria e pobreza” (Morais, Figueredo, & Zanotta, 2004, p.55).

É neste contexto que surge a Igreja Universal do Reino de Deus, a religião Católica Apóstolica Romana no seu sincretismo com as religiões de matriz africana e seu *flirt* com o espiritismo kardecista acabava por criar nos fiéis uma dúbia ideia de religiosidade. É justamente nesse contexto que surge o antagonismo da Universal, não apenas com a igreja Romana, mas também com as práticas protestantes históricas.

Nos primeiros programas na rádio Copacabana, Edir Macedo desafiava as oferendas deixadas nas esquinas cariocas, ridicularizava-as, afirmava que as imagens dos santos católicos representavam apenas personagens criados pelo clero católico sem nenhum poder, e essa insolência e austeridade com que falava agradava à audiência.

Enquanto a igreja Romana fazia um paralelo sincrético entre os seus santos católicos e os orixás:

Exú = Santo António de Pemba ou Santo António,
Oxalá = Jesus Cristo ou Senhor do Bonfim,
Ogum = São Jorge,
Oxóssi = São Sebastião ou Santo António,
Xangô = São Pedro ou São Jerónimo,
Omolú = São Lázaro ou São Roque,
Logun Edé = Santo Expedito,
Oxum = Nossa Senhora Aparecida ou Nossa Senhora da Conceição,

Iemanjá = Nossa Senhora das Candeias ou Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora dos Navegantes ou Nossa Senhora da Glória,
Iansã = Santa Bárbara,
Nanã Buruquê = Nossa Senhora Sant'ana,
Ibeji = Cosme e Damião
(Astrocentro, S.d.)

A Universal inovava com um sincretismo avesso onde “constrói-se então o espelho invertido de um elemento fundamental da tradição católica, tanto oficial quanto popular: a comunhão dos santos” (Grassi, 1994, p.55-56), ou seja, para a Universal a religião de matriz africana “é vista como um culto demoníaco. Trata-se aí, segundo eles, do avesso do cristianismo, pois, ao invés de se cultuar a Deus, cultuam-se os seus adversários” (Grassi, 1994, p.237).

Ainda que se apresente com um discurso contundente e “portadora de uma verdade exclusiva, sempre anunciada como a mensagem original de Deus, [...] sua história, as técnicas rituais foram marcadas pela maleabilidade, pelo sincretismo e pela bricolagem, mesmo que essa mistura sempre tenha sido negada” (Meneses, 2017, p.432).

No final do século passado, com um conglomerado de comunicação considerável, a Universal passou a trabalhar de forma profissionalizada e baseando as suas decisões em tendências, onde toda a sua comunicação insitucional utiliza cada meio de comunicação de acordo com o perfil do seu público, a partir de ferramentas de marketing, que a igreja se posiciona doutrinariamente “é a tarefa de criar, promover e fornecer bens e serviços a clientes, sejam estas pessoas físicas ou jurídicas” (Morais, Figueredo, & Zanotta, 2004, p.58, apud Kotler, 2000).

Para muitos a imprensa escrita está fadada a desaparecer, por exemplo, é o que se pode observar “segundo o Instituto Verificador de Comunicação (IVC), os dez maiores jornais do País tiveram uma queda nas vendas, em média, de 12,8% no ano passado [2021], na comparação com o ano de 2020. O desempenho das revistas também foi negativo. A circulação impressa caiu 28% e a digital 21%. A redução das duas versões foi de 25%” (Teixeira, 2022).

Outros investigadores observam o fenómeno da era digital com uma perspectiva menos catastrófica:

“[...] a fotografia alterou o sentido da pintura, mas não a substituiu; a televisão ocupou certos espaços do cinema, mas não todos; o correio eletrônico criou uma nova forma de comunicação, mas as agências de correios e telégrafos continuam operando. O Jornal, em outras palavras, não precisa necessariamente desaparecer diante da presença do computador porque é uma tecnologia suficientemente flexível para adaptar-se aos novos tempos” (Guimarães, 2014, p.51, apud Daltoé, 2003, p.9).

Estudo realizado pelos professores Mark Coddington, da *Washington and Lee University*, e Seth Lewis, da *University of Oregon*, com 488 consumidores de notícias e cinco países: Argentina, Finlândia, Israel, Japão e Estados Unidos e publicado na revista inglesa *New Media & Society* chegou à conclusão que são três os fatores que ainda levam as pessoas a consumir imprensa escrita: “acesso, sociabilidade e ritualização”. Dos resultados apresentados, a ritualização é a que mais chama a atenção, “as pessoas visitam cafeterias e leem o jornal impresso que encontram lá como parte da experiência – mas elas não vão a cafeterias principalmente para fazer isso”. Tal como jovens visitam os seus pais e lêem o jornal que há em casa, mas não os visitam para obter as notícias. Os mais velhos preferem sentir, tocar e ler jornais impressos, segundo a pesquisa (Coddington & Lewis, 2021).

Dois grandes jornais impressos ligados à Igreja Universal circulam no Brasil, um local, mas com grande tiragem, o jornal O Correio do Povo, em Porto Alegre, com tiragem superior a 150 mil exemplares (Representações, 2010), e a Folha Universal, considerado o jornal com maior tiragem do Brasil, e que chegou a imprimir 2,7 milhões de exemplares numa semana (Lima & Werneck, 2012, p.224).

Enquanto o jornal gaúcho, tem uma linha editorial mais quotidiana, a Folha Universal é o órgão oficial da igreja, a sua impressão dá-se no Rio de Janeiro, mas em menos de 48 horas está em todas as igrejas universais espalhadas pelo Brasil. A distribuição é feita pelos “obreiros da igreja, com intenções prolecionistas. De maneira inteligente, o jornal fala de diversos assuntos, de interesse do público, e aborda algumas coisas relacionadas à igreja, para que possa alcançar o seu objetivo, que é levar a pessoa a frequentar a IURD” (Lazzari, 2012, p.90).

São milhares de notícias publicadas na Folha Universal que contradizem situações do quotidiano, mas Grassi apresenta algo que ilustra uma situação inusitada:

“Em uma só página da Folha Universal, lemos a respeito dos seguintes símbolos: o Pão da Fartura, a Maçã do Amor, a Rosa Consagrada, o Nardo Ungido, a Sarça dos Milagres, o Sabão em Pó Ungido e uma mesa de frutas simbolizando a prosperidade. Sem falar na Reunião da Paz (“os participantes comparecerão vestindo uma blusa branca e carregando uma rosa branca”) e na Vigília do Clamor de Jonas (“os participantes se concentrarão dentro da representação simbólica de uma baleia”)", (Grassi, 1994, p.138).

Existem ainda outros jornais impressos como a revista Plenitude que começou “a circular em 1985, em formato de gibi. À época, a revista era confeccionada pelos próprios dirigentes da Universal ‘com o objetivo de ampliar os dogmas e as ideias da igreja a um número maior de pessoas’” (Behs, 2009, p.27, apud Da Rocha, 2006, p.61). A revista veio a tornar-se uma publicação mais densa, com até 84 página chegando a uma tiragem superior a 300 mil exemplares, com circulação no Brasil e em Portugal.

Outra publicação é a revista A Visão da Fé, dirigida a um público mais restrito, aos “auxiliares dos programas de rádio da Igreja Universal, pessoas que contribuem para o crescimento desse tipo de evangelização que ocorre na IURD desde a sua fundação” (Behs, 2009, p.28).

A revista Unisocial tem como objetivo de comunicar as ações sociais da igreja refletindo e dando visibilidade ao trabalho de grupos da igreja como o Força Jovem, os Guardiões da Estrada, o EVG Night, entre várias outras ações da igreja. O último investimento na imprensa escrita foi a revista Eu Era Assim, com depoimentos de membros da igreja antes da conversão. A igreja tem uma capacidade de se apresentar como um instrumento messiânico que resolve dores e dificuldades.

Vale sublinhar que o tempo do messianismo revolucionário está cada vez mais distante; todavia os meios de comunicação insistem na veiculação de heróis encantados, capazes de enfrentar problemas indissolúveis sutil ou abertamente identificados com os impérios da moda (Grassi, 1994, p.23).

Além do Brasil a IURD tem imprensa escrita noutros países, em Portugal tem o Folha de Portugal; o Faith in Action! e o City News, em Inglaterra; o Stop Suffering, na África do Sul; Pare de Sofrir, no Chile e na Bolívia; Tribune Universelle, em França; o Universal News (100 mil exemplares) e o Pare de Sofrir para os latinos que vivem nos Estados Unidos (Behs, 2009, p.27, apud Oro; Corten; Dozon, 2003, p.263), entre outros.

Portanto, para a Igreja Universal do Reino de Deus, toda e qualquer forma de comunicar as suas ações, doutrinas e dogmas são válidas, como é o caso da rádio Aleluia com mais de 50 retransmissoras, cobrindo mais de 70% do território brasileiro.

A programação inclui no entretenimento conteúdo religioso, que vai desde pregações, passando por debates e dicas de comportamento. Uma característica é a padronização das notícias, apesar das rádios locais terem liberdade para montar a sua grelha de programação, todo o jornalismo é baseado na chamada “Cabeça de Rede”, onde a Agência Contemporânea Record cuida da produção atentando em alguns assuntos que, apesar de não serem ‘tabu’, são evitados, “o caso do Papa [Francisco, em 2013] é diferente porque não é uma censura, na verdade a orientação que temos é evitar que se escreva sobre religião nos boletins noticiosos e não só a católica, qualquer religião” (Rocha, S.d., p.12, apud entrevista com Tadeu Fauquer).

Toda a rede de comunicação da igreja não é mais do que um instrumento mediático para estimular as pessoas a irem aos templos da Universal. A forma de evangelização mediática é dar ênfase à valorização do templo como local por excelência da manifestação dos poderes divinos, que diverge, por exemplo, dos chamados telepastores, onde o programa televisivo em si é uma ‘igreja eletrônica’. Em entrevista à revista IstoÉ, a 20 de junho de 1990, o bispo Macedo deixa clara essa divergência, “Sou contra a Igreja Eletrônica do tipo das existentes nos Estados Unidos em que o pastor fica no vídeo e as pessoas o assistem em casa, distraíndo-se com a campainha da porta que toca ou o gato que mia. Na minha igreja preferimos o contato direto com o povo” (Behs, 2009, p.70).

“Deste modo, a IURD, que leva ao extremo o sentido de religião de contacto, se estrutura dentro de um modelo empresarial e organizacional de crescimento, levantamento de recursos, aquisição de propriedade, visão capitalista de prosperidade e disputa de mercado. O *welfare* [bem-estar] da Igreja Universal é a representação de sua ideologia, o que está diretamente ligado aos ares de império financeiro, político e midiático que ela tomou” (Rocha, S.d., p.6).

Dentro dos templos, a forma sempre agressiva e proselitista marca as chamadas reuniões, em especial nas primeiras décadas da IURD. Esse proselitismo agressivo não poupava os seus opositores, especialmente os católicos denominados não praticantes. Apresentava-se sempre como espaço sagrado, capaz de resolver as mazelas recorrentes da sociedade brasileira, caracterizada, segundo a IURD, pelo desamparo social, pela

precariedade do sistema público de saúde e, principalmente, em virtude da ação do demônio, oferecendo soluções imediatas para esses problemas; e, sobretudo, a inventiva capacidade na utilização dos meios de comunicação na propagação do discurso religioso e dos seus rituais foram ferramentas importantes na busca pela notoriedade e poder espiritual no interior do campo religioso brasileiro (Meneses, 2017, p.426).

“Por isso insistimos em que a propaganda é, para a Igreja Universal, o elemento fundamental no processo de expansão, até porque, por meio dela é que se cria e se alimenta o mercado. Daí o porquê da afirmação que, sem rádio e televisão, a IURD jamais teria atingido o sucesso atual no País. A mídia faz com que as barreiras geográficas, sociais e ideológicas, sejam rompidas e os produtos iurdianos sejam colocados para um público necessitado, que lhe paga o preço pedido, porque se trata de alcançar a felicidade, o bem-estar físico e espiritual. Para eles, esses bens são tão preciosos, que não há dinheiro que os pague, como nos disse um de seus fiéis” (Campos, 1997:222).

“Se os jornais são a extensão do tato, o rádio da audição, a televisão e o cinema são extensões da visão” (Lazzari, 2012, p. 86, apud Veronezzi, 2005, p.197). Assim, a igreja tem o Grupo Record como o grande fomentador das suas ideias, sem, contudo, utilizar os mesmos expedientes prosélitos dos demais veículos de comunicação da igreja.

Ao contrário de outras emissoras de televisão com vinculação a organizações religiosas, o Grupo Record com mais de uma centena de retransmissoras no Brasil, uma rede de rádio, portal de notícias e presença em quase todos os países do mundo através, entre outros, de sinal por assinatura, tem uma programação contextualizada ao mercado mediático, com programas como o reality Show ‘A Fazenda’ e programas de entretenimento com música, “o portal R7 *online* cobre eventos especiais como o Carnaval e tem um blog especializado em cerveja” (Intervozes, 2017).

A participação da Igreja Universal, geralmente acontece de forma sutil ou de madrugada, no entanto, o esforço de colocar uma nova agenda social nas praças onde está presente fica claro a partir das suas telenovelas e exibições de filmes.

Se o Grupo Record não é prosélito de forma direta, a UniféTV¹⁶³ emissora que transmite a programação da igreja, não deixa dúvidas da defesa das suas crenças. A programação está na plataforma de partilha de vídeos YouTube, em português, e é voltada para o Brasil, Portugal e países de língua portuguesa.

Dezenas de outras emissoras de rádio e televisão são arrendadas pela Igreja Universal do Reino de Deus, como a Rede Brasil de Televisão (RBTv), em São Paulo

¹⁶³ <https://www.youtube.com/@UnifeTVpt>

(Perline, 2021), porém uma coisa é certa, há uma padronização na linguagem de todos os que fazem parte da programação, seja por áudio ou vídeo.

Essa maneira uniforme de se comunicarem repete-se nos templos, é um “perfil de sobriedade, austeridade, enviando uma mensagem de seriedade ao alvo, por meio do semblante, sem muito espaço para brincadeiras” (Lazzari, 2012, p.87).

“Para uma mensagem de rádio, devem ser escolhidas as palavras, os tipos de voz e os estilos de locução. O tom de um anunciante que promove um carro usado deve ser diferente daquele que promove um Cadillac novo. Se a mensagem for veiculada na TV ou pessoalmente, todos esses elementos e a linguagem corporal deverão ser planejados. Para mensagens *on-line*, o layout, as fontes, as imagens e outras informações visuais e verbais devem ser definidos cuidadosamente” (Keller & Kotler, p.624).

A repetição sincronizada dos liderados do bispo Macedo não é apenas um comportamento de manada¹⁶⁴, mas uma estratégia deliberada para levar cada um destes a ‘pensar no cliente’ (Keller & Kotler, p.732). O bispo no púlpito tem uma voz mansa, passos lentos de um lado para outro, mãos em movimentos vagarosos, linguagem coloquial, discurso direto. Duas perguntas entremeiam as suas palavras sempre: “Sim ou não?” e “Amém?”. Macedo deixa claro quando diz que “os membros da Igreja compreenderam que as injustiças só fazem bem para a fé. É a garantia de vencer lá na frente — afirma, com ênfase semelhante a seus discursos no púlpito” (Lemos & Tavolaro, 2007, p.14).

A racionalidade do discurso acaba sempre na vitória pessoal, reforçando o discurso religioso que afirma “a contribuição sistemática à Igreja como fonte de prosperidade” (Grassi, 1994, p.27). A ideia não é catequisar com referências bíblicas, mas discursos repetitivos e simples, embalados por um grande apelo emocional e cânticos repetitivos.

Um grande dilema da IURD está em “conciliar o caráter salvador de Cristo, que sempre foi o fundamento das denominações protestantes históricas, [que] deu lugar, mesmo que não no todo, ao pragmatismo religioso, onde o que vale é a possibilidade da bênção aqui e agora e onde os dons espirituais são motores para se alcançar o milagre pretendido” (Meneses, 2017, p.430-431).

¹⁶⁴ Quando aplicada a seres humanos, ela faz referência a decisões individuais ou coletivas, tomadas por influência de um líder ou de uma maioria. Com frequência, tais resoluções são precipitadas e não consideram os riscos que existem em gerar impactos negativos. Portanto, a existência de regras, padrões e códigos influenciam pessoas e grupos a agir ou a pensar de maneira parecida. Ser diferente ou se manifestar em outro sentido tende a gerar algum risco ou impacto negativo para quem fez (Clínica, 2021).

A igreja tem ao longo dos anos negado uma essência da polifonia, a sua comunidade, uma vez que os discursos de seus “pastores e bispos não dão margem a questionamentos” (Rocha, S.d., p.3-5). O que não é diferente na linha editorial de vários órgãos de comunicação ligados à igreja.

8.3 O posicionamento da IURD na eclesia

A que se pode atribuir tamanho sucesso? Como pode uma organização receber tamanho bombardeio, seja midiático, seja da justiça e continuar a crescer e fortalecer-se? Não à toa, a Igreja Universal do Reino de Deus, é fruto de estudo dos mais diversos níveis acadêmicos, as suas posições acabam, ainda que muitos neguem, por ser mimetizadas por outras organizações, evidentemente isso não é uma ação direta de ‘causa e efeito’, mas uma observação nos resultados apresentados.

A ausência de pudor para tratar de assuntos que para muitos, até há pouco tempo eram ‘tabu’, tem levado vários a rejeitar a IURD, mas uma coisa é clara: é impossível ignorá-la.

A igreja surge com o ímpeto expansionista, a ideia era ter grande popularidade num país do tamanho do Brasil, permitindo maior fluxo de pessoas, informações e de recursos. Pequenos templos eram abertos nos rincões brasileiros dando visibilidade à marca IURD, e alcançando uma população do interior que muitas vezes se sentia abandonada pelo poder público e clerical.

Essa natureza sistêmica e espacial do fenômeno expansivo iurdiano não foi vislumbrada enquanto objeto de análise pelos geógrafos brasileiros, como também não se registrou um olhar sobre a multidimensionalidade desse crescimento, isto é, da articulação de estratégias diferenciadas temporal e espacialmente pelo território brasileiro (Leite, 2019, p.15, apud (Araujo, 2018. p.23).

No que toca à política partidária, por exemplo, a igreja nunca deixou de se posicionar. Já eleito, o então presidente brasileiro Jair Messias Bolsonaro (1955), em visita ao Templo de Salomão foi destaque no programa da Rede de Televisão Record, no programa Domingo Espetacular, que ressaltou o clima amistoso e duas cenas se destacaram, a cortesia do bispo “que oferece uma Bíblia de presente a Jair Bolsonaro dizendo ser, essa é a palavra de Deus [...] é o melhor presente que eu poderia lhe dar” e

a outra foi a cerimônia religiosa no Templo de Salomão, lotado, na qual Jair Bolsonaro é consagrado pelo Bispo Edir Macedo (Ciochetti, 2022, p.2).

Este caso de sucesso não se pode creditar apenas ao momento econômico em que vivia o Brasil quando surgiu a IURD, seria diminuir, por exemplo, o carisma do bispo Edir Bezerra Macedo e a sua capacidade de gestão e resiliência.

A participação de forma clara da igreja em segmentos sociais aliada ao uso competente dos média pode ser considerada uma das explicações. A doutrina iurdiana, ou a falta dela, permitindo uma maior liberdade dos seus fiéis, além do apelo da luta do bem contra o mal, onde o bem vence Satanás, é a chave que “a Universal conclama seus fiéis a participarem [por exemplo] da política para vencer o satanás” (Oro, 2003, p.57).

Essa cosmovisão iurdiana mobiliza crenças, valores, símbolos, a partir da perspectiva de uma ‘guerra santa’, com amplo poder de promover e influenciar ideologicamente de forma direta a sociedade, através do seu conglomerado de comunicação ou de forma indireta a partir dos seus fiéis, ou através dos seus púlpitos.

A adoção de símbolos faz parte dessa comunicação, por vezes cristãos, por vezes judaicos, são elementos bíblicos como o Éden, o Mar Vermelho, a Arca de Noé, sal, luz, a pomba, que representa o Espírito Santo, a Nova Jerusalém, a Arca da Aliança, o Menorá entre vários outros que alimentam o imaginário do fiel (Cunha, 2014, p.2).

É importante observar que o sincretismo de elementos judaicos adotados pela Igreja Universal “destoa bastante dessa ideia de complementaridade verificada em boa parte da devoção popular brasileira” (Oliveira, 2014, p.67). É de registrar que oficialmente a Igreja Católica não corrobora com tais expressões sincréticas, mas não se percebe nenhum esforço para combatê-lo. Entretanto, essa incorporação de símbolos e elementos em rituais, sejam de costumes cristãos, sejam de costumes do judaísmo, não pode ser considerado uma exclusividade iurdiana, mas a sua exposição mediática tem influenciado outras pequenas igrejas a repeti-las num fenômeno que tem crescido e criado um pseudo-sucesso frequente nos auditórios eclesiásticos (Topel, 2011, p. 36).

Alguns evangélicos negam que a IURD seja evangélica, vendo-a como sincrética. Alegam que ela não aceita a doutrina e a ética comportamental, clássicas do Pentecostalismo. É verdade que a IURD segue uma estratégia de diferenciação: “já vivemos... a pregação protestante com Lutero... a avivalista com João Wesley e agora temos que sair da mera pregação carismática... para a pregação plena” (Santos, 2009, p.23, apud Macedo S.d., p.118).

Portanto, uma nova configuração foi feita e um novo fenômeno religioso surge “marcada pela emergência do Pentecostalismo como religião pública, analisando a importância da incorporação de novas mídias no repertório religioso da IURD como fator de transformação das práticas de mediação religiosa” (Ciochettii, 2022, p. 27).

A espetacularização da fé através da apropriação de ações de marketing a partir da publicitação nos seus meios de comunicação potencia a amplitude do seu proselitismo iurdiano. “Seus novos discursos midiáticos na TV são, sem dúvida, uma forma explícita deste alinhamento” (Ortunes, 2019, p.11).

Para a Universal a manifestação através da glossolalia como evidência do Espírito Santo não tem tanta importância, como no pentecostalismo clássico, o deslumbramento “é transferido para a cura (associada muitas vezes ao exorcismo) e a prosperidade. Isso não reflete, necessariamente, uma diferença de experiência, mas uma diferença de expectativa com respeito a ênfase apropriada nos ‘testemunhos’” (Grassi, 1994, p.137).

Entretanto, “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas mediadas por imagens” (Debord, 2003, p.14). É essa mediação que a Universal utiliza com exímia competência. “O espetáculo não significa outra coisa senão o sentido da prática total da formação econômico-social, o seu emprego do tempo. É o momento histórico que nos contém. [...] o que aparece é bom, o que é bom aparece” (Debord, 2003, p.17).

Essa mudança comportamental não é uma exclusividade da igreja Universal do Reino de Deus, Max Weber já abordava assuntos dessa natureza no século XIX:

“Veremos que em toda religião, uma modificação nas camadas socialmente decisivas foi, quase sempre, de profunda importância. Por outro lado, o tipo de uma religião, uma vez marcado, exerceu habitualmente uma influência de amplas consequências sobre o modo de vida de camadas muito heterógena. De várias formas, as pessoas buscaram interpretar a ligação entre a ética religiosa e as situações de interesse, de tal modo que à primeira surge como simples “função” da segunda” (Weber, 1982, p.312).

Questões de ordem ética são frequentemente debatidas, seja por causa do posicionamento da Universal ou por outra denominação religiosa, mas controvérsias à parte, Bruno Abilio Galvão, mestre em filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo, apresenta um conceito baseado na ética de Michel Foucault onde “a ética do ‘cuidado de si’ consiste em um conjunto de regras de existência que o sujeito dá a si

mesmo promovendo, segundo sua vontade e desejo, uma forma ou estilo de vida culminando em uma ‘estética da existência’”.

Ou seja, a ética, ainda que existam várias correntes de pensamento acadêmico, pode dizer-se que é algo construído no imaginário do sujeito a partir da sua cosmovisão do mundo, “assim como para grande parte da tradição filosófica, o problema ético consiste em responder à questão de como se pode praticar a liberdade. A ética seria a prática racional e refletida da liberdade, e a liberdade a condição ontológica da ética” (Ventura, 2008, p.65).

Trata-se de fazer suas “*facere suum*”¹⁶⁵ as coisas que se sabe, fazer seus os discursos que se ouve, fazer seus os discursos que se reconhece como verdadeiros ou que nos foram transmitidos como verdadeiros pela tradição filosófica. Fazer sua a verdade, tornar-se sujeito de enunciação do discurso verdadeiro: é isto, creio, o próprio cerne desta ascese filosófica (Foucault, 2006, p.401).

Logo, a liberdade religiosa, independente de valores éticos religiosos, constitucionalmente permite não apenas o posicionamento da Universal, como dos seus fiéis, particularmente no Artigo 5º, VI da Constituição Brasileira: “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias” (Brasil, 2016, p.13).

Assim, a ética é o cuidado de si e de como se vê o outro, “à maneira pela qual cada indivíduo constitui a si mesmo como sujeito de sua própria conduta” (Ventura, 2008, p.65). Dentro deste pensamento é, portanto, fácil perceber que a Universal não se pauta pelas demais denominações cristãs, sejam elas protestantes, evangélicas, católicas ou outras, a IURD tem os seus próprios valores e defende-os sem nenhuma dificuldade, de forma explícita.

Testemunhos de fiéis que superaram doenças, dificuldades de relacionamentos e em especial dificuldades financeiras, são motes de posicionamento de uma organização que demonstra através dos seus média e em particular nos encontros realizados nos seus templos que o “produto” oferecido traz resultados.

Se no passado a Universal foi identificada como uma igreja segmentada a uma população de baixíssima renda e escolaridade, o tempo mostrou, através de uma série de ações, que a igreja, seja por obras sociais ou por campanhas publicitárias, como a bem-

¹⁶⁵ "A cada um o que é seu" (<https://dicionario.priberam.org/>).

sucedida campanha “Eu sou a Universal”, distanciou-se dessa imagem e do estereótipo de uma religião de pobres, “está intimamente ligada ao antes e ao depois, mormente em uma ascendente social na qual a pobreza, obviamente, não faz nenhum sentido” (Lopes, 2017, p.17).

A retórica iurdiana é evolutiva e líquida (Bauman, 2001), ajusta-se de acordo com a tendência e o local onde está inserida, numa zona do planeta é o exorcismo, noutra é a cura, numa terceira é a prosperidade financeira. O processo de mundialização da igreja “está relacionada à midiatização em pelo menos duas vias: por um lado, a globalização pressupõe a existência dos meios técnicos estender a comunicação e a interação a longas distâncias e, por outro lado, impulsiona o processo de midiatização ao institucionalizar a comunicação mediada e interação em muitos novos contextos” (Hjarvard, 2008, p.113).

O posicionamento da Igreja Universal pode ser considerado como uma rutura no imaginário das chamadas igrejas tradicionais, inclui-se aqui metodistas, baptistas e presbiterianas, bem como as igrejas pentecostais que compreendem as três fases, Primeira, Segunda e Terceira Ondas (Freston, 1993), ou Pentecostais Classicos, Deuteropentecostais e Neopentecostais (Mariano, 2004). Esse processo semiótico certamente não é um processo que tange e caracterize de forma universalizada a IURD, do ponto de vista de alguns valores e doutrinas cristãs, há uma similaridade muito forte que une todas essas denominações, por exemplo, a necessidade de conversão pessoal ou de um novo renascimento, com “a insistência dos pastores em que a radicalização existencial do cristianismo exige não apenas uma evolução a partir do catolicismo popular tradicional, mas seu completo abandono, isto é, uma conversão” (Grassi, 1994, p.11), o crucicentrismo (a Cruz de Jesus), o seu nascimento virginal e a sua ressurreição são valores inalienáveis. Já a ordenação feminina, ainda que algumas igrejas abram espaço às mulheres nos ministérios hierárquicos, “a IURD concentra o poder na autoridade masculina, legitimando o personalismo na ideia do ‘homem de Deus’ que é fiel à Igreja e a seu bispo maior” (Ferrari, 2012, p.247-248). Casamento entre crentes, trabalho social, uma grande marca para o fortalecimento da instituição, o culto como ato da adoração a Deus, a Ceia do Senhor como memorial, não há pinturas nem imagens de personalidades, Natal e Páscoa são datas relevantes e a homossexualidade é condenável.

A instituição casamento é algo que a igreja se esmera para manter. Entretanto, o “divórcio é sinal de que algo está errado, mas não é o fim. Quando a mulher abandona o

marido responsável por alguma função na igreja, logo após a separação ele recebe apoio para casar-se novamente” (Lemos & Tavolaro, 2007, p.63).

Mas também existem posicionamentos antagônicos, como o uso de preservativo e a legitimidade do aborto, nesse caso o próprio bispo Macedo não apenas defende como sustenta a sua tese a partir das escrituras bíblicas citando o livro de Eclesiastes (Bíblia, 1993, Eclesiastes 6.30). Sem dúvida um assunto capaz de estremecer o mais leigo evangélico, no entanto, os posicionamentos não param por aqui, a igreja aborda “algumas de suas características [como o] papel secundário da Bíblia, ausência de ensino dogmático, espiritualidade individualizada e utilitarista, uso de objetos como mediação para o sagrado, concentração do poder institucional na cúpula hierárquica, etc. Não só impedem que o consideremos como protestantismo, como ainda nos impelem a equipara-lo... a uma reedição urbana do catolicismo popular tradicional” (Grassi, 1994, p.11).

Algo que deveria ser comum numa igreja cristã, o regresso de Jesus, o Cristo, pouco ou quase nunca é falado numa igreja Universal, uma crítica contundente é apresentada de forma lúdica e didática do que deveria ser a parusia: “Jesus, filho de José e filho de David, foi enviado por Deus para ser o messias dos judeus. Seu povo não acreditou nele, que posteriormente foi crucificado pelos romanos. Entretanto, Jesus voltará, a segunda vez dos céus, para julgar a humanidade e iniciar uma nova era” (Topel, 2011, p.39, apud Cohn, 1980).

A IURD viu-se diante de um grande dilema. Como conciliar o pragmatismo religioso da sua prática com a mensagem de salvação para o após a morte? Como conciliar o aqui e o agora com a proposta de bênção ainda a ser alcançada no além? O que fez a teologia da IURD? Tentou contemporizar, ou seja, em parte do culto a mensagem da salvação era apresentada, enquanto na quase totalidade dos trabalhos, em todos os dias da semana, predominavam os apelos à prosperidade, à guerra santa contra o inferno e os seus demônios, à cura dos mais diversos tipos de doenças, inclusive o vício nas mais diversas drogas e até programa específico para pessoas com crises depressivas (Meneses, 2017, p.431).

Uma mudança vem sendo gestada nas hostes iurdianas, metáforas, por vezes pejorativas diziam que a Igreja Universal do Reino de Deus comprou “uma ilha apartada de um continente evangélico — um segmento que, em 50 anos, avançou 1.400% no Brasil (de 2% para 30% da população)” ou ainda o conselho da dona

Florinda para seu filho Kiko, na série ‘Chaves’¹⁶⁶: “Vamos, tesouro, não se misture com essa gentinha”, está no passado, “o bispo Edir Macedo, contudo, está disposto a flexibilizar esse isolacionismo que acompanha a história de sua igreja” (Paulo, 2019).

A criação da ‘A Unigrejas’ (União Nacional das Igrejas e Pastores Evangélicos) foi um marco para o fim desse isolamento, o primeiro líder foi o bispo iurdiano Eduardo Bravo. Logo nos primeiros dias da organização foi lançada a revista Renovação e como gesto de demonstração de unidade o “editorial da revista foi assinada pelo próprio Macedo, que levanta a bandeira branca: ‘Eu não creio apenas no trabalho da Igreja Universal, mas sim que a missão de todas as igrejas evangélicas é em favor do Reino de Deus’” (Paulo, 2019).

A Unigrejas com menos de dez anos já tem nos seus quadros mais de 50 mil pastores evangélicos em todo o Brasil, que participam, constantemente, nas atividades da instituição (Cruz, 2022).

8.4 O empreendedorismo religioso

Para muitos, os recursos investidos da Igreja Universal do Reino de Deus em empreendimentos é algo inusitado e fora do propósito que constitui uma igreja, mas isso não é uma característica iurdiana, são milhares de igrejas pelo mundo que usam recursos arrecadados pelos seus fiéis para investimentos totalmente fora dos propósitos originais da organização, sem, contudo, perderem o foco, no caso cristão, do Evangelho.

De modo análogo se poderia tentar explicar o fenômeno igualmente frequente e notável — do qual Cecil Rhodes¹⁶⁷ é um exemplo —, a saber, que da casa de pastores tenham nascido empresários capitalistas de grande estilo como uma reação contra a educação ascética recebida em sua juventude (Weber, 2004, p.36).

A capacidade de empreender é uma característica do evangelho/protestante; a intenção desta pesquisa não é esgotar todas as fontes organizacionais religiosas que

¹⁶⁶ El Chavo del Ocho (Chaves no Brasil e O Xavier em Portugal), ou simplesmente El Chavo, foi um seriado de televisão mexicano criado, roteirizado, dirigido e estrelado por Roberto Gómez Bolanos (conhecido como Chespirito), produzido pelo canal mexicano Televisa.

¹⁶⁷ Cecil John Rhodes, (nascido em 5 de julho de 1853, Bishop's Stortford, Hertfordshire, Inglaterra - falecido em 26 de março de 1902, Muizenberg, Cape Colony [agora África do Sul]), financista, estadista e construtor do império britânico – África do Sul. Ele foi primeiro-ministro da Colônia do Cabo (1890 a 1896) e organizador da gigante mineradora de diamantes De Beers Consolidated Mines, Ltd. (1888). Por seu testamento, ele estabeleceu as bolsas Rhodes em Oxford (1902). Um prêmio internacional de pós-graduação para alunos que estudam na Universidade de Oxford (Woodhouse, 2023).

fazem investimentos com recursos arrecadados ou fazer juízos de valor de determinadas denominações, se praticam o cristianismo de forma ortodoxa ou de maneira heterodoxa, mas, apenas apresentar o viés empreendedor de algumas dessas organizações com dimensão mundial.

Talvez a mais emblemática seja a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, mas conhecida como igreja Mórmon, o seu vasto império comercial é avaliado em US\$ 40 bilhões. Os seus diversos negócios estão organizados sob a *holding* DM, conta com seis subsidiárias, controlam onze estações de rádio, uma emissora de televisão, diversas empresas de imprensa escrita e digital, além de vários hotéis e uma seguradora, com mais de US\$ 3,3 bilhões em ativos. No mesmo ano, inaugurou um *shopping* que custou US\$ 2 bilhões em Salt Lake City, Estados Unidos, sede da organização (IstoÉ, 2012), possui “380 apartamentos de luxo num complexo no Texas, num negócio avaliado em dezenas de milhões de dólares, uma área comercial, e um bloco de apartamentos na Filadélfia” (Notícias, 2017).

A Igreja Adventista do Sétimo é uma das cinco igrejas com mais fiéis no Brasil, com 1,5 milhões de pessoas, e está presente em quase todo o mundo, a sua estrutura não se restringe apenas à construção de templos e evangelização de pessoas, tem hospitais, escolas, universidades, indústrias de alimentos, editoras, gravadoras e meios de comunicação, entre outros negócios. Em 1989 conseguiu a sua concessão de televisão no Brasil, a Rede Novo Tempo de Comunicação, além da televisão, possui rádios com presença em várias partes do mundo (Intervozes, 2017).

Que a Igreja Católica Apostólica Romana possui um património quase imensurável é um facto, mas chamamos a atenção para notícia publicada pelo Portal Exame onde “um estudo da revista britânica *The Economist* apurou que, nos Estados Unidos, o Vaticano e entidades ligadas. A igreja movimentou 170 bilhões de dólares só em 2010, o que o torna uma das maiores ‘empresas’ do país” (Caleiro, 2013).

No Brasil não é fácil estimar o tamanho do património católico, além de milhares de edificações, existem editoras como a Vozes, fundada em 1901 e que fatura em vendas mais de 2 milhões reais por ano, assim como a centenária Editora Paulinas, presente em 52 países e a Paulus com um programa em mais de 450 emissoras de rádio e 29 livrarias no Brasil, a sua faturação em 2012 foi superior a 100 milhões de reais.

São nove emissoras de televisão, com dezenas de repetidoras e mais de uma centena de emissoras de rádio no Brasil, com doações que superam a centena de milhões de

reais. Na educação, segundo a Associação Nacional de Escolas Católicas, são mais de 100 mil professores, lecionando para um contingente de 1,5 milhões de alunos. São 2 mil escolas e 180 obras sociais. No ensino superior os números também impressionam, são mais de 100 instituições. Quanto à saúde, a receita bruta de 2012 bateu a casa dos 2 bilhões de reais e a igreja concentra 35% dos leitos de todo o país. “No caso da Igreja Católica, os cálculos são escorregadios, porque os negócios estão espalhados por uma rede descentralizada gerida por pequenas fundações e entidades filantrópicas sem fins lucrativos” (Caleiro, 2013).

Após o massacre de 17 pessoas, na *Marjory Stoneman Douglas High School*, na Flórida, a Igreja Episcopal de Massachusetts resolveu reunir com um grupo de fiéis e comprar parte da empresa *American Outdoor Brands*, uma revendedora de armas que possui uma subsidiária na diocese, não para a fechar, mas para a redirecionar, Ian Douglas, presidente do grupo pró-controle de armas dos Bispos Unidos Contra a Violência de Armas, vê nisto uma oportunidade “para garantir que armas mais seguras sejam fabricadas, é preciso fazer parte da discussão” (Buisson, 2019).

Como já se pode observar:

A religião é considerada mais do que uma instituição à parte do mundo ou um conjunto de ideias concernentes ao sobrenatural ou à transcendência. Adicionalmente, ela é vista como “religião vivida” ou “religião como prática”, ou seja, a religião é um intrincado conjunto de práticas que está entrelaçado com a vida cotidiana (e, portanto, com o trabalho, consumo ou os negócios), sendo que nelas há a dimensão econômica (Serafim, 2008, p.34).

Em Portugal a presença de investimentos de igrejas protestantes/evangélicas é tímida se comparada com o poder económico da igreja Católica, o que veremos a seguir. O destaque são os investimentos da Igreja Universal, seja pela rede de Comunicação Record, seja pela compra de edifícios icónicos nas principais cidades portuguesas. Outra igreja que se destaca é a igreja Maná, fundada em 1984, pelo bispo luso-americano Jorge Manuel Guerra Tadeu (1949), possui mais de 1800 igrejas, em 54 países, e tentou através de parceiros estratégicos a compra de uma participação numa televisão independente, a TVI (BRITO, 2005), o que não avançou, contudo, o grupo Maná, detém grandes infraestruturas no território português, além de estúdios de televisão e rádio, o que dá suporte ao canal KuriakosTV que transmite o seu sinal via cabo, além de investir em plataformas móveis como a Maná Player que permite exibir conteúdo de TV e Rádio

em direto (RAFAEL, 2017, p.25). A Igreja Maná possui, ainda, a marca Rádio Viva, outro ‘braço’ da estratégia de comunicação da Maná, que está disponível em Portugal (97.1 FM), Brasil e países africanos (DN, 2005).

O Patriarcado de Lisboa, através da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), é dono da rede de comunicação com uma das maiores audiências no país, o Grupo Renascença Multimédia, que tem três emissoras de rádio, além de plataformas digitais. A igreja possui ainda emissoras de rádio como a Canção Nova e as rádios de Maria em Lisboa e no Porto. No início dos anos 2000 o governo português num projeto de ampliação de estradas, neste caso a construção da Circular Regional Interior de Lisboa (CRIL) indenizou a igreja Católica em milhões de euros por passar numa parte das suas propriedades. Apenas do loteamento da agora urbanização Jardins do Cristo Rei, Almada, entraram nos cofres católicos cerca de 5 milhões de euros. De acordo com estimativas da *Forbes*, só em 2016 o santuário de Fátima recebeu mais de 19 milhões de euros. E a construção da basílica da Santíssima Trindade foi orçamentada em 70 milhões de euros (Lopes, 2018).

A Igreja da Cientologia que tem o ator americano Thomas Cruise Mapother IV (1962) como o principal expoente da sua doutrina, nunca foi uma organização respeitada no meio cristão, ainda que tenha o crucifixo como um dos seus símbolos, lançou um canal de televisão, e em meados dos anos 2020. O que se destaca é a agressividade da igreja ao anunciar a sua marca, “durante o Super Bowl 2018 comprou anúncios de 30 segundos — que foram vistos mais de 2.8 milhões de vezes no Youtube” (Observador, 2018). Para ser ter uma ideia do tamanho do investimento, um vídeo de 30 segundo no Super Bowl custa em média 6,5 milhões de dólares (Notícias, 2023).

A badalada Igreja multimilionária *Hills Christian Life Center*, mais conhecida como Hillsong, fundada pelo neozelandês, filho de pastores, Brian Houston (1957), em 1983, além de administrar uma gravadora com uma faturação de 100 milhões de dólares, ainda tem faculdades, academias de artes cénicas, produtoras de filmes, editoras, entre outras. Embora as finanças exatas da organização não sejam divulgadas, a Hillsong teve receitas isentas de impostos de US\$ 80 milhões somente na Austrália. Brian ainda possui propriedades à beira-mar no valor de milhões com um património oficial, líquido, de US\$ 10 milhões (cm-ob.pt, S.d.).

O que está colocado nos textos acima é a capacidade de investimento das organizações religiosas, não necessariamente como os responsáveis desses investimentos de alguma maneira se aproveitaram desses recursos.

Apesar das distinções, pode-se notar claramente a existência de uma ética voltada para o fiel — latente nas primeiras torna-se uma espécie de libelo das segundas, forçado pelo próprio mercado. Com isso, mesmo as discussões sobre mercado passam a integrar o ambiente religioso. Se é necessário incluir o fiel no mercado de trabalho, as próprias Igrejas passam a se estruturar em torno de lógicas mercadológicas, que valorizam não só o trabalho, mas a competitividade religiosa e noções de consumo (Figueiredo, 2007, p.21).

Utilizando uma linguagem espiritual, a capacidade de empreender deve ser considerada um dom, um talento, uma dádiva dada por Deus. Se a forma de abordagem for mercadológica, a capacidade de empreender é ver a possibilidade de retorno do valor investido com acréscimo ao esforço inicial. “O mercado recompensa o mérito, a capacidade, a coragem de correr riscos, a sorte e o sucesso dos empreendedores por meio de remunerações, lucros, ganhos de capital e dividendos. Os prêmios diferem porque o desempenho difere. Ganhos desiguais são a prova de que o mercado está cumprindo a sua missão” (Leite, 1998, p.5-6).

Algumas dificuldades apareceram durante o período de pandemia do Covid 19, os Estados Unidos da América criaram um programa chamado Programa de Proteção das Folhas de Pagamento (PPP) que pretendia ajudar pequenas e média empresas, entretanto a BBC News Mundo, publicou um artigo em fevereiro de 2021 onde mostra que as megaigrejas também receberam esse auxílio, dando a impressão que isso seria algo contra as leis americanas, no final do artigo a própria BBC diz, através do professor de direito da Universidade da Virgínia, Micah Jacob Schwartzman (1976), que "o Supremo Tribunal consideraria que tal financiamento é legalmente admissível". A autora do artigo, Cecilia Barría, chama a atenção para as estruturas utilizadas por essas igrejas e os seus líderes, como aviões particulares e redes de televisão, em particular a Daystar Television Network que cobre quase todo o país com uma programação evangélica 24 horas por dia. Entre outras instituições religiosas estavam First Baptist Church of Dallas e o grupo empresarial de Joel Osteen, da Igreja Lakewood em Houston, no Estado do Texas (Barría, 2021).

Os desafios das igrejas empreendedoras são enormes, além da luta para se manterem num mercado competitivo, passam por situações, por vezes humilhantes, por causa dos seus investimentos. Para o líder da Igreja Universal do Reino de Deus, fruto dessa pesquisa, a teologia da miséria não cabe numa homília cristã, “a Igreja Católica sempre impregnou na cabeça das pessoas que riqueza é coisa do mal e que a pobreza é boa. Eles querem que eu pregue a ‘teologia da miséria?’” (Lemos & Tavolaro, 2007, p.165), questiona o bispo Macedo, autor de uma frase polémica que ressoa até hoje, em entrevista à revista brasileira *Veja*, foi perguntado se Jesus era pobre: “esse é um tremendo engano. Jesus nunca foi pobre. Ele disse: ‘Sou o senhor dos senhores, o rei dos reis’. Um rei nunca é pobre, a menos que esteja destronado. Sendo rei dos reis, Jesus era rico. Ele veio no mundo na pobreza, andou na pobreza para sentir na pele o que é ser pobre, o que é viver na condição mais insignificante do ser humano. Mas Jesus não era pobre” (Macedo, 1990).

Ora, e claro que o conjunto da literatura ascética de quase todas as confissões religiosas está impregnado pelo ponto de vista segundo o qual o trabalho leal, ainda que mal remunerado, da parte daqueles a quem a vida não facultou outras possibilidades, era algo extremamente apazível a Deus. Nesse particular a ascese protestante em si não trouxe nenhuma novidade. Só que: ela não apenas aprofundou ao máximo esse ponto de vista, como fez mais, produziu para essa norma exclusivamente aquilo que importava para sua eficácia, isto é, o estímulo psicológico, quando concebeu esse trabalho como vocação profissional, como o meio ótimo, muitas vezes como o único meio, de uma pessoa se certificar do estado de graça (Weber, 2004, p.162).

Se para muitos falar de dinheiro está fora dos arraiais da igreja, esse tema é corriqueiro nas Escrituras, ao ponto de Jesus, que vivia de ofertas ter o seu próprio tesoureiro, (Bíblia, 1993, João 12.16). A intenção não é fazer um juízo de valor das atitudes de Judas Iscariotes, tesoureiro do colégio apostólico, mas tão somente apresentar o conceito de que dinheiro e igreja caminharam sempre juntos, por vezes de forma equivocada como os famosos vendilhões do Templo¹⁶⁸.

O que levanta questões em relação às grandes corporações religiosas é como os recursos são tratados, muitos dos empreendimentos são descobertos por acaso, ou por

¹⁶⁸ “E estava próxima a páscoa dos judeus, e Jesus subiu a Jerusalém. E achou no templo os que vendiam bois, e ovelhas, e pombos, e os cambiadores assentados. E tendo feito um azorrague de cordéis, lançou todos fora do templo, também os bois e ovelhas; e espalhou o dinheiro dos cambiadores, e derribou as mesas; E disse aos que vendiam pombos: Tirai daqui estes, e não façais da casa de meu Pai casa de venda. E os seus discípulos lembraram-se do que está escrito: O zelo da tua casa me devorou. João 2.13-17

dedicados investigadores, no que toca à IURD “até hoje, não se sabe o que é patrimônio da Igreja e suas empresas e o que é da família do bispo Macedo, com seu substancial padrão de vida” [...] “Não existe representatividade dos leigos nem prestação de contas, tudo permanece fechado, da mesma maneira que ocorre em uma empresa privada” (Ferrari, 2012, p.207-208).

Portanto, a questão não está em discutir e apresentar os investimentos feitos por organizações religiosas ao longo da história e em várias partes do globo, mas como este investimento está a ser feito e qual a razão do mesmo. “É perceptível ver o caráter empreendedor que as igrejas [brasileiras] vêm assumindo: mais da metade dos CNPJs¹⁶⁹ ativos das organizações religiosas exercem atividades econômicas, acompanhando as demais organizações. Observando assim, a presença do otimismo do produtor religioso demonstrada principalmente em um comportamento na busca por fiéis e demais métodos de gestão, para gerar capital e então atingir o sucesso como empreendedor religioso” (Tavares & Rocha, 2022, p.153, apud Mariano, 2003, 2008a; Corrêa; Vale, 2015).

No livro *An inquiry into the causes of the wealth of nations*¹⁷⁰ do economista e filósofo escocês Adam Smith (1723.1790), publicado pela primeira vez em 1776, diz que o poder constituído pelo clero ao longo do tempo pode transformar sua liderança: “o clero de uma religião estabelecida e bem dotada frequentemente se tornam homens de erudição e elegância, que possuem todas as virtudes dos cavalheiros, ou que podem recomendá-los à estima dos cavalheiros: mas eles estão aptos gradualmente a perder as qualidades, tanto boas quanto más, que lhes davam autoridade e influência. Influência com as classes inferiores de pessoas, e que talvez tenha sido as causas originais do sucesso e estabelecimento de sua religião” (Smith, 2007, p.608)

Para Smith, “a separação Estado-Igreja aumentaria as taxas de retorno dos investimentos, a liberdade da crença, a oferta, a diversidade e incentivos dos produtores e consumidores, o que por sua vez, impulsionaria a criação de novas igrejas, consolidando assim a concorrência entre elas” (Tavares & Rocha, 2022, p.147).

Essa desregulamentação do Estado-Igreja fez surgir, por exemplo, o pentecostalismo empreendedor, num contexto de lógica do mercado religioso.

¹⁶⁹ Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (acrônimo: CNPJ) é um número único que identifica uma empresa e outros tipos de arranjo jurídico sem personalidade jurídica (como condomínios, órgãos públicos, fundos) junto à Receita Federal brasileira (órgão do Ministério da Economia).

¹⁷⁰ Uma investigação sobre as causas da riqueza das nações (Numa tradução livre - <https://translate.google.com/>)

Alicerçado na Teologia da Prosperidade, onde o crente não só toma atitude na realização de tarefas como vê com bons olhos a sua denominação religiosa no mesmo caminho, motivado ele vê-se impulsionado a tomar uma atitude quanto à obtenção da prosperidade, “que por sua vez exige ‘sacrifícios’ para que os resultados sejam alcançados” (Tavares & Rocha, 2022, p.156).

Muitas vezes o ‘sacrifício’ pode estar ligado não necessariamente a uma questão de fé, mas o que defende John Maynard Keynes (1883-1946), para o economista britânico, as pessoas mesclam habilidades com sorte, ou ainda, com resultados desconhecidos (Keynes, 1996).

Num país sincrético como o Brasil, o jogo acaba por fazer parte da cultura popular, porém fortemente combatido dentro da igreja, em especial a igreja evangélica. Para alguns, fazer sacrifícios esperando retorno passa a ser, por assim dizer, a substituição das lotarias oficiais brasileiras, “os homens de negócio fazem um jogo que é uma mescla de habilidade e de sorte, cujos resultados médios são desconhecidos pelos jogadores que dele participam” (Keynes, 1996, p.161).

Criador da aplicação *Seedtime*¹⁷¹, fundador e diretor do Instituto Católico de Liderança¹⁷², o padre Chileno, Rodrigo Hurtado (1970), não entra no tema da corrupção ou da atividade delitiva, mas diz que a Igreja sempre teve uma visão de que o dinheiro serve para o nosso próprio bem, “o pecado é guardar o dinheiro só para mim”. Para o padre há uma função social do dinheiro e o mercado financeiro é um meio para o crescimento da economia e deve ser usado de maneira consciente, “investindo-se em empresas” (Hurtado, 2021).

O que se pode observar é como deve ser investido e a sua transparência. Weber, (Weber, 2004), vai dizer que das virtudes do indivíduo e da organização religiosa, e o que se espera de sua aparência, “a honestidade é útil porque traz crédito, e o mesmo se diga da pontualidade, da presteza, da frugalidade também, e é por isso que são virtudes: donde se conclui, por exemplo, entre outras coisas, que se a aparência de honestidade faz o mesmo serviço, e o quanto basta, e um excesso desnecessário de virtude haveria de parecer” (Weber, 2004, p.45-46).

As organizações religiosas através das suas angariações, sejam por dízimos, ofertas, sacrifícios, ou outra razão de ordem lícita, podem fazer investimentos em

¹⁷¹ <https://seedtime.app/>

¹⁷² <https://iclbrasil.org/>

empreendimentos não necessariamente com o mesmo objetivo da entidade. Que propósito tem esta discussão?

No Brasil, como em vários países, as organizações reconhecidamente religiosas beneficiam-se de isenção fiscal, e com esses recursos acabam por fazer investimentos tidos como seculares com uma vantagem competitiva em relação aos demais empreendimentos, uma vez que têm recursos para investir com fontes certas e sem pagamento de juros.

Tudo começa pelas grandes catedrais, que são erguidas de um dia para o outro, ou às vezes uma simples fachada, mas “sempre ornadas com a sua logo iurdiana do coração em pentecostes — até as suntuosas catedrais vistas hoje, munidas de arcos, frontões e colunas, que se impõem no ambiente urbano, a IURD vem fundindo conforto para seus fiéis ao *status*/poder contido nas referências arquitetônicas de uma antiguidade greco-romana” (Cunha & Storto, 2020, p.195). Podemos observar como o termo empreender está ligado diretamente ao segmento religioso, “na Idade Média, na França, o termo *entrepreneur*¹⁷³ era usado para identificar as pessoas que eram responsáveis por importantes ações para a comunidade, geralmente ações relacionadas à guerra ou à construção de catedrais” (Cunha & Storto, 2020, p.187, apud Soto, 2010). Essa fase de construções simultâneas de “grandes e luxuosas catedrais, verdadeiros monumentos com ‘arquitetura pós-moderna de centro comercial’” (Ferrari, 2012, p.198), um verdadeiro *shopping center* gospel. Essa nova fase da ‘Era das Catedrais’, cria um novo espaço atrativo de identificação de massas em ‘trânsito religioso’ (Ferrari, 2012, p. 198-199).

É preciso uma nova Reforma. No tempo de Lutero, comprava-se a salvação com indulgências. Hoje ela é comprada - juntamente com a prosperidade - com o dízimo (Grassi, 1994, p. 52). [...] “Sem a plausibilidade da igreja medieval, a IURD não pode vender indulgências para comutar tantos anos de purgatório. Suas promessas precisam ser mais imediatas e intramundanas” (Grassi, 1994, p.152).

A padronização eclesial, o que não é uma exclusividade iurdiana, assim como um *shopping center* faz o ‘frequentador’ sentir-se num ambiente como se estivesse em qualquer outro, os pregadores são diferentes, mas o discurso é sempre o mesmo, isso favorece o clima e a aura emocional do ambiente, onde o clímax é o momento do

¹⁷³ Empreendedor - <https://translate.google.com/>

sacrifício, “assim como o sangue está para o corpo humano, também o dinheiro está para a obra de Deus” (Macedo E. B., 1995).

A forma com a IURD realiza as suas ‘chamadas’ para os templos, através dos seus programas, seja de rádio, televisão, jornais, e agora com a recente média social, é de uma profissionalização de marketing que impressiona e influencia o mercado religioso, “utilizando uma linguagem de cunho cristão popular com legitimações bíblicas e com segmentação de seu público” (Ferrari, 2012, p.214). Fica claro que a Igreja Universal atua como empresa religiosa com gestão de alta especialização e em geral, os seus ouvintes e telespectadores já se sentem pertencentes a uma denominação eclesialística.

Como se percebe, a iniciativa empreendedora não é uma exclusividade da Igreja Universal, igrejas e pastores evangélicos detêm dezenas de concessões de emissoras de rádios e televisão, além de participação na imprensa escrita, até cartões de crédito são lançados por diversas igrejas. Existe uma rua, a Conde de Sarzedas, no centro de São Paulo, Brasil, pensada para consumidores e fornecedores de produtos cristãos, entre outras tem uma agência de viagens que fecha cerca de uma caravana por mês (com cerca de 50 pessoas) para turismo em cidades como Jerusalém, em Israel, e Belém, na Cisjordânia. Existe ainda a ExpoCristã, em São Paulo, uma feira que reúne 160 mil visitantes. A Câmara Brasileira do Livro (CBL) diz que a produção de livros religiosos cresce a cada ano, idem à Associação Brasileira de Produtores de Discos. Outras entidades prestam diversos serviços para diferentes congregações, é o caso da Sepal (Servindo aos Pastores e Líderes), que ensina técnicas de liderança e gestão de negócios a pastores e líderes religiosos e comunitários, além de realizar pesquisas para identificar regiões "com necessidades missionárias e sociais" que podem ser atendidas por congregações (Idoeta, 2011).

8.5 Para além do religioso: a igreja e a política

A política brasileira é uma miscelânea de interesse formada por bancadas dos mais diversos segmentos da sociedade, formalmente são bancadas de partidos políticos, com os seus respectivos líderes como o partido Liberal, partido Novo, ou blocos de partidos como o Bloco MDB, PSD, Republicanos, Podemos e PSC, ou ainda por federações como a Federação Brasil da Esperança – Fé, formada pelo PT, PC do B e PV (Deputados, 2023).

Ao contrário, no senado não existem blocos de partidos ou federações, cada partido forma o seu próprio bloco e assim como a Câmara dos Deputados, para cada grupo há um líder (Federal, 2023). No Brasil, segundo o Tribunal Superior Eleitoral (STE), existem formalmente trinta e um partidos políticos aptos a disputar eleições gerais no país (Eleitoral, 2023). Existem ainda outros dez em formação (TSE, 2023).

Nesse universo ainda existem as chamadas bancadas segmentadas, ou bancadas de informações, são consociações de interesses que independentemente do partido político, o que os une é o segmento a que pertence determinando representate seja da Câmara dos Deputados ou do Senado Federal. Segundo o Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (DIAP) existem sete principais bancadas informais no Congresso Nacional, (Parlamentar, 2022, p.3-4):

BANCADA	DEPUTADOS	SENADORES	TOTAL
Ruralista	81	24	105
Empresariais	210	32	243
Parentes	205	21	226
Segurança	66	10	76
Feminina	99	13	112
Sindical	41	6	47
Evangélica	85	12	97

Quadro 6 – As sete principais bancadas informais no Congresso Nacional

Os números por vezes divergem, porque um mesmo parlamentar poder fazer parte de mais do que uma bancada. No entanto, se observarmos a evolução da bancada evangélica desde a legislatura de 1991/95, segundo o Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (DIAP), com exceção da legislatura 2015/19, em todas as eleições houve um crescimento da bancada evangélica, são várias denominações, cuja orientação religiosa é protestante, pastores ou não, pautadas por defesas a temas como união homoafetiva, pesquisas com células-tronco, defesa da família, Escola Sem Partido, ideologia de gênero, aborto (Parlamentar, 2022, p.20).

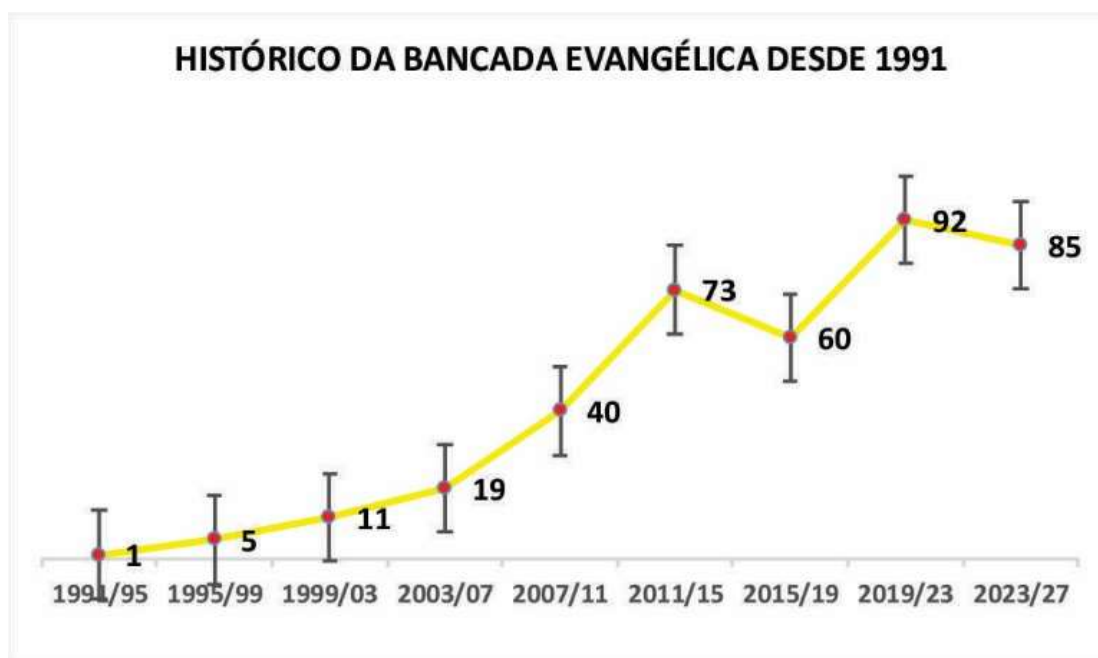


Figura 31 - Histórico da bancada evangélica.

Segunda a revista Carta Capital estes números da bancada evangélica pode ainda ser maior, “estima-se que a bancada desta legislatura (2023/2027) contará com 132 deputados (26% da Câmara) e 14 senadores (17%). A atual frente juntou 187 deputados e 30 senadores signatários para eleição do líder da abancada, sendo formada por parlamentares tanto de ideologia de esquerda como direita” (Capital, 2023). Entretanto, não é difícil perceber que o país hoje se encontra polarizado em ideologias de direita e esquerda, e a igreja evangélica, que antes se mantinha neutra, “começa a tomar partido de forma veemente e atuante através das candidaturas de direita” (Oliveira, 2022, p.2).

Ainda que o Brasil seja um estado laico, não é laicista, portanto, não nega à sua população o direito de manifestação religiosa de qualquer natureza e não impede a participação dos seus fiéis na vida social, econômica e política. “A partir da década de 1990 aumentou também no Brasil o número dos políticos declaradamente religiosos, aumentando assim a relação direta entre a identidade religiosa e os votos nas eleições” (Siuda-Ambroziak, 2014, p.105).

Entretanto, existem registros da participação da igreja cristã na política desde a constituição de 1933 “a Igreja Católica teve participação direta na composição dessa assembleia, com a organização do grupo político conhecido como Liga Eleitoral Católica, subordinado diretamente a Ação Católica” (Leite, 2009, p.7). Nessa legislatura

estavam dois cristãos evangélicos, o pastor metodista Guaracy Silveira (1893-1953) e o presbiteriano Antônio de Souza (Oliveira, 2022, p.5, apud Souza, 2005).

Até aos anos de 1980 os evangélicos brasileiros, sejam os protestantes históricos ou pentecostais, apresentavam-se numa postura de autoexclusão deliberada da participação político-partidária (Gonçalves & Pedra, 2017, p.84).

Essa desprivatização chamada por Casanova, (Casanova, 1994), o avesso da separação do Igreja-Estado que havia sido fruto da Reforma Protestante nos idos de 1517, por Martinho Lutero, que começou a chamar a atenção das lideranças religiosas, por defesa de interesses contrários aos seus valores considerados morais e éticos.

Numa tentativa de perpetuar essa herança, em Inglaterra, os puritanos¹⁷⁴, entre outros, faziam parte do movimento que já existia há décadas, tentavam a separação da Igreja e do Estado, essa defesa “causavam terror em todos, do povo (católicos e protestantes) aos reis. Não por acaso foi o movimento mais perseguido do período da Reforma” (Menezes, 2011).

No início do século XX, Max Werber publica o livro “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” (1904), onde ele chama a atenção para as:

“Minorias nacionais ou religiosas, ao se contraporem como ‘dominadas’ a um outro grupo visto como ‘dominante’, tendem, em virtude de sua exclusão, seja ela voluntária ou involuntária, das posições politicamente influentes, a ser fortemente impelidas para os trilhos da atividade aquisitiva; seus membros mais bem-dotados buscam satisfazer aí uma ambição que no plano do serviço público não encontra nenhuma valorização” (Weber, 2004, p.33)

Essa Teologia Política ou Antropo-Política, foi apresentada, entre outros pelo, ideólogo alemão, Carls Schmitt (1888-1985), no seu livro Teologia Política (1922), ele defendeu a ideia de que todos os conceitos do Estado moderno são aceitos de forma teológica e não somente de acordo com o seu desenvolvimento histórico, porque ele foi transferido da teologia para a teoria do Estado, também, na sua estrutura sistemática, cujo conhecimento é necessário para uma análise sociológica desses conceitos (Schmitt,

¹⁷⁴ Eram membros de um movimento de reforma religiosa conhecido como puritanismo que surgiu dentro da Igreja da Inglaterra no final do século XVI. Eles acreditavam que a Igreja da Inglaterra era muito semelhante à Igreja Católica Romana e deveria eliminar cerimônias e práticas não enraizadas na Bíblia. Os puritanos achavam que tinham uma aliança direta com Deus para aprovar essas reformas. Sob o cerco da Igreja e da coroa, certos grupos de puritanos migraram para as colônias do norte da Inglaterra no Novo Mundo nas décadas de 1620 e 1630, estabelecendo as bases para a ordem religiosa, intelectual e social da Nova Inglaterra. Aspectos do puritanismo repercutiram na vida americana desde então.

2006, p.35). A cultura judaico-cristã e o seu conjunto de crenças acabou por influenciar a sociedade ocidental, para um grupo de pensadores, foi um atraso no progresso da sociedade, para outro foi o travão moral e ético, seja qual a perspectiva, existe um fato: a sua marca é indelével.

“Os cristãos não devem apenas discutir, mas principalmente procurar participar de modo a colaborar para a desenvoltura de uma boa política nacional, e, sobretudo, com o projeto de nação idealizado por Deus para o Seu povo” (Macedo & Oliveira, 2000, p.25).

No livro citado acima, o bispo Macedo deixa clara a intenção de uma nação cristã, onde o tema da política a partir de um ponto de vista bíblico e técnico seja utilizado com “a sapiência filosófica, é que todos conseguirão compreender o projeto de poder elaborado por ‘Deus para o povo’” (Gonçalves & Pedra, 2017, p.83).

As igrejas cristãs, sejam evangélicas ou católicas, desde a constituição de 1988 perceberam que a não participação do processo de discussão dos caminhos a que devem seguir o país, pode alijá-las do processo não apenas da discussão das problemáticas nacionais, mas dos valores que pautam a sua origem, o cristianismo. Esta iniciativa levou as igrejas a uma organização e ao controlo centralizado nas decisões onde a constante inovação metodológica, e “as atividades são governadas por um marketing agressivo e estratégias ousadas” (Matos, 2006), ditam os seus ritmos e caminhos.

É o caso desta pesquisa, a igreja Universal do Reino de Deus tem uma visão de penetração na sociedade, seja através dos média, empreendimentos, ou pela política partidária, um conceito arrojado de missão religiosa. Todo o império económico e político termina por se reverberar em crescimento da própria igreja.

A presença protestante/evangélica no Brasil, como já foi visto dá-se por várias razões e oportunidades distintas, mas é inegável que o seu crescimento exponencial se dá no passado século XX. Entre várias explicações uma merece destaque: O positivismo¹⁷⁵ militar católico.

¹⁷⁵ O Positivismo é uma corrente de pensamento filosófico que surgiu na Europa, mais precisamente na França, entre os séculos XIX e XX. Desenvolvida pelo pensador Auguste Comte, defendia que o conhecimento científico era a única forma de conhecimento válido. Com isso, as superstições, religiões e demais ensinamentos teológicos não são levados em consideração, pois não contribuem para o desenvolvimento da humanidade. Portanto, o Positivismo valoriza a ciência, o materialismo e o mundo humano, em detrimento da metafísica e do mundo espiritual. O pensamento positivista está dividido em duas vertentes: de um lado a orientação científica, que busca efetivar uma divisão das ciências, e do outro a orientação psicológica, linha teórica da sociologia que investiga toda a natureza humana existente (Mendonça, 2019).

O golpe militar de 1889, que destronou o imperador brasileiro Dom Pedro II, tinha na sua formação um grupo de líderes fortemente influenciados pelo francês Isidore Auguste Marie François Xavier Comte (1798-1857), e a sua doutrina positivista, onde essa geração de políticos e intelectuais se refletiu num certo estilo de governo e de linguagem pública que reverbera até aos dias de hoje, o maior exemplo é o lema da bandeira brasileira “Ordem e Progresso”. Personagens como Manuel Deodoro da Fonseca (1827-1892), que representava fortemente os militares; Benjamin Constant Botelho de Magalhães (1836-1891), que fazia justamente uma defesa da pátria e era o representante ligado ao pensamento positivista e Quintino Antônio Ferreira de Sousa Bocaiuva (1836-1912) representava o movimento liberal, entre outros, Souza e Murguia, (Souza & Murguia, 2015), defendiam ideias no sentido de mudanças urgentes no Governo Provisório no que tange “a transição para o regime republicano deveria respeitar a liberdade espiritual” (Mello, 2011, p.5).

Os positivistas mais ortodoxos defendiam uma rutura menos radical no que tocava à separação entre a Igreja e o Estado, os mais heterodoxos defendiam o contrário. Um facto era que a relação entre católicos e positivistas era complexa, já que os seus respectivos seguidores tinham opiniões distintas sobre aspectos da política brasileira e questões para os dias hoje, como o casamento civil e cemitérios públicos (Mello, 2011, p.10).

Toda essa celeuma diminuiu a representatividade da igreja Católica Romana nas atividades políticas brasileiras, abrindo, ainda que de forma bastante tímida, uma porta para o protestantismo de missão que tinha chegado há pouco tempo ao Brasil. “Uma das explicações simplistas das causas da passagem de católicos para o pentecostalismo está em atribuir a Igreja Católica uma excessiva atenção as questões sociais e políticas em detrimento da ação religiosa ou pastoral” (Grassi, 1994, p.20), outra pode-se atribuir “a falta de apoio de parcela de membros da Igreja Católica Apostólica Romana aos militares no período do Regime Militar o que terminou por trazer uma brecha para que os protestantes se achegassem e marcassem posição” (Oliveira, 2022, p.8).

A partir dos anos 1920 o exército começou a fazer o caminho de volta ao catolicismo, “sem alarde e de maneira bastante misteriosa até hoje, da confissão positivista para o seu equivalente católico. Mas nunca abandonou, sem muitas vezes perceber nem sobretudo confessar, uma amálgama das duas referências nas dobras da definição de sua identidade política” (Grassi, 1994, p.38).

A primeira das seis constituições foi feita à pressa em 1891, “promulgada pelos senadores e deputados constituintes 15 meses após a derrubada de D. Pedro II” (Westin, 2021), entretanto, a partir da segunda, nenhuma constituição brasileira, discutida e aprovada, deixou de ter um representante evangélico na sua legislatura (Gomes, 2021).

A aproximação das igrejas cristãs, que começou tímida, acabou por ocupar um espaço significativo na política brasileira, e esse espaço é gigantesco em termos de visibilidade, sem mensurar as horas de emissoras de rádio e imprensa, apenas com presença na televisão brasileira, são mais de “4.800 horas todos os meses. A Igreja Universal do Reino de Deus, do bispo Edir Macedo, usufrui de mais de 1,5 mil horas de televisão por mês, distribuídas entre seis emissoras” (Alves, 2016, p.9), além dos média da Rede Record.

A igreja Católica demorou a reagir, mas hoje possui nove emissoras como cabeça de rede, cobrindo todo o território brasileiro, além das emissoras de rádio, e de manter o programa mais antigo da televisão brasileira, o “Santa Missa em seu Lar”, transmitido todos os domingos de manhã, pela Rede Globo, para todo o país.

Tamanha exposição mediática gerou uma empatia nos dois lados do ecrã, e hoje, a chamada bancada evangélica não está apenas no Congresso Nacional Brasileiro, mas no executivo, seja através de prefeitos, vice-prefeitos, governadores e vice-governadores, além de centenas de deputados estaduais e milhares de vereadores.

A Igreja Universal do Reino de Deus acabou por fazer acontecer um projeto acalentado há décadas pelo segmento evangélico brasileiro, ter uma bancada representativa no Congresso Nacional.

Essa experiência evangélica começa na constituinte de 1933/34, mas não consegue avançar. Na década de 1960, já na Segunda Onda (Freston, 1993) uma nova tentativa, “não obtiveram satisfatória participação eleitoral, visto estarem na contracorrente da teologia sectária do pentecostalismo, isto é, o seu não-envolvimento com as esferas mundanas” (Ferrari, 2012, p.220-221). Somente a partir da constituinte de 1986 o movimento iurdiano retomou esse projeto de quase meio século.

“Ao substituírem a velha máxima ‘crente não se mete em política’ por projetos eclesiais corporativistas radicados no *slogan* ‘irmão vota em irmão’ [...] ‘entraram de corpo e alma’ no jogo político. Avidamente cortejados e assediados por partidos e candidatos, vários desses ‘irmãos’ passaram a trocar voto e apoio eleitoral por cargos, recursos, favores e concessões – sempre públicos - de toda espécie” (Mariano, 2004, p. 16).

Com essa estratégia a IURD não apenas consegue eleger nas eleições gerais de 1986 o deputado federal bispo Roberto Augusto Lopes, pelo PTB do Rio de Janeiro, como o faz mais votado do partido com 54.332 votos, desde então a igreja vem em sentido crescente, ano após ano aumentando a sua participação política na sociedade brasileira.

Nenhuma organização no mundo, com exceção da igreja Católica Apostólica Romana, foi capaz de manter com tamanha competência a tríade: eclesía, economia e política, respeitando as devidas proporções, enquanto a igreja romana já supera os dois milénios, a igreja ‘mecadiana’ ainda caminha para o seu primeiro meio século. Entretanto, o que chama a atenção é a velocidade a que se dão os factos.

Um uso competente dessa tríade, em particular a comunicação de massas, é o grande contributo para o caminho da consolidação da igreja. Essa espetacularização do sagrado, utilizando o que o cristianismo tem de mais importante: As Sagradas Escrituras como legitimador; recria novos símbolos, e um agressivo avanço missionário pelo mundo, muito mais como uma empresa religiosa do que como uma agência missionária.

Essa visão política expansionista por vezes causa constrangimentos, “‘Teologia do Domínio’, que frisa a necessidade de a igreja ir além da prática ritual na disputa do homem e suas organizações” (Ferrari, 2012, p.216).

A IURD sabe a importância da política na tomada de decisões que afetam uma série de interesses, inclusive os seus, portanto, mantém com mão-de-ferro um partido no Brasil capaz de influenciar decisões importantes dentro do Congresso Nacional, são governadores, quase quinhentos prefeitos, uma bancada de 49 deputados federais e quase uma centena de deputados estaduais, além de quase 5 mil vereadores pelo Brasil.

Mas, nem sempre a fórmula funciona, em locais distintos como em Portugal, por exemplo, a igreja até tentou o mesmo êxito como no Brasil e lançou o partido Gente, que foi indeferido pela Comissão Nacional de Eleições (CNE) em 1995 (Eleições, S.d.).

Em Israel o bispo Macedo é recebido como autoridade de alta patente, em 2019 recebeu uma das maiores honras do Estado “a Medalha Jerusalém de Ouro. A medalha foi entregue pelo embaixador de Israel no Brasil, Yossi Avraham Shelley (1957), e pelo Cônsul Geral de Israel em São Paulo, Dori Goren, num encontro realizado no Salão Nobre do Templo de Salomão” (Universal, 2019)

Já noutra parte do globo a IURD não conseguiu ter êxito com a criação de um partido. No governo do presidente brasileiro Luís Inácio Lula da Silva (1945), houve uma aproximação com o Irão, o que foi comemorado pela cúria iurdiana, afinal, tal proximidade poderia facilitar a entrada da IURD no país mulçumano, e assim foi.

O então senador, bispo licenciando, Marcelo Crivella, pediu uma carta de apresentação ao presidente para aproximar-se dos líderes mulcumanos dos países nos quais a igreja enfrentava dificuldades para entrar. “O petista à escreveu, à mão, e lhe entregou. Assim, a Universal se instalou em Zâmbia, na África — onde seus pastores haviam sido expulsos — e em Barbados, na América Central” (Nascimento, 2019, p.352).

A escolha de um candidato a receber apoio da IURD depende de um único critério: “devem subordinar-se às diretrizes e aos dirigentes da Igreja” [...] Do contrário, o apoio que recebe é retirado e sua base eleitoral é enfraquecida e transferida a outro candidato com perfil mais serviçal” (Ferrari, 2012, p.219-220).

Os líderes que fazem parte da área política da IURD não têm dificuldades ideológicas, em entrevista à revista Exame, o autor do livro “O reino: A história de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal”, Gilberto Nascimento, explica o que se observa no quotidiano da igreja “eles apoiaram todos os governos, Collor, Itamar, FHC, Lula, Dilma, Temer, Bolsonaro. Agora, todos também querem né? Se eles chamam o PT de Satanás, mas amanhã resolvem apoiar o PT de novo, o PT vai aceitar provavelmente”. (Nascimento, "Edir Macedo tem uma visão muito pragmática: Se há poder eu tô junto", 2020).

Para o bispo Macedo o que importa é o zelo pela identidade da IURD, “conservando e aprimorando um exercício do poder que encontra legitimidade perante sua clientela” (Ferrari, 2012, p.233).

Um crescimento tão rápido vem, via de regra, acompanhado de problemas na mesma velocidade, entre vários dos problemas, o que mais tem causado dores de cabeça, de momento, à cúpula iurdiana é a situação em Angola, segundo “os valores somados chegam a US\$ 120 milhões por ano. [...] Dali, o dinheiro seria levado a Portugal, muitas vezes pelo próprio bispo Edir Macedo, em seu jato particular” (Nascimento, Igreja Universal tirava ilegalmente US\$ 120 milhões de Angola, dizem bispos, 2021).

O assunto já envolveu as embaixadas “o ministro das Relações Exteriores brasileiro, Carlos França [1964], solicitou ao embaixador angolano em Brasília, Florêncio Mariano, explicações sobre a ‘notificação de deportação de 34 cidadãos brasileiros’ em Angola. Em causa está a deportação de missionários da Igreja Universal do Reino de Deus” (Lusa, 2021), e até o então vice-presidente, o general Hamilton Mourão [1953], por causa da XIII Conferência de Chefes de Estado e de Governo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), em Luanda, manifestou-se colocando “a IURD Brasil com sua filial em Angola” (Nadir & Thales, 2021), o que até hoje não aconteceu.

Entre ameaças de rompimento com o governo brasileiro, por falta de apoio, ainda que o vice-presidente se tenha manifestado, foi colocado sobre a mesa, o partido Republicano com a sua estrutura de 49 deputados Federais e 6 senadores, no entanto, providências de ordem judiciais foram tomadas e a igreja começou uma “batalha judicial para retomar o controlo de seus templos em Angola, depois de ter quatro integrantes julgados no país africano” (Nascimento, Igreja Universal prepara batalha judicial para retomar templos em Angola, 2022).

O caso ainda se arrasta na justiça angolana; as últimas notícias publicadas são de 2022, pelo *site* português Observador, dando notícia de que Ambrósio Micoló, diretor-geral adjunto do Instituto Nacional para os Assuntos Religiosos (INAR), sinalizou que os templos que estavam apreendidos por ordem da Procuradoria-Geral da República, (PGR), decidiram devolver o património que estava sob arresto à igreja brasileira (Observador, 2022).

O bispo Macedo, segundo Gilberto Nascimento, tem uma máxima “se há poder eu tô junto”, esse pragmatismo está na tríade eclesiástica, empresarial e política. O vento é que define o norte político da igreja.

9 PORTUGAL UNIVERSAL

Após doze anos de iniciadas as atividades do que viria a ser a Igreja Universal do Reino de Deus, no Rio de Janeiro, um novo salto seria dado, dessa feita, entrar na Europa, e a porta seria Portugal. Aos exatos dezessete dias de dezembro de 1989¹⁷⁶, na Estrada da luz, 28c, o bispo Paulo Roberto Guimarães começava um trabalho em Portugal, cheio de incertezas, “só o Espírito Santo nos dava forças. Ele sempre falava no meu coração: ‘A luta é grande, mas a vitória é certa’” (Universal, 2017).

Portugal, assim como no início da IURD no Brasil, vinha de um regime ditatorial na política, “ainda traumatizado com a ditadura de Salazar, o povo português rendeu-se às nossas investidas” (Jutino, 1995, p.100).

Um aliado de peso fez grande diferença no início da IURD em Portugal, o cantor Roberto Leal (1951-2019), ídolo português no Brasil e amigo de muitos na IURD, apresentou o bispo Paulo Roberto Guimarães a empresários e agentes imobiliários e “chegou a ser sócio de uma rádio do grupo, até romper com a igreja — a Universal começava a ser criticada e o cantor, em uma entrevista à imprensa portuguesa, não a defendeu” (Nascimento, 2019, p.321).

A música brasileira sempre teve espaço de destaque no gosto português, e não foi diferente com o segmento evangélico, “as centenas de LPs que chegavam semanalmente do Rio eram todos vendidos em questão de horas” (Jutino, 1995, p.102).

Segundo o Pr. Mario Justino (Jutino, 1995, p.101), o bispo morava num luxuoso apartamento, “num condomínio fechado reservado à classe alta lisboense, localizado próximo à embaixada brasileira” e orientado “a não demonstrar sinais de ‘posse excessiva’”, ambos trabalharam juntos em Portugal.

A estratégia para o crescimento foi a mesma, ocupar, através da compra de horários, programas em emissoras de rádio e televisão e convidar as pessoas a visitarem o templo mais próximo; apesar da enorme resistência, em quatro anos a IURD já possuía espaço em cinco emissoras de rádios, Placard, em Vila Nova de Gaia, comprada anos depois pela IURD, Miramar, em Paço de Arcos, Audisintra, em Sintra, Lis, em Leiria, também comprada pela IURD, e Nossa, em Lisboa, além de ter através da Global Difusion SGPS, organização pertencente à IURD, as estações da “Record FM, Rádio Pernes,

¹⁷⁶ No mesmo período em que chegou a Portugal, em 1989, a Universal se instalava e tentava crescer em países como os Estados Unidos, México, Argentina e Chile. Veio a obter sucesso no continente africano, sobretudo em Angola, Moçambique e África do Sul (Nascimento, 2019, p.320).

Rádio Sem Fronteiras ou Rádio Clube de Gaia, adquiriu agora a Linear [Vila do Conde] e a Maiorca [Figueira da Foz]” (Sábado, 2020), no entanto, o grande salto deu-se com a compra de uma pequena parte da programação da madrugada da Sociedade Independente de Comunicação, a SIC¹⁷⁷.

Para muitos a negociação era considerada quase impossível, afinal a Rede Globo, arquirrival da IURD, possuía uma participação estratégica na emissora, mas os “220 mil euros — em valores corrigidos [2019] — por trinta minutos na telinha após o encerramento da programação normal, à meia-noite, e mais trinta minutos pela manhã, antes da emissora entrar no ar” (Nascimento, 2019, p.321), falaram mais alto. A parceria não durou mais do que um ano, no entanto, representou uma enorme oportunidade de crescimento no projeto expansionista da Universal em solo português.

Procurando a legitimidade das igrejas evangélicas portuguesas, o próprio bispo Macedo procurou a Aliança Evangélica Portuguesa, uma organização que “congrega e representa perante terceiros os evangélicos portugueses, herdeiros da Reforma Protestante que tem as Escrituras como única regra de fé” (Portuguesa, 2018).

A filiação seria um grande passo para a IURD, com ela a igreja conseguiria o Registo de Atividade Religiosa¹⁷⁸, e uma série de benefícios.

A reunião foi uma completa frustração, a resposta do presidente¹⁷⁹, à época José Dias Braz, foi decepcionante “temos preocupações com essa igreja. Não sabemos a que se destina o dinheiro dos fiéis, por absoluta falta de transparência” diria Nascimento, (Nascimento, 2019, p.321). O bispo definiu a reunião como uma perda de tempo e resolveu criar a sua própria organização, “com Aliança ou sem Aliança, orientei os nossos bispos e pastores a seguir em frente, sem olhar para qualquer tipo de discriminação ou desdém com o nosso trabalho” disse Macedo (Porto & Gomes, 2017), e fundou a Federação das Igrejas Evangélicas Portuguesas, que nasce em 1995 (Infotrustgo, 1995).

¹⁷⁷ A SIC, teve início a 6 de outubro de 1992, foi o primeiro canal de televisão privado a operar em Portugal (MEMÓRIA, 2023), fundado pelo português, advogado e jornalista, Francisco Pinto Balsemão, ex-primeiro-ministro de Portugal entre janeiro de 1981 e junho de 1983, pelo PSD (PSD, S.d.).

¹⁷⁸ A Lei da Liberdade Religiosa em Portugal (Lei n.º 16/2001, de 22 de junho) abarca diversos direitos às igrejas e comunidades religiosas, como a garantia de reunião, registo, benefícios fiscais e liberdade para adorar, cultuar, evangelizar etc. Assim, tanto à pessoa do membro, individualmente, quanto à instituição religiosa, coletivamente, terão seus direitos assegurados, no tocante à liberdade religiosa. Além disso, os líderes das instituições, chamados de ministros, possuem direitos específicos (Pinheiro, 2019).

¹⁷⁹ No site da Aliança Evangélica Portuguesa (AEP), o presidente, no período de 2015 a 2022, é António Calaim, ancião de assembleia dos irmãos. <<https://aliancaevangelica.pt/site/dr-antonio-calaim-2015-2022/>> Acesso em 26 out 2024.

Finalmente, no dia 21 de novembro de 2022, a Comissão da Liberdade Religiosa publicou a relação das 96 igrejas com Registo de Atividade Religiosa, e a 88ª é a Igreja Universal do Reino de Deus (Religiosa, 2022, p.3).

Os primeiros anos não foram fáceis, no mesmo período em que a IURD se aventura nos meios de comunicação de forma determinada, via a possibilidade de compra do icónico edifício do Cinema Império sem funcionar há alguns anos, o “espaço suntuoso localizado numa esquina de uma área tradicional de Lisboa, na Alameda [D. Afonso Henriques]” (Swatowski, 2010, p.173, apud Farias, 1999).

A igreja já tinha um número expressivo de fiéis e o edifício seria perfeito para a sede da organização, seria uma oportunidade de “driblar um forte estigma que carrega[va]. O negócio foi fechado por ‘dois milhões de contos (dez milhões de euros [valores de 2017])’” (Porto & Gomes, 2017).

Do Brasil notícias chegavam de todas as formas às redações portuguesas, a chamada “Guerra Santa” entre IURD e Rede Globo estava na sua mais aguda escala; com isso, questões quanto à idoneidade da instituição eram constantemente levantadas, com pouco espaço para o contraponto da informação.

O crescimento da igreja continuava dentro das expectativas da cúria iurdiana, proprietária do antigo edifício do Cinema Império, a igreja começou uma pequena reforma na parte térrea do edifício, onde ficava o icónico Café Império. A reforma levou à demissão de dezoitos funcionários, causando uma onda de protestos nos arredores da igreja (Barros, 2006).

Funcionando desde 1955, o Café Império foi classificado em 1996 pelo Instituto Português do Património Arquitectónico como Imóvel de Interesse Público (Notícias, 2006), é uma espécie de cartão postal dos lisboetas e sensibilizada, a Câmara de Lisboa em reuniões com a igreja, convenceu-a a trespassar a gestão do café ao empresário Paulo Ribeiro da empresa Oraboni & Ribeiro, que manteve os mesmos empregados.

Se a igreja estava com os “pés firmes” na capital portuguesa e seus arredores, o norte do país era uma terra ainda a ser explorada. Em 1993 a igreja consegue arrendar o significativo estádio portuense do Bessa, sede do Clube de Futebol Boavista, para realização de uma grande concentração (Portugal, 2015, p.4), experiências bem-sucedidas no Brasil e em África e que a igreja resolve também promover em Portugal. A capacidade do estádio do Bessa era aproximadamente 30 mil pessoas, mas a IURD surpreendentemente coloca quase “50 mil fiéis, [e] marcou o início da expansão da

IURD no norte do país” (Porto & Gomes, 2017). Essa não foi a única vez que a IURD concentrou tanta gente num único local, em Portugal foram várias as vezes que isso aconteceu, como em 2023 no Estádio de Futebol do Belenenses, no bairro lisboeta do Restelo, na Páscoa (Teixeira, 2023).

Se a compra do Cinema Império em Lisboa não causou grandes polémicas e a reforma do Café Império foi resolvida de forma amigável, não se pode dizer o mesmo da compra do Coliseu do Porto, uma sala de espetáculos, com capacidade superior a 5 mil pessoas, considerada como uma espécie de santuário cultural portuense.

O negócio esteve próximo de ser fechado, contratos de intenção de compra foram assinados com a Aliança UAP, dona da Empresa Artística, proprietária do Coliseu, na época falou-se em 6,5 milhões de dólares (Nascimento, 2019, p.322). Entretanto, uma frase no momento errado desencadeou uma série de protestos, “o bispo João Luís, então líder da IURD em Portugal [à época], disse em público que o Coliseu se transformaria na Igreja Matriz da Universal no Porto” (Porto & Gomes, 2017).

O clamor foi geral, e diante das pressões, a empresa, recuou, e argumentou que a intenção fugia ao acordo de compra. Artistas criaram a Associação dos Amigos do Coliseu do Porto, com espetáculos para angariar fundos e honrar compromissos da sala, e depois que “a população saiu à rua para se manifestar contra esta negociação” (Coliseu, S.d.), a Câmara Municipal pronunciou-se contra a compra por parte da IURD, na ocasião o bispo Macedo protestou: “fechamos o negócio, pagamos, mas não levamos. Nunca imaginei que a lei, um contrato e documentos assinados por instituições tão sérias e respeitadas não valessem nada” (Nascimento, 2019, p.322), o valor foi devolvido. Como efeito colateral “todos os artistas que se viraram contra à IURD no caso do Coliseu, ficam proibidos de serem tocados nas rádios controladas [pela Igreja Univervasl do] Reino de Deus” (Rosa & Martins, 1996, p.102).

Ainda no Porto, um novo negócio foi aventado, a compra do jornal Comércio do Porto. “O negócio com a Lisgráfica esteve quase fechado, mas a empresa que detinha a maioria do capital da publicação acabou por recuar por causa da polémica com o Coliseu do Porto” (Porto & Gomes, 2017).

O episódio do Coliseu do Porto não foi bem absorvido pela sociedade portuguesa e levou a igreja a uma nova estratégia, o reflexo foi imediato, a diminuição da velocidade do crescimento em solo lusitano.

O estigma penhorado na IURD foi um limitador da sua penetração na sociedade portuguesa. Por outro lado, a denominação mantinha práticas e sistemas nos quais as raízes desse estigma se apoiam, “o lugar do dinheiro na cosmologia iurdiana e o estilo de culto marcado por momentos de efervescência” (Swatowski, 2010, p.188).

Momentos como a exorcizarão e os testemunhos de cura, seja nos templos, ou transmitidos por emissoras de rádio ou televisão, ou ainda por redes sociais. Assim como o Brasil, Portugal tem as suas características sincréticas e místicas, para a Universal é a fórmula perfeita e uma contribuição para o seu pluralismo religioso (Oro, 2004, p.144, apud Mafra, 2002, p.63-65).

Essa mistura tende a permanecer, no entanto a IURD é uma igreja que se adapta à necessidade de seu auditório e essa dinâmica de rituais muda conforme a necessidade. “Nesse sentido, é significativo que, nos últimos anos, a IURD tenha sido motivo de notícia com bem menos frequência” (Swatowski, 2010, p.187).

Apesar de todas as polémicas a igreja continuava a sua fase de crescimento com a abertura de templos em várias partes do país, o bispo Macedo chegou a dizer: “somos como a omelete, quanto mais apanhamos, mais crescemos” (Mafra, 2018, p.198), além de enviar missionários para fora do Portugal, particularmente para os Países Africanos de Língua Oficial Portugal (PALOP).

A igreja tentou repetir em Portugal a fórmula bem-sucedida na política partidária no Brasil e começou a iniciativa de montagem de um partido; o Partido Social Cristão (PSC), que tinha um peixe como símbolo, entretanto “foi rejeitado pelo Tribunal Constitucional, devido ao símbolo proposto” (Eleições, 1995), um peixe, no entendimento do Tribunal poderia suscitar características religiosas causando confusão no espírito de boa-fé das pessoas. Não dado por vencida, a IURD cria um novo nome, o Partido Gente, e no dia 8 de março de 1995, tem o partido aprovado (Rattner, 1995), no mesmo ano disputa as “eleições legislativa no país, em 1995. [O partido] Disputou uma única eleição e não conseguiu eleger um único deputado” (Nascimento, 2019, p.322-323).

Pelo resultado das eleições disputadas percebe-se a reação do povo português a um novo partido, de representantes de uma igreja brasileira, “em razão das reações contrárias advindas de diversos segmentos da sociedade portuguesa. Consequentemente, o projeto político da Universal naufragou, da mesma forma como a tentativa de

aquisição do Coliseu do Porto” (Oro, 2004, apud Mafra, 2003). Hoje o partido encontra-se extinto pela Comissão Nacional de Eleições.

Nada obstante à tentativa não ter sortido efeito com o ‘G’ como símbolo associado a “uma sugestiva vassoura vermelha” [...] “as intenções não desapareceram, apenas esperaram melhor oportunidade. Esse momento parece ter aparecido com a entrada em cena de André Ventura¹⁸⁰ (1983)” [...], “o sonho de conquista de poder em Portugal existe há muito nos evangélicos neopentecostais” (Soares, 2020).

Muitos desses eleitores, evangélicos viram no CHEGA essa janela de oportunidade, (Gomes, Apesar do discurso religioso de André Ventura, eleitores do Chega são menos crentes do que os do PSD e CDS, 2022), “apesar de usar frequentemente um discurso religioso para chamar um eleitorado católico, o partido Chega é menos bem sucedido do que o PSD e o CDS a atrair os crentes, [católicos] de acordo com dois estudos do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS)”.

No entanto, Ventura tende também, a procurar o voto evangélico, em crescimento exponencial em Portugal, hoje são quase 5% da população e não param de crescer, sem contudo, esquecer a sua origem de seminarista na igreja católica.

Durante a pré-campanha das presidenciais de 2021, o pré-candidato do CHEGA visitou o máximo de igrejas evangélicas que lhe foi possível, e quase sempre era recebido como um enviado, alguém que trazia uma mensagem aos presentes, “telemóveis ao alto, os fiéis transmitem em direto, no Facebook, os discursos do líder da nova direita radical populista e difundem-nos em massa nas redes sociais” (Carvalho, 2020). Não há registo do apoio explícito da Igreja Universal do Reino de Deus ao CHEGA, mas também não existe nenhum registo contraditório.

Ainda enquanto colunista do Correio da Manhã, Ventura escreveu no dia 18 de dezembro de 2017, um artigo contra a legalização da IURD em solo Português. O tempo tratou de superar essa diferença, em entrevista ao Polígrafo da SIC, sobre a sua relação com a Igreja Universal no Reino de Deus disse que há “uma grande presença evangélica no Chega, que é positiva, não só de portugueses como de brasileiros. E são muito apoiantes do Chega, alguns fazem parte de estruturas” (Cheganos, 2023).

No *podcast* apresentado pelo jornalista Vítor Matos e Sá (1975), na edição número quatro, “O seminarista e a mortificação da carne”, fala da relação de André Ventura e o,

¹⁸⁰ Em matéria publicada, o (Público, 2020) informa que “A revista *Visão* revela na sua edição desta quinta-feira [21 de maio] que o partido Chega, liderado por André Ventura, está a ganhar terreno junto dos lóbis evangélicos, de extremistas de direita e de profissionais ligados ao sector imobiliário de luxo”.

possível, afastamento do segmento evangélico do CHEGA devido à saída de Lucinda Ribeiro (Matos, 2023), evangélica e uma das fundadoras do partido, quando Lucinda diz: "Deus não é um *slogan*" e "os homens não são ratos" (Semana, 2021) deixando a entender ser contra a fundamentação religiosa do partido.

Se em Portugal as relações da IURD com a sociedade e a imprensa não eram as mais ideais, no Brasil, nos anos de 1990, não era diferente, a Igreja Universal do Reino de Deus fervilhava de problemas, denúncias de lavagem de dinheiro na compra da TV Record, o bispo que “chutava a Santa”, pedido de prisão para o bispo Macedo, charlatanismo, problemas não faltavam.

Nesse período, numa decisão polêmica, mas negada pela cúria iurdiana, por orientação do bispo Macedo, todos os pastores e bispos deveriam ser vazectomizados, entre esses os dois genros do bispo, Renato Costa Cardoso (1972), casado com Cristiane Bezerra Cardoso (1973) e Júlio Freitas (1973), casado com Viviane Freitas (1975), os dois, bispos também na IURD.

A igreja em Portugal com a intenção de se aproximar da comunidade, criou o Lar Universal, uma organização, com capacidade para 60 idosos, cujo principal objetivo é acolher as pessoas que procuram o Centro de Ajuda. O Lar não conta com o apoio de nenhuma instituição do Estado, apenas com o contributo de quem deseja ajudar (Especial, 2015, p.94-95).

Outro centro de apoio da igreja em Portugal é o Lar Universal para crianças (Borges & França, 2017, 0:00:33), ou a Associação Casa de Acolhimento Mão Amiga (Ferro, 2019), para acolhimento de crianças. Começa as suas atividades em 1994, em Camarate, conselho de Loures, e depois em 1997 transfere as instalações para Lisboa. “Contudo, só em 2001 obteve licença [para funcionar] e só em 2004 assinou acordo com o Estado português” (Gomes, 2018).

Segundo uma denúncia, numa série de reportagens, da TVI, intitulada "O Segredo dos Deuses" numa visita do bispo Macedo ao lar, este encontra-se com três crianças às quais se afeiçoou e por fotografias, sugeriu duas delas fossem adotadas pela filha Vivane Freitas, que não apenas viu a oportunidade de se realizar como mãe, como também a possibilidade de ver a sua família completa.

Entre idas e vindas na ponte área Estados Unidos da América e Portugal adota as duas crianças (Borges & França, O Segredo dos Deuses: episódio 2, 2017, 0:06:04).

Passados vinte anos, quando as reportagens da TVI vão ao ar, a mãe biológica das crianças, denuncia que as mesmas lhe foram roubadas, as crianças a que ela chama Vera e Luís, que foram adotadas por Viviane, e Fábio, adotado pelo ex-bispo da IURD, Romualdo Panceiro (Nascimento, 2019, p.329), o Ministério Público em Portugal resolve abrir um inquérito interno para apurar as denúncias e o Ministério da Segurança Social também avalia o caso, (Minas, 2017). Anos depois, e muita polémica, o “Ministério Público arquivou o inquérito aberto para investigar uma alegada rede ilegal de adoção de crianças montada pela Igreja Universal do Reino de Deus” (DN/Lusa, 2019).

A Igreja depois da vitória jurídica, processa a TVI e ganha, “entre danos patrimoniais e não patrimoniais, TVI e antigo diretor foram condenados a pagar quase 70 mil euros por não terem publicado direitos de resposta à série de reportagens “Segredo dos Deuses”” (Carvalho, 2022).

A palavra resiliência pode ser uma das definições da IURD, “persistir e seguir em frente torna-se a prova do mérito do crente” (Swatowski, 2010, p.174). As adversidades enfrentadas pela Universal, serviram de combustível para prosseguir noticiando a abertura de novos templos, realizando grandes concentrações e utilizando ainda mais as emissoras de rádio e televisão, além de manter o próprio jornal, a Folha de Portugal¹⁸¹, o discurso persecutório de uma Universal (Mafra, 2018, p.33) vítima de preconceito religioso foi eficaz, se por um lado houve quem alimentasse a antipatia, havia outro grupo que a via como quem sofre xenofobia religiosa, e, desta forma, procurou fazer com que essa visibilidade alcançada através de escândalos revertisse a seu favor.

Os números impressionam, com apenas 25 anos de IURD em Portugal, os números rondavam “os 30 mil fiéis, espalhados por 122 templos em todo o país. O crescimento português, não está dissociado da expansão para outros países” (Notícias R. T., 2015).

Alicerçada na comunicação para atrair o público aos seus auditórios, a IURD não economiza em conforto e ostentação, se não lhe foi possível comprar o Coliseu do Porto, a Igreja construiu o seu próprio coliseu, o Templo Maior, na vizinha cidade de Vila Nova de Gaia, é impressionante, “um edifício imponente, que se destaca, além do tamanho, pelo aspecto moderno. Há um auditório e dois parques de estacionamento. A obra custou 18 milhões de euros” (Notícias R. C., 2010). São 1500 cadeiras confortáveis

¹⁸¹ O periódico de 12 páginas e com uma tiragem de 30.000 exemplares, apresenta uma área de distribuição muito abrangente, que compreende não só Portugal Continental e as Ilhas, como, pontualmente, alguns países da Europa, como o Luxemburgo, a França e a Suíça (Editorial, S.d.).

e pisos para estacionamento, “um dos maiores templos da Europa da igreja Universal do Reino de Deus” (Minuto, 2012). Segundo Dias, (Dias, 2013), um terço de todos os fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus estão no Norte de Portugal “A IURD diz contar com mais de 30 mil fiéis em Portugal, dez mil dos quais no distrito do Porto”.

Se no Porto existe um Templo Maior, em Lisboa não podia ser diferente, e a IURD também não economizou dinheiro para erguê-lo. Um suntuoso edifício com capacidade para mais de 2 mil pessoas confortavelmente sentadas e estacionamento para centenas de automóveis. Na celebração dos 25 anos da IURD em Portugal “32 mil pessoas compareceram, mais de 9 mil pessoas pela primeira vez” (Especial, 2015, p 22). O Bispo Macedo em entrevista para a edição especial dos 25 anos da IURD em Portugal disse que os investimentos em templos grandiosos se dão para que se veja “a visão da vontade de Deus para as suas vidas. Jesus veio para trazer vida e com abundância. As catedrais provam isso mesmo” (Especial, 2015, p.23).

Mas não foi apenas em templos e emissoras de rádio que a IURD investiu em Portugal. Através do bispo Macedo, proprietário do Grupo Record, foi decidido que a sede do Grupo Record na Europa seria em Lisboa, sendo a "primeira emissora brasileira a possuir núcleos de jornalismo, desporto e entretenimento na Europa" (Rocha, 2005). Questionado se havia o risco de confusões sobre a ligação entre a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e a TV Record, o presidente da Rede Record Internacional, Aroldo Martins (1961), negou e afirmou que “a IURD é apenas uma cliente da estação. A TV Record não pertence à IURD” (Jornal, 2005). Já em abril de 2006, “a Record se associou à operadora TV Cabo, a principal do país, com mais de 5 milhões de assinantes, substituindo o canal GNT, que pertence ao Grupo Globo. A mudança repercutiu até no Brasil” (Lemos & Tavolaro, 2007, p.193).

Com a chegada da TV Record a influência mediática da Igreja Universal em Portugal consolidar-se-ia. O canal já era transmitido em Portugal desde 2003, mas agora passou a ter estúdios em Lisboa.

Foi possível notar que os veículos de comunicação da IURD diminuíram os ataques diretos à Igreja Católica. Embora críticas à Igreja estejam cada vez mais presentes, principalmente entre as novas gerações –, este recuo não sinaliza exatamente o fim da tensão com a religião hegemônica, mas uma nova postura perante o imaginário católico (Swatowski, 2010, p.182).

Os ânimos já estavam mais calmos, mas ainda havia uma enorme segregação com o nome Igreja Universal do Reino de Deus, sempre ligada a dinheiro e pouca transparência.

Foi quando em 2003 os templos da Igreja Universal espalhados pelo país passaram a se chamar "Centro de Ajuda Espiritual¹⁸²".

“A questão que se coloca não é a da manipulação da tensão gerada durante os contatos sociais e, sim, da manipulação de informação sobre o seu defeito” (Goffman, 2004, p.38).

O projeto do Centro de Ajuda Espiritual parece assim ratificar uma nova apresentação e também uma nova postura da Igreja Universal: mais discreta na sua atuação, menos contrastes e tensões com o hegemónico, maior competitividade.

O resultado apresenta-se confiante, os números da IURD no mundo todo são inconsistentes e de pouca transparência, entretanto, valendo-se do que se tem disponível, em Portugal, a igreja, contando com o Grupo Record, formado por televisão e rádio, possui mais sete emissoras de rádio, um jornal semanal, uma revista, “Eu era assim”, um canal de televisão por cabo, vários canais nas redes sociais, como a rádio Positiva, com mais de 10 mil *downloads*, mais de 150 templos e mais de 100 mil frequentadores.

¹⁸² A IURD tem adotado este nome para seus espaços de culto em muitos países da Europa e até mesmo da América Latina, sinalizando uma tendência que está para além do contexto português (Swatowski, 2010, p.181).

10 CONCLUSÃO

A importância económica e política do protestantismo e o seu protagonismo caminham para uma maior participação na sociedade com fortes influências do campo religioso e como consequência, um novo modelo de democracia.

Observa-se na primeira parte desta pesquisa que a mediatização é um instrumento influenciador onde o mediador está inserido, a partir de sua cosmovisão de mundo.

Muito se tem estudado sobre o assunto, em especial nas últimas décadas, entretanto, a lacuna existente no campo religioso, nomeadamente protestantes, começa a ser preenchida por pesquisadores como muitos citados nessa pesquisa, e tantas outras.

Esse fenómeno traz consigo o desafio da interpretação semântica, onde o contexto do indivíduo define o seu entendimento.

A mediatização da religião, em particular a brasileira, com um pequeno recorte da fonte de estudo de caso desta tese, Portugal, está presente numa tradição sincrética arraigada e um pluralismo culturalista desafiador à academia.

A necessidade de aprofundamento desta pesquisa é necessária pelo facto do macro campo a que pertence o segmento protestante, em especial às chamadas igreja de alta mediação (Martino, 2016). Entretanto o resultado apresentado é suficiente para entender o que representa esse segmento e as suas variáveis.

Os aspectos históricos retratados, procuraram o embasamento argumentativo para sustentação da defesa que serve de argumento, em particular na tríade: política, económica e eclesiástica.

A ocupação desses espaços, na sua grande maioria, deu-se pelo uso, por vezes, fora da ortodoxia religiosa tradicional onde nichos sociais foram ocupados, colocando em causa aspectos éticos e valores morais, considerados ‘caros’ para o protestantismo.

Toda essa mudança comportamental e de foco nas últimas décadas transformou denominações, forjou líderes e transformou o serviço de culto em serviço de consumo imediato, fortemente influenciado por igrejas, particularmente estadunidenses, que são experiências particulares, marcadas por questões muito mais emocionais, individualistas e anti-intelectualistas. Essa ‘ética protestante’ (Weber, 2004), acabou por ser substituída pela ‘ética do resultado’.

Essa descontinuidade de referência nos formadores de opiniões tidos por tradicionais, como a imprensa, sofre a cada ciclo uma perda de relevância, seja pela informatização, seja pelos telemóveis e as suas, cada vez mais, aplicações.

O distanciamento da eclesía do poder público, ou a sua privatização (Casanova, 1994) passa agora por um esforço de reprivatização com muitas lideranças religiosas participantes em decisões políticas.

Assim, a pesquisa tentou investigar esses movimentos, particularmente os chamados renovados no Brasil, dividido em ondas, no caso de Freston, (Freston, 1993), na sua, primeira, segunda e terceira onda, ou Mariano, (Mariano, 2020), com o pentecostalismo clássico, deuteropentecostais e neopentecostais.

Um distanciamento prudente das fontes foi necessário para que não houvesse influência nos resultados, o que se observa: sagrou-se exitosa.

A igreja tida por progressista tem baseado a sua autoridade no resultado do auditório, quanto maior e mais lotado, maior é o êxito da mensagem. Se a autoridade da igreja cristã estava nas Escrituras e na sua mensagem, o que se observa com a quarta onda, seguindo o raciocínio de Freston, (Freston, 1993), é a autoridade do auditório, onde a mensagem não tem que incomodar quem a ouve, mas ‘massajar o ego do ouvinte’.

O protestantismo de missão baseado nas igrejas Metodistas, Baptistas e Presbiterianas até ao início do século passado gozaram de uma expansão que impressiona, baseada na liberdade de escolha, viram essa expansão ser travada por um novo movimento que veio sustentado nos média de massas e com um discurso separatista, preconceituoso e exclusivista, sustentado entre outros fenómenos na glossolalia, ou dom de falar em línguas estranhas, (sem compreensão humana).

O resultado foram auditórios cheios e uma mimetização sem precedentes na história da igreja cristã, particularmente a partir da década de 1960.

Cada grupo, tido por pentecostal, tem a sua marca característica, populista no sentido de que todos são iguais, inclusive os diferentes, seja pela busca da ascensão social, seja pela cura miraculosa ou pela luta do bem contra o mal, que tem o Diabo no centro deste ringue.

A disputa por espaço político e nos média é a principal pauta dessas igrejas, em particular, de alta mediação. A segregação da congregação ou o não envolvimento com

outros grupos, chegando ao ‘afastamento do mundo secular’ contribui para o apoliticismo, assim ficando esse grupo à mercê da forte influência das suas lideranças.

Este momento do pós-protestantismo da igreja, como a Assembleia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular, O Brasil para Cristo, Universal do Reino de Deus, entre outras, escolhem, a partir da sua cúpula, os seus candidatos que são apresentados ao auditório como homens e mulheres ‘escolhidos’ por Deus para defendê-los no campo da política partidária.

O que chama a atenção de todo esse esforço na participação política é que não há um projeto de Estado Social no pentecostalismo brasileiro, que possa ser apresentado à sociedade. Apenas um corporativismo religioso de conquista de um lugar nas decisões governamentais. As questões morais, o anti-comunismo e uma governação pragmática evangélica não estão em questão. Mas afinal, existem políticos evangélicos corruptos? A história vai falar de alguns nomes, e aqui não há, em absoluto, nenhuma generalização. Mas não se pode negar uma forte presença do fisiologismo, seja pessoal ou corporativo.

Isto no Brasil já se transformou em tradição, como continuidade, por mimetismo de igrejas tidas, até então, por apolíticas como as Baptistas, Presbiterianas e Metodistas.

Pesados investimentos em horários das emissoras de rádio e televisão personificam os líderes, transformando-os em ‘homens *show*’, trazendo para si uma legião de ‘fãs’ e uma forte influência sobre esses. Todo esse ‘patrimônio’, tanto para o mercado consumidor, como para o segmento político, por vezes tem muito valor e é disputado palmo-a-palmo.

A comunicação não deixa de estar em comunhão, afinal comunicar é relacionar-se, é comungar, demonizá-la não é um bom serviço. A experiência religiosa e comunicacional procura ligar o homem ao Transcendente, sem contudo, deixar de ligar o homem ao homem. O *religare*, a religião ou até a religiosidade serão sempre um desafio à existência.

Esta pesquisa mostra que é o homem que articula a religião como lhe convém, embora a busca do *religare* ao Transcendente seja legítima, uma experiência é imanente, única e cheia de mistérios particulares.

Desta forma a mediatização moderna, particularmente a religiosa, apresenta um novo eticismo (Sodré, 2002), baseado no ‘carisma’ dos seus líderes, levando organizações, num curto espaço de tempo, a crescer e a transformarem-se em grandes

conglomerados, sejam mediáticos ou empresariais, porém, todos baseados numa mesma característica: a ‘guerra espiritual’, onde a vitória está baseada no sucesso económico.

Esse reencantamento religioso gera uma ambição de espaço em decisões civis, por vezes, criando um reconstrucionismo conservador seja na política, seja no quotidiano, uma neoteocracia.

Associações de empresários cristãos surgem a todo instante, o maior exemplo é a Associação dos Homens de Negócios do Evangelho Pleno (ADHONEP), com sede nos Estados Unidos da América, considerada uma das maiores do mundo, com presença em vários países. Essas organizações paraeclesiásticas congregam empresários e executivos, com muitos políticos e uma visão sociológica predominante no fundamentalismo bíblico.

Muitos desses empresários vêem-se como sócios do empreendimento, seja da igreja ou do próprio Deus. Os seus produtos e serviços são vistos como se concedessem graça, são abençoados por Deus para fazer com que mais pessoas cheguem a ele.

Todo esse movimento, maioritariamente pentecostal, ecuménico nos seus valores, surge após uma bem-sucedida campanha para ‘dessentelectualizar’ as igrejas pentecostais e mais recentemente as chamadas igrejas históricas.

Os média evangélicos, quase que na sua totalidade estão nas mãos de igrejas de viés pentecostal, bastante expressivas, e presentes em praticamente todo o território brasileiro, e em muitas partes do mundo, o que consegue um proselitismo sem precedente na história religiosa. A sua presença em redes sociais, particularmente através dos telemóveis e das suas aplicações tem transformado o ‘ciber-crente’ num nómada onde através de uma ‘bricolagem’, este monta a igreja que lhe convém num processo de desterritorialização e de reterritorialização constante (Guattari, 2004). Essa ‘cibercultura’, que nasce na ‘ciber-religião’, nada mais é do que um mecanismo de controlo. Se o Estado se apossou da ‘cibercultura’ por interesses militares, a igreja fê-lo por interesses de mercado, ampliação de poder do capital. A ‘cibercultura’ acaba por ser um instrumento evocativo de deidade, assim, o parafraseador pode dizer o dogma católico: ‘fora da cibercultura não há salvação’.

Um das grandes belezas da humanidade é a sua resiliência onde somos capazes de nos reinventar ou resignificar símbolos, assim a reevangelização é uma necessidade assim como a evangelização é contra-ponto ao neoevangélicismo (Foley, 2002).

O neoevangelicalismo surgiu com propostas de quebra de dogmas inegociáveis e antagónicos ao movimento de evangelicalismo norte-americano, a partir dos anos de 1940. Enquanto o segundo procurou um regresso às Escrituras, o primeiro procurou uma maior participação no dia-a-dia do mundo secular, e as suas ofertas sociais, a participação na política civil e a participação na mercantilização de produtos oriundos da fé. A ética puritana limitadora dos costumes refez-se e uma imagem pública dos evangélicos surgiu ao incentivar a sua inserção na cultura urbana, que tem transformado a perceção tradicional num pós-protestantismo.

A associação de igreja e média que possibilita o processo de mediatização religiosa acaba por circundar, na sua maioria, interesses económicos, obedecendo, como foi visto acima, à lógica de uso, orientada por vontades particulares de consumo, seja evangélica, seja católica.

A ação corporativa levou à “sociedade de mediatização” (Neto, 2008), onde os atores afetam vários níveis das organizações, o que contraria a “sociedade dos meios” onde essa serve numa relação interacional e democrática.

A chamada ‘religião de rua’ (Martino, 2016), é constituída pelo comportamento cultural e vernáculo, sustentado na cultura dominante; entretanto os dogmas, particularmente, neopentecostal, alteraram esse campo religioso onde numa luta de poder com a igreja católica e as religiões de origem africana, dessincretizaram a fé, transformado santos católicos e entidades religiosas de origem africana em representantes do Diabo. A luta de algumas igrejas por um ecumenismo mínimo é dizimada por essas igrejas que dizem não ‘misturar-se’ e excluem qualquer diálogo.

Um facto não pode ser negado, a religião brasileira é composta por um quarteto inter-religioso: indígena, ocidental (iniciado pelos portugueses católicos), africana, e oriental, segundo a Associação Inter-Religiosa de Educação (ASSINTEC).

Ao contrário das religiões de origem africana que por norma procuram uma ‘patronagem celestial’ ou o catolicismo que usa a ideia de santos como mediadores, a igreja de alta mediação ‘fala direto com Deus’, na prática, influencia o campo religioso, seja do grupo interno ou com o apoio dos média e a sua mediatização a grupos externos.

O facto de que a religião evangélica é a que mais cresce no Brasil, e a que tem mais ambição política e económica mediática, é institucionalmente dividida, e plural, portanto, um único grupo social nunca dominará por completo o país, como aconteceu

num período da história com a Igreja Católica Apostólica Romana, o que é muito bom para uma democracia.

Apesar do que diz o líder maior da IURD, o bispo Edir Bezerra Macedo, ao defender a ideia de que “para Jesus até gol de mão vale” (Nascimento, 2019), muitos membros não obedecem à indicação, seja eleitoral ou não, do pastor. A ideia de um governo evangélico baseado numa igreja forte, alicerçada na tríade económica, política e clerical, sustentada com ofertas dos seus membros, acaba por entrar em conflito com a interioridade individualista do fiel, pois o único caminho para o Além é um coração pautado pela fé.

Ao contrário de países como os Estados Unidos da América, onde a separação de Igreja e Estado é mais presente e limita os atores políticos da igreja de forma explícita, não se observa esse comportamento no Brasil.

Essa complexidade do fenómeno e a busca pela sua compreensão e análise, por vezes, acaba por trazer uma tensão, uma situação de alerta, em redor das garantias individuais, numa forte crítica ao poder influenciador de religiosos e dos seus conglomerados.

Ainda que o assunto possa vir a ser contemplado, por exemplo, pelas ciências da religião, sem dúvida a comunicação empregada e a sua eficácia não fogem às ciências da comunicação. Podemos citar a comunicação não falada, através da cultura de grupos sociais, onde o simples para alguns possa representar uma sintonia com o Transcendente, enquanto para outros, antagonicamente, a ostentação é sinónimo de benção. Para Agostinho, (Agostinho, 2000), nada representa melhor o belo do que o reflexo de Deus. Mas qual é o reflexo? O da simplicidade ou da ostentação?

A mediatização pode ser um processo explicativo desse fenómeno, os média de consumo contemporâneo induzem muitos a restringir a análise a culturas tribais, reduzindo o campo especulativo e focando uma abordagem simplista, mais psicológica e/ou antropológica.

Ainda que esta tese tenha realizado um estudo de caso de uma única denominação, e que esta seja uma das mais influentes no mundo cristão, esta pesquisa não traz uma ideia maniqueísta, onde existam apenas dois lados no evangelho. O protagonismo da IURD nesta pesquisa dá-se por duas razões: primeiro porque está presente em quase todos os países do mundo e no Brasil detém o que foi o ponto de partida para a Reforma

Protestante, o poder político, económico e clerical; segundo, a sua, hoje, forte e discreta presença em solo português.

A IURD pode e deve, segundo os factos, ser contestada, mas a velocidade da sua adaptação e sintonia com o momento e circunstância em que está inserida é impressionante.

O seu crescimento, a sua influência e o seu poder económico, seja no Brasil, seja em Portugal não tem precedentes na história cristã mundial. Sabendo disso, a igreja numa visão arrojada de ocupação de espaços procurou respaldo político e económico.

Na Europa, assim como em outras partes do globo, o cristão ou não, na IURD, tem de passar por uma conversão, uma transformação, ou pode-se chamar de um processo de reconversão, para se sentir parte daquele corpo, é uma rejeição ao mundo e uma total entrega aos dogmas iurdianos, com entrega de dízimos, ofertas, bens, da própria vida, por causa de uma fé mediatizada a partir do evangelho.

Se para muitos, a igreja tida por tradicional não se encaixa em denominação de alta mediação, o que é um grande equívoco, não se pode negar que depois de cinquenta anos, muitas dessas igrejas, já possuem, sim, uma tradição arraigada na organização, talvez, contestável, mas a tradição existe.

A construção de templo suntuoso como o de Maputo, na África do Sul, a Catedral em Vila Nova de Gaia, Portugal, ou o Templo de Salomão, no Brasil, são provas incontestáveis de que a IURD não é algo passageiro, mas que procura enraizar-se através das suas edificações.

Se a ideia de que programas radiofónicos ou televisivos pudessem passar a impressão de descompromisso local, as mega construções, luxuosas catedrais, e verdadeiros monumentos, com arquitetura pós-moderna, acabam por enviar um recado aos seus possíveis algozes: estamos a crescer apesar da perseguição (Cunha & Storto, 2020). O reencantamento leva o fiel a perceber com esse advento o sucesso de dois grandes dogmas iurdiano: a Teologia da Prosperidade e a Guerra Espiritual. Conjugando assim, o que a IURD sabe fazer de melhor, promover o proselitismo económico.

No que toca à hipótese aqui desenvolvida, algumas observações precisam ser pontuadas, a mediatização é um instrumento particularizado, onde cada indivíduo a faz a partir de sua visão de mundo, e perspectiva, define o facto, não é diferente na religião, seja ela qual for, no entanto, observa-se que a Igreja Universal do Reino de Deus através

de seu complexo sistema de comunicação, particularmente o Grupo Record, gesta de maneira serena, e por vezes subliminar uma revolução cultural (Refkalefsky, 2005), com influência em todas as faixas etárias, a partir dos seus programas, incutindo uma nova cultura evangélica.

Essa pode manifestar-se na afirmação de dogmas através da música, com grande aceitação no arraial evangélico, o que se explica por uma divisória entre o que é música de adoração e o que é ‘música do mundo’.

O que procura intimidade com Deus, não ouve, canta ou toca ‘música do mundo’; afinal, ouvir os ‘*levitas*’ que são ‘instrumentos de Deus’, e que levam Sua mensagem, é como que guerrear contra as forças do mal, nesse caso: a ‘música do mundo’.

Mas, particularmente são as novelas e filmes cristãos produzidos pelo Grupo Record que têm mudado comportamentos e chamado a atenção para uma nova cultura evangélica, através do mimetismo.

A busca por se assemelharem a essa nova cultura pós-protestantismo, torna-se quase explícito por outras denominações, o que se pode constatar através de comportamentos repetidos numa cultura pós-protestante onde elementos da modernidade estão inseridos numa lógica evangélica/social, e os seus fiéis vislumbram um capitalismo globalizado e um cenário religioso contemporâneo.

Esse pós-protestantismo acaba por refletir uma nova cultura evangélica/híbrida onde o sagrado e profano interagem sem causar sentimento de pesar ou manifesto relativo a uma ética restritiva.

Nesta pesquisa, a IURD, que pese, tem em muito do seu comportamento imitado, numa particularidade diferencia-se das demais igrejas de alta mediação, nos seus programas, sejam radiofónicos ou televisivos, não se vende nada e não se pede dinheiro, todo o esforço é para levar os fiéis aos templos.

No templo, os líderes têm o controlo da situação e com isso podem praticar todo um roteiro onde a fidelização à igreja e a manifestação da fé, revelam-se pela sua materialização através das ofertas e dos dízimos.

Para o seu líder maior, O bispo Edir Bezerra Macedo, o dízimo representa o sacrifício, e equivale ao próprio Filho de Deus; onde a escolha que Deus faz de quem é fiel, se revela nos resultados apresentados a cada ente, através de uma intimidade de relacionamento promovida pela igreja. Portanto a ideia de ‘igreja eletrónica’ não é bem vista pelo Bispo. Para ele o culto transmitido leva o fiel a perder a atenção à mensagem.

Com os templos cheios, os pastores, os músicos ou animadores musicais, passam a ser os protagonistas do culto, as personagens centrais, que levam a todos os cânticos coletivos, fazem orações, lêem textos bíblicos e pregam os seus sermões.

A prosperidade é o tema que centraliza a mensagem e a guerra contra os maus espíritos, por vezes, transforma a plataforma num ringue espiritual, onde a vitória vem por invocação do poder que lhes é atribuído, neste caso não há distinção, pode ser numa igreja evangélica, católica ou num culto afro-brasileiro.

Diante dos factos, a igreja pós-protestante acaba por imitar o que tanto condenou, a formação de uma estrutura fortemente representada pela Igreja Universal do Reino de Deus, que, respeitadas as proporções traduz o que fez eclodir a Reforma Protestante, na sua época, início do século XVI, a tríade do poder católico baseada na política, economia e eclesía, que acaba por se repetir no espaço iurdiano.

O que se vê é um vinho novo num odre velho (Cunha, 2014), o ciclo começa a fechar-se depois de pouco mais de quatro séculos. Apesar de todo o aparato tecnológico não se vêem novos comportamentos, apenas, novas formas de se atingir o mesmo objetivo. São novidades no convívio com uma antiga ordem, uma modernidade externa, com pensamento estéril.

O ponto de partida desta pesquisa foi: a fenomenologia da mediatização e a sua influência na igreja cristã. Seguida da pergunta: permite o surgimento da tríade de grandes conglomerados eclesiásticos? Acredita-se que ao longo dos textos apresentados nesta pesquisa pode comprovar-se que sim. Se não plenamente, na sua maior parte alcançados.

Neste sentido, podemos concluir que a pesquisa leva a uma nova hipótese de que existem evidências consistentes em relação a uma quarta onda (Freston, 1993) do pentecostalismo brasileiro: o pós-protestantismo, formado por uma nova cosmovisão do evangelho, para esse autor, ou para outros autores, a desinstitucionalização da igreja com os chamados desigrejados.

Foram dezenas de conversas informais com pessoas de redes sociais distintas, dando uma maior capilaridade à pesquisa, visitas a templos iurdianos, assim como a pessoas com os mais diversos interesses e credos religiosos. Foram entrevistados autores de artigos científicos e de livros sobre os temas aventados. No final podemos concluir que todo o esforço desprendido na pesquisa, ainda que não foi suficiente para

resultados que colocassem termo ao tema em causa. Dúvidas ainda podem perdurar, no entanto, a questão em si foi esclarecida.

A partir desta pesquisa podemos olhar para o problema de várias perspectivas, como exemplo, igrejas que se tornaram grandes empresas, os média desvirtuaram a fé, as razões da reforma de 1517, os seus pilares renovaram-se, uma nova fé, baseada na ostentação como sinónimo de bênção divina segue firme como alternativa às igrejas pautadas nas Escrituras Sagradas.

Este número significativo de factos, seja parcial ou não, leva a outra constatação: as pessoas sentem-se cristãs, mas em números cada vez maiores não se sentem ligados a uma determinada denominação, são os chamados nómadas, não se fixam em nenhuma igreja. A esta altura não há dúvidas que os comportamentos de alguns líderes provocam o afastamento das pessoas das igrejas. Esse afastamento está muito mais no conteúdo da mensagem, que na sua maioria, é uma completa ausência teológica, resultando numa opinião particular sobre o texto, que resulta em gritos, gestos e cobranças de atitudes, contudo, em muitos casos, quem as cobra não as pratica.

O que se lê e observa é que tanto no Brasil, na Europa, nos Estados Unidos da América ou em outras partes do mundo, a igreja deixou de fazer a diferença na vida das pessoas, os números deixam claro que as pessoas não estão interessadas em envolver-se com igrejas instituídas, pelo contrário, a cada dia o número de pessoas descomprometidas com a igreja vem crescendo de forma expressiva.

11 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abreu, F. d. (12 de ago de 2022). Narcisismo Cultural: como a sociedade molda um caráter patológico. Artigo. Brumado, BA, Brasil: Jornal do Sudoeste. Acesso em 2022, disponível em <https://www.jornaldosudoeste.com/narcisismo-cultural-como-a-sociedade-molda-um-carater-patologico/>

Afonso, A., & Nunes, C. (2019). PROBABILIDADES E ESTATÍSTICA - Aplicações e Soluções em SPSS. Évora, Portugal: Universidade de Évora. Acesso em 2023

AFONSO, E. (2022). Os Portugueses e as Redes Sociais 2022. Artigo. Lisboa, Portugal: Marktest Grupo. Acesso em 2022

Agostinho, S. (1980). Confissão (2 ed.). São Paulo, SP, Brasil: Abril Cultural. Acesso em 2022

AGOSTINHO, S. (2000). DIALOGO SOBRE A ORDEM. Lisboa, Portugal: INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda. Acesso em 2022

Aguiar, C. E. (mai-ago de 2020). Ativismo digital evangélico e contrassecularização na eleição de Jair Bolsonaro. Revista Horizonte, 18, 56, 600 - 624. Belo Horizonte, MG, Brasil: PUC-MG. Acesso em 2023

Aguiar, D. M. (2017). A Reforma Protestante: O Luteranismo. Exploração Didática em Contexto de Sala de Aula. Coimbra, Coi, Portugal: Universidade de Coimbra. Acesso em 2022

Alencar, B. R., & Souza, P. R. (26 de nov de 2021). Mdiatização, cibercultura e educação: vocabulário e processos de ensino aprendizagem na educação profissional. Artigo. São Carlos, SP, Brasil: UFSCar. Acesso em 2022

Alencar, G. F. (18 de mai de 2022). Pentecostalismos no Brasil. Artigo. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://religioepoder.org.br/artigo/pentecostalismos-no-brasil/>

Alexandre Robson Martinês, V. A. (ago de 2022). MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E A INFORMAÇÃO COMO MEDIAÇÃO DA REALIDADE: A ATUAÇÃO DOS INTERPRETANTES PARA A SIGNIFICAÇÃO. Artigo, 18, 1 - 23. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2022

Almeida, J. V. (nov - fev de 2018 - 2019). Um olhar sobre o neopentecostalismo. Revista de Ciências Sociais, 49, 3, 493 – 501. Fortaleza, CE, Brasil: UFC. Acesso em 2023

Almeida, N. (S.d.). A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS E APLICAÇÕES NA VIDA DOS JOVENS. Artigo. Funchal, Portugal: <https://iasaude.pt>. Acesso em 2022, disponível em <https://iasaude.pt/index.php/informacao-documentacao/recortes-de-imprensa/919-a-influencia-das-redes-sociais-e-aplicacoes-na-vida-dos-jovens>

Almeida, W. C. (12 de ago de 2022). Relembrando 12 de agosto de 1859 – Dia do Presbiterianismo no Brasil – com trechos do Diário de Simonton. Artigo. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://ump.org.br/blog/relembrando-12-de-agosto-de-1859-dia-do-presbiterianismo-no-brasil>

ALONSO, G. (17 de abr de 1995). Igreja Católica é desgraça do 3º mundo, diz bispo. Artigo. São Paulo, SP, Brasil: Folha. Acesso em 2023, disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/4/17/brasil/38.html>

Alves, S. P. (30 - 02 de ago/set de 2016). MÍDIA, DEMOCRACIA E A PRESENÇA DOS NEOPENTECOSTAIS NA POLÍTICA BRASILEIRA. 1 -14. Belo Horizonte, MG, Brasil. Acesso em 2023

Aristóteles. (2008). Poética (3ª ed.). (A. M. Valente, Trad.) Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian. Acesso em 2023

Astrocentro, R. (S.d.). Santos católicos na Umbanda – Saiba mais sobre esse sincretismo. S.l., Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.astrocentro.com.br/blog/umbanda/santos-catolicos-umbanda/>

Augusto, J. (14 de dez de 2014). Kalocagatia para Sócrates (Estética e Teoria da Arte). Artigo. S.l, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://ripostei.wordpress.com/2014/12/14/kalocagatia-para-socrates-estetica-e-teoria-da-arte/>

Avancini, A. (Diretor). (2018). Nada a Perder [Filme Cinematográfico]. Brasil. Acesso em 2023

Azevedo, I. (26 de jan de 2018). Na Trilha da História: De colônia à sede do Império, o que a família real portuguesa fez do Brasil? Artigo. Brasília, DF, Brasil: EBC. Acesso em 2023, disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/acervo/educacao/audio/2018-01/na-trilha-da-historia-de-colonia-sede-do-imperio-o-que-familia-real/>

Balloussier, A. V. (9 de jul de 2017). Igreja Universal faz 40 anos e realiza sonho de alcançar classe média alta. Artigo. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/07/1899617-igreja-universal-faz-40-anos-e-realiza-sonho-de-alcancar-classe-media-alta.shtml>

Baptista, I. Y. (2017). O Modelo de Lasswell Aplicado à História das Teorias da Comunicação. Artigo, 18, 3, 191 - 196. Londrina, PR, Brasil: Kroton. Acesso em 2022

Baptista, R. (12 de dez de 2019). Redes sociais influenciam voto de 45% da população, indica pesquisa do DataSenado. Artigo. Brasília, DF, Brasil. Acesso em 2022, disponível em <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/12/12/redes-sociais-influenciam-voto-de-45-da-populacao-indica-pesquisa-do-datasenado>

Barbero, J. M. (1995). SECULARIZACION, DESENCANTO Y REENCANTAMIENTO MASSMEDIATICO. Artigo, 41, 74 - 85. Sucre, Bolívia: Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación Social. Acesso em 2023

BARBOSA, E. (21 de jun de 2012). O avivamento da Rua Azusa. S.l., Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://estudos.gospelmais.com.br/o-avivamento-da-rua-azusa.html>

Barreto, A. (24 de fev de 2010). Comunicação de massa. administradores.com.br. João Pessoa, PB, Brasil: Portal Administradores Negócios Digitais. Acesso em 2022, disponível em <https://administradores.com.br/artigos/comunicacao-de-massa>

Barria, C. (6 de fev de 2021). Os polêmicos repasses milionários para megaigrejas e televangelistas na pandemia nos EUA. São Paulo, SP, Brasil: BBC. Acesso em 2023

Barrioueyo, A. (14 de set de 2009). Fight Nights and Reggae Pack Brazilian Churches. Artigo. New York, USA. Acesso em 2023, disponível em <https://www.nytimes.com/2009/09/15/world/americas/15evangelicals.html>

Barros, D. (17 de ago de 2006). Café Império devolvido aos lisboetas. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.dn.pt/arquivo/2006/cafe-imperio-devolvido-aos-lisboetas-644757.html>

Bauman, Z. (2001). MODERNIDADE LÍQUIDA. (P. Dentzien, Trad.) São Paulo, SP, Brasil: Zahar. Acesso em 2023

Baumgarten, A. G. (1993). Estetica - A logica da arte e do poema. (J. R. Moderno, Ed., & M. S. Medeiros, Trad.) Petrópolis, RJ, Brasil: Vozes. Acesso em 2023

Behs, M. V. (2009). Estratégias jornalísticas da Igreja Universal do Reino de Deus nas eleições 2006/2008: o caso d Folha Universal. 172. São Leopoldo, SP, Brasil: UNISINOS. Acesso em 2023

Bello, C. D. (jujn de 2008). Exibishow da intimidade e espetacularização do eu: a celebração do ordinário cotidiano na ficcionalização da realidade. Resenha, 169 - 173. Presidente Prunte, SP, Brasil. Acesso em 2022

Bergamo, M. (31 de jan de 2017). Templo da Igreja Universal recebeu mais de 10 milhões de visitantes. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2017/01/1854682-templo-da-igreja-universal-ja-recebeu-mais-de-10-milhoes-de-visitantes.shtml>

Berger, P. (abr de 2001). A dessecularização do mundo: uma visão global. A dessecularização do mundo: uma visão global, 21 (1), 10 - 23. Acesso em 2023

Betina Lejdermana, J. D. (2 de ago de 2020). Narcisismo e Redes Sociais. Artigo, 22, 2, 56 - 67. Porto Alegre, RS, Brasil: Centro de Estudos Luis Guedes. Acesso em 2022

Bíblia. (17 de 3 de 1993). Bíblia Sagrada (2ª ed.). Barueri, SP, Brasil: Sociedade Bíblica do Brasil. Acesso em 2020

Bittencourt, F. J. (2003). Matriz religiosa brasileira: 260. Petrópolis, RJ, Brasil: Vozes. Acesso em 2023

Bitun, R. (2007). Igreja Mundial do Poder de Deus: rupturas e continuidades no campo religioso neopentecostal. Tese, 210. São Paulo, SP, Brasil: PUC/SP. Acesso em 2023

Blondheim, M., & Katz, E. (2015). Religion, communications, and Judaism: the case of digital Chabad. Artigo, 38 (1), 89 - 95. New Yrok, USa. Acesso em 2023, disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0163443715615417>

Borges, A., & França, J. (11 de dez de 2017). tviplayer.iol.pt. (M. Freitas, Ed.) Acesso em 2023, disponível em tviplayer.iol.pt: <https://tviplayer.iol.pt/programa/o-segredo-dos-deuses/5a2e9e520cf28cad2995c3d0/video/5a2eff1c0cf2a7c0f89314f2>

Borges, A., & França, J. (12 de dez de 2017). tviplayer.iol.pt. (M. Freitas, Ed.) Acesso em 2023, disponível em tviplayer.iol.pt: <https://tviplayer.iol.pt/programa/o-segredo-dos-deuses/5a2e9e520cf28cad2995c3d0/video/5a2eff1c0cf2a7c0f89314f2>

segredo-dos-deuses/5a2e9e520cf28cad2995c3d0/video/5a304e4f0cf28cad2995cd45?autostart=true

Borges, J., & Oliveira, L. (6 de dez de 2011). Competências infocomunicacionais em ambientes digitais. *Jornal*, 291 - 326. Lisboa, Portugal: Rede de Serviços de Publicação PKP. Acesso em 2022

Bourdieu, P. (2004). *Coisas ditas*. (C. R. Poegonrm, Trad.) São Paulo, SP, Brasil: Brasiliense. Acesso em 2023

BOURGINE, B. (2012). O risco da religião ou a aposta de Deus na liberdade. 47, 1ª, 137 - 154. Lisboa, Portugal: UCP. Acesso em 2023

Brakemeier, G. (S.d.). A autoridade da Bíblia em Lutero. Artigo. São Leopoldo, RS, Brasil: Sinodal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.luteranos.com.br/conteudo/a-autoridade-da-biblia-em-lutero>

Branco, F. (27 de jan de 2022). Mais de 58% da população mundial utiliza as redes sociais. Artigo. (F. Paula, Ed.) Barcarena, Portugal: Olhoazul. Acesso em 2022, disponível em <https://www.imagensdemarca.pt/artigo/mais-de-58percent-da-populacao-mundial-utiliza-as-redes-sociais/>

Brandão, L. (9 de dez de 2017). As estruturas linguísticas de Ferdinand de Saussure. Artigo. Águeda, Portugal: CCA – Comunidade Cultura e Arte, Lda. Acesso em 2022, disponível em <https://comunidadeculturaearte.com/as-estruturas-linguisticas-de-ferdinand-de-saussure/>

Brasil, C. d. (2016). *Constituição (1988)*. Brasília, DF, Brasil: Senado Federal. Acesso em 2023

Brasil, R. J. (16 de out de 1991). 'Bispo' Macedo é preso, depõe por 12 horas e é libertado . Artigo, 1º Caderno, 191A, 5. Brasília, DF, Brasil. Acesso em 2023, disponível em http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_11&pagfis=57103

Bremen, R. U. (2022). Friedrich Krotz. Biografia. Bremen, Alemanha. Acesso em 2022, disponível em <https://www.uni-bremen.de/zemki/das-zemki/mitglieder/mitglieder/mitgliedsprofil/idm/5579?cHash=67c9927eee35e3dd2a6b1ce07fcc6b37>

Brito, F. d. (8 a 11 de ago de 2016). Para além do religioso: a Igreja Universal do Reino de Deus entre política e religião. Nova Iguaçu, RJ, Brasil. Acesso em 2023

BRITO, P. (1º de set de 2005). Igreja Maná é o parceiro da LP-Brothers para entrar na TVI. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.dn.pt/arquivo/2005/igreja-mana-e-o-parceiro-da-lp-brothers-para-entrar-na-tvi-621101.html>

Bryman, A. (2012). *Social Research Methods - 4th edition*. (4ª ed.). (G. Translator, Trad.) New York, New York, USA: Oxford University Press. Acesso em 20 de janeiro de 2021

Bueno, P. F. (2017). “VIDA ETERNA PARA OS CASAMENTOS: a pedagogia evangelizadora da escola do amor da Igreja Universal do Reino de Deus” . *dissertação*, 172. Porto Alegre, RS, Brasil: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Acesso em 2023

Buisson, A. (12 de fev de 2019). O investimento militante das Igrejas americanas na indústria de armas. (A. Langer, Trad.) La Croix-Valmer, França. Acesso em 2023

Calazans, F. (21 de mai de 2016). Televisão Contemporânea: Ethos Midiático e Visibilidade da Vida Cotidiana. Artigo. Goiânia, GO, Brasil: Intercom. Acesso em 2022

Caleiro, J. P. (22 de jul de 2013). De batina e gravata: os negócios da Igreja Católica no país. São Paulo, SP, Brasil: Abril. Acesso em 2023, disponível em <https://exame.com/negocios/de-batina-e-gravata-os-negocios-da-igreja-catolica-no-pais/>

CALONEGO, R. (2018). A COMUNICAÇÃO ENQUANTO COMPETÊNCIA ESSENCIAL: Um olhar para o protagonismo comunicacional nas organizações. Dissertação, 187. Bauru, SP, Brasil. Acesso em 2022

Calvino, J. (2003). As Institutas ou Tratado da Religião Cristã (2ª ed.). Campinas, SP, Brasil: Cultura Cristã. Acesso em 2023

Caminha, P. V. (1º de mai de 1500). Carta de Pêro Vaz de Caminha. 1 de Maio de 1500. 25. Terra de vera Cruz. Acesso em 2023

Campos, Á. (2 de jul de 2020). Edir Macedo adquire controle do Banco Renner e pode alterar nome. Artigo. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://valorinveste.globo.com/mercados/renda-variavel/empresas/noticia/2020/07/02/edir-macedo-adquire-controle-do-banco-renner-e-pode-alterar-nome.ghml>

Campos, L. S. (17 de mai de 2010). IURD: teatro, templo e mercado. (G. Wolfart, & M. Junges, Entrevistadores) São Leopoldo, RS, Brasil: Unisinos. Acesso em 2023, disponível em <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3213-leonildo-silveira-campos-2>

Campos, L. S. (2014). O Protestantismo de Missão no Brasil, cidadania e liberdade religiosa. Artigo, 17, 1, 76 - 116. Campinas, SP, Brasil. Acesso em 2023

Campos, L. S. (26 de ago de 2012). “Rebanho virtual” e o individualismo religioso. Entrevista especial com Leonildo Silveira Campos. (I. On-Line, Entrevistador) São Leopoldo, RS, Brasil: Unisinos. Acesso em 2023, disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/512839-rebanho-virtual-e-o-individualismo-religioso-entrevista-especial-com-leonildo-silveira-campos>

Campos, L. S. (dez de 2008). Os Mapas, Atores e Números da Diversidade Religiosa Cristã Brasileira: Católicos e Evangélicos entre 1940 e 2007. Artigo, 8, 8, 9 - 47. São Paulo, SP, Brasil: PUC/SP. Acesso em 2023

CAMPOS, L. S. (jun de 2006). Cultura, liderança e recrutamento em organizações religiosas - o caso da Igreja Universal do Reino de Deus. 2, 3, 102 - 138. São Bernardo do Campo, SP, Brasil: Faculdade Metodista. Acesso em 2023

Capital, R. C. (8 de fev de 2023). Bancada evangélica define Eli Borges como novo líder em 2023. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.cartacapital.com.br/politica/bancada-evangelica-define-eli-borges-como-novo-lider-em-2023/>

Cardoso, G. (2022). A comunicação da comunicação - As pessoas são a mensagem. Livro, 396. Lisboa, Portugal. Acesso em 2022

Cardoso, G. (Jan de 2009). Da Comunicação em Massa à Comunicação em Rede: Modelos Comunicacionais e a Sociedade de Informação. Lisboa, Portugal: Porto Editora. Acesso em 2022

CARDOSO, J. L. (9 de set de 2011). O declínio da igreja da bispa Sônia. Artigo. São Paulo, SP, Brasil: Três. Acesso em 2023, disponível em https://istoe.com.br/158676_O+DECLINIO+DA+IGREJA+DA+BISPA+SONIA/

CARDOSO, R. (20 de dez de 2013). O que a bola de neve quer esconder. Revista. São Paulo, SP, Brasil: Três. Acesso em 2023

Cardoso, R. (25 de mai de 2011). Um pastor moderno entre os radicais. IstoÉ, 2167. São Paulo, SP, Brasil: Três. Acesso em 2023, disponível em <https://revista.istoe.com.br/um-pastor-moderno-entre-os-radicais/>

Cartwright, M. (14 de abril de 2020). Catarina de Aragão. World History Encyclopedia. Godalming, Inglaterra: World History Publishing. Acesso em 2022

CARVALHO, L. R. (17 a 22 de jul de 2011). Igreja, mulher e moda combinam?: as influências da moda no cotidiano das Associações Religiosas Laicas da Igreja Católica em Ribeirão Preto na Primeira metade do século XX. Artigo. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023

CARVALHO, M. (20 de mai de 2020). Investigação: Os segredos do pregador Ventura. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://visao.sapo.pt/atualidade/politica/2020-05-20-investigacao-os-segredos-do-pregador-ventura/>

Carvalho, R. P. (21 de jul de 2022). Direito de Resposta da IURD. TVI e antigo diretor condenados a pagar quase 70 mil euros. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://observador.pt/2022/07/21/direito-de-respostan-da-iurd-tvi-e-antigo-diretor-condenados-a-pagar-quase-70-mil-euros/>

Carville, O. C. (30 de nov de 2022). TikTok's Viral Challenges Keep Luring Young Kids to Their Deaths. bloomberg.com. (<https://translate.google.com/>, Trad.) Now York, EUA: Bloomberg. Acesso em 2022, disponível em <https://www.bloomberg.com/news/features/2022-11-30/is-tiktok-responsible-if-kids-die-doing-dangerous-viral-challenges>

Casagrande, E. (11 de mar de 2022). As 25 redes sociais mais populares do mundo. Artigo. Boston, MA, EUA. Acesso em 2022, disponível em <https://pt.semrush.com/blog/redes-sociais-mais-populares-do-mundo/>

Casanova, J. (1994). Public religions in the modern world. (translate.google.com, Trad.) Chicago, USA: The University of Chicago Press, Ltd. Acesso em 2023

Casonatto, O. D. (17 de 3 de 2015). A Bíblia. Artigo. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 08/09/2020 de 2020 de 2020, disponível em <https://www.abiblia.org/ver.php?id=8226>

Castro, J. A. (dez de 2019). Bancada Evangélica - Carisma, Poder e Interferência da Comunicação Religiosa na Comunicação Política. 206. Covilhã, Portugal: UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR. Acesso em 2023

Castro, N. G. (1º de dez de 2012). AS AÇÕES SOCIAIS DA IGREJA UNIVERSAL: RECRUTAMENTO E EMPREENDEDORISMO NO A GENTE DA

COMUNIDADE DE BELO HORIZONTE. 14, 17, 27 - 51. (D. Alves, Ed.) Campinas, SP, Brasil: UNICAMP. Acesso em 2023

Castro, S. (S.d.). Edir Macedo: biografia do fundador da Igreja Universal. Biografia. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://segredosdomundo.r7.com/quem-e-edir-macedo-conheca-a-historia-do-fundador-da-igreja-universal/>

CATÓLICA, I. (2005). CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA - COMPÊNDIO. Cidade do Vaticano, Vaticano. Acesso em 2022

Cavalcante, S. (12 de abr de 2023). Conversa entre Amigos com Pr Rodrigo Silva 23.04.12. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ptodMqPomH4>

CAVALCANTI, S. D. (2017). A SEGUNDA ONDA PENTECOSTAL NO BRASIL E A SUA EFETIVIDADE RELIGIOSA, SOCIAL E POLÍTICA: O CASO DA ICPBB. Dissertação, 166. Lisboa, Portugal: Universidade Lusófona. Acesso em 2023

Center, R. P. (8 de set de 2022). U.S. Christians projected to fall below 50% of population if recent trends continue. Pesquisa. Washington, USA. Acesso em 2023, disponível em https://www.pewresearch.org/religion/2022/09/13/modeling-the-future-of-religion-in-america/pf_2022-09-13_religious-projections_00-01/

Chagas, H. (17 de mar de 1990). Collor modifica a economia: 'agora é vencer ou vencer'. Artigo, 20.569, 2. (E. C. Andreade, Ed.) Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Globo. Acesso em 2023, disponível em <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=199019900317>

Cheganos, R. (24 de fev de 2023). André Ventura queria ilegalizar a IURD em 2017 mas em 2023 diz que o Chega tem os braços abertos para os receber. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://cheganos.com/andre-ventura-queria-ilegalizar-a-iurd-em-2017-mas-em-2023-diz-que-o-chega-tem-os-bracos-abertos-para-os-receber/>

Cheganos, R. (24 de fev de 2023). André Ventura queria ilegalizar a IURD em 2017 mas em 2023 diz que o Chega tem os braços abertos para os receber. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://cheganos.com/andre-ventura-queria-ilegalizar-a-iurd-em-2017-mas-em-2023-diz-que-o-chega-tem-os-bracos-abertos-para-os-receber/>

CIOCHETTI, V. M. (31 de mai de 2022). A IGREJA UNIVERSAL E SUAS “MÍDIAS”: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE RELIGIÃO, MÍDIA E SECULARISMO. 1 - 30. São Paulo, SP, Brasil: FAPESP. Acesso em 2023

Clínica, R. P. (29 de mar de 2021). Efeito Manada em psicologia: o que é, como é usado? Campinas, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.psicanaliseclinica.com/efeito-manada/>

cm-ob.pt, R. (S.d.). Qual é o patrimônio líquido de Brian Houston? Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://cm-ob.pt/bust-down-season-2-renewed-113694>

CNBB, R. (8 de dez de 2021). A Igreja Católica na AL. Artigo. Brasília, DF, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.meb.org.br/a-igreja-catolica-na-america-latina/>

Coddington, M., & Lewis, S. (29 de abr de 2021). Estudo investiga por que as pessoas ainda usam jornal impresso. São Paulo, Sp, Brasil. doi:<https://mediatalks.uol.com.br/en/2021/04/29/por-que-as-pessoas-ainda-usam-jornais-impressos/>

COELHO, M. A. (2017). Religiosidade popular: tradições, práticas e mitos. Dissertação, 63. Lisboa, Portugal: UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA - FACULDADE DE TEOLOGIA. Acesso em 2023

Coliseu, R. (S.d.). História. Porto, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.coliseu.pt/historia>

Coliseu, R. (S.d.). História. Porto, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.coliseu.pt/historia>

College, D. (10 de set de 2011). A imperfeição é bela. Educação. (Danilo Albergaria, Entrevistador) São Paulo, SP, Brasil: RFM Editores. Acesso em 2023, disponível em <https://revistaeducacao.com.br/2011/09/10/a-imperfeicao-e-bela/>

Correia, R. C., Vanzuita, A., Pereira, A., Peixe, D. N., & Pinheiro, J. (20 de dez de 2017). Cultura de Massa: as influências na vida das pessoas do. 39, 17, 10 - 18. Caracas, Venezuela: Espacios. Acesso em 2022

Costa, A. (27 de out de 2014). O realismo peirceano contra a semiose infinita. (I. Neutzling, Ed.) IHU On-Line (457), 72. Acesso em 2022

Costa, L. F., & Ramalho, F. A. (mai/ago de 2019). COMPORTAMENTO INFOCOMUNICACIONAL:perspectivas sobre definição, práticas emodelos de estudos. Artigo, 15, 2, 133 - 158. São Paulo, SP, Brasil: FEBAB. Acesso em 2022

Cristo, R. I. (2011). O QUE É O BRASIL PARA CRISTO. Artigo. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://igrejaobpcrp.com.br/sobre/historico-nacional/>

Cristo, R. R. (2022). A Igreja. Artigo. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.renascercristo.com.br/igreja>

Crítica, R. A. (8 de set de 2014). Templo de Salomão é inaugurado e criticado por rabinos. Campo Grande, MS, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.acritica.net/editorias/geral/templo-de-salomao-e-inaugurado-e-criticado-por-rabinos/127545/>

Cruz, D. (19 de ago de 2022). Centro de Eventos da Unigrejas: saiba mais sobre o novo espaço. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023

Cruz, M. T. (1994). Igreja de Imigrantes – Chegada e Mercantilização. Revista de Catequese, 19 - 44. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: PUC/RJ. Acesso em 2023, disponível em https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/7745/7745_3.PDF

Cruz, N. (29 de jul de 2022). Estética na filosofia: aprenda o que é e seus conceitos. Artigo. S.l., Brasil: Quero Bolsa. Acesso em 2023, disponível em <https://querobolsa.com.br/enem/filosofia/estetica>

Cunha, C. V. (11 de mai de 2018). “Televisão para salvar”: religião, mídia e democracia no Brasil contemporâneo. Artigo, 42, 199 - 235. Niterói, RJ, Brsil: UFF. Acesso em 2023

Cunha, M. d. (1 a 5 de set de 2002). O conceito de Religiosidade Midiática como atualização do conceito de Igreja Eletrônica em tempos de cultura “gospel”. Artigo, 1 a 22. Salvador, BA, Brasil: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Acesso em 2023

Cunha, M. d. (2009). A Explosão Gospel: um Olhar das Ciências Humanas Sobre o Cenário Evangélico no Brasil (1ª ed.). Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Mauad X. Acesso em 2023

Cunha, M. d. (2014). INTERSEÇÃO MÍDIA RELIGIOSA E MERCADO E A RESSIGNIFICAÇÃO DE SIGNOS BÍBLICOS PELOS EVANGÉLICOS. REVISTA RELEGENS THRÉSKEIA, 3(1), 1 -23. Acesso em 2023

Cunha, M., & Storto, L. (2020). Comunicação Linguagens e Religiões. (C. M. Mattos, Ed.) Londrina, PR, Brasil: Sntagma. Acesso em 2023

Dall'Cortivo-Lebler, C. (2017). Do sentido ao valor: relações teóricas entre a Semântica de Michel Bréal e o Estruturalismo de Ferdinand de Saussure. TESE, 25, 4, 280. Belo Horizonte, MG, Brasil: UFMG. Acesso em 2022

Datafolha, R. (S.d.). História. Artigo. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://datafolha.folha.uol.com.br/sobre/historia/index.shtml>

Debord, G. (2003). A Sociedade do Espetáculo. Brasil: geocities.com/projetoperiferia. Acesso em 2023

Depósitos, R. C. (20 de set de 2022). O que é um *offshore*? Qual o seu impacto na economia? Artigo. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.cgd.pt/Site/Saldo-Positivo/o-banco-e-eu/Pages/o-que-e-offshore.aspx>

Deputados, R. C. (2023). BANCADA ATUAL. Brasília, DF, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.camara.leg.br/deputados/bancada-atual>

Deputados, R. C. (2023). MESA DIRETORA. Brasília, DF, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/mesa>

Deputados, R. C. (S.d.). ALBERTO HADDAD. Biografia. Brasília, DF, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.camara.leg.br/deputados/73695/biografia>

DeYoung, K. (S.d.). A Bíblia condena a orientação homossexual como pecado? Editora Fiel. Brasil: Fiel. Acesso em 2023, disponível em <https://ministeriofiel.com.br/videos/a-biblia-condena-a-orientacao-homossexual-como-pecado/>

Dias, A. R. (S.d.). Pós-Pentecostal - “Quem sou eu dentro da igreja de Jesus?”. S.l.: Brasil. Acesso em 2023

Dias, C., Gomes, R., & Coelho, P. (jul-dez de 2018). A capacidade adaptativa da cultura digital e sua relação com a tecnocultura. Artigo, 16, 138 - 152. São Paulo, SP, Brasil: PUC. Acesso em 2022

Dias, M. (21 de ago de 2020). As tres ondas pentecostais no Brasil. Artigo. São Luis, MA, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.osremanescentes.com/santificacao/as-tres-ondas-pentecostais-no-brasil/>

Dias, P. S. (22 de dez de 2013). Milhares de fiéis encheram a nova catedral que a IURD ergeu em Gaia. Porto, Portugal. Acesso em 2023, disponível em

<https://www.publico.pt/2013/12/22/local/noticia/milhares-de-fieis-encheram-a-nova-catedral-que-a-iurd-ergeu-em-gaia-1617282>

Discini, N. (ago de 2021). Semiótica e cultura: campos do conhecimento. Artigo, 21 - 44. São Paulo, SP, Brasil: USP. Acesso em 2023

DN, R. (1º de set de 2005). O império de Jorge Tadeu. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.dn.pt/arquivo/2005/o-imperio-de-jorge-tadeu-621112.html>

DN/Lusa, R. (18 de mai de 2019). Ministério Público arquiva inquérito à adoção ilegal de crianças pela IURD. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.dn.pt/pais/ministerio-publico-arquiva-inquerito-a-adocao-ilegal-de-criancas-pela-iurd-10913525.html>

Duarte, J. d. (14 de dez de 2020). A desinstitucionalização religiosa nas igrejas diante da nova realidade nas igrejas pentecostais e neopentecostais brasileiras: novos caminhos de uma quarta onda do pentecostalismo. Tese, 205. Brasília, DF, Brasil: UNISINOS. Acesso em 2023

Durkheim, É. (2000). Sociologia (9ª ed.). (M. C. Boschi, Ed.) São Paulo, SP, Brasil: Ática. Acesso em 2023

Ecclesia, R. (15 de set de 2021). Vaticano: Papa reafirma condenação do aborto e rejeita aproveitamento político da posição católica. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://agencia.ecclesia.pt/portal/vaticano-papa-reafirma-condenacao-do-aborto-e-rejeita-aproveitamento-politico-da-posicao-catolica/>

Eco, U. (1991). Semiótica e Filosofia da Linguagem. (J. L. Mariarosaria Fabris, Trad.) São Paulo, SP, Brasil: Ática. Acesso em 2022

Eco, U. (2004). História da beleza. (E. Aguiar, Trad.) São Paulo, SP, Brasil: Record. Acesso em 2023

Eco, U. (2007). História de feiúra. (E. Sgarbi, Ed.) São Paulo, SP, Brasil: Record. Acesso em 2023

Editorial, S. (S.d.). Jornal Folha de Portugal. Lisboa, Portugal: Universal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.igrejauniversal.pt/estatutofp/>

Educação, A. I.-r. (2016). As 4 matrizes da religiosidade brasileira. 38, 15. Curitiba, PR, Brasil: ASSINTEC. Acesso em 2023

Ehrman, B. D. (2003). Lost Christianities : the battles for scripture and the faiths we never knew. (translate.google.com, Trad.) New York, USA: Oxford University Press. Acesso em 2023

Eisenlohr, P. (2017). Reconsidering mediatization of religion: Islamic televangelism in India. Artigo, 39 (6), 869 - 884. New York, USA. Acesso em 2023, disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0163443716679032#bibr19-0163443716679032>

Eleições, R. C. (1995). Partido da Gente. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.cne.pt/partido/partido-da-gente>

Eleições, R. C. (S..d.). Partidos Políticos. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.cne.pt/content/partidos-politicos-1>

Eleitoral, R. T. (2023). Partidos políticos registrados no TSE. Brasília, DF, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.tse.jus.br/partidos/partidos-registrados-no-tse>

Eleitoral, R. T. (2023). Partidos políticos registrados no TSE. Brasília, DF, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.tse.jus.br/partidos/partidos-registrados-no-tse>

Engler, M. S. (2011). The Routledge handbook of research methods in the study of religion. (<https://translate.google.com/>, Trad.) New York, NY, USA: Routledge. Acesso em 2023

Especial, R. 2.-E. (2015). Edição Especial 25 anos. Especial, 116. (B. J. Freitas, Ed.) Lisboa, Portugal: Universal. Acesso em 2023

Europa, R. R. (S.d.). Record TV na Europa. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://recordeuropa.com/sobre-a-record-tv>

Exame, R. (24 de fev de 2017). A bebida do Reino de Deus. Sao Paulo, SP, Brasil: Abril. Acesso em 2023

Extra, R. (19 de dez de 2009). Morte de ex-vereador que disse ter sido laranja da Igreja Universal é investigada no Rio. Artigo. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Globo. Acesso em 2023, disponível em <https://extra.globo.com/noticias/brasil/morte-de-ex-vereador-que-disse-ter-sido-laranja-da-igreja-universal-investigada-no-rio-214341.html>

Extra, R. (20 de mar de 2017). Governo autoriza Igreja Universal a construir templos 'ecumênicos' em presídios do Rio. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Globo. Acesso em 2023, disponível em <https://extra.globo.com/noticias/rio/governo-autoriza-igreja-universal-construir-templos-ecumenicos-em-presidios-do-rio-21089354.html>

Fantoni, F. J. (12 a 15 de dez de 2016). A CIRCULAÇÃO DISCURSIVA DE MACEDO E SANTIAGO NAS REDES SOCIAIS TWITTER E FACEBOOK. Artigo, 125 - 145. São Leopoldo, RS, Brasil: UNISINOS. Acesso em 2023

FARINHA, R. (14 de ago de 2022). A história do padre português que é DJ de techno (e atuou este ano no MEO Sudoeste). Artigo. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.nit.pt/cultura/musica/a-historia-do-padre-portugues-que-e-dj-de-techno-e-atuou-este-ano-no-meo-sudoeste>

Federal, R. S. (2023). Senadores em Exercício. Brasília, DF, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www25.senado.leg.br/web/senadores/em-exercicio/-/e/por-partido>

Fernandes, C. (S.d.). Invenção da imprensa. Artigo. São Paulo, SP, Brasil: Uol. Acesso em 2023, disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/invencao-imprensa.htm>

Fernandes, F. d. (7 de ago de 2022). Desafios perigosos nas redes sociais não são novidade, mas podem matar. Diário de Notícias. Lisboa, Portugal: DN. Acesso em 2022, disponível em <https://www.dn.pt/sociedade/desafios-perigosos-nas-redes-sociais-nao-sao-novidade-mas-podem-matar-15076008.html>

Fernandes, F. R. (S.d.). França Antártica. Artigo. Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.infoescola.com/historia-do-brasil/franca-antartica/>

Fernandes, R. O. (2006). Movimento Pentecostal, Assembléia de Deus e o Estabelecimento da Educação Formal. 161. Piracicaba, SP, Brasil. Acesso em 2022

Ferrari, O. A. (2012). Bispo S/A: A Igreja Universal do Reino de Deus e o exercício do poder. São Paulo, SP, SP: Ave-Maria. Acesso em 4 de maio de 2022

Ferreira, J., Rosa, A. P., Neto, A. F., Braga, J. L., Gomes, P. G., Rosa, A. d., . . . Sander, L. M. (2018). Entre o que se diz e o que se pensa: onde está a mediação? Santa Maria, RS, Brasil: FACOS-UFSM. Acesso em 1º de nov de 2022

Ferro, C. (29 de jun de 2019). IURD vai processar TVI "tão depressa quanto possível". Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.dn.pt/pais/iurd-vai-processar-tvi-tao-depressa-quanto-possivel--11059856.html>

Figueiras, R. (7 de fevereiro de 2017). Estudos em mediação: causalidades, centralidades, interdisciplinaridades. Matrizes, 11 (1). Acesso em 18 de março de 2021

Figueiredo, C. D. (2007). O ESPÍRITO EMPREENDEDOR NA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS - As representações sociais sobre empreendedorismo. 172. Recife, PE, Brasil: UFPE. Acesso em 2023

Filho, A. G. (set - dez de 2015). A imigração norte-americana e a implantação do protestantismo em Americana e Santa Bárbara d'Oeste, SP. Artigo, 31, 1 -21. (E. H. Gouveia, Ed.) São Paulo, SP, Brasil: PUC/SP. Acesso em 2023

Filipa Traqueia, S. V. (11 de set de 2021). Como está o Mundo depois do 11 de setembro? Artigo. (R. Costa, Ed.) Lisboa, Portugal: Sociedade Independente de Comunicação. Acesso em 2023, disponível em <https://sicnoticias.pt/especiais/20-anos-do-11-de-setembro/2021-09-11-Como-esta-o-Mundo-depois-do-11-de-setembro--e2067fb2>

Foley, J. P. (22 de fev de 2002). PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS - IGREJA E INTERNET. Artigo. Cidade do Vaticano, Vaticano. Acesso em 2023, disponível em https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20020228_church-internet_po.html

Folha, A. (10 de nov de 2005). Juíza suspende venda de livro do bispo Edir Macedo. Artigo. São Paulo, SP, Brasil: Folha. doi:<https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u115122.shtml>

Fonseca, N. (2 de fev de 2023). As igrejas que dominam a nova ala evangélica na Câmara. Brasília, DF, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://apublica.org/2023/02/as-igrejas-que-dominam-a-nova-ala-evangelica-na-camara/>

Fonseca, R. (5 de nov de 2012). Universal do Reino de Deus. Apresentação. S.l., Brasil. Acesso em 2023, disponível em https://prezi.com/zvjk_jlavljp/universal-do-reino-de-deus/

Fonteles, H. F. (jul de 2010). A ASCENSÃO DA MÍDIA EVANGÉLICA: PELO USO DO TRIPÉ POLÍTICO, ECONÔMICO E TECNOLÓGICO. Artigo, 2, 1, 3 a 16. Guarapuava, PR, Brasil: UniGuairacá. Acesso em 2023

Fontes, C. (S.d.). Breve História da Estética. Artigo. S.l., Portugal. Acesso em 2023, disponível em <http://www.filorbis.pt/filosofia/histestetica.htm>

FOUCAULT, M. (1987). Vigiar e punir: nascimento da prisão (27ª ed.). (A. Grassi, Ed., & R. Ramalhe, Trad.) Petrópolis, RJ, Brasil: Vozes. Acesso em 2023

Foucault, M. (1998). História da sexualidade 2 - O uso dos prazeres (8ª ed.). (M. T. Albuquerque, Trad.) Rio de Janeiro, RJ, Brasil: GRAAL. Acesso em 2023

Foucault, M. (2006). A Hermenêutica do Sujeito (2ª ed.). (L. A. Santos, Ed., M. A. Fonseca, & S. T. Muchail, Trans.) São Paulo, SP, Brasil: Martins Fontes. Acesso em 2023

Franca, M., Martins, R., & Fernandes, J. L. (dez de 2019). Práticas religiosas e redes sociais. Os novos espaços e tempos da Igreja Católica em Portugal. Artigo, 21, 178. (A. Ferreira, Ed.) Lisboa, Portugal: Associação Portuguesa de Sociologia. Acesso em 2023

Franco, E. A. (mai de 2015). Retórica, religião e publicidade: análise da campanha “Eu sou a Universal” . 8, 63 - 79. Belo Horizonte, MG, Brasil: UFMG. Acesso em 2023

Frazão, D. (25 de nov de 2019). Maurício de Nassau - Militar de origem alemã. Artigo. Recife, PE, Brasil. Acesso em 2023, disponível em https://www.ebiografia.com/mauricio_de_nassau/

Frazão, D. (27 de fev de 2020). Edir Macedo. Biografia. PE, Brasil. Acesso em 2023, disponível em https://www.ebiografia.com/edir_macedo/

Frazão, D. (4 de jun de 2020). Filipe II da Espanha. Artigo. Recife, PE, Brasil. Acesso em 2023, disponível em https://www.ebiografia.com/filipe_ii_da_espanha/

Freitas, J. (2023). Júlio Freitas. Biografia. Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.juliofreitas.com/biografia/>

Freitas, V. (S.d.). Sobre mim. Artigo. USA. Acesso em 2023, disponível em <https://www.vivianefreitas.com/sobre-mim/>

Freston, P. C. (1993). Protestantes e Política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment. Tese, 308. Campinas, SP, Brasil: UNICAMP. Acesso em 2023

Freyre, G. (2003). Casa-grande & senzala (48ª ed.). (J. L. Alves, Ed.) Recife, PE, Brasil: GLOBAL. Acesso em 2023

G1, R. (11 de ago de 2009). Denúncia de promotores aponta 'prática de fraudes' contra a Universal e fiéis. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Globo. Acesso em 2023

G1, R. (18 de ago de 2009). MP pede quebra de sigilos fiscal e bancário de empresas ligadas à Universal. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Globo. Acesso em 2023

G1, R. (27 de mai de 2022). Igreja Universal abre templo na Ucrânia para 'ganhar almas' durante guerra. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/05/27/igreja-universal-abre-templo-na-ucrania-para-ganhar-almas-durante-guerra.ghtml>

G1, R. (9 de jan de 2007). POLÍCIA DOS EUA PRENDE BISPOS DA RENASCER EM MIAMI. Artigo. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Globo. Acesso em 2023, disponível em <https://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,AA1413589-5598,00-POLICIA+DOS+EUA+PRENDE+BISPOS+DA+RENASCER+EM+MIAMI.html>

G1. (27 de jul de 2013). População católica no Brasil cai de 64% para 57%, diz Datafolha. Artigo. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://g1.globo.com/jornada-mundial-da-juventude/2013/noticia/2013/07/populacao-catolica-cai-de-64-para-57-diz-datafolha.html>

Gallo, F. V. (14 a 17 de set de 2010). A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE NA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS. 22 - 29. Londrina, PR, Brasil: GEPAL. Acesso em 2023

Galvão, B. A. (2014). ÉTICA EM MICHEL FOUCAULT: DO CUIDADO DE SI À ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA. Artigo, 7, 1, 157 - 168. Porto Alegre, RS, Brasil: PUC-RS. Acesso em 2023

Garcia, R. (31 de mar de 2017). TeleCatch, o MMA das antigas - A luta de mentira que parecia de verdade (mas não muito). Artigo. São Paulo, SP, Brasil: Abril. Acesso em 2023, disponível em <https://vejasp.abril.com.br/coluna/memoria/telecatch-o-mma-das-antigas/>

Garra, M. S. (jun de 2006). O *self* semiótico: desenvolvimento interpretativo da identidade como um processo dramático. TESE, 269. Porto Alegre, RS, Brasil. Acesso em 2022

Gasparetto, P. R. (2009). Midiatização da Religião: processos midiáticos e a construção de novas comunidades de pertencimento. Estudo sobre a recepção da TV Canção Nova. Tese, 1 - 459. São Leopoldo, RS, Brasil: UNISINOS. Acesso em 2023

Gil, F. (25 de jan de 2021). Resultados finais: Reeleição de Marcelo só não bate Soares. Artigo. Lisboa, Portugal: DN. Acesso em 2022, disponível em <https://www.dn.pt/politica/resultados-finais-reeleicao-de-marcelo-so-nao-bate-soares-13272607.html>

Giraldi, P. (2018). Comunicação midiática & religião: ensaios teóricos e metodológicos. (F. C. Amoras, Ed.) Macapá, AP, Brasil: UNIFAP. Acesso em 2023

Girardi, Y. (11 de out de 2022). Conheça a história de Nossa Senhora Aparecida, a padroeira do Brasil. Artigo. Porto Alegre, RS, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2022/10/conheca-a-historia-de-nossa-senhora-aparecida-a-padroeira-do-brasil-cl93avimf00dx018w948ah0tb.html>

Gleiser, M. (2010). Criação imperfeita - Cosmos, vida e o código oculto da natureza. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Record. Acesso em 2023

Globo, R. M. (29 de out de 2021). Decadência - A história fazia um contraponto entre o súbito enriquecimento de um pastor que explora os fiéis e a decadência de uma poderosa família. Artigo. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Globo. Acesso em 2023, disponível em <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/minisseries/decadencia/noticia/decadencia.ghtml>

Globo, R. O. (18 de abr de 1992). Igreja Universal leva 170 mil ao Macacaná. Artigo, 7. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Globo. Acesso em 2023, disponível em <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=199019920418>

Globo, R. R. (1995). Jornal Nacional - Edir Macedo. Vídeo. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=TfbP5IJW5GQ>

Globo, R. R. (S.d.). Santa Missa. Artigo. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Globo. Acesso em 2023, disponível em <http://redeglobo.globo.com/TVG/0,,TG2541-3914,00.html>

Goffman, E. (2004). Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. (M. Lambert, Trad.) S.l.: Portugal. Acesso em 2023

Goffman, E. (2004). Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. (M. Lambert, Trad.) S.l.: Portugal. Acesso em 2023

Goiana, R. A. (S.d.). História da Associação Pestalozzi. Goiana, GO, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://pestalozzigoiania.org/historia-da-pestalozzi/>

Gomes, D. C. (16 de out de 2021). O idoso e o iceberg. Artigo. S.l., Brasil. Acesso em 2022, disponível em <https://envelhecercomsaude.com/o-idoso-e-o-iceberg/>

Gomes, E. d. (2004). A Era das catedrais da IURD: a autenticidade em exibição. 219. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: UERJ. Acesso em 2023

Gomes, J. C. (7 de set de 2021). Deputados Federais Evangélicos de 1933 a 2018. Brasília, DF, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://zenodo.org/record/5766214#.ZFZdM3bMJPb>

Gomes, J. F. (4 de dez de 2022). Apesar do discurso religioso de André Ventura, eleitores do Chega são menos crentes do que os do PSD e CDS. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://observador.pt/2022/12/04/apesar-do-discurso-religioso-de-andre-ventura-eleitores-do-chega-sao-menos-crentes-do-que-os-do-psd-e-cds/>

Gomes, J. F. (6 de jan de 2018). Seis grandes questões que ainda estão por responder no caso das adoções ilegais na IURD. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://observador.pt/especiais/seis-grandes-questoes-que-ainda-estao-por-responder-no-caso-das-adocoes-ilegais-na-iurd/>

Gomes, L. (23 de fev de 2012). Saussure: pai da linguística moderna. Artigo. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Globo. Acesso em 2022, disponível em <http://redeglobo.globo.com/globociencia/noticia/2011/09/saussure-pai-da-linguistica-moderna.html>

Gomes, L. A. (1º de mai de 2015). A CONTRIBUIÇÃO DE MICHEL BREÁL PARA OS ESTUDOS SEMÂNTICOS. Artigo. Crato, CE, Brasil: WebArtigos. Acesso em 2022, disponível em <https://www.webartigos.com/artigos/a-contribuicao-de-michel-breal-para-os-estudos-semanticos/131618>

Gomes, P. G. (29 de mar de 2010). Espiritualidade na Internet: o surgimento de uma nova religião? (G. Wolfart, & P. Fachin, Entrevistadores) IHU On-Line - Ed. 323. São Leopoldo. Acesso em 2023, disponível em <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3107-pedro-gilberto-gomes-2>

Gomes, P. G. (maio, junho, julho e agosto de 2016). Mdiatização: um conceito, múltiplas vozes. Revista Eletrônica. Porto Alegre, RS, Brasil: PUCRS. Acesso em 2022

Gomes, W. (1º de ago de 2009). Líderes da igreja Renascer voltam ao Brasil depois de prisão nos EUA. <https://extra.globo.com/>. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Globo. Acesso em 2023, disponível em <https://extra.globo.com/noticias/brasil/lideres-da-igreja-renascer-voltam-ao-brasil-depois-de-prisao-nos-eua-310359.html>

Gonçalves, C. I. (set de 2012). A Influência da Rede Social Facebook na Decisão de Voto. Dissertação, 139. Lisboa, Portugal: Universidade NOVA de Lisboa. Acesso em 2022

Gonçalves, R. B., & Pedra, G. M. (2017). O SURGIMENTO DAS DENOMINAÇÕES EVANGÉLICAS NO BRASIL E A PRESENÇA NA POLÍTICA . 7, 2, 69 - 100. João Pessoa, PB, Brasil: UFPB. Acesso em 2023

Gospelmais, R. (2019). Usos e costumes da Assembleia de Deus. Artigo. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://dicas.gospelmais.com.br/usos-e-costumes-assembleia-de-deus.html>

Grassi, A. (1994). NEM ANJOS, NEM DEMÔNOS. (N. J. Tonin, Ed.) Petrópolis, RJ, Brasil: Vozes. Acesso em 2023

Guattari, G. D. (2004). O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia. Portugal: Assírio & Alvim. Acesso em 2022

Guimarães, A. (13 de jul de 2020). Banco Renner, de Edir Macedo, muda nome para Banco Digimais. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023

Guimarães, Y. P. (fev de 2014). O jornalismo científico impresso no Brasil e em Portugal - Análise comparada entre os jornais O Globo e Público. 110. Lisboa, Portugal: Nova de Lisboa. Acesso em 2023

HERÓDOTO. (2006). HISTÓRIA (Vol. XXIII e XXIV). (J. B. Broca, Trad.) Brasil: eBooksBrasil. Acesso em 2023

Hjarvard, S. (2008). The Mediatization of Society. 29, 2, 105 - 134. (<https://translate.google.com/>, Trad.) Gotemburgo, Suécia: University of Gothenburg. Acesso em 2023

HJARVARD, S. (2014). A midiatização da cultura e da sociedade. (C. A. Gianotti, Ed., & A. d. Vieira, Trad.) São Leopoldo, RS, Brasil: Unisinos. Acesso em 2023

Hjarvard, S. (2014). From Mediation to Mediatization: The Institutionalization of New Media. Artigo, 123-135. (<https://translate.google.com/>, Trad.) Londres, Inglaterra: Palgrave Macmillan. Acesso em 2022

Hjarvard, S. (2016). Mediatization and the changing authority of religion. Artigo, 8 a 17. New York, USA. Acesso em 2023, disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0163443715615412>

Hjarvard, S. (jun de 2014). Mediatization: conceptualizing cultural and social change. Artigo, 8, 1, 21 - 44. São Paulo, SP, Brasil: USP. Acesso em 2022

Hjarvard, S. (14 de junho de 2011). The mediatization of religion: Theorising religion, media and social change. Culture and Religion(12), 119 — 135. Acesso em 14 de junho de 2022

Hoover, S. (jan - jun de 2014). Mídia e religião: premissas e implicações para os campos acadêmico e midiático. Artigo, 35, 2, 41 - 68. (M. d. Cunha, Trad.) São Bernardo do Campo, SP, Brasil: Universidade Metodista de São Paulo. Acesso em 2023

Hossi, D. I. (jul - dez de 2022). MISSÕES EM PORTUGAL: UM ENSAIO SOBRE O PAÍS, A SUA RELIGIÃO E AS SUAS TENDÊNCIAS MISSIONÁRIAS. Artigo, 2, 3, 60 - 79. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: JMM. Acesso em 2023

<https://translate.google.com/>. (s.d.).

<https://www.mitologia.pt/>. (10 de fev de 2020). O mito de Narciso em resumo. Artigo. Lisboa, Portugal. Acesso em 2022, disponível em <https://www.mitologia.pt/mito-de-narciso-275653>

Huberman, L. (1981). História da Riqueza do Homem. (LTC, Ed.) Coimbra, Coi, Portugal: Almedina. Acesso em 14 de fevereiro de 2022

Hulme, V. (9 de set de 2019). Rev. Dr. Samuel Parkes Cadman DD. My Methodist History - Telling the story of the people called Methodist. S.l., USA: Methodist Church. Acesso em 2023, disponível em https://www.mymethodisthistory.org.uk/people-2/methodist_ministers/rev-dr-samuel-parkes-cadman-d-d

Hurtado, R. (13 de mar de 2021). O que diz a Igreja sobre o Mercado Financeiro? São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023

IBGE. (19 de Junho de 2012). <https://censo2010.ibge.gov.br>. Acesso em 2020, disponível em [ibge.gov.br](https://censo2010.ibge.gov.br): <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>

IBGE. (2010). Censo. Amostra - Religião. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107>

Idoeta, P. A. (26 de ago de 2011). Conheça alguns dos principais negócios ligados ao mercado evangélico. São Paulo, SP, Brasil: BBC. Acesso em 2023

INEM, R. (30 de jun de 2020). Redes Sociais : Usa mas não abuses! Site. Lisboa, Portugal. Acesso em 2022, disponível em <https://www.inem.pt/2020/06/30/redes-sociais-usa-mas-nao-abuses/>

Infotrustgo, R. (1995). FEDERACAO DE IGREJAS EVANGELICAS PORTUGUESAS. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.infotrustgo.pt/empresa/federacao-de-igrejas-evangelicas-portuguesas>

Interessante, R. S. (31 de out de 2016). Descubra a origem do botão Curtir, do Facebook . Super Interessante. São Paulo, SP, Brasil: Abril. Acesso em 2022, disponível em <https://super.abril.com.br/cultura/descubra-a-origem-do-botao-curtir-do-facebook/>

Intervozes, R. (2017). Grupo Record. S.l., Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://brazil.mom-gmr.org/en/owners/companies/detail/company//grupo-record-1/>

Intervozes, R. (24 de out de 2017). Igreja Adventista do Sétimo Dia. S.l., Brasil. Acesso em 2023, disponível em <http://brazil.mom-gmr.org/br/proprietarios/empresas/detail/company/company/show/seventh-day-adventist-church/>

Intervozes, R. (S.d.). Igreja Universal do Reino de Deus. Artigo. Brasil. Acesso em 2023, disponível em <http://brazil.mom-gmr.org/br/proprietarios/empresas/detail/company/company/show/universal-church-of-the-kingdom-of-god/>

Ipatrimônio, R. (21 de dez de 2021). Rio de Janeiro – Coreto do Jardim do Méier. Informativo. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.ipatrimonio.org/rio-de-janeiro-coreto-do-jardim-do-meier/#!/map=38329&loc=-22.848652614583955,-43.086748123168945,12>

IstoÉ, R. (22 de ago de 2012). O jeito Mórmon de fazer negócios. São Paulo, SP, Brasil: Três. Acesso em 2023, disponível em <https://www.istoedinheiro.com.br/o-jeito-mormon-de-fazer-negocios/>

Jadon, J. C. (2009). SUCESSO E SALVAÇÃO - Estudo semiótico comparativo entre os discursos televisivos das Igrejas Universal do Reino de Deus e Católica Apostólica Romana no Brasil. Tese, 342. São Paulo, SP, Brasil: USP. Acesso em 2023

Jairo Ferreira, A. P. (12 a 15 de dez de 2106). Anais do I Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. 2404. (translate.google.com, Trad.) São Leopoldo, RS, Brasil: UNISINOS. Acesso em 2023

JOLIVET, R. (1965). TRATADO DE FILOSOFIA — III METAFÍSICA. (M. D. ALCURE, Trad.) Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Agir. Acesso em 2023

Jopão, R. I. (S.d.). A animação do grupo Calebe prova que a melhor idade começa aos 55 anos! Hamamatsu, Jopão. Acesso em 2023, disponível em <https://universaljp.org/calebe/>

Jornal, R. C. (27 de out de 2005). IURD é uma cliente da rede Record. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.cmjornal.pt/tv-media/detalhe/iurd-e-uma-cliente-da-rede-record>

Jung, C. F., & Dörr, C. R. (2023). Método para elaboração de componentes curriculares a partir de competências. CONCILIUM, 23, 19, 692. S.l, AUS: Clium. Acesso em 2023

Júnior, E. d. (S.d.). Teoria tomista da Beleza. Montfort Associação Cultural. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em https://www.montfort.org.br/bra/veritas/arte/tomista_beleza/#_ftn1

JÚNIOR, G. P. (dez de 2003). ANTROPOLOGIA E COMUNICAÇÃO: DIÁLOGO POSSÍVEL E NECESSÁRIO. Artigo, 24, 85, 1407 - 1414. Campinas, SP, Brasil: Unicamp. Acesso em 2022

Junior, V. G. (jul - dez de 2017). O pensamento pentecostal na história do protestantismo e na atualidade. (Á. F. Montoya, Ed.) Revista Iberoamericana de Teologia, XIII (25), 37 - 73. Acesso em 2023

Justino, M. (12 de nov de 1995). "Eu tentei matar Edir Macedo". (F. Sekles, Entrevistador) Jornal do Braisil. Brasília. Acesso em 2023, disponível em <https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19951112&printsec=frontpage&hl=pt-BR>

Jutino, M. (1995). NOS BASTIDORES DO Reino - A HISTÓRIA SECRETA DA Igreja Universal do Reino de Deus. 164. São Paulo, SP, Brasil: Geração. Acesso em 2023 de 1º out

Kant, I. (2001). CRÍTICA DA RAZÃO PURA (5ª ed.). (A. F. MANUELA PINTO DOS SANTOS, Trad.) Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian. Acesso em 2022

Kant, I. (2017). A METAFÍSICA DOS COSTUMES (3ª ed.). (J. Lamego, Trad.) Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian. Acesso em 2022

KANT, I. (2019). CRÍTICA DA FACULDADE DO JUÍZO (2ª ed.). (V. R. Marques, Trad.) São Paulo, SP, Brasil: Forense. Acesso em 2023

KARPFEN, F. (2017). Kitsch - Um Estudo Sobre a Degenerescência da Arte (1ª ed.). (J. T. Proença, Trad.) Lisboa, Portugal: Antígona. Acesso em 2023

Kattah, E. (23 de ago de 2009). Universal teria adquirido empresa de ex-governador por meio de offshore. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023

Keller, K. L., & Kotler, P. (s.d.). Administração de marketing (15ª ed.). (S. Afonso, Ed., & S. M. Yamamoto, Trad.) São Paulo, SP, Brasil: Pearson. Acesso em 2023

KEYNES, J. M. (1996). A TEORIA GERAL DO EMPREGO, DO JURO E DA MOEDA. (E. A. S.A., Trad.) São Paulo, SP, Brasil: Nova Cultural. Acesso em 2023

Kiening, C. (jul - dez de 2015). Narcissus und Echo. Medialität von Liebe und Tod. Artigo, 32, 252 - 285. (E. G. Losso, Trad.) Rio de Janeiro, RJ, Brasil: UFRJ. Acesso em 2022

Lahis Pasquali Kurtz, A. J. (2016). OS REFLEXOS DA CULTURA TECNOLÓGICA NA ORGANIZAÇÃO DO PODER JUDICIÁRIO: PROPOSTA DE ESTUDO À LUZ DOS PRINCÍPIOS DA PUBLICIDADE E DA EFICIÊNCIA. Artigo, 5, 1, 122 - 145. Santa Maria, RS, Brasil: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Acesso em 2022

Lazzari, J. J. (jan - jun de 2012). A RELAÇÃO DA COMUNICAÇÃO INTEGRADA COM O CRESCIMENTO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS. 6, 9, 85 - 92. São Paulo, SP, Brasil: PUC/SP. Acesso em 2023

Leal, L. N., & Thomé, C. (29 de jun de 2012). Igreja Universal perde quase 230 mil fiéis em dez anos. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.estadao.com.br/ciencia/igreja-universal-perde-quase-230-mil-fieis-em-dez-anos/>

Leal, M. C. (2019). Movimentos New Age e a Espiritualidade da Nova Era no Contexto Digital - Estudo de Caso do “Movimento Natural Vibe”. 146. Porto, Portugal: FLUP. Acesso em 2023

Leite, E. F. (1998). O Processo de Criação de Empresas de Base Tecnológica, Via Incubadora: O Perfil do Empreendedor do Norte de Portugal e do Brasil. 686. Porto, Portugal: Universidade do Porto. Acesso em 2023

LEITE, F. D. (2009). A CONSTITUINTE DE 1933: A participação da Liga Eleitoral Católica na composição da. 93. Franca, SP, Brasil: USP. Acesso em 2023

LEITE, L. C. (abr de 2019). O PLANO DE PODER DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS - Estratégias territoriais da expansão neopentecostal no Brasil. 167. Salvador, BA, Brasil: UFBA. Acesso em 2023

Lemos, A. (out-nov de 2004). Cibercultura e Mobilidade: a Era da Conexão. Artigo, 41. Guadalupe, Mexico: RP. Acesso em 2022, disponível em <http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n41/alemos.html>

Lemos, C., & Tavolaro, D. (2007). O bispo- A história revelada por Edir Macedo. São Paulo, SP, Brasil: Larousse. Acesso em 2023

LÉRY, J. D. (1961). VIAGEM À TERRA DO BRASIL. (S. MILLIET, Trad.) Rio de Janeiro, RJ, Brasil: BIBLIOTECA DO EXÉRCITO. Acesso em 2023

Lima, A. S. (12 de novembro de 2009). Da cultura da mídia à cibercultura: as representações do eu nas tramas do ciberespaço. Artigo. (PUC/GO, Ed.) Goiania, GO, Brasil. Acesso em 2022

Lindo, Y. (12 de abr de 2023). Cerca de mil caminhoneiros são atendidos pelo projeto Guardiões da Estrada, em Goiás. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.universal.org/noticias/post/cerca-de-mil-caminhoneiros-sao-atendidos-pelo-projeto-guardioes-da-estrada-em-goias>

Lippmann, W. (2008). Opinião Pública. (F. A. Moser, Ed.) Petrópolis, RJ, Brasil: Vozes. Acesso em 2023

Llewellyn, A. (19 de nov de 2022). Man behind Bali bombings tries to stop terrorists — and wants freedom. Artigo. Washington, USA: Washington Post Group. Acesso em 2023, disponível em <https://www.washingtonpost.com/world/2022/11/19/indonesia-bali-bombing-deradicalization/>

LOBATO, E. (10 de mar de 1996). Igreja tem a maior rede de rádios do país. Artigo. São paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/3/10/brasil/17.html>

LOBATO, E. (15 de dez de 2007). Universal chega aos 30 anos com império empresarial. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1512200730.htm>

LOBATO, E., & TALENTO, A. (4 de out de 2011). Cúpula da Universal investe em negócios de segurança privada. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023

Lopes, D. (S.d.). Pastora obriga os fiéis a tocar os seus pés. Vídeo. S.l., Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=pB7Fy6b0i8M>

Lopes, F. L. (abr-set de 2017). FÉ MEDIATIZADA? Indagações sobre a abordagem comunicacional da questão religiosa na era das tecnologias digitais em rede. Revista Latino Americana de Estudos em Cultura(7), 78 - 91. Acesso em 2020, disponível em <https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/10461/7303>

Lopes, H. (set de 2009). Estórias da vida - Das páginas pessoais nas redes sociais à criação de narrativas pessoais mediatizadas: reflexão pessoal, agência e desafios. Dissertação, 1 - 92. Lisboa, Portugal: ISCTE. Acesso em 2023

Lopes, H. D. (4 de ago de 2019). Encontro de Jovens com Cristo. Artigo. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.ippinheiros.org.br/pastorais/ashbel-green-simonton-pioneiro-da-igreja-presbiteriana-do-brasil/>

Lopes, M. (24 de dez de 2017). EU SOU A UNIVERSAL! ANOTAÇÕES INTRODUTÓRIAS ACERCA DE UM MOTE MIDIÁTICO. 7, 2, 16 - 20. Goiânia, GO, Brasil: PUC/GO. Acesso em 2023

Lopes, M. I., & Kunsch, M. M. (2015). Comunicação, Cultura e Mídias Sociais. 120. (R. Romancini, Ed.) São Paulo, SP, Brasil: ECA-USP. Acesso em 2022

Lopes, M. V. (9 de jan de 2018). Os negócios da igreja. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.forbespt.com/os-negocios-da-igreja-2/>

Lourenço, A. J. (2018). Gênesis 1 & 2 - A Mão de Deus na Criação (1ª ed.). São José dos Campos, SP, Brasil: Fiel. Acesso em 2023

Lucy Rodgers, S. Q. (3 de jul de 2015). Atentados de 7 de julho em Londres: o que aconteceu naquele dia? Artigo. (<https://translate.google.com/>, Trad.) Londres,

Inglaterra: BBC World Service. Acesso em 2023, disponível em <https://www.bbc.com/news/uk-33253598>

Lusa, A. (14 de mai de 2021). Angola: Governo brasileiro quer explicação sobre deportações. Lisboa, Portugal: DW. Acesso em 2023, disponível em <https://www.dw.com/pt-002/governo-brasileiro-pede-explica%C3%A7%C3%B5es-a-angola-sobre-deporta%C3%A7%C3%B5es-de-mission%C3%A1rios-da-iurd/a-57525409>

Luz, M. S., & Rocha, P. (2011). A propósito da secularização e das metamorfoses de um mundo (re) encantado. Artigo, 83 - 111. Coimbra, Portugal: Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Acesso em 2023, disponível em <http://journals.openedition.org/eces/577>

Macedo, E. (2004). O Perfeito Sacrifício - O significado espiritual do dízimo e ofertas (1ª ed.). Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Universal. Acesso em 2023

Macedo, E. (2012). Nada a perder (Vol. 1). São Paulo, SP, Brasil: Planeta. Acesso em 2023

Macedo, E. (8 de dez de 1995). Edir Macedo Ataca. (J. A. Lopes, Entrevistador) São Paulo, SP, Brasil: Abril. Acesso em 2023

Macedo, E. B. (26 de abr de 2015). Roberto Cabrini entrevista Edir Macedo. Conexão Reporte. (R. Cabrini, Entrevistador) SBT. São Paulo. Acesso em 2023, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ETIRzd97G-U&t=218s>

Macedo, E. B. (6 de dez de 1995). Edir Macedo Ataca. (J. A. Lopes, Entrevistador) São Paulo, SP, Brasil: Abril. Acesso em 2023, disponível em <https://stravaganzastravaganza.blogspot.com/2011/09/edir-macedo-o-dinheiro-e-um-bem.html>

Macedo, E., & Oliveira, C. (2000). Plano de poder (1ª ed.). São Paulo, SP, Brasil: Thomas Nelson. Acesso em 2023

Macedo, I. (dez de 2005). NIETZSCHE, BAYREUTH E A ÉPOCA TRÁGICA DOS GREGOS. Artigo, 46, 112, 283 - 292. Belo Horizonte, MG, Brasil: UFMG. Acesso em 2023

Mackenzie, R. P. (S.d.). O primeiro culto protestante celebrado no Brasil. Artigo. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.mackenzie.br/s/gemkt/revista/88/chancelaria.html>

Mackey, R. (22 de jul de 2010). Rebuilding Solomon's Temple, in São Paulo. New York, USA. Acesso em 2023, disponível em <https://archive.nytimes.com/thelede.blogs.nytimes.com/2010/07/22/rebuilding-solomons-temple-in-sao-paulo/?searchResultPosition=1>

Mafra, C. (2018). Na Posse da Palavra: Religião, conversão e liberdade pessoal em dos contextos nacionais . Lisboa, Portugal: ICS. Acesso em 2023

Mafra, C. (2018). Na Posse da Palavra: Religião, conversão e liberdade pessoal em dos contextos nacionais . Lisboa, Portugal: ICS. Acesso em 2023

Magalhães, J. G. (14 de set de 2013). Histórico metodismo no Brasil. Artigo. Campinas, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.metodista.org.br/historico-metodismo-no-brasil>

Magalhães, T. (5 de jun de 1992). Habeas Corpus liberta bispo Edir Macedo. Artigo. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19920605-36024-nac-0011-999-11-not>

Mandim, D. (19 de mar de 2017). Evangélicos perderam quase 700 igrejas desde o ano 2000. Artigo. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.dn.pt/sociedade/evangelicos-perderam-quase-700-igrejas-desde-o-ano-2000-5733980.html>

Maranhão, F. E. (2013). A grande onda vai te pegar Marketing, espetáculo e ciberespaço na Bola de Neve Church. São Paulo, SP, Brasil: Fonte. Acesso em 2023

MARIANO, R. (1º de dez de 2004). Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. 18, 52, 121 - 138. (A. Bosi, Ed.) São Paulo, SP, Brasil: USP. Acesso em 2023

Mariano, R. (2020). Neopentecostais - Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil (5ª ed.). São Paulo, SP, Brasil: Loyola. Acesso em 2023

Marinheiro, C. (23 de jan de 2012). 'O conceito de "sociedade civil"'. Artigo. Lisboa, Portugal: ISCTE. Acesso em 2022, disponível em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/o-conceito-de-sociedade-civil/30781>

MARIZ, V. (2008). Villegagnon: Herói ou vilão? HISTÓRIA, 27 (1), 51 - 75. Acesso em 2023

Marques, V. (10 de dez de 2017). Renato Cardoso: quem é o líder da IURD. Artigo. Lisboa, Portugal: Cofina Média. Acesso em 2023, disponível em <https://www.sabado.pt/vida/detalhe/renato-cardoso-quem-e-o-lider-da-iurd>

Marta, E. (26 de out de 2010). 'O conceito sociológico de cultura'. Artigo. Lisboa, Portugal: ISCTE. Acesso em 2022, disponível em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/o-conceito-sociologico-de-cultura/29076>

Martin, D. (1990). Tongues of fire: the explosion of Protestantism in Latin America. Cambridge, Inglaterra: Oxford. Acesso em 2023

Martin, K. (15 de jan de 2018). Transcultural histories of psychotherapy. Artigo, 20, 104 - 119. Londres, Inglaterra: Grupo Taylor e Francis. Acesso em 2022, disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13642537.2017.1421988>

Martín-Barbero, J. (1982). RETOS A LA INVESTIGACIÓN DE COMUNICACIÓN. Revista, 9. (<https://translate.google.com/>, Trad.) La Paz, Bolivia: Universidade Católica Boliviana. Acesso em 2022

Martínez-Vargas, I. (10 de jun de 2019). IURD condenada por forçar esterilização de pastores. Artigo. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.dn.pt/mundo/iurd-condenada-por-forcar-esterilizacao-de-pastores--10997156.html>

MARTINO, L. M. (2016). The Mediatization of Religion - When Faith Rocks (1ª ed.). (<https://translate.google.com/>, Trad.) New York, USA: Routledge. Acesso em 2023

Martins, G. D. (2000). Manual para elaboração de monografias e dissertações. Livro, 2ª, 134. São Paulo, SP, Brasil: Atlas. Acesso em 2023

Martins, H. F. (5 de mai de 2016). Quais são os canais cristãos da TV aberta? Artigo. Brasília, DF, Brasil. Acesso em 2023, disponível em

<https://www.meutedio.com.br/2016/05/tv-aberta-canais-catolicos-evangelicos-espiritas.html>

Martins, M. A. (11 de dez de 2022). A religião está em declínio? Artigo. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://setemargens.com/a-religiao-esta-em-declinio/>

Martins, M. E. (dez de 2013). Sondagem. REVISTA DE CIÊNCIA ELEMENTAR, 1, 24, 27. (J. F. Gomes, Ed.) Porto, Portugal: Universidade do Porto. Acesso em 2023

Martins, O. E., & Mazarem, P. R. (2021). PENTECOSTALISMO PÓS-CLÁSSICO: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE ONDAS E NEOLOGISMOS. (J. Brissos-Lino, Ed.) AD AETERNUM – Revista de Teologia, 1(1), 40 - 54. Acesso em 2023

Martins, P. C., & Nascimento, M. P. (8 de out de 2018). PENTECOSTALISMO EM TEMPOS NEOLIBERAIS, A QUARTA ONDA. Artigo. (UFAL, Ed.) Maceió, AL, Brasil: IV CONGRESSO NORDESTINO DE CIÊNCIAS DA RELIGIÃO E TEOLOGIA. Acesso em 2023

Mascello, L. (2015). A estética de Frederico Nietzsche. Artigo, 36, 1, 131 - 137. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023

Matos, A. S. (2006). O MOVIMENTO PENTECOSTAL: REFLEXÕES - A PROPÓSITO DO SEU PRIMEIRO CENTENÁRIO. 11, 2, 23 - 50. São Paulo, SP, Brasil: Centro Presbiteriano de Pós-Graduação - Andrew Jumpe. Acesso em 2023

Matos, A. S. (S.d.). HISTÓRIA DO PRESBITERIANISMO. Artigo. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://ipjardimguanabara.org/historia-do-presbiterianismo/>

Matos, V. (9 de abr de 2023). "Entre Deus e o Diabo, Como André se fez Ventura". Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://expresso.pt/podcasts/entre-deus-e-o-diabo/2023-04-09-O-Fura-Vidas-de-escritor-erotico-ameacado-a-criacao-da-estrela-do-Benfica-na-CMTV.-Oica-aqui-o-5.-episodio-do-podcast-Entre-Deus-e-o-Diabo-75bc76fd>

Mattos, (. M., Junior, J. J., & Jacks, N. (2012). Mediação & midiatização. 328. Salvador, BA, Brasil: EDUFBA. Acesso em 2022

Mattos, L. (10 de ago de 2019). Igreja Universal expande ações sociais e ocupa espaços ignorados pelo poder público. São Paulo, SP, Brasil: Folha. Acesso em 2023, disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/08/igreja-universal-expande-acoes-sociais-e-ocupa-espacos-ignorados-pelo-poder-publico.shtml>

Maurilio, G., & Kunz, M. Z. (3 de dez de 2019). As Origens Norte-americanas da Teologia da Prosperidade, Seus Ensinos e Sua Influência no Contexto Brasileiro. Artigo. Curitiba, PR, Brasil: FEBAPAR. Acesso em 2023, disponível em <https://www.fabapar.com.br/blog/as-origens-norte-americanas-da-teologia-da-prosperidade-seus-ensinos-e-sua-influencia-no-contexto-brasileiro/>

Máximo, J. (S.d). O SER DE DEUS IMAGEM E SEMELHANÇA. Artigo. Belo Horizonte, MG, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://herdeiroeterno.webnode.com.br/products/o-ser-de-deus-imagem-e-semelhanca/>

Maynard, C. L. (mai de 2015). MATRIZ RELIGIOSA BRASILEIRA E A BUSCA PELA SOBREVIVÊNCIA DA RELIGIOSIDADE MULTICULTURAL. 1ª, 15. Aracaju, SE, Brasil: SINACRIPTO. Acesso em 2023

Medialdea, A. B. (12 de out de 2020). Vício em redes sociais dispara na pandemia, mas há como recuperar o controle e se desintoxicar. (A. ODRIOZOLA, Entrevistador) Espanha: El País. Acesso em 2022, disponível em <https://brasil.elpais.com/estilo/2020-10-12/vicio-em-redes-sociais-dispara-na-pandemia-cinco-jeitos-de-recuperar-o-controle-e-se-desintoxicar.html>

Medis, R. (21 de dez de 2018). Diga Não à dependência da Tecnologia. Site. Lisboa, Portugal: Medis. Acesso em 2022, disponível em <https://www.medis.pt/mais-medis/bem-estar-e-desporto/diga-nao-a-dependencia-da-tecnologia/>

MELLO, R. R. (jul de 2011). O Apostolado Positivista e a primeira constituição da república no Brasil. 1 -17. São Paulo, SP, Brasil: ANPUH. Acesso em 2023

Melo, A. V. (2008). Reafricanização e dessincretização do candomblé - Movimentos de um mesmo processo. 19 (2), 12, 157 - 182. Recife, PE, Brasil: UFPE. Acesso em 2023

Melo, L. (2011). Harold Edwim Williams. Artigo. S.l., Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://clucasmelo.webnode.com.br/harold-willians/>

Melo, N. (13 de abr de 2017). CVM Comportamental – Vieses do Consumidor: Efeito Adesão. Penso, logo invisto? S.l., Brasil. Acesso em 2022, disponível em <https://pensologoinvisto.cvm.gov.br/cvm-comportamental-vieses-do-consumidor-efeito-adesao/>

MEMÓRIA, R. T. (28 de fev de 2023). História SIC. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://tvmemoria.blogs.sapo.pt/historia-sic-7528>

MENÁRGUEZ, A. T. (13 de abr de 2019). Os dependentes de telas: o “vício sem substância” que começa aos 14 anos. Artigo. Madri, Espanha: El País. Acesso em 2022, disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/23/actualidad/1553363424_494890.html

MENDES, A. (7 de dez de 2012). Até tu, Dalai Lama? Ou: alguém imagina um grupo de monges budistas usando a Internet? Artigo. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://imasters.com.br/tecnologia/ate-tu-dalai-lama-ou-alguem-imagina-um-grupo-de-monges-budistas-usando-a-internet>

Mendonça, C. (7 de mar de 2019). A ciência como única forma de conhecimento verdadeiro. S.l., Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/positivismo>

Meneses, J. S. (2017). Igreja Universal do Reino de Deus (IURD): institucionalização e mudanças de paradigmas. (20). Aracaju, Sergipe, Brasil. Acesso em 2020, disponível em [https://www.google.com/search?q=Igreja+Universal+do+Reino+de+Deus+\(IURD\)%3A+institucionaliza%C3%A7%C3%A3o+e+mudan%C3%A7as+de+paradigmas&oq=Igreja+Universal+do+Reino+de+Deus+\(IURD\)%3A+institucionaliza%C3%A7%C3%A3o+e+mudan%C3%A7as+de+paradigmas&aqs=chrome..](https://www.google.com/search?q=Igreja+Universal+do+Reino+de+Deus+(IURD)%3A+institucionaliza%C3%A7%C3%A3o+e+mudan%C3%A7as+de+paradigmas&oq=Igreja+Universal+do+Reino+de+Deus+(IURD)%3A+institucionaliza%C3%A7%C3%A3o+e+mudan%C3%A7as+de+paradigmas&aqs=chrome..)

Menezes, R. (14 de mai de 2017). PRESBITERIANISMO NORDESTINO – Parte 1 - Pernambuco, Norte e Nordeste. pernambucocalvinista.blogspot.com. Recife, PE, Brasil. Acesso em 2023, disponível em

<http://pernambucocalvinista.blogspot.com/2017/05/presbiterianismo-nordestino-parte-1.html>

Mesquita, S. (22 de dez de 2020). O templo do Rei Salomão realmente existiu? O que a Arqueologia sabe até agora. Fortaleza, CE, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.opovo.com.br/noticias/mundo/2020/12/22/o-templo-do-rei-salomao-realmente-existiu--o-que-a-arqueologia-sabe-ate-agora.html>

Minas, R. E. (11 de dez de 2017). TV portuguesa acusa Igreja Universal de ter raptado crianças. Belo Horizonte, MG, Brasil. Acesso em 2023, disponível em https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2017/12/11/interna_nacional,923843/tv-portuguesa-acusa-igreja-universal-de-ter-raptado-criancas.shtml

Minuto, R. N. (23 de dez de 2012). IURD constrói maior templo da Europa em Gaia. Porto, Portugal. Acesso em <https://www.noticiasaminuto.com/pais/30936/iurd-constr%C3%B3i-maior-templo-da-europa-em-gaia> de 8 mai de 2023

MODESTO, C. F., & GUERRA, M. d. (28 a 30 de jun de 2012). Expansão midiática da programação radiofônica religiosa: estratégia, técnica e linguagem. 15. Ouro Preto, MG, Brasil. Acesso em 2023

Moital, D. M. (2012). Ambiente escolar e inclusão - Perspetivas dos Professores. Dissertação, 167. Lisboa, Portugal: UNIVERSIDADE DE LISBOA. Acesso em 2023

MOLICA, F. (17 de set de 1995). Macedo trabalhou na Loterj durante 15 anos. Jornal Folha de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil: Folha. Acesso em 2023, disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/9/17/brasil/20.html>

Monitor, R. W. (s.d.). Record News. S.l, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://brazil.mom-gmr.org/br/midia/detail/outlet/record-news/>

Monteiro, L. (10 de dez de 2018). Excesso de informação na era digital requer discernimento para identificar o mundo real e o falso. Artigo. Belo Horizonte, MG, Brasil. Acesso em 2022, disponível em <https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2018/12/10/noticias-saude,238577/excesso-de-informacao-na-era-digital-requer-discernimento-para-identif.shtml>

Monteiro, S. C. (2012). *Percursos de excelência acadêmica no ensino superior: Estudo em alunos de Engenharia em Portugal*. Braga, Portugal: Universidade do Minho. Acesso em 2023

Montero, P. (2012). CONTROVÉRSIAS RELIGIOSAS E ESFERA PÚBLICA: REPENSANDO AS RELIGIÕES COMO DISCURSO. Artigo, 32, 1, 167 - 183. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Instituto de Estudos da Religião (ISER). Acesso em 2023

Moraes, G. L. (jun de 2010). Neopentecostalismo - um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. Revista de Estudos da Religião (10), 1 - 19. Acesso em 2023

Morais, U. Í., Figueredo, L. Z., & Zanotta, E. B. (out de 2004). IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS E MARKETING RELIGIOSO. 3, 53 - 62. São Paulo, SP, Brasil: UNINOVE. Acesso em 2023

Moreira, D. D. (2013). Do sagrado tribal ao sagrado midiático: o televangelismo e a formação identitária religiosa. Dissertação, 208. Juiz de Fora, MG, Brasil: UFJF. Acesso em 2023

Multimédia, R. G. (10 de jan de 2023). Quem somos. Informativo. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://gruporenascencamultimedia.com/quem-somos/>

Nadir, M., & Thales, F. (29 de jul de 2021). Mourão em Angola: entre compromissos de Estado e defesa da Igreja Universal. Luanda, Angola. Acesso em 2023, disponível em <https://opeb.org/2021/07/29/mourao-em-angola-entre-compromissos-de-estado-e-defesa-da-igreja-universal/>

Nascimento, D. V. (2014). O REFLEXO DO ARQUETÍPICO JUGO DA BELEZA HELÊNICA NAS ATEMPORAIS “RECEITAS DE MULHERES”. Artigo, 28, 1 - 8. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: UERJ. Acesso em 2023

Nascimento, G. (18 de nov de 2021). Igreja Universal tirava ilegalmente US\$ 120 milhões de Angola, dizem bispos. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/11/18/igreja-universal-angola-dolares.htm>

Nascimento, G. (20 de jul de 2022). Universal embolsa R\$ 33 bilhões só em doações bancárias. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023

Nascimento, G. (2019). O reino: A história de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal (1ª ed.). Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Companhia das Letras. Acesso em 5 de maio de 2022

Nascimento, G. (22 de dez de 2020). EDIR MACEDO PERDEU: GOVERNO DE ANGOLA RECONHECE DISSIDENTES COMO NOVOS LÍDERES DA UNIVERSAL. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.intercept.com.br/2020/12/22/edir-macedo-perdeu-governo-de-angola-reconhece-dissidentes-como-novos-lideres-da-universal/>

NASCIMENTO, G. (25 de mai de 2005). As contas secretas da Igreja Universal. São Paulo, SP, Brasil: Três. Acesso em 2023

Nascimento, G. (27 de jan de 2020). "Edir Macedo tem uma visão muito pragmática: Se há poder eu tô junto". (A. Dip, Entrevistador) Revista Exame. São Paulo. Acesso em 2023, disponível em <https://exame.com/brasil/edir-macedo-tem-uma-visao-muito-pragmatica-se-ha-poder-eu-to-junto/>

Nascimento, G. (8 de abr de 2022). Igreja Universal prepara batalha judicial para retomar templos em Angola. São Paulo, SP, Brasil: BBC. Acesso em 2023, disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61033146>

Necchi, V. (16 de dez de 2016). O fenômeno da midiatização e as instituições. REVISTA IHU ON-LINE. São Leopoldo, RS, Brasil: Unisinos. Acesso em 2022, disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/185-noticias-2016/563428-o-fenomeno-da-midiatizacao-e-as-instituicoes#>

Neto, A. F. (2008). Fragmentos de uma «analítica» da midiatização. Artigo, 1, 2, 89 - 105. São Paulo, SP, Brasil: USP. Acesso em 2023, disponível em <https://www.revistas.usp.br/matrizes/issue/view/3169>

NETO, H. C. (2014). FOGUEIRA SANTA DE ISRAEL E O CONSUMISMO RELIGIOSO. DISSERTAÇÃO. João Pessoa, PB, Brasil: UFPB. Acesso em 2023

Noack, R. (15 de set de 2014). A Chinese city is asking smartphone users to walk in their own sidewalk lane. The Washington Post. New York, EUA. Acesso em 2022,

disponível em <https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2014/09/15/a-chinese-city-is-asking-smartphone-users-to-walk-in-their-own-sidewalk-lane/>

NOTH, M. (1976). EL MUNDO DEL ANTIGUO TESTAMENTO. (A. Dánez, Ed.) Madri, Espanha: CRISTIANDAD. Acesso em 2023

Notícias, R. C. (2 de ago de 2010). Milhares de fiéis na abertura da IURD. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/milhares-de-fieis-na-abertura-da-iurd>

Notícias, R. C. (2 de ago de 2010). Milhares de fiéis na abertura da IURD. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/milhares-de-fieis-na-abertura-da-iurd>

Notícias, R. D. (30 de jan de 2017). Uma cidade Mórmon para 500 mil pessoas na Florida. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.dn.pt/mundo/igreja-mormon-vai-construir-cidade-para-500-mil-pessoas-na-florida-5637148.html>

Notícias, R. J. (24 de ago de 2006). Café Império reabre hoje. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.jn.pt/arquivo/2006/cafe-imperio-reabre-hoje-565897.html>

Notícias, R. J. (24 de ago de 2006). Café Império reabre hoje. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.jn.pt/arquivo/2006/cafe-imperio-reabre-hoje-565897.html>

NOTÍCIAS, R. S. (10 de fev de 2023). Novo recorde no valor de publicidade no intervalo do Super Bowl, onde 30 segundos podem custar €7 milhões. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://tribuna.expresso.pt/modalidades/2023-02-10-Novo-recorde-no-valor-de-publicidade-no-intervalo-do-Super-Bowl-onde-30-segundos-podem-custar-7-milhoes-021a49d4>

Notícias, R. T. (15 de mai de 2015). IURD assinala 25 anos em Portugal. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.tsf.pt/vida/iurd-assinala-anos-em-portugal--4566040.html>

NOVAES, L. (7 de mar de 2016). Em trajetória marcada por perseguições, Igreja O Brasil para Cristo celebra 60 anos. Artigo. S.l., Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/em-trajetoria-marcada-por-persegucoes-igreja-o-brasil-para-cristo-celebra-60-anos.html>

Nunes, W. (2016). QUAL É A SENHA DO WIFI - Paródia Adele - Hello. Vídeo. Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=tWs1E2BfNZE>

Observador, R. (12 de mar de 2018). Igreja de Cientologia lança novo canal de televisão. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://observador.pt/2018/03/12/igreja-de-cientologia-lanca-novo-canal-de-televisao/>

Observador, R. (16 de abr de 2022). Templos da IURD Angola voltam a encerrar e serão entregues à direção "legitimada pelo Estado angolano". Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://observador.pt/2022/04/16/templos-da-iurd-angola-voltam-a-encerrar-e-serao-entregues-a-direcao-legitimada-pelo-estado-angolano/>

Oliveira, C. (17 de jan de 2020). Domínio da fé e da política: o projeto de poder dos líderes evangélicos no Brasil. Artigo. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023,

disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2020/01/17/dominio-da-fe-e-da-politica-o-projeto-de-poder-dos-lideres-evangelicos-no-brasil>

OLIVEIRA, C. K. (2020). A TRAJETÓRIA DO MISSIONÁRIO PRESBITERIANO ASHBEL GREEN SIMONTON NO BRASIL IMPERIAL E CATÓLICO - Proselitismo tático, ideias políticas liberais e antiescravidão silencioso (1833-1867) . Dissertação, 188. João Pessoa, PB, Brasil: UFPB. Acesso em 2023

OLIVEIRA, J. C. (6 de dez de 2022). A presença dos evangélicos no cenário político brasileiro . Jordana Cristina Gil Oliveira/ João Freire Junior, 47, 1, 1 - 9. (C. M. Mariani, Ed.) Campinas, SP, Brasil: PUC/Campinas. Acesso em 2023

Oliveira, J. H. (2014). Igreja Universal do Reino de Deus: Peculiaridades do seu sincretismo e suas consequências para o campo religioso brasileiro. 5, 2, 66 - 93. São Paulo, SP, Brasil: PUC/SP. Acesso em 2023

Oliveira, J. I. (8 de jun de 2020). “É preciso indignar-se” com algumas Redes de Televisão de inspiração católica! Artigo. Fortaleza, CE, Brasil: O Povo. Acesso em 2023, disponível em <https://blogs.opovo.com.br/ancoradouro/2020/06/08/e-preciso-indignar-se-com-algumas-redes-de-televisao-de-inspiracao-catolica/>

Oliveira, L. M., Loreto, M. d., & Calvelli, H. G. (2017). De pentecostes ao pentecostalismo: reflexões possíveis para a construção de sentido da experiência brasileira . Artigo, 8, 1, 119 - 149. (F. Usarski, Ed.) São Paulo, SP, Brasil: PUC/SP. Acesso em 2023

Oliveira, S. (10 de nov de 2021). Entenda o que é e qual a função de um pai de santo - A função pode ser exercida por um Babalorixá (pai de santo) ou Yalorixá (mãe de santo). Artigo. Recife, PE, Brasil: JC. Acesso em 2023, disponível em <https://jc.ne10.uol.com.br/social1/2021/11/13624222-entenda-o-que-e-e-qual-a-funcao-de-um-pai-de-santo.html>

Onara, N. (S.d.). Fazenda Canaã: conheça a história desse importante projeto, no sertão baiano. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://sites.universal.org/universal40anos/artigo/22-fazenda-canaa-conheca-a-historia-desse-importante-projeto-no-sertao-baiano>

ongrace.com, R. (6 de dez de 2022). MISSIONÁRIO R. R. SOARES COMPLETA 75 ANOS COM UMA TRAJETÓRIA DE BÊNÇÃOS. Artigo. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://ongrace.com/portal/?noticia=missionario-r-r-soares-completa-75-anos-com-uma-trajetoria-de-bencao>

ONU, R. (3 de mai de 2019). Comércio eletrônico salta para US\$ 26,7 trilhões com venda online durante Covid-19. Artigo. Genebra, Suíça. Acesso em 2022, disponível em <https://news.un.org/pt/story/2021/05/1749422>

OrlaNews, R. (5 de jul de 2019). Neymar volta a igreja de infância para orar. Artigo. Salvador, BA, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://orlanews.com.br/neymar-volta-a-igreja-de-infancia-para-orar/>

Orletti, C. (13 de fev de 2000). Um time que nasce com torcida em todo o país. 24.274, 53. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Globo. Acesso em 2023, disponível em <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=200020000213>

Oro, A. P. (2003). A POLÍTICA DA IGREJA UNIVERSAL E SEUS REFLEXOS NOS CAMPOS RELIGIOSO E POLÍTICO BRASILEIROS. 18, 53, 53 - 69. São Paulo,

SP, Brasil: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais - ANPOCS. Acesso em 2023

ORO, A. P. (2004). A presença religiosa brasileira no Exterior: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus. 18, 52, 139 - 155. São Paulo, SP, Brasil: USP. Acesso em 2023

Oro, A. P., Corten, A., & Dozon, J.-P. (2003). Igreja Universal do Reino de Deus : os novos conquistadores da fé . São Paulo, SP, Brasil: Paulinas. Acesso em 2023

Ortunes, L. (2019). Religião e política: O Neofundamentalismo no Brasil. Dissertação, 236. São Paulo, SP, Brasil: PUC-SP. Acesso em 2023

Osasco, A. d. (30 de jun de 2017). Programa social "Universal nos Presídios" recebe homenagem do Legislativo. Artigo. Osasco, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.osasco.sp.leg.br/institucional/noticias/universal-nos-presidios-1>

Pamplona, P. (29 de jul de 2017). TEOLOGIA DO COACHING – A SUBSTITUTA DA TEOLOGIA DA PROSPERIDADE. Artigo. Fortaleza, CE, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://doisdedosdeteologia.com/teologia-do-coaching-a-substituta-da-teologia-da-prosperidade/>

Pardal, J. M. (nov de 2020). Tinder: Estratégias de dissolução utilizadas em aplicações de d ating o nline entre jovens adultos em Portugal. Dissertação, 52. Lisboa, Portugal: ISCTE. Acesso em 2022

Parlamentar, R. D. (nov de 2022). Bancadas Informais no Congresso . 56. Brasília, DF, Brasil: DIAP. Acesso em 2023

Páscoa, S. (9 de jun de 2022). Ucrânia: Lviv e Kyiv - Vida cotidiana animada vs. cidade fantasma. S.l., Ucrânia. Acesso em 2023, disponível em <https://www.care.org/pt/news-and-stories/news/ukraine-lviv-and-kyiv-lively-everyday-life-vs-ghost-town/>

Pastori, M. (31 de out de 2017). Quinto mais visitado da América Latina, Portal R7 tem 138 milhões de acessos mensais. Salvador, BA, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://noticias.r7.com/bahia/quinto-mais-visitado-da-america-latina-portal-r7-tem-138-milhoes-de-acessos-mensais-31032018>

Paula, T. F. (2021). DEUS ACIMA DE TUDO - A atuação política da Igreja Universal do Reino de Deus nas eleições presidenciais de 2018. 184. Brasília, DF, Brasil: UNB. Acesso em 2023

Paulo, R. C. (29 de mar de 2022). O Cônsul Geral visitou o Templo de Salomao. São Paulo, SP, Brasil. Fonte: <https://embassies.gov.il/sao-paulo/NewsAndEvents/Pages/consul-gerl-visit-in-temple-salmao0429-6773.aspx>

Paulo, R. C. (S.d.). História da Obra. Artigo. Arujá, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.convencaosp.com.br/institucional/historia-da-obra/>

Paulo, R. F. (31 de mai de 2019). 'Ilha isolada', Universal busca aproximação com outras igrejas evangélicas. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023

Paulo, R. G. (29 de jun de 2012). Número de evangélicos aumenta 61% em 10 anos, aponta IBGE. Artigo. São Paulo, SP, Brasil: Globo. Acesso em 2023, disponível em <https://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/06/numero-de-evangelicos-aumenta-61-em-10-anos-aponta-ibge.html>

Paulo, R. O. (12 de out de 1991). Juiz determina prisão do Pasotr Edir Macedo. Artigo, 35.789, 14. São Paulo, SP, Brasil: Grupo OESP. Acesso em 2023, disponível em <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19911012-35789-nac-0014-999-14-not>

Paulo, R. O. (25 de mai de 1992). Polícia prende Macedo. Artigo, 36.013. (J. d. Neto, Ed.) São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19920525-36013-nac-0001-999-1-not>

PAULOPES, R. (8 de abr de 2009). Grupo do Edir Macedo abre agência de viagens em Lisboa. S.d., Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.paulopes.com.br/2009/04/grupo-de-edir-macedo-abre-agencia-de.html>

PERLINE, G. (4 de mar de 2021). Rede Brasil chega ao fim, dá espaço à Igreja Universal e prepara 'renascimento'. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/rede-brasil-chega-ao-fim-da-espaco-igreja-universal-e-prepara-renascimento-52552>

Pesquisa, R. O. (6 de jun de 2018). Efeito Bandwagon. Belo Horizonte, MG, Brasil: www.opuspesquisa.com. Acesso em 2022

Peter Lunt e Livingstone, Sonia. (17 de Fevereiro de 2016). Is 'mediatization' the new paradigm for our field? A commentary on Deacon and Stanyer (2014, 2015) and Hepp, Hjarvard and Lundby (2015). Sage Journals, 38, 3, 462-470. Londres, Inglaterra. Acesso em 03/07/2020 de 2020 de 2020, disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0163443716631288>

Peter Lunt e Livingstone, Sonia. (17 de Fevereiro de 2016). Is 'mediatization' the new paradigm for our field? A commentary on Deacon and Stanyer (2014, 2015) and Hepp, Hjarvard and Lundby (2015). Sage Journals, 38, 3, 462-470. Londres, Inglaterra. Acesso em 03/07/2020 de 2020 de 2020, disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0163443716631288>

Pierucci, A. F., & Prandi, R. (1996). A Realidade Social das Religiões no Brasil. São Paulo, SP, Brasil: Hucitec. Acesso em 2023

Pimenta, T. (29 de ago de 2019). Behaviorismo: guia completo sobre a Psicologia Comportamental. Artigo. (F. C. Silva, Ed.) S.l.: Brasil. Acesso em 2022, disponível em <https://www.vittude.com/blog/behaviorismo/>

Pinheiro, A. M. (7 de ago de 2019). Igreja evangélica em Portugal | Registro | Documentos | Isenção Fiscal. Porto, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://advocaciapinheiro.com/igreja-evangelica-portugal-registro-documentos-isencao-fiscal/>

Pinhoni, M. (6 de ago de 2014). As imagens da suntuosa inauguração do Templo de Salomão. São Paulo, SP, Brasil: Abril. Acesso em 2023, disponível em <https://exame.com/brasil/as-imagens-da-suntuosa-inauguracao-do-templo-de-salomao/>

Platão. (1988). Fédon (2ª ed.). (M. T. Azevedo, Trad.) Coimbra, Portugal: Minerva. Acesso em 2023

Platão. (2019). Hípias Maior. (L. Angioni, Ed.) Brasília, DF, Brasil: UNICAMP. Acesso em 2023

Platão. (S.d.). A República. S.l., Brasil. Acesso em 2023

Porfírio, F. (S.d.). Modernidade líquida. Artigo. São Paulo, SP, Brasil: Uol. Acesso em 2022, disponível em <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/modernidade-liquida.htm>

Porto, R., & Gomes, J. F. (26 de dez de 2017). Edir Macedo. Os 15 momentos polêmicos na vida do milionário que fundou a IURD. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://observador.pt/especiais/edir-macedo-os-15-momentos-polemicos-na-vida-do-milionario-que-fundou-a-iurd/>

Portugal, R. F. (31 de mai de 2015). 1993 Concentração no Bessa Em dezembro, o Estádio do Bessa encheu para assistir ao primeiro evento realizado num estádio de futebol. Folha de Portugal, p. 24. Acesso em 2023

Portugal, R. I. (S.d.). Lar de Idosos Universal. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.igrejauniversal.pt/lar-de-idosos-universal/>

Portuguesa, R. A. (2018). Aliança Evangélica Portuguesa. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://aliancaevangelica.pt/site/sobre/>

Poubel, M. (S.d.). Cultura de massa. Florianópolis, SC, Brasil: InfoEscola. Acesso em 2022, disponível em <https://www.infoescola.com/sociedade/cultura-de-massa/>

Proclaimers, R. (2023). Igreja Online. Informe. Norwich, UK. Acesso em 2023, disponível em <https://www.proclaimers.com/online>

Proença, W. d. (Abr - jul de 2007). O Método da Observação Participante: Contribuições e aplicabilidade para pesquisas no campo religioso brasileiro . *Aulas*(4). Acesso em 2023

Proto-Protestantism, R. (S.d.). Proto-Protestantism. Artigo. USA. Acesso em 2023, disponível em <http://proto-protestantism.blogspot.com/p/who-were-proto-protestants.html>

PSD, R. (S.d.). Francisco Pinto Balsemão. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.psd.pt/pt/francisco-pinto-balsemao>

Público, R. (21 de mai de 2020). Pastores evangélicos promovem André Ventura. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.publico.pt/2020/05/21/politica/noticia/pastores-evangelicos-promovem-andre-ventura-1917509>

Quitério, M. N. (jan - jun de 2018). CONTRIBUIÇÕES SOCIÓLOGICAS PARA O PENTECOSTALISMO BRASILEIRO: TIPOLOGIAS PROPOSTAS E UM BREVE ENSAIO SOBRE UMA NOVA PERSPECTIVA DO FUTURO. Artigo, 9, 1, 195 - 212. Joinville, SC, Brasil: DIADORIM. Acesso em 2023

R7, R. (18 de mar de 2015). Igreja Universal está entre as cinco instituições de maior prestígio do País, diz Datafolha. Artigo. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://noticias.r7.com/brasil/igreja-universal-esta-entre-as-cinco-instituicoes-de-maior-prestigio-do-pais-diz-datafolha-19032015>

R7, R. (1º de ago de 2014). Templo de Salomão é marco histórico para SP e para o País, dizem autoridades presentes em inauguração. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://noticias.r7.com/brasil/templo-de-salomao-e-marco-historico-para-sp-e-para-o-pais-dizem-autoridades-presentes-em-inauguracao-01082014>

R7, R. (24 de nov de 2014). R7 bate recorde de seguidores e fanpage aumenta influência em redes sociais. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023

R7, R. (9 de jul de 2020). Universal completa 43 anos com 10 milhões de fiéis pelo mundo. Artigo. São Paulo, SP, Brasil: Record. Acesso em 2023, disponível em <https://noticias.r7.com/brasil/universal-completa-43-anos-com-10-milhoes-de-fieis-pelo-mundo-09072020>

R7. (9 de jul de 2020). Universal completa 43 anos com 10 milhões de fiéis pelo mundo. Artigo. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://noticias.r7.com/brasil/universal-completa-43-anos-com-10-milhoes-de-fieis-pelo-mundo-09072020>

RAFAEL, V. M. (2017). O PREÇO DA FELICIDADE NO NEOPENTECOSTALISMO PORTUGUÊS. 140. Lisboa, Portugal: Universidade Lusófona. Acesso em 2023

Rangel, R. (S.d.). COSMOVISÃO BÍBLICA E A CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE. Vídeo. Curitiba, PR, Brasil: Orvalho.com. Acesso em 2022

RATTNER, J. (9 de mar de 1995). Evangélicos registram partido em Portugal. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/3/09/brasil/37.html>

Redação, A. A. (2010 de 2010). Pr Silas Malafaia pede o trízimo aos desempregados. @AcordemAgora. S.l., Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZAa2z8rwB80>

Redação, C. B. (S.d.). Quem somos como Batistas. Artigo. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: CBB. Acesso em 2023, disponível em https://convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=24

Redação, D. (31 de outubro de 2016). Igreja Anglicana: Do começo ao fim. Super Interessante. São Paulo, SP, Brasil: Abril. Acesso em 2022, disponível em <https://super.abril.com.br/cultura/igreja-anglicana-do-comeco-ao-fim/>

Redação, F. J. (2023). A Igreja em Portugal. Artigo. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.lisboa2023.org/pt/a-igreja-em-portugal>

Redação, I. U. (S.d.). A missão da Folha Universal. Artigo. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://sites.universal.org/universal40anos/artigo/24-a-missao-da-folha-universal>

Redação, R. L. (S.d.). Pedro Valdo, ¡De comerciante a predicador! (1140 – 1217). Artigo. Asunción, Paraguay: Asociación La Fuente. Acesso em 2023, disponível em <http://www.revistalafuente.com/2009/06/pedro-valdo-de-comerciante-predicador.html>

Redação. (14 de out de 2016). Bispa cobra R\$ 100,00 para fiéis tocarem em seus pés e serem curados. Artigo. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://br.blastingnews.com/brasil/2016/10/bispa-cobra-r-100-00-para-fieis-tocarem-em-seus-pes-e-serem-curados-001183113.html>

Redação. (3 de mai de 2021). Comércio eletrônico salta para US\$ 26,7 trilhões com venda online durante Covid-19. Artigo. Genebra, Suíça: ONU. Acesso em 2022, disponível em <https://news.un.org/pt/story/2021/05/1749422>

Redação. (30 de jun de 2022). Hoje é o Dia Mundial das Redes Sociais. Artigo. S.l., Brasil. Acesso em 2022, disponível em Promoview: <https://www.promoview.com.br/categoria/digital/hoje-e-o-dia-mundial-das-redes-sociais.html>

Redação. (S.d.). História – Bispo Macedo. Biografia. Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.universal.org/bispo-macedo/biografia-bispo-macedo/>

Redação. (S.d.). Institutas da Religião Cristã. Dicionário. Brasil: SensAgent. Acesso em 2023, disponível em <http://dicionario.sensagent.com/Institutas%20da%20Religi%C3%A3o%20Crist%C3%A3/pt-pt/>

Redação. (S.d.). Rede Mulher. Artigo. S.l., Brasil. Acesso em 2023, disponível em https://tvpediabrasil.fandom.com/pt-br/wiki/Rede_Mulher

Refkalefsky, E. (6 de setembro de 2005). Estratégias de Comunicação da Igreja Universal do Reino de Deus, no Brasil, e dos Televangelistas nos EUA: um estudo comparado. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Acesso em 2021, disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/58558771798262954517269761410346029462.pdf>

Reformado, R. E. (22 de set de 2014). HISTÓRIA DO PENTECOSTALISMO MODERNO - AS TRÊS ONDAS. Artigo. S.l.: Brasil. Acesso em 2023, disponível em <http://espacocristaoreformado.blogspot.com/2014/09/historia-do-pentecostalismo-as-tres-ondas.html>

Reichenberger, I. (26 de jul de 2017). Digital nomads – a quest for holistic freedom in work and leisure. Annals of Leisure Research, 21, 3, 364-380. (<https://translate.google.com/>, Trad.) New Zealand: Australian and New Zealand Association of Leisure Studies. Acesso em 2022, disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/11745398.2017.1358098>

Reis, E., Melo, P., Andrade, R., & Calapez, T. (2016). ESTATÍSTICA APLICADA (5ª ed., Vol. 2). (M. Robalo, Ed.) Lisboa, Portugal: Sílabo. Acesso em 2023

Religiosa, R. C. (21 de nov de 2022). Listagem dos atestados de radicação 21.11.2022. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <http://www.clr.mj.pt/sections/noticias/listagem-dos-atestados2924>

Religiosa, R. C. (21 de nov de 2022). Listagem dos atestados de radicação 21.11.2022. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <http://www.clr.mj.pt/sections/noticias/listagem-dos-atestados2924>

REPRESENTAÇÕES, R. G. (2010). Jornal Correio do Povo - GRP REPRESENTAÇÕES. Porto Alegre, RS, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://grpprop.com.br/novo/correiodopovors.html#>

República, A. d. (2001). Lei da Liberdade Religiosa. Lei n.º 16/2001. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://dre.pt/dre/legislacao-consolidada/lei/2001-34483475>

Republicanos, R. (2023). SOBRE O REPUBLICANOS. Artigo. Brasília, DF, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://republicanos10.org.br/sobre-o-republicanos/>

Ressoar, R. I. (S.d.). Instituto Ressoar: transformando vidas por uma sociedade mais justa. São Paulo, SP, Brasil. doi:<https://www.ressoar.org.br/sobre-nos>

Rezende, R. (Produtor), Lindsay, S. P., Boechat, E. (Escritores), & Avancini, A. (Diretor). (2019). Nada a peder 2 [Filme Cinematográfico]. Brasil: Downtown Filmes; Paris Filmes. Acesso em 2023

RFI, R. (12 de dez de 2017). Igreja Universal é acusada de tráfico internacional de crianças em Portugal. Paris, França. Acesso em 2023, disponível em <https://www.rfi.fr/br/europa/20171212-igreja-universal-e-acusada-de-trafico-internacional-de-criancas-em-portugal>

Ribeiro, A. C. (jan - abr de 2008). Protestantismo de imigração: Chegada e reorientação teológica. Artigo, 28, 94 - 107. (P. A. SILVA, Ed.) Rio de Janeiro, RJ, Brasil: PUC/RJ. Acesso em 2023

RIBEIRO, A., & VISCONTI, C. H. (27 de dez de 2015). Apóstolo emergente das igrejas neopentecostais promete apagar a memória dos fiéis. Artigo. São Paulo, SP, Brasil: Globo. Acesso em 2023, disponível em <https://epoca.oglobo.globo.com/vida/noticia/2015/12/apostolo-emergente-das-igrejas-neopentecostais-promete-apagar-memoria-dos-fieis.html>

Ribeiro, J. W., & Pinto, F. d. (29 de set de 2007). A Mídia e a Igreja Universal. Santos, SP, Brasil. Acesso em 2023

RICCI, M. (maio de 2006). GLOSSOLALIA E ORGANIZAÇÃO DO SISTEMA SIMBÓLICO PENTECOSTAL. 196. Araraquara, SP, Brasil. Acesso em 2022

Rio, R. d. (13 de out de 1999). Público é maior que o do papa João Paulo 2º. Artigo. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Folha. Acesso em 2023, disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1310199903.htm>

Rizzo, R. (18 de mar de 2021). Igreja Universal de Portugal integra comissão da liberdade religiosa. Artigo. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.universal.org/noticias/post/igreja-universal-de-portugal-integra-comissao-da-liberdade-religiosa/>

Rocha, C. (20 de abr de 2020). A ascensão e influência das igrejas neopentecostais. Artigo. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.nexojornal.com.br/explicado/2020/04/19/A-ascens%C3%A3o-e-influ%C3%Aancia-das-igrejas-neopentecostais>

ROCHA, D. A. (2014). IGREJA MUNDIAL DO PODER DE DEUS: práticas religiosas para soluções imediatas. Dissertação, 101. Goiânia, GO, Brasil: UFG. Acesso em 2023

Rocha, J. M. (31 de out de 2005). Rede Record abre em Lisboa a sua "sede na Europa". Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.publico.pt/2005/10/31/jornal/rede-record-abre-em-lisboa--a-sua-sede-na-europa-46588>

Rocha, M. d. (2006). AS ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS. Tese, 225. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: UFRJ. Acesso em 2023

Rocha, P. (S.d.). O Império Midiático da Igreja Universal do Reino de Deus: reflexões e análises das estratégias de comunicação da IURD. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: URFJ. Acesso em 2021

Rodrigues, A. (7 de set de 2019). São Paulo ganha 2 433 novas igrejas em 25 anos com expansão evangélica. Artigo. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.dn.pt/mundo/sao-paulo-ganha-2-433-novas-igrejas-em-25-anos-com-expansao-evangelica-11270993.html>

RODRIGUES, F., & MARIN, D. C. (6 de jul de 1997). Receita cobra R\$ 98,360 mi da Universal. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023

Rodrigues, L. (18 de out de 2021). Religião da Roma antiga: do paganismo ao cristianismo. Roma pra você. Roma, Italia. Acesso em 2023, disponível em <https://www.romapravoce.com/religiao-roma-antiga/>

Rodrigues, L. M. (17 de MAI de 2018). As Igrejas e a mediação estética nos contextos de iniciação religiosa. Artigo, 18, 1, 99 - 114. Lisboa, Portugal: Universidade Católica Portuguesa. Acesso em 2023

Romanini, A. V. (27 de out de 2014). Semiose e Vida. 52 - 54. (A. Costa, Entrevistador, & I. Neutzling, Editor) São Leopoldo, RS, Brasil: Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Acesso em 2022

Rosa, (. A., Neto, A. F., Ferreira, J., Braga, J. L., & Gomes, P. G. (2018). Entre o que se diz e o que se pensa: onde está a midiáticação? Santa Maria, RS, Brasil: FACOS - UFSM. Acesso em 14 de maio de 2022

Rosa, G., & Martins, J. (1996). Igreja Universal do Reino de Deus: tentáculos de um polvo monstruoso para a tomada do poder. 273. Lisboa, Portugal: Hugin. Acesso em 2023

Rosas, N. (15 de mai de 2016). A Igreja Universal do Reino de Deus: ação social além-fronteiras. Revista Ciências Sociais Unisinos, 52, 1, 17 - 26. São Leopoldo, RS, Brasil: UNISINOS. Acesso em 2023

S.a. (19 de dez de 2021). O que é Representamen Para Peirce? S.l. Acesso em 2022, disponível em <https://baiadoconhecimento.com/biblioteca/conhecimento/read/264445-o-que-e-representamen-para-peirce#question-0>

Sá, S. M., & Holzbach, A. D. (dez de 2010). #u2youtube e a performance mediada por computador. Artigo, 20, 146-160. São Paulo, SP, Brasil: PUC-SP. Acesso em 2022

Saar, I. N. (16 de out de 2019). A HISTORICIDADE DOS PROCESSOS COMUNICACIONAIS ELEMENTOS PARA UMA ABORDAGEM. Portal. S.l., Brasil: Comcime. Acesso em 2022, disponível em <https://pesquisafacomufjf.wordpress.com/2019/10/16/a-historicidade-dos-processos-comunicacionais-elementos-para-uma-abordagem-por-irma-neves-tallmann-saar/>

Sábado, R. (28 de set de 2020). IURD compra mais duas rádios em Portugal. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.sabado.pt/dinheiro/detalhe/iurd-compra-mais-duas-radios-em-portugal>

Sagrada, B. (S.d.). <https://www.bibliaonline.com.br/ara>. Bíblia Online. S.l., Brasil.

Salcedo, B. (28 de jan de 2021). Como redes sociais hackeiam sua mente. A senha para sua atenção é: neurociência e psicologia comportamental. Revista Arco. (E. Klein, Ed.) Santa Maria, RS, Brasil: UFSM. Acesso em 2022, disponível em <https://www.ufsm.br/midias/arco/como-redes-sociais-hackeiam-sua-mente/>

SANCHOTENE, C. R. (2011). *Religi@o 2.0: interações entre igreja e fiéis no blog do bispo Edir Macedo*. Dissertação, 172. São Leopoldo, RS, Brasil: Unisinos. Acesso em 2023

Santana, L. K. (2005). *Religião e Mercado: A Mídia Empresarial-Religiosa*. Revista de Estudos da Religião, 1(1), 54-57. Acesso em 2020, disponível em https://www.pucsp.br/rever/rv1_2005/p_santana.pdf

Santi, A. d., & Brum, M. (16 de mar de 2017). *Como os programas evangélicos ganharam as rádios e TVs do Brasil*. São Paulo, SP, Brasil: Abril. Acesso em 2023, disponível em <https://super.abril.com.br/historia/como-os-programas-evangelicos-ganharam-as-radios-e-tvs-do-brasil/>

SANTOS, A. M. (2009). *A CONSTRUÇÃO DO REINO A IGREJA UNIVERSAL E AS INSTITUIÇÕES POLÍTICAS SOTEROPOLITANAS 1980-2002*. 195. Salvador, BA, Brasil: UFBA. Acesso em 2023

Santos, D. M., & Santos, V. M. (13 de agosto de 2019). *MIDIATIZAÇÃO E A NOVAS FORMAS DE SOCIBILIDADE NA ERA DIGITAL*. 12. Salvador, BA, Brasil: XV ENECULT. Acesso em 2022

Santos, E. P. (5 de jul de 2017). *Os Gênesis da Família Macedo no Brasil*. medium.com. S.l., Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://medium.com/meu-legado/os-g%C3%AAnesis-da-fam%C3%ADlia-macedo-no-brasil-474e82cf96ae>

Santos, J. (10 de set de 2021). *Thomas Jefferson Bowen - O primeiro missionário batista no Brasil*. Artigo. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2021/09/thomas-jefferson-bowen/>

Santos, J. M., & Correira, J. C. (2004). *Teorias da Comunicação*. (A. Fidalgo, Ed.) Covilhã, Portugal: Universidade da Beira Interior. Acesso em 2022

Santos, V. S. (S.d.). *Dopamina*. Artigo. São Paulo, SP, Brasil: Universo Online. Acesso em 2022, disponível em <https://mundoeducacao.uol.com.br/biologia/dopamina.htm>

SARAH FELBIN, S. T. (1º de dez de 2022). *The ‘Blackout Challenge’ Has Resurfaced On TikTok, And It’s Still Just As Dangerous As It Was 16 Years Ago*. Womenshealthmag.com. (<https://translate.google.com/>, Trad.) New York, EUA: Rodale. Acesso em 2022, disponível em <https://www.womenshealthmag.com/health/a38603617/blackout-challenge-tiktok-2021/>

Sartori, G. (1998). *Homo Videns - La Sociedad Teledirigida*. (<https://translate.google.com/>, Trad.) Espanha: Aguilar. Acesso em 2023

Saussure, F. d. (2006). *Curso de Linguística Geral (27ª ed.)*. São Paulo, SP, Brasil: Cultrix. Acesso em 2022

Sbardelotto, M. (12 a 15 de dez de 2016). *O “RELIGIOSO” NAS ENCRUZILHADAS DA CIRCULAÇÃO MIDIÁTICA DIGITAL*. Artigo, 403 - 423. São Leopoldo, RS, Brl: UNISINOS. Acesso em 2023

Sbardelotto, M. (ja-jun de 2014). *RELIGIÃO PÚBLICA: DESDOBRAMENTOS DA MIDIATIZAÇÃO DA RELIGIÃO NA CULTURA DIGITAL*. Revista TEAR ONLINE, 3, 1, 73-86. São Leopoldo, RS, Brasil: Faculdades EST. Acesso em 2023

SBARDELOTTO, M. (jun de 2013). *Experiência religiosa na internet e mediatização da religião PROVOCAÇÕES AO DIÁLOGO SOBRE A MISSÃO E A*

PASTORAL NAS REDES DIGITAIS. Revista CONVERGÊNCIA, XLVIII, 462, 348 - 359. (L. Daros, Ed.) Brasília, DF, Brasil: Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB. Acesso em 2023

Schmitt, C. (2006). Teologia Política (8ª ed.). (A. Oliveira, Ed., & E. Antoniuk, Trad.) Belo Horizonte, MG, Brasil: Del Rey. Acesso em 2023

Scott, P. (26 de jan de 2022). 4 Benefícios da tecnologia para as igrejas. Artigo. Vitória, ES, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://comunhao.com.br/4-beneficios-da-tecnologia-para-as-igrejas/>

Semana, R. A. (14 de dez de 2021). Chega não é só Ventura — Lucinda sai com estrondo "Deus não é só um slogan". Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.asemana.publ.cv/?Chega-nao-e-so-Ventura-Lucinda-sai-com-estrondo-Deus-nao-e-so-um-slogan>

Seneda, M. C., & Custódio, H. F. (2016). Max Weber: religião, valores, teoria do conhecimento. (M. A. Rocha, Ed.) Uberlândia, MG, Brasil: EDUFU. Acesso em 2023

SERAFIM, M. C. (2008). SOBRE ESTA IGREJA EDIFICAREI MINHA EMPRESA: organizações religiosas e empreendedorismo. 258. São Paulo, SP, Brasil: FGV/SP. Acesso em 2023

Serra, P. (s.d.). Iluminismo e comunicação – de Locke a Kant. Artigo, 24. Covilhã, Portugal: Universidade da Beira Interior. Acesso em 2022

SHULTZ, A. (14 de jan de 2019). A Brief Guide to the "2009 vs. 2019" Social Media Photo Craze. www.gq.com. S.l, EUA. Acesso em 2022, disponível em <https://www.gq.com/story/2009-vs-2019-challenge-facebook>

Siepierski, P. D. (1997). PÓS-PENTECOSTALISMO E POLÍTICA NO BRASIL. Estudos Teológicos, 37 (1), 47 - 61. Acesso em 2023

Significados, R. (S.d.). Significado da Sexta-feira da Paixão. Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.significados.com.br/sexta-feira-da-paixao/>

SILVA, A. (2002). A FANTÁSTICA HISTÓRIA DE SILVIO (14ª ed.). (J. Takahashi, Ed.) São Paulo, SP, Brasil: Brasil. Acesso em 2023

Silva, D. N. (S.d.). Invasões holandesas. Artigo. Goiânia, GO, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/invasoes-holandesas.htm>

Silva, D. N. (S.d.). Maurício de Nassau. Artigo. São Paulo, SP, Brasil: Uol . Acesso em 2023, disponível em <https://mundoeducacao.uol.com.br/biografias/mauricio-de-nassau.htm>

Silva, D. N. (S.d.). Reforma Protestante. Artigo. S.l., Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/reforma-protestante.htm>

Silva, F. J. (jul - dez de 2007). PENTECOSTALISMO E PÓS-PENTECOSTALISMO. Artigo, 2, 1 - 7. Natal, RN, Brasil: UFRN. Acesso em 2023

Silva, H. d. (jul de 2001). As 3 Ondas do Pentecostalismo. Artigo. S.l., Brasil. Acesso em 2023, disponível em <http://solascriptura-tt.org/Seitas/Pentecostalismo/3OndasPentecostalismo-Helio.htm>

Silva, I. J., Enoque, A. G., & Saraiva, L. A. (jul - dez de 2020). Notas sobre a diferença: neopentecostalismo underground em uma organização religiosa. Artigo, 23, 2, 81 - 102. (E. F. Almeida, Ed.) Juiz de Fora, MG, Brasil: UFJF. Acesso em 2023

Silva, P. J. (set - dez de 2019). “CINCOENTA MILHÕES DE ALMAS, TODAS PEDINDO A SALVAÇÃO, A AGUA DA VIDA”: WILLIAM B. BAGBY E O DISCURSO DE CONVENCIMENTO DAS LIDERANÇAS BATISTAS PARA A EXPANSÃO MISSIONÁRIA EM DIREÇÃO AO BRASIL CENTRAL (1926). Artigo, 24, 3, 108 - 124. (A. Vidotte, Ed.) Goiânia, GO, Brasil: Universidade Federal de Goiás. Acesso em 2023

Silveira, A. (2021). A Estética. Artigo. Lisboa, Portugal: RTP. Acesso em 2023, disponível em <https://ensina.rtp.pt/explicador/a-estetica/>

Silveira, V. (31 de jul - out de 2019). Matizes do divino: uma leitura da arte segundo Hegel. Artigo, 30, 175. Florianópolis, SC, Brasil: UFSC. Acesso em 2023

Simões, A. (10 de mar de 2023). Celebra-se, hoje, 466 anos do 1º Culto Protestante no Brasil. Artigo. Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.gazzettadapatria.online/2023/03/celebra-se-hoje-466-anos-do-1-culto.html>

Simões, M. J. (1996). Os equívocos do determinismo tecnológico e do determinismo social. Artigo, 9. Lisboa, Portugal. Acesso em 2022

Siqueira, D. (7 de nov de 2015). 105 Bandeiras para 8 milhões. Artigo. Porto Alegre, RS, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/artigo-105-bandeiras-para-8-milh%C3%B5es-1.187055>

Siqueira, M. (1 de jun de 2017). A MIDIATIZAÇÃO DA IGREJA CRISTÃ: A DESTRUIÇÃO DA AURA DO TEMPLO. Artigo, 5, 3, 69 - 96. São Paulo, SP, Brasil: Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação. Acesso em 2023, disponível em <https://www.fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-comfilotec/article/view/228/188>

SIUDA-AMBROZIAK, R. (Novembro de 2014). A RELIGIÃO E POLÍTICA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO – O CASO DAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2010. Varsovia, Polónia: Uniwersytet Warszawski. Acesso em 2020, disponível em <http://cejsh.icm.edu.pl/cejsh/element/bwmeta1.element.desklight-c8d6dd66-daf9-4226-93a4-40c3afd823c9>

Smartfit, R. (22 de jul de 2022). Endorfina: entenda o que é e como ela funciona em seu corpo. Artigo. São Paulo, SP, Brasil: Smart Fit. Acesso em 2022, disponível em <https://www.smartfit.com.br/news/saude/o-que-e-endorfina/>

Smith, A. (2007). An inquiry into the causes of the wealth of nations. Nwe York, USA: MetaLibri Digital Library. Acesso em 2023

Soares, I. (27 de mar de 2017). Universal inaugura templos em diversos presídios do País. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.universal.org/noticias/post/universal-inaugura-templos-em-diversos-presidios-do-pais/>

Soares, P. F. (22 de mai de 2020). André Ventura e as seitas evangélicas. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.publico.pt/2020/05/22/opiniao/noticia/andre-ventura-seitas-evangelicas-1917614>

Soares, P. F. (22 de mai de 2020). André Ventura e as seitas evangélicas. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.publico.pt/2020/05/22/opiniaio/noticia/andre-ventura-seitas-evangelicas-1917614>

Soares, S. S. (jan - jun de 2014). Entre semiótica, semântica e semiologia, qual o lugar da comunicação? Artigo, 7, 1, 95 a 115. Brasília, DF, Brasil: Universidade Católica de Brasília. Acesso em 2022

Social, R. A. (S.d.). A ABADS. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.abads.org.br/quem-somos/>

Sociedade, E. d. (Out/Dez de 2017). NEOCONSERVADORISMO, EDUCAÇÃO E PRIVAÇÃO DE DIREITOS. *Revista Educação & Sociedade*, 38, 141, 865-872. Campinas, SP, Brasil: Unicamp. Acesso em 26 out de 2024 de 2024

Sodré, M. (2002). Antropológica do espelho - Uma teoria da comunicação linear e em rede. 212. Petrópolis, RJ, Brasil: Vozes. Acesso em 2022

Soster, D. d. (2013). Mdiatização, a terceira descontinuidade do jornalismo. Artigo, 11. Santa Cruz do Sul , RS, Brasil. Acesso em 2022

Sousa, L. F. (out de 2021). Eleições Presidenciais de 2021: As Redes Sociais Online como Plataforma de Informação e Influência. Dissertação, 57. Lisboa, Portugal: ISCTE. Acesso em 2022

Sousa, M. T. (jan-abr de 2021). Igreja eletrônica, religiosidade midiática, religiosidade midiaticizada: Conceitos para pensar as relações entre mídia e religião. Artigo, 15, 1, 275 - 298. São Paulo, SP, Brasil: USP. Acesso em 2023

Sousa, M. T., & Oliveira, J. R. (2014). O Fiel Como Garoto Propaganda: Análise Discursiva De Uma Campanha Publicitária Da Igreja Universal do Reino de Deus. 3, 2, 226 - 238. (E. Vicente, & M. W. Sousa, Eds.) São Paulo, SP, Brasil: USP. Acesso em 2023

Sousa, R. G. (S.d.). Protestantismo. Artigo. S.l.: Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/protestantismo.htm>

Souza, B. G., & Murguia, E. I. (26 a 30 de out de 2015). MEMÓRIA E TRADIÇÃO POSITIVISTA NO BRASIL: REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DE UM PROJETO DE NAÇÃO A PARTIR DA PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA. 17. João Pessoa, PB, Brasil. Acesso em 2023

Souza, C. R. (12 a 15 de dez de 2016). ASSEMBLEIAS DE DEUS EM VIAS DE MEDIATIZAÇÃO: ENTRE DIZERES E SILÊNCIOS. Artigo, 147 - 167. São Leopoldo, RS, Brasil: UNISINOS. Acesso em 2023

Souza, E. K. (3 a 5 de jun de 2014). Aspectos Epistemológicos na Teoria dos Sinais de Santo Agostinho. Artigo. Porto Alegre, RS, Brasil: Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS. Acesso em 2022

Souza, E. M. (2014). Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual. Vitória, ES, Brasil: EDUFES. Acesso em 2023

Souza, F. (29 de fev de 2016). Novo megatemplo ilustra disputa de igrejas em SP para 'mostrar poder'. Artigo. São Paulo, SP, Brasil: BBC. Acesso em 2023, disponível

em

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160226_megatemplos_saopaulo_fs

Souza, J. R. (nov de 2011). RELATOS HISTÓRICOS DO PROTESTANTISMO BRASILEIRO: A CONTRIBUIÇÃO DE ASHBEL GREEN SIMONTON PARA O PROTESTANTISMO DE MISSÃO. Artigo, 1123 - 1140. Campinas, SP, Brasil: UNICAMP. Acesso em 2023

Souza, R. M., & Miklos, J. (jul/dez de 2018). Por uma crítica da religião desencantada: mediação do sagrado na sociedade de consumo. Artigo, 59 - 70. São Paulo, SP, Brasil: Paulus. Acesso em 2023

Stasiak, D., & Barichello, E. (2007). Mediação, identidades e cultura na contemporaneidade. Artigo, 2007.2, 107 - 117. S.l., Brasil. Acesso em 2022

Steil, J. (3 de mai de 2021). Família de mulher morta após fake news luta por indenização de rede social. G1. Santos, SP, Brasil: Globo. Acesso em 2022, disponível em <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2021/05/03/sete-anos-depois-familia-de-mulher-linhada-apos-fake-news-luta-por-indenizacao-de-rede-social.ghtml>

Stephenson, L. P. (5 de mar de 2022). Pentecostalismo e Experiência: história, teologia e prática. Artigo. Brasil. Fonte: <https://lecionario.com/pentecostalismo-e-experi%C3%Aancia-hist%C3%B3ria-teologia-e-pr%C3%A1tica-558313ae1f83>

Stolow, J. (2014). Religião e Mídia: notas sobre pesquisas e direções futuras para um estudo interdisciplinar. Artigo, 34, 2, 146 - 160. (A. P. Rodgers, Trad.) Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Instituto de Estudos da Religião (ISER). Acesso em 2023

Store, R. A. (12 de dez de 2022). Tinder. Loja Virtual. S.l., EUA. Acesso em 2022, disponível em <https://apps.apple.com/pt/app/tinder/id547702041>

SUASSUNA, A. (2012). Iniciação à estética (12 ed.). São Cristovão, RJ, Brasil: JOSÉ OLYMPIO. Acesso em 2023

Swatowski, C. W. (2010). Igreja Universal em Portugal: tentativas de superação de um estigma. 1, 169 - 192. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: UERJ. Acesso em 2023

Tajra, A. (4 de nov de 2019). Cinco polêmicas em que Igreja Universal se envolveu fora do Brasil. São Paulo, SP, Brasil: Folha. Acesso em 2023, disponível em <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/11/04/cinco-polemicas-que-igreja-universal-se-envolveu-fora-do-brasil.htm>

Tavares, A. d., & Rocha, G. R. (2022). Entre Weber e Keynes: o empreendedorismo da fé no Brasil. 43, 80, 132 O 160. Curitiba, PR, Brasil: UFPR. Acesso em 2023

Teixeira, C. P. (25 de abr de 2022). O fim do jornalismo impresso foi antecipado. E está próximo. Belo Horizonte, MG, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://radardofuturo.com.br/o-fim-do-jornalismo-impresso-foi-antecipado-e-esta-proximo/>

Teixeira, L. G. (jan - jun de 2016). O CORPO E SUA RELAÇÃO COM O SAGRADO. Revista Eletrônica Espaço Teológico, 10, 17, 213 - 221. (D. J. Xavier, Ed.) São Paulo, SP, Brasil: PUC-SP. Acesso em 2023

Teixeira, M. (8 de abr de 2023). IURD ENCHE ESTÁDIO DO RESTELO EM SEXTA-FEIRA SANTA. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://oregioes.pt/iurd-ench-e-estadio-do-restelo-em-sexta-feira-santa/>

Teixeira, M. (8 de abr de 2023). IURD ENCHE ESTÁDIO DO RESTELO EM SEXTA-FEIRA SANTA. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://oregioes.pt/iurd-ench-e-estadio-do-restelo-em-sexta-feira-santa/>

Teles, G. (11 de out de 2022). Abusos sexuais na igreja portuguesa: "Haver 400 casos não me parece particularmente elevado". TSF Rádio Notícias. Lisboa, Portugal: TSF. Acesso em 2023, disponível em <https://www.tsf.pt/portugal/politica/abusos-sexuais-na-igreja-portuguesa-haver-400-casos-nao-me-parece-particularmente-elevado-15244697.html>

Teles, L. (22 de mai de 2022). Bancada evangélica no Congresso tem 189 parlamentares e já alcança 80% dos partidos. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2022/05/22/bancada-evangelica-ja-alcanca-80-dos-partidos.htm> de 19 abr de 2023

TEMER, A. C., & NERY, V. C. (2014). Para Entender as Teorias da Comunicação. Livro, 176. Uberlândia, MG, Brasil: ASPPECTUS. Acesso em 2022

Toldy, T. M. (2013). A secularização da sociedade portuguesa no contexto das modernidades múltiplas. Artigo, 43, 23 - 55. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023

Toniol, R. (27 de set de 2019). Judaicização do pentecostalismo brasileiro. São Paulo, SP, Brasil: Folha. Acesso em 2023, disponível em <https://estadodaarte.estadao.com.br/judaicizacao-do-pentecostalismo-brasileiro/>

Topel, M. F. (mai de 2011). A INUSITADA INCORPORAÇÃO DO JUDAÍSMO EM VERTENTES CRISTÃS BRASILEIRAS: ALGUMAS REFLEXÕES. IV, 10, 35 - 50. Maringá, PR, Brasil: UEM. Acesso em 2023

Tostes, A. (6 de nov de 2021). As raízes do verdadeiro preconceito contra evangélicos pentecostais. Porto Alegre, RS, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://conic.org.br/portal/conic/noticias/as-raizes-do-verdadeiro-preconceito-contra-evangelicos-pentecostais>

Treinamento24, R. (S.d.). Como se vestir para pregar? Site. S.l., Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://treinamento24.com/library/lecture/read/371520-como-se-vestir-para-pregar>

TREVISAN, C. (16 de iut de 1995). Edir Macedo pede perdão aos católicos. Artigo. São Paulo, SP, Brasil: Folha. Acesso em 2023, disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/10/16/brasil/23.html>

TSE, R. T. (2023). Partidos em Formação. Brasília, DF, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.tse.jus.br/partidos/criacao-de-partido/partidos-em-formacao>

Unido, R. C. (2014). Jogador grita; Eu Sou a Universal; para as cameras da Globo. Londres, Inglaterra: IURD. Acesso em 2023, disponível em <https://www.uckg.org/pt/jogador-grita-eu-sou-a-universal-para-as-cameras-da-globo/>

Unisocial, R. (S.d.). Conheça os principais grupos de ação social da IURD Portugal e os seus trabalhos mais recentes e de relevo realizados nos últimos tempos. Lisboa, Portugal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.igrejauniversal.pt/unisocial/>

Universal, R. (1º de mar de 2019). A Gente da Comunidade chega a mais de 55 mil pessoas no Brasil. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://noticias.r7.com/brasil/a-gente-da-comunidade-chega-a-mais-de-55-mil-pessoas-no-brasil-01032019>

Universal, R. (2017). Há 29 anos, a Universal começou a fazer História em Portugal! Lisboa, Portugal. Acesso em <https://www.igrejauniversal.pt/ha-29-anos-a-universal-comecou-a-fazer-historia-em-portugal/>

Universal, R. (6 de jun de 2019). Bispo Edir Macedo recebe um dos maiores reconhecimentos do Estado de Israel. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.igrejauniversal.pt/bispo-edir-macedo-recebe-um-dos-maiores-reconhecimentos-do-estado-de-israel/>

Universal, R. I. (2023). Primícias. Artigo. Lisboa, Portugal: IURD. Acesso em 2023, disponível em <https://www.igrejauniversal.pt/primicias/>

Universal, R. I. (S.d.). Universal nos Presídios: há mais de 3 décadas levando o Evangelho aos encarcerados. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://sites.universal.org/universal40anos/artigo/16-universal-nos-presidios-ha-mais-de-3-decadas-levando-o-evangelho-aos-encarcerados>

UOL, R. (6 de jun de 2020). Whindersson relembra fase religiosa: 'Eu era fã do Malafaia e Feliciano'. Artigo. São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2020/06/06/whindersson-relembra-fase-religiosa-eu-era-fa-do-malafaia-e-feliciano.htm>

Up, R. B. (14 de jan de 2020). O que é um suco detox e para que serve? Site. São Paulo, SP, Brasil: www.livup.com.br. Acesso em 2022, disponível em <https://blog.livup.com.br/o-que-e-um-suco-detox-e-para-que-serve/>

Vaz, T. (8 de jul de 2013). Edir Macedo compra 49% do Banco Renner. Artigo. São Paulo, SP, Brasil: Abril. Acesso em 2023, disponível em <https://exame.com/negocios/edir-macedo-compra-49-do-banco-renner/>

Ventura, R. C. (out de 2008). A estética da existência. Foucault e Psicanálise. Artigo, 9, 64 - 66. Salvador, BA, Brasil. Acesso em 2023

Verón, E. (2014). Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. Matrizes, 8, 1, 13 - 19. São Paulo, SP, Brasil: USP. Acesso em 2022

Vidal, J. (30 de jun de 2022). Universal 45 anos: Fogueira Santa, uma revelação do Espírito Santo - O sacrifício, desde os templos bíblicos, sempre foi e sempre será o caminho mais curto para alcançar o impossível. Artigo. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Universal. Acesso em 2023, disponível em <https://www.universal.org/noticias/post/fogueira-santa-uma-revelacao-do-espirito-santo/>

VITÓRIA, R. C. (23 de mai de 2021). Escândalo envolvendo desvio de dízimo na Igreja Maranata colocou pastores na cadeia. CBN VITÓRIA Notícias. Vitória, ES, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www.cbnvitoria.com.br/reportagens/escandalo-envolvendo-desvio-de-dizimo-na-igreja-maranata-colocou-pastores-na-cadeia-0616>

Wagner, C. P. (1987). Por que crescem os pentecostais? – Uma análise do espantoso avanço pentecostal na América Latina. São Paulo, SP, Brasil: Vida. Acesso em 2023

Weber, M. (1982). Ensaios de Sociologia. (W. Dutra, Trad.) Rio de Janeiro, RJ, Brasil: LTC. Acesso em 2023

WEBER, M. (2004). A ETICA PROTESTANTE E O "ESPÍRITO" DO CAPITALISMO (6ª Reimpressão ed.). (A. F. Pierucci, Ed.) São Paulo, SP, Brasil: Companhia das Letras. Acesso em 30 de abril de 2022

Westin, R. (5 de fev de 2021). República teve queixas da Igreja e ausência do povo. Brasília, DF, Brasil. Acesso em 2023, disponível em <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/constituicao-de-1891-ha-130-anos-1a-constituente-da-republica-teve-queixas-da-igreja-e-ausencia-do-povo>

Wiki, R. T. (S.d.). TV Globo. Artigo. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Acesso em 2023

Winkin, Y. (1998). A nova comunicação - Da teoria ao trabalho de campo. (R. L. Ferreira, Trad.) Campinas, SP, Brasil: Papirus. Acesso em 2023

Wolf, M. (1999). TEORIAS DA COMUNICAÇÃO (5 ed.). Lisboa, Portugal: Presença. Acesso em 2022

Wood, J. T. (2001). ORGANIZAÇÕES ESPETACULARES. São Paulo, SP, Brasil: FGV/SP. Acesso em 2023

Woodhouse, C. M. (22 de mar de 2023). Cecil Rhodes - prime minister of Cape Colony. (<https://translate.google.com/>, Trad.) Oxford, England. Acesso em 2023, disponível em <https://www.britannica.com/biography/Cecil-Rhodes>

Worldometers, R. (8 de dez de 2022). POPULAÇÃO MUNDIAL. Informe. Oxford, Inglaterra. Acesso em 2022, disponível em <https://www.worldometers.info/br/>

ZORZAN, P. (S.d.). Exilado pela Universal, Didini deixa igreja. Artigo. São Paulo, SP, Brasil: Folha. Acesso em 2023, disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc090817.htm>